

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL**

**“SOMOS DA *QUARTA COLÔNIA*”:
OS SENTIDOS DE UMA IDENTIDADE TERRITORIAL
EM CONSTRUÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Rafaela Vendruscolo

Santa Maria, RS, Brasil

2009

**“SOMOS DA QUARTA COLÔNIA”:
OS SENTIDOS DE UMA IDENTIDADE TERRITORIAL EM
CONSTRUÇÃO**

por

Rafaela Vendruscolo

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Extensão Rural.**

Orientador: Prof. Dr. José Marcos Froehlich

Santa Maria, RS, Brasil

2009

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Rurais
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**“SOMOS DA QUARTA COLÔNIA”:
OS SENTIDOS DE UMA IDENTIDADE TERRITORIAL
EM CONSTRUÇÃO**

elaborada por
Rafaela Vendruscolo

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Extensão Rural

COMISSÃO EXAMINADORA:

José Marcos Froehlich, Dr.
(Presidente/Orientador – UFSM)

Renata Menasche, Dra. (UFPel)

Maria Catarina Chitolina Zanini, Dra. (UFSM)

Santa Maria, 31 de agosto de 2009.

AGRADECIMENTOS

Sou grata...

*Aos meus pais **Marli e Vicente**, e a minha tia **Leda**, pelos ensinamentos de vida, mas principalmente, pelo incentivo e pelo apoio na concretização dos sonhos.*

*Ao **Rafael**, incansável motivador da busca pelas conquistas e companheiro de todos os momentos. O jogo da vida revelou-se surpreendente.*

*Ao orientador desta pesquisa, **prof. José Marcos Froehlich**, pela paciência e pelos conhecimentos partilhados.*

*As professoras da banca de defesa, **Maria Catarina C. Zanini e Renata Menasche**, pela atenção e cuidado.*

Aos colegas da turma de mestrado em Extensão Rural, companheiros nas trocas acadêmicas e na vivência desta etapa. Em especial aos colegas que se tornaram verdadeiros amigos, presentes nas fases boas e ruins da vida.

*Aos moradores da **Quarta Colônia**, principalmente aos que dedicaram um momento de troca para a realização desta pesquisa.*

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a concretização desta etapa.

A você que lê este trabalho.

***“Todo o mundo é um palco e todos os
homens e mulheres meramente atores.”
(Shakespeare, 1599, p. 140-1).***

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural
Universidade Federal de Santa Maria

“SOMOS DA QUARTA COLÔNIA”: OS SENTIDOS DE UMA IDENTIDADE TERRITORIAL EM CONSTRUÇÃO

AUTORA: RAFAELA VENDRUSCOLO
ORIENTADOR: JOSÉ MARCOS FROEHLICH
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 31 de agosto de 2009.

Esta dissertação aborda a experiência de nove municípios da região central do Rio Grande do Sul de formarem um consórcio inter-municipal, estratégia que resultou na construção social de um novo território: a *Quarta Colônia*. O estudo objetivou mapear a teia de significados que sustenta a narrativa sobre a identidade territorial da *Quarta Colônia*, buscando também verificar como esta narrativa se estabeleceu em meio às negociações identitárias e a partir do olhar dos visitantes. O estudo fundamenta-se nas noções que abrangem a questão identitária no mundo contemporâneo, em um contexto permeado por amplas transformações nas relações sociais e de consumo, bem como pela emergência de novas identidades. Tendo como base de análise o método etnográfico conjugado a técnicas de pesquisa como a análise de discurso e análise de conteúdo dos materiais de divulgação do território e em questionários estruturados aplicados em eventos, verificou-se que a identidade territorial da *Quarta Colônia* sustenta-se sob uma teia de significados tecida a partir de uma heterogeneidade de elementos. O patrimônio natural e cultural, os costumes, as tradições, os saberes e fazeres dos antigos colonizadores são as referências para o pertencimento. Os sentidos da narrativa identitária ancoram-se, portanto, na reivindicação étnica, principalmente da italianidade, referenciada por um passado colonial, um tempo constantemente revisitado e exaltado nos discursos afirmativos, nos rituais festivos e demais espaços de sociabilidade. A narrativa fundamenta-se em mitos de ancestralidade, tendo na gastronomia uma importante matriz de sentidos de identificação e diferenciação, produzindo uma recorrente reivindicação de uma noção de tipicidade difusa, ainda sem maiores pretensões a reivindicações de singularidades. Em meio às negociações estabelecidas para a construção da identidade territorial, verificou-se que a narrativa recorre a uma retórica da multiplicidade étnica, embora sejam amplamente predominantes os elementos e significados vinculados à italianidade no cotidiano e no imaginário da territorialidade. Revela-se, assim, que a construção da identidade territorial da Quarta Colônia se processa em espaços de fricção interétnica, estando imersa em relações de poder que dirigem a narrativa de forma hegemônica.

Palavras-chave: identidades territoriais, territorialidades, desenvolvimento territorial, narrativa identitária, tipicidade difusa.

ABSTRACT

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural
Universidade Federal de Santa Maria

"WE ARE THE FOURTH COLONY": THE SENSES OF TERRITORIAL IDENTITY IN CONSTRUCTION

Author: Rafaela VENDRUSCOLO
Advisor: José Marcos FROEHLICH
Date and Location of Defense: Santa Maria, August 31, 2009.

This dissertation discusses the experience of nine counties in the central region of Rio Grande do Sul to form an inter-municipal consortium that resulted in the social construction of a new territory: the Fourth Colony. The study aimed to map the web of meanings that sustain the narrative about the territorial identity of the Fourth Colony, seeking also to see how this narrative is set in the identity negotiations and the gaze of visitors. The study is based on concepts that cover the contemporary identity issue nowadays, in a context permeated by large transformations in social relations and with the emergence of new identities. Combining analysis of the ethnographic research with other techniques as the analysis of discourse and content analysis of advertising materials as well as the use of structured questionnaires applied in events, it was found that the territorial identity of the Fourth Colony maintains itself under a web of meanings woven from a variety of elements. The natural and cultural heritage, customs, traditions, knowledge and practices of the old settlers are the references to belonging. The meanings of the identity narrative are anchored, therefore, in the ethnic claim, principally Italian, referenced by a colonial past, a time constantly revisited and impassioned in the positive speeches, in the festive rituals and in other spaces of sociability. The narrative is based on myths of ancestry, having the gastronomy as an important matrix of identity and differentiation, producing constant requests for diffuse notion of belonging, with no pretensions to claim a uniqueness. Amid the negotiations set for the construction of local identity, it was found that the narrative uses a rhetoric of ethnic diversity, although extremely prevalent elements and meanings related to the Italian daily life and in the imagination of territoriality. It's known, therefore, that the construction of territorial identity of the Fourth Colony takes place in areas of interethnic friction, being immersed in power relations that maintain the narrative tied to a hegemonic order.

Keywords: territorial identity, territoriality, territorial development, narrative identity, typically diffuse.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1: Localização da *Quarta Colônia*, em destaque, no Rio Grande do Sul e Brasil, com a ilustração do município vizinho Santa Maria como referência. Adaptação própria.67
- Figura 2: Logomarca da *Quarta Colônia*.82
- Figura 3: Caderno *Quarta Colônia*, nº 57, 31 de agosto de 2007.....86
- Figura 4: Reportagem do Caderno *Quarta Colônia* sobre as potencialidades do Ecoturismo na *Quarta Colônia*. Caderno *Quarta Colônia* nº 05, 01-09-2006, p.01. 89
- Figura 5: Folder de divulgação turística sobre Roteiros Integrados, CONDESUS. .90
- Figura 6: Folder de divulgação turística da religiosidade e dos eventos religiosos. CONDESUS.94
- Figura 7: Centro Histórico da Pompéia, localizado na comunidade Pompéia em Silveira Martins. Foto da autora.....95
- Figura 8: Arquitetura antiga preservada na *Quarta Colônia*. Respectivamente, prédio residencial em Silveira Martins, Centro Administrativo de Ivorá e Colégio Bom Conselho em Silveira Martins. Fotos da autora.....96
- Figura 9: Réplicas de uma casa alemã e italiana, respectivamente. Parque Histórico Municipal Obaldino Tessele, Dona Francisca. Fotos da autora.97
- Figura 10: Folder de divulgação turística sobre a Cultura da *Quarta Colônia*. CONDESUS.99
- Figura 11: Reportagem sobre o artesanato em Pinhal Grande. Caderno *Quarta Colônia* nº09, 29-09-2006, p.01..... 101
- Figura 12: Caderno *Quarta Colônia* número 41, de 11 de maio de 2007, p.01..... 105
- Figura 13: Matéria sobre a comemoração dos 150 anos da Colônia Santo Ângelo. Caderno *Quarta Colônia* nº65, 26-10-2007, p.01. 107
- Figura 14: Encenações das dificuldades no 'tempo dos antigos'. Desfile da XXIII Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto..... 111
- Figura 15: Decoração da 4ª Feira Regional da Abóbora em Ivorá, março de 2009.115
- Figura 16: almoço na Feira Regional da Abóbora em Ivorá, março de 2009. 119
- Figura 17: Folder de divulgação da 3ª Mostra Gastronômica da *Quarta Colônia*. Silveira Martins, abril de 2009. 120

- Figura 18: pratos típicos italianos comercializados na 3^o Mostra Gastronômica da *Quarta Colônia*. O prato à esquerda apresenta galetto e polenta, o da direita é a sopa de agnolini. 121
- Figura 19: Cenários montados na 2^o e na 3^o Mostra Gastronômica da *Quarta Colônia*, respectivamente. 123
- Figura 20: Fabricação da cuca italiana no forno de barro; produção de cachaça em alambique; produção de açúcar mascavo, melado e rapadura; e a fabricação dos chapéus e palha. Exposições da 5^o EXPOCOLÔNIA realizada em Faxinal do Soturno. 125
- Figura 21: Respectivamente, foto de um limpador de sementes antigo e de um antigo engenho de moer cana. Expocolônia, Faxinal do Soturno, 2009 126
- Figura 22: Fotos do Desfile Típico de Vale Vêneto, julho de 2008. Respectivamente, representação da diversidade produzida pelos colonos, auto-subsistência; a produção artesanal das roupas e demais artefatos para casa, produção em tricô e crochê; Brincadeiras das crianças na colônia, folhas de coqueiro usadas como suporte para resvalar nos desfiladeiros, brincadeiras com bonecas artesanais, bolas, etc. 130
- Figura 23: Olimpíadas Rurais em Dona Francisca, julho de 2006. Respectivamente, prova de Serrar madeira com serra manual; e prova de 'debulhar' milho. 131
- Figura 24: Fotos da corrida de Tchá Tchá Tchá na EXPOCOLÔNIA em Faxinal do Soturno, 2008. Aos fundos observa-se o carro, um misto de trator e caminhão, usado para a corrida. 131
- Figura 25: Grupo Tambores do Vale em apresentação da música Canto dos Imigrantes. Mostra Gastronômica da *Quarta Colônia*. Silveira Martins, abril de 2009. 132
- Figura 26: O personagem *Sucon de la nonna*, respectivamente, apresentando as atividades artísticas da Mostra Gastronômica em Silveira Martins e narrando a corrida de Tchá Tchá Tchá na EXPOCOLÔNIA, em Faxinal do Soturno. 134
- Figura 27: Matéria sobre o grupo de teatro *Frotale Del Barracon*. Caderno *Quarta Colônia* nº 38, 20-04-2007, p.01 136
- Figura 28: Folder de Divulgação Turística sobre a Gastronomia na *Quarta Colônia*, CONDESUS. 143
- Figura 29: Respectivamente: cuca italiana "Giacomini produtos coloniais", e cuca colonial "Tipo Italiana", narrativa de diferenciação da agroindústria "Cervo Produtos Coloniais". 147
- Figura 30: Respectivamente: goiabada artesanal de Silveira Martins, e vinhos coloniais de Ivorá. Foto da autora 147
- Figura 31: Pão caseiro "Giacomini - produtos coloniais". Reivindicação do "caseiro" como categoria distintiva. 148

Figura 32: Matéria do fascículo Caderno <i>Quarta Colônia</i> , nº 01, 04 de agosto de 2006.	155
Figura 33: Cuca alemã com recheio de framboesa. Diversos recheios. Mostra Gastronômica em Silveira Martins 2009.....	156
Figura 34: Rótulos de comercialização da cuca típica italiana de dois estabelecimentos comerciais da <i>Quarta Colônia</i>	158
Figura 35: Réplica de um forno de tijolo usado pelos antigos colonizadores italianos. Peça em exposição no Parque Histórico Municipal em Dona Francisca.....	158
Figura 36: Respectivamente: prato comercializado no Festival do Vinho e do Queijo em Faxinal do Soturno; e tábua de frios servida como entrada em um restaurante de comida italiana em Silveira Martins.	161
Figura 37: Respectivamente: demonstração dos produtos de uma agroindústria local, no Festival do Vinho e do Queijo em Faxinal do Soturno; cenário decorativo de um restaurante típico italiano em Silveira Martins.	162
Figura 38: Respectivamente, foto de uma lingüiça defumada e cozida na água, oferecida no jantar típico alemão em Dona Francisca; e foto de um prato típico alemão, um conjunto de produtos da gastronomia típica alemã, onde a lingüiça está presente. Fotos da autora.	163
Figura 39: Foto do filme que referencia o restaurante. Fonte: bistrotalcovagelsomina.blogspot.com	167
Figura 40: Panela de risoto. Fonte: autora	170
Figura 41: Gino e Ilda Bovolini participam da caçada. Foto do Jornal Diário de Santa Maria (Claudio Vaz). 24 de maio de 2008.	173
Figura 42: Monumento a Iberê Camargo, localizado na entrada da cidade de Restinga Sêca. Foto: site oficial de Restinga Sêca.....	178
Figura 43: Chamada do site oficial de Restinga Sêca.....	178
Figura 44: Foto de alguns pratos do Menu Iberê Camargo. Caderno <i>Quarta Colônia</i> nº 28, 09-02-2007, p.03.....	180

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Roteiros integrados para o turismo na <i>Quarta Colônia</i>	91
Quadro 2: Referências motivadoras das festas na <i>Quarta Colônia</i>	116
Quadro 3: Festas e eventos da gastronomia típica da <i>Quarta Colônia</i>	149

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PRODESUS: Projeto de Desenvolvimento Sustentável da *Quarta Colônia*.

CONDESUS: Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da *Quarta Colônia*.

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 01 - Roteiro de entrevista para autoridades da <i>Quarta Colônia</i>	206
Apêndice 02 – Roteiro de entrevista para empreendedores da <i>Quarta Colônia</i> ..	207
Apêndice 03 - Questionário para Visitantes da <i>Quarta Colônia</i>	208
Apêndice 04 - Questionário para Residentes da <i>Quarta Colônia</i>	209

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. A IDENTIDADE TERRITORIAL COMO PROBLEMA	19
1.1 Padrões e tendências contemporâneas	19
1.2 Identidade e estratégias de desenvolvimento	25
1.3 Território Quarta Colônia	29
2. O PERCURSO TEÓRICO DA NOÇÃO DE IDENTIDADE	34
2.1 A identidade em seu contexto	35
2.2 Hibridismo cultural: tendências contemporâneas	52
3. METODOLOGIA DA PESQUISA	62
3.1 Área e objeto de estudo: contexto histórico local	62
3.2 Métodos e Técnicas de pesquisa	68
4. A IDENTIDADE TERRITORIAL DA QUARTA COLÔNIA: MAPEANDO NARRATIVA	76
4.1 O sentido de rede no Território <i>Quarta Colônia</i>	77
4.2 Elementos simbólicos da Identidade Territorial	84
4.2.1 Cultura, ecoturismo, religiosidade e gastronomia: potencialidades ressaltadas	87
4.3 Narrativa mítica: o Mito de Origem e o Mito Civilizador	102
5. A COLÔNIA EM FESTA: TEMÁTICA E CENÁRIO COLONIAL	113
5.1 Fartura, alegria e saudosismo: a espetacularização e a autenticidade do ‘tempo dos antigos’	118
5.1.1 Encenação da vida cotidiana.....	127
6. GASTRONOMIA COM IDENTIDADE: POTENCIALIDADES NEGOCIADAS	139
6.1 A Gastronomia como distintivo territorial	140

6.2 Pratos e produtos de reivindicação identitária territorial: a tipicidade realçada	145
6.2.1 O Risoto e a Polenta: representações e significações da gastronomia italiana	150
6.2.3 Cuca alemã e cuca italiana: Reivindicações étnicas distintas por meio de um saber fazer culinário	153
6.3 Gastronomia com identidade: estratégias de diferenciação	164
6.3.1 L'Alcova di Gelsomina: A identidade gastronômica territorial resgatada em uma releitura autoral e contemporânea	165
6.3.2 Cardápio Iberê Camargo: a narrativa gastronômica de uma celebridade local	178
6.4 O Típico Colonial: Tipicidade Difusa e Tipicidade Singular	181
6.5 Narrativa em Negociação	188
CONSIDERAÇÕES FINAIS	195
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	201

INTRODUÇÃO

Em termos amplos, este trabalho propõe-se a analisar o processo de construção de territorialidades a partir das dinâmicas sociais envolvidas pela noção de identidade territorial como fundamento para o desenvolvimento local. A noção de identidade vem adquirindo crescente importância no contexto de amplas transformações na sociedade contemporânea, adquirindo múltiplas adjetivações, incluindo a noção de identidade territorial em virtude de sua importância como mobilizadora de novas territorialidades e como propulsora do desenvolvimento. Nesta perspectiva, as dimensões espacial e social fundem-se catalogando processos de interação social e reconhecimento coletivo de um espaço físico e simbólico. A dinâmica territorial expressa na *Quarta Colônia* - RS instiga-nos a debater sobre as dinâmicas de desenvolvimento presentes na contemporaneidade como resultantes de novas configurações sociais, econômicas, culturais e políticas.

Sob a ótica da construção da identidade territorial da *Quarta Colônia*, procuramos analisar as dinâmicas locais de construção da identidade territorial e a codificação dos signos e significados que lhe conferem sentido. Buscamos mapear a teia de significados que conferem sentido à narrativa identitária territorial. Partindo dos elementos simbólicos reconhecidos pelos atores sociais, enfocamos a gastronomia como referencial para estratégias de desenvolvimento voltadas para a busca por singularidades e especificidades territoriais, coerentes com a tendência cultural contemporânea. Assim, as estratégias fundamentadas em reivindicações de especificidades locais, as quais se justificam pelas dimensões culturais e sociais do local, vão ao encontro das tendências de valorização da diversidade cultural recorrentes em contraste com os padrões de massificação cultural da sociedade global.

Desta maneira, para aprofundarmos e justificarmos estas reflexões procuramos elaborar, de forma detalhada no primeiro capítulo, a problemática social e sociológica de pesquisa. Em um primeiro momento, para compreendermos a noção de identidade a ser trabalhada, torna-se necessário discorrer acerca das transformações do mundo contemporâneo, temática relevante nos estudos sociológicos e antropológicos da atualidade, os quais convergem para as

conseqüências da globalização e as novas dinâmicas advindas deste processo. Torna-se fundamental problematizar o contexto cultural contemporâneo na medida em que a noção de identidade assume extrema relevância diante das continuidades e descontinuidades da lógica global, que rompem com as noções estáticas e unilaterais das identidades nacionais, conferindo ao indivíduo global a possibilidade de assumir múltiplos e distintos pertencimentos. Desta forma, dirigimos nosso enfoque para a noção de identidade e sua relevância em cada momento histórico ao qual ela é refletida nas ciências sociais, assumindo diferentes formas e conceitos, bem como, sobre a importância de analisar esta problemática na atualidade, dando forma à noção de identidade territorial ascendente nos estudos atuais. Partindo disso, passamos a problematizar como ocorre a construção de uma identidade territorial fundada na configuração de territorialidades e como parte de novas estratégias de desenvolvimento para o território.

De acordo com a problemática exposta, no segundo capítulo pretendemos instituir um diálogo entre as abordagens teóricas, buscando fundamentar a problemática em questão. Direcionados pelas visões teóricas relevantes para a fundamentação da pesquisa, buscamos compilar os conceitos e noções convergindo para um arcabouço teórico que alicerce nossos procedimentos metodológicos e a análise dos resultados. Neste capítulo, portanto, buscamos compreender como a noção de identidade se fundamenta ao longo dos estudos que envolvem as ciências sociais e como elas dialogam nas análises sobre identidade hoje. Resgatam-se, assim, as principais teorias sociológicas e antropológicas que se valeram da noção de identidade, seja como temática principal de análise ou como papel secundário nas macroteorias. Como cada abordagem teórica está direcionada para a análise da sociedade e dos problemas que a envolvem em cada momento histórico, direcionamos nosso ponto de vista para os estudos sobre a identidade na sociedade global, em um contexto de crise das identidades nacionais. Assim, estabelecemos um colóquio entre as teorias antropológicas e sociológicas.

O capítulo III dedica-se a delinear os procedimentos metodológicos e os instrumentos operacionais definidos de forma coerente com a problemática e a reflexão teórica a fim de orientar a investigação empírica e a coleta de dados. Neste ponto, justificamos o método etnográfico proposto pela antropologia, com Malinowski, o qual consiste no convívio com o objeto estudado. Buscamos, por meio da observação participante, perceber como as negociações identitárias se

estabelecem e quais os elementos que compõem a narrativa identitária territorial. Dessa forma, justificamos as diferentes técnicas de pesquisa que permitiram observar a construção da identidade territorial a partir dos sujeitos sociais dos nove municípios que compõem a *Quarta Colônia*, bem como, a percepção territorial dos visitantes. Munidos destas preocupações e diretrizes é que passamos a definir a operacionalização dos conceitos, os critérios amostrais, os indicadores empíricos e os métodos e técnicas de pesquisa utilizados.

No capítulo IV, apresentamos os elementos identitários acionados nas projeções do território, os quais compõem a teia de significados que sustenta a narrativa territorial. Mapeamos, desta forma, os sinais distintivos reivindicados como fonte de significação para a apropriação simbólica do território. Além disso, mapeamos os sentidos que sustentam a narrativa de configuração identitária da *Quarta Colônia*, revelada pela etnicidade.

Dando continuidade ao mapeamento das narrativas, o capítulo V enfatiza as festividades como um elemento identitário, ao mesmo tempo em que, constitui um espaço de sociabilidade e de troca, onde os sinais distintivos são construídos. Dessa forma, “A colônia em Festa” tematiza os sinais diacríticos que são acionados e construídos em um ambiente interativo como as festividades, da mesma forma em que constituem um elemento potencializado como atrativo para o desenvolvimento local. Ressalta-se, neste momento, que as reivindicações coloniais conferem sentido aos elementos mapeados.

No sexto capítulo, enfatizamos a gastronomia como um dos principais elementos identitários da *Quarta Colônia*, bem como as negociações que são estabelecidas em torno da reivindicação de pratos e produtos típicos. Ao ser potencializada, enquanto atrativo, a gastronomia é significada por meio de uma multiplicidade de estratégias para a promoção do território. Além disso, as reivindicações gastronômicas apresentam um universo privilegiado para observar as negociações identitárias. Por fim, delimitamos as interpretações acerca da construção da narrativa territorial *Quarta Colônia* em meio às relações de poder, observando como os sinais diacríticos são manipulados na construção identitária.

CAPÍTULO I – A IDENTIDADE TERRITORIAL COMO PROBLEMA

Em um contexto de amplas transformações sociais no mundo contemporâneo, a noção de identidade vem ocupando espaço de destaque nos estudos sociológicos e antropológicos. O processo de globalização, de intensificação das redes de comunicação e informação, de transposição das fronteiras físicas, entre outros fatores, contribuíram para amplas mudanças nos padrões morais, sociais e de pertencimento das sociedades contemporâneas. Compreendida em sua perspectiva relacional diante da alteridade, a noção de identidade perpassa os estudos das diferentes organizações sociais e suas interações, presentes nos diversos debates entre as teorias sociológicas, antropológicas e psicológicas, o que resulta em diversas denominações, como identidade social, cultural, étnica, entre outras. Dentre estas, destaca-se a emergência, mais recente, da noção de identidade territorial em virtude da sua importância como mobilizadora na construção de novas territorialidades e propulsora dos processos de desenvolvimento territorial.

1.1 Padrões e tendências contemporâneas

Motivo de amplas discussões e teorizações, a contemporaneidade é demarcada pelo processo de globalização e as suas conseqüentes transformações culturais, sociais, econômicas e políticas. O tempo presente apresenta-se como um período de intensificação das relações sociais e de mudanças nas dinâmicas espaço-temporais, como um espaço dialógico de constantes trocas culturais (BAUMAN, 2005; CASTELLS, 2006; GIDDENS, 2002). As novas tecnologias de informação e comunicação remodelaram a configuração mundial, acelerando e intensificando o processo de globalização. As facilidades de comunicação e de troca de informações intensificaram as relações sociais entre as mais diversas culturas, o que fez emergir inúmeros estudos e novas compreensões sobre os territórios e suas dinâmicas.

Como conseqüência do processo de globalização, novos sentidos permeiam

os sujeitos, dando vida a uma nova configuração da sociedade, o que faz surgir novas problemáticas para as ciências sociais, a qual busca compreender as interações e estruturas da sociedade. Com as visíveis transformações mundiais, esta ciência é desafiada a pensar a sociedade sob um prisma global e desenvolver novos modelos de análise para compreender os processos e estruturas atuais. Os velhos paradigmas, ainda presentes nas análises sociológicas, os quais foram constituídos com base nas ponderações acerca das formas e dinâmicas da sociedade nacional, vêm sendo substituídos por novas compreensões em consonância com as novas dinâmicas sócio-culturais¹.

Neste novo contexto global, onde os avanços tecnológicos aproximam universos diferentes, difundindo fragmentos de padrões culturais situados em qualquer parte do planeta, em uma variabilidade e densificação cada vez maiores, a identidade adquire significativa importância. As subjetividades, independentemente de sua casa, tendem a ser povoadas por inclinações a esta profusão cambiante de mundos; uma constante fusão de forças delinea cartografias instáveis e coloca em xeque seus tradicionais contornos. Neste sentido, as identidades, imersas nestes processos de mudanças, passam a constar na pauta das problemáticas sociológicas e antropológicas. Assim, segundo Hall (2003), é a partir da crise das instituições sociais, as quais se constituíam em sólidas estruturas identitárias para os indivíduos no mundo moderno, que as identidades passaram a adquirir maior relevância para as ciências sociais no mundo contemporâneo.

Nas concepções de Hall (2003), as rupturas e continuidades pelas quais passam as relações sociais, segundo a perspectiva de colapso das identidades nacionais e ascensão de uma sociedade global, são analisadas como um processo de crise de identidade. É desta forma que o ramo das ciências sociais volta-se para a questão da identidade como foco principal, como problemática preponderante nos seus estudos atuais. Antes investigada de forma secundária, como parte de teorias macros, correspondentes as suas problemáticas enfocadas, a identidade começou a ser pensada com a formação das identidades nacionais e suas relações conflitantes. Todavia, foi com a chamada crise de identidade que esta se tornou objeto das ciências sociais, pois as problemáticas são destacadas quando estas se tornam um problema social, ou quando as categorias passam por um processo de crise (HALL,

¹ Segundo Ianni, é necessário que as ciências sociais revejam seus paradigmas e se voltem para analisar as novas estruturas e dinâmicas em seu todo global (IANNI, 2005).

2006).

Sintomático das transformações que acompanham o declínio da sociedade nacional e a emergência da sociedade global é a redescoberta do indivíduo, colocado em pauta nos estudos de algumas correntes do pensamento social contemporâneo. O indivíduo, o eu, a identidade, aparecem freqüentemente como objeto de reflexão de distintas disciplinas das ciências sociais que atribuem a essas dimensões da vida social papel de destaque nas pesquisas e teorias, contrapondo-se às teorias holísticas e históricas, com explicações mais amplas e abrangentes da sociedade. Isto se deve à necessidade das ciências sociais delimitarem seu objeto para explicarem os fenômenos contemporâneos (IANNI, 2005).²

Marcadas pela transição de paradigmas, as ciências sociais encontram-se em profundos debates sobre a estrutura e formação do seu objeto, manifestando conflitos teóricos acerca das conseqüências da globalização. Dentre estes, observa-se uma abordagem interpretativa com tendência totalizante, a qual segue uma lógica de homogeneização social, cultural, econômica e política (ROBERTSON, 2002; MCLUHAN & FIORI, 1999). Estes estudos sobre o processo de globalização assumem um caráter universalista, delineando conformações unívocas de integração global, homogeneizando e unificando as relações mundiais. Ou seja, algumas explicações tendem a explicar o mundo com base em uma lógica universalizante, minimizando a importância das dimensões locais em favor das novas dinâmicas urbano-industriais, visualizando uma sociedade unificada em nível global. Esta abordagem afirma que as identidades nacionais, em crise no mundo contemporâneo, tendem a desaparecer em favor da emergência de uma identidade global, de formas de pertencimento e de consumo padronizados pela lógica urbano-industrial. Esta lógica coloca em segundo plano as culturas locais, a diversidade cultural, a existência de diferentes códigos simbólicos e diferentes formas de organização social localmente delimitada, em favor de um processo homogêneo e

² Desde as primeiras pesquisas, a compreensão do “eu” apresenta-se com maior ênfase nas ciências filosóficas e psicológicas. Apontam para a análise subjetiva do indivíduo e seu comportamento enquanto um ser individual. Por outro lado, as ciências sociais têm como objeto as relações sociais e culturais e, desta forma, o eu é analisado como um sujeito social, um sujeito coletivo. De acordo com Plummer, a identidade, na teoria sociológica está ligada às compreensões do interacionismo simbólico, discutido pelos autores no período que converge para o final do século XIX e início do século XX (1892 a 1934). Essa perspectiva associa a identidade à compreensão do ‘eu’ como uma capacidade humana de refletir acerca da sua natureza e do mundo social por meio da comunicação e da linguagem, assim “[...] as pessoas constroem suas identidades pessoais a partir da cultura em que vivem” (PLUMMER, 1996, p. 370).

linear resultado das intensificações das relações espaço-temporais.

Ainda que possamos observar que no mundo de hoje, mais do que em outros períodos históricos, a intensificação das relações sociais, aliadas às facilidades de comunicação e informação, aproximaram as sociedades formando um todo global. Tal processo, no entanto, não pode ser percebido somente como a homogeneização social, econômica e cultural dos espaços locais pela dinâmica urbano-industrial. Observa-se que as possibilidades de comunicação e informação permitem que localidades distantes estejam ligadas de tal forma que os acontecimentos locais são contemplados por diferentes e distantes espaços no mesmo intervalo de tempo. Essa dinâmica expõe uma relação dialética na medida em que assim como as localidades são influenciadas e moldadas pelos processos globalizantes e, por vezes homogeneizantes, as dimensões locais compõem este processo, produzindo tendências inversas aos padrões globalizantes (GIDDENS, 2002).

Como outra possibilidade interpretativa, portanto, a lógica da diferença expõe fenômenos aparentemente paradoxais de retomada das análises locais concomitante aos processos totalizantes, que definem uma nova configuração local/global. Para Featherstone (1996), a globalização deveria ser pensada sob uma relação dialógica, como um espaço de interação onde a homogeneização não é regra, pois é permeada pela diversidade cultural, havendo diferentes perspectivas e, portanto, diferentes conflitos e disputas nas relações de poder. Esta concepção admite uma situação de coexistência entre o local e o global como duas categorias complementares nas interações cotidianas, em desacordo com as perspectivas que admitem a desaparecimento do local frente ao global. Assim, em concordância com a perspectiva de Featherstone (1996), compreendemos o local como parte desta relação, que forma um todo complexo e aparentemente dicotômico, mas condizente com a lógica estabelecida pela intensificação das relações sócio-espaciais. Assim como o local não deve ser analisado apenas pelas relações locais, tendo em vista as recorrentes influências globais sejam econômicas, sociais ou de pertencimento.

Como resultado da Revolução Industrial e da crescente urbanização, a sociedade foi tornando-se cada vez mais complexa. A diversificação das relações sociais, a impessoalidade dos locais e o contato com as mais distantes culturas foram se difundindo conforme o avanço das tecnologias de comunicação e informação. Desta forma, as sociedades tornaram-se mais complexas, mais heterogêneas e as culturas, conseqüentemente, não podem ser concebidas com

vistas a abarcar apenas um espaço geográfico delimitado. O local, nessa nova configuração social, aparece interligado ao global através das constantes trocas e interações que se estabelecem neste nível, bem como, códigos culturais que são conformados e compartilhados por uma rede de sujeitos, aproximados pela nova dinâmica sócio-espacial, que tende ao encurtamento das distâncias reais.

A lógica de segmentação e globalização dos mercados tende a uma conquista de flexibilidade e maior abertura para o tão propalado novo: novas tecnologias, novos produtos, novos padrões, novos hábitos e novos paradigmas. De outra forma, no que tange às conformações organizacionais da sociedade, a flexibilidade tem apresentado um esvaziamento dos sujeitos, os quais são lançados no novo, às diversas possibilidades que o mundo global oferece e instigados a recolocarem-se nos novos desenhos sociais. Logo, o novo apresenta a cartografia ambivalente do mundo globalizante, onde as novas relações sociais na contemporaneidade inspiram um sentimento de insegurança frente às inúmeras possibilidades de pertencimento e a crise das sólidas estruturas sociais, concomitantemente à persistência da necessidade de uma referência identitária que posicione o indivíduo nesse cenário (BAUMAN, 2005).

A dinâmica do mundo globalizado cria um indivíduo carregado de incertezas e ansiedades em um mundo cada vez mais fluído, imprevisível, flexível e competitivo, principalmente, em virtude do colapso das instituições sociais³ que serviram de base para a construção da sociedade moderna, referência de segurança do indivíduo (BAUMAN, 2003; 2005). Aliado a isso, a dificuldade cada vez maior de lidar com a complexidade cultural desperta no sujeito a procura por um lugar de pertencimento, de busca por um sentimento de lar, de retorno ao passado mesmo que idealizado ou imaginário. Como uma forma de resistência aos fenômenos homogeneizantes ou resultantes da dificuldade de lidar com níveis crescentes de complexidade cultural, aponta-se a busca ou a necessidade de um sentimento de localidade claramente delimitada.

Característica dessa intensificação das trocas culturais, políticas e sociais, a sociedade de consumo é analisada sob os aspectos de um padrão cultural e de consumo homogeneizado. A mobilidade humana e a individualização provocada pelas transformações apontam para o aparecimento de sujeitos capazes de valorizar

³ A família, a religião e o estado são as principais instituições sociais que conferiam um sentimento de segurança aos indivíduos (Hall, 2006).

a diversidade e a multiplicidade cultural. Canclini (2006), ao analisar esse fenômeno, compreende a globalização como um processo de fracionamento articulado do mundo e conseqüente recomposição de suas partes. Sendo assim, o que ocorre não é simplesmente um processo de homogeneização, mas de um reordenamento das diferenças e desigualdades sem suprimi-las. Assim, há uma nova configuração das relações econômicas, sociais e culturais que tendem a estabelecer novos padrões, bem como tendências de valorização e de pertencimentos locais e globais.

Se adotarmos a noção de 'pós-modernidade' como explicativa da contemporaneidade, destacamos uma ruptura com as culturas unificadas e unidimensionais da modernidade, dando lugar à ênfase no pluralismo cultural, na diversidade e na diferença (FEATHERSTONE, 1996; JAMESON, 1997, HARVEY, 1999). Assim, a complexidade cultural da pós-modernidade é expressa como um processo em que o sujeito se torna capaz de mover-se entre grupos distintos, lidando com diversos símbolos que podem dar origem a diferentes identidades construídas e reconstruídas. Neste cenário, os indivíduos contemporâneos não pertencem mais a um só código cultural homogêneo e, portanto, não se definem mais por uma única identidade distintiva, fixa e coerente. Há, com isso, a possibilidade de construção de novas identidades a partir da coexistência de vários códigos simbólicos. Este processo da nova lógica cultural contemporânea define as identidades como híbridas, dúcteis e multiculturais (CANCLINI, 2006).

Pensada sob a conformação das unidades nacionais, a identidade era percebida como estática e única. Ou ainda, sob uma perspectiva antropológica, era analisada de forma estratificada delineando o indivíduo sob determinada caracterização e reconhecimento identitário. Com as mudanças sociais, novas configurações identitárias surgiram, admitindo-se a possibilidade do sujeito portar e se reconhecer sob múltiplas identidades (CANCLINI, 2006) ⁴.

Perpassada pela cultura do consumo, a sociedade num momento de crise de identidade, segundo Hall (2006), volta-se para o consumo como ponto de referência para sua identificação. Em um mundo de "não - lugares" (AUGÉ, 1994), o indivíduo busca no consumo de bens e produtos culturais o pertencimento a um lugar, a um

⁴ Com isso, as ciências sociais voltaram-se para uma nova forma de compreender as dinâmicas identitárias. Os diversos debates entre as teorias sociológicas, antropológicas e psicológicas, resultaram em distintas denominações como, por exemplo, a identidade de gênero, identidade étnica, identidade social, identidade cultural, identidade territorial, etc.

grupo ou cultura, retomando e ressignificando o local antes condenado ao desaparecimento. Assim, em contraposição aos padrões de consumo global baseados na praticidade, na rapidez e na obsolescência, surgem tendências que apontam um consumo diferenciado, uma valorização de estilos de vida ligado a proximidade com a natureza, de sociedades ditas tradicionais que cultivam costumes e práticas, que resgatam saberes e modos de vida ‘antigos’, tradicionais, bem como laços de solidariedade, aspectos até então alheios à dinâmica da sociedade global. Portanto, apresenta-se como tendência atual um consumo de bens materiais e imateriais ligados a sensações do novo, do diferente, do consumo de simbologias, de interação e troca simbólica das culturas ou grupos.

Ao comprar um produto, o indivíduo está consumindo não apenas o próprio produto, ou sua funcionalidade, mas a narrativa que o apresenta, uma narrativa que busca efeitos de sentido na sensibilização subjetiva do indivíduo. O ato de consumir tornou-se, na sociedade contemporânea, o pano de fundo para a construção identitária. Sendo o consumo um ato subjetivo de produção de narrativa sobre o eu, o qual está consumindo, tem-se, portanto, a construção deste Eu (ROCHA, 2005). Aparece, portanto, uma nova significação para o consumo, pode-se dizer que ao consumir um produto ou serviço o indivíduo busca consumir uma identidade, um sentimento de pertencimento expresso nas narrativas incorporadas aos produtos e serviços.

1.2 Identidade e estratégias de desenvolvimento

Diante de múltiplas possibilidades, e na busca por um sentido e por um ‘lugar’ que supra suas inconstâncias, os sujeitos optam por identidades ou pertencimentos a grupos ou territórios. Em consonância com as mudanças culturais da sociedade contemporânea e com as novas tendências que surgem como fuga aos padrões homogeneizadores da cultura de massa⁵, novas estratégias de desenvolvimento são forjadas. As tendências de valorização cultural e natural e de busca por um pertencimento abrem espaço para oportunidades de desenvolvimento ancoradas na

⁵ Diz-se a cultura padronizada pelos valores urbano-industriais.

valorização e preservação do patrimônio cultural e natural, tangível e intangível, de locais, territórios ou grupos sociais/étnicos considerados 'tradicionais'. Os modelos de desenvolvimento, ancorados nas ideologias urbano-industriais, onde a modernidade e a tecnologia eram sinônimos de desenvolvimento são questionados, possibilitando a criação de novas compreensões de desenvolvimento fundamentadas na busca da sociedade por qualidade de vida, pelo respeito à diversidade cultural e pela procura por um sentido de pertença, bem como por preocupações que envolvem a dimensão social, cultural, política, econômica e, principalmente, ambiental.

Diversos são os motivos apontados hoje para a busca pelas singularidades dos locais, mas especialmente, destaca-se a busca por um sentimento de comunidade, de pertencimento a um sistema cultural que referencie a homogeneidade comunitária e a heterogeneidade diferencial do local. Na sociedade de consumo, característica do mundo capitalista contemporâneo, aspectos físicos, sociais, culturais, políticos e até mesmo econômicos das pequenas comunidades passaram a ser valorizados e referenciados como especificidades, ganhando espaço no mercado consumidor. Visando estas novas oportunidades de mercado, novas estratégias de desenvolvimento foram pensadas, sobretudo para o estigmatizado meio rural. Sob esta nova lógica, a abordagem de desenvolvimento para o rural voltou-se para a construção de territórios, a partir da valorização das especificidades culturais e naturais.

Assentado na perspectiva desenvolvimentista de meados do século XX, a modernização fundada na máxima produção agrícola gerou dramáticas conseqüências para o campo, dentre as quais se destaca o grande êxodo e o abarrotamento das cidades, os altos índices de desemprego, a falta de moradias, entre outras mazelas das grandes cidades. Diante deste cenário e vislumbrando as oportunidades advindas das novas tendências do mercado consumidor, muitos lugares optaram por estratégias de desenvolvimento ancoradas na valorização cultural e natural. As novas territorialidades, baseadas na construção de uma identidade territorial como propulsora e mobilizadora do desenvolvimento territorial, apareceram como estratégias de sobrevivência e desenvolvimento de regiões interioranas consideradas atrasadas frente aos modelos convencionais de desenvolvimento e que, segundo teorias, estavam fadadas ao desaparecimento. Estes processos de valorização das regiões rurais por sua cultura e pela natureza

ganham dimensões promissoras na atualidade, contradizendo os vaticínios históricos de desaparecimento do rural e desconstruindo o significado de atraso que lhe foi atribuído nas visões da modernização conservadora, construindo novos sentidos para o desenvolvimento contemporâneo e novos papéis para os territórios rurais (FROEHLICH, 2002).

Partindo disso, as territorialidades, estabelecidas a partir da propagação das relações e similaridades sócio-culturais e/ou naturais de uma região chamaram a atenção das ciências sociais para os estudos sobre território e lugar, as quais focaram seu objeto de estudo nas interações sociais e na apropriação simbólica do espaço (ABRAMOVAY, 2003; 2007). A construção de territorialidades está pautada na apropriação social, cultural e política do espaço, ou seja, os territórios são caracterizados pelo seu tecido social, as relações sociais, culturais, políticas e econômicas que dinamizam o espaço, valorizando os saberes, tradições e história do local (ABRAMOVAY, 2003; 2007).

Os territórios⁶ diferem de acordo com as suas características materiais e imateriais, ou seja, os seus recursos biofísicos e humanos, relações sociais, modos de produção e a sua cultura. As complexas ligações dessas especificidades com fatores e processos exógenos dão origem a distintas identidades territoriais. A identidade territorial⁷ revela o espectro, as formas e a intensidade de integração econômica e cultural dos lugares e regiões, no passado e no presente, no âmbito de redes e sistemas sócio-econômicos e espaciais hierarquizados. A construção de uma identidade territorial tem sido considerada importante na medida em que funciona como um amálgama social e, por vezes, como um elemento catalisador de ações e sinergias. A identidade materializa uma representação para os atores sociais referente aos territórios criados, muitas vezes, no papel das atas de consórcios intermunicipais e nos projetos de desenvolvimento, e tem como substrato recursos simbólicos culturais e naturais dos locais envolvidos.

⁶ O "território" pode ser entendido como uma entidade do espaço geográfico, a todas as escalas, valorizada e/ou controlada por seus ocupantes e/ou por aqueles que a definem. Na Geografia contemporânea, ao contrário das abordagens do território como "um palco", o território em si é considerado como fator, objeto e, até, agente de mudança (ROCA, 2004).

⁷ "identidade territorial" é um conceito imerso em subjetividade e, portanto, complexo e controverso, focado na singularidade de realidades geográficas físicas e humanas de localidades e regiões. Dependendo do âmbito, contexto e propósito das análises, a noção de "identidade" freqüentemente assume o sentido de "cultura" ou "singularidade" dos lugares, enquanto "territorial" costuma referir-se a "local", "da comunidade", ou "regional". Para aprofundamentos a respeito ver Roca e Mourão (2003) e Roca (2004).

A formatação e o reforço da identidade territorial têm sido apresentados como condição fundamental para o futuro da economia e sociedade e como um potencial mobilizável pelas estratégias de desenvolvimento. Pressupõe-se que estas deveriam ancorar-se no “aproveitamento da tipicidade ancestral para encorajar uma evolução diferenciadora que possa conduzir ao reforço da inovação local” (ALBINO, 1997, p.113). Contemporaneamente, frente aos complexos processos de globalização da economia e cultura, a identidade do território tem sido cada vez mais considerada como um trunfo decisivo para o desenvolvimento sustentável.

O sentimento de pertencimento dos atores locais à identidade construída e a apropriação do espaço instituem laços de solidariedade. A identidade, portanto, é construída pela relação entre os sujeitos, com base em afinidades histórico-culturais, e pela negociação dos atores locais com a alteridade na delimitação de fronteiras simbólicas⁸ que permitem a diferenciação e conseqüente identificação. (RODRIGO, 1996). As redes de sociabilidade contemporâneas se formam cada vez mais em torno de teias de significados compartilhados pelos grupos e utilizados como distintivos. Estas redes são formadas a partir de sistemas simbólicos construídos a partir da relação entre a memória e o pertencimento. A memória constitui uma construção social no presente sobre o passado (HALBWACHS, 1990) e, portanto, esta reconstrução do passado exprime um sentimento de pertença, de estabilidade frente à complexidade cultural contemporânea.

Retomando as compreensões sobre o consumo, podemos observar que diante da instabilidade e da insegurança do sujeito contemporâneo, oriundas da dificuldade de lidar com a complexidade de sistemas simbólicos e de variadas possibilidades de pertencimentos, surge como tendência a busca pelo diferente, pelo exótico ou por locais que rememorem as proximidades das relações sociais e com a natureza, ainda presentes nas comunidades locais. Assim, a resignificação do consumo contemporâneo revela a busca por uma narrativa histórico-cultural na medida em que a significação dos produtos e serviços e a reivindicação e reconhecimento destes pelos atores constitui importantes características que os diferenciam dos produtos padronizados. Da mesma forma, as narrativas constituem parte de um processo constante de afirmação e distintividade entre os grupos sociais. Este cenário se torna favorável para muitos lugares que podem potencializar

⁸ As fronteiras simbólicas expressam um traço da identidade, o sentimento de pertencimento a uma comunidade política que ocupa um território como seu (ALBAGLI, 2004, p.32).

seus recursos culturais, sociais e naturais em consonância com as tendências de consumo contemporâneas, por meio da construção e afirmação de narrativas tecidas a partir de uma teia de significados reconhecidos e reivindicados pelos sujeitos.

1.3 Território Quarta Colônia

Em conexão com as novas tendências do mercado consumidor, voltado para o consumo de bens e serviços com características singulares, nove municípios da região central do Rio Grande do Sul optaram por mobilizar seus recursos naturais, sociais e culturais como estratégia de desenvolvimento. Ancorado em uma perspectiva relacional, a valorização do patrimônio natural e cultural, tangível e intangível, possibilitou a construção de uma identidade territorial e o fortalecimento do capital social, elementos constitutivos de uma dinâmica territorial própria. No sentido de aproveitamento das novas estruturas de oportunidades⁹, que enfatizam as potencialidades específicas de um local em relação ao global, a construção do território *Quarta Colônia* constitui uma experiência importante.

Através do *Projeto de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia do RS* – PRODESUS, nove municípios da região central do RS (Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Pinhal Grande, São João do Polêsine, Ivorá, Silveira Martins, Nova Palma, Agudo e Restinga Seca) reuniram-se em um consórcio¹⁰ que visualizava a preservação e potencialização dos recursos naturais e culturais da região¹¹. O CONDESUS, entidade gestora do PRODESUS, buscou trabalhar com a perspectiva

⁹ Derivadas a partir da lógica cultural contemporânea (JAMESON, 1997; FROEHLICH, 2002).

¹⁰ O CONDESUS (Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia) foi criado com o objetivo de gerenciar o Projeto de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia (PRODESUS), o qual abarca uma série de projetos que tiveram como foco a questão ambiental e o 'desenvolvimento sustentável', tendo a reconhecida 'reserva da Biosfera' da Mata Atlântica em significativas parcelas do seu território, como principal fundamento.

¹¹ Os primeiros sete municípios citados constituem o que historicamente configurou-se como Quarto Núcleo Colonial de Imigração Italiana (Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul), constituída ao longo do ano de 1978, que recebeu imigrantes italianos de diversas regiões do norte da Itália, principalmente da região Vêneta. A configuração do território *Quarta Colônia*, a partir do CONDESUS (Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia – RS), abarcou os municípios de Restinga Seca e Agudo, onde a colonização teve predomínio da etnia alemã, embora hajam famílias de etnia italiana bem como africana e portuguesa, em virtude da sua estratégica proximidade geográfica e agroecológica com os outros municípios. Para maiores detalhes sobre a história e colonização da Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana no RS ver Sponchiado (1996) e Righi *et al* (2001).

de construção de uma territorialidade com base nas referências históricas, culturais de uma região delineada pela colonização italiana e alemã, bem como os recursos naturais de uma geografia exuberante. Para tal, desenvolveu projetos na área de educação ambiental e patrimonial, no resgate da memória cultural dos colonizadores, técnicas e práticas para o desenvolvimento de uma agricultura com bases 'ecológicas' e 'sustentáveis', bem como procurou promover discussões e implementações de turismo rural, cultural, ecológico, gastronômico, dentre outros segmentos turísticos, bem como no ramo de pequenos e médios empreendimentos, principalmente no que tange aos potenciais gastronômicos. Assim, vislumbrando as potencialidades de uma região de relevo acidentado com base na produção familiar, estagnada frente aos padrões produtivistas da chamada agricultura convencional, o Consórcio procurou investir na valorização do patrimônio natural e cultural como potenciais para um desenvolvimento sustentável.

Contudo, o que merece destaque como ponto fundamental desse projeto é a construção e consolidação de uma identidade territorial com base nas relações históricas de pertencimento étnico e de trocas culturais. Historicamente, o Quarto Núcleo Colonial de imigração Italiana foi implantado na região central do Rio Grande do Sul, dando continuidade ao povoamento das regiões serranas, concomitante à ocupação italiana de Caxias do Sul, Garibaldi e Bento Gonçalves, respectivamente a primeira, a segunda e a terceira colônia de imigração italiana do Rio Grande do Sul. Estas, por sua vez, são destacadas hoje pelo seu progresso, as quais se utilizam do *Mito de Origem*¹² (HALL, 2006) da colonização italiana como fundamento para o progresso das cidades. A indústria, juntamente com a grandiosa e destacada produção vitivinicultora que atrai numerosos turistas para a região, são elementos que justificam e asseguram o progresso destas cidades. Ao lado das análises sobre o crescimento e desenvolvimento das três colônias mencionadas, alguns estudiosos apontaram para a distintividade da Quarta Colônia de imigração Italiana diante de suas 'irmãs'. Santin, em 1986, já escrevia sobre a situação da ex-colônia Silveira Martins, argumentando justificativas para a discrepância no desenvolvimento do Quarto Núcleo Colonial Italiano contrastado à Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi, apontando a necessidade de mudança para a retomada do processo de desenvolvimento.

¹² Constitui uma narrativa que resgata uma história alternativa, reconstruindo-a como parte de uma reivindicação identitária (HALL, 2006).

Neste sentido, o aproveitamento da construção histórica da região constitui um fato decisivo para a idealização e a consolidação de um território. Assim como a apropriação diferenciada dos locais político-administrativamente delimitados gerou na região um sentimento de diferenciação, redesenhando a configuração do Quarto Núcleo Colonial Italiano. Muitos personagens dessa história¹³ há mais de meio século, divergiram quanto à forma que o território se delineava. Houve algumas tentativas de unificação da Colônia, entretanto, por motivos de extensão territorial e, principalmente, por motivos políticos, a configuração atual prevaleceu, e a política de municipalização imperou, formando, ao longo das últimas quatro décadas, sete pequenos municípios.

Foi respondendo a essas problemáticas que novos atores surgiram dando vida a novos projetos de desenvolvimento pautados nos ideais ecológicos, culturais, políticos e sociais. No início dos anos 90, atores locais desencadearam um processo que resultaria no território Quarta Colônia que hoje analisamos. Como princípio, o Projeto Identidade¹⁴ tinha como objetivo trabalhar a identidade étnica dos descendentes de imigrantes italianos, cuja língua, costumes, crenças e tradições eram estigmatizados frente aos padrões urbano-industriais que vigoravam. O PRODESUS deu continuidade a este objetivo, desenvolvendo atividades que buscaram, ao longo das duas últimas décadas, transformar o estigma do colono, 'grosso' e 'atrasado', em especificidades potenciais para o processo de desenvolvimento do Território Quarta Colônia¹⁵.

Portanto, dentre os diversos projetos que o CONDESUS vem trabalhando em sua esfera regional, a projeção de uma territorialidade a partir da construção e consolidação de uma identidade territorial própria, a qual, tendo em vista sua potencialidade, internamente, como um amálgama social e, por vezes como elemento catalisador de ações e sinergias, revela-se como um trunfo para alavancar o crescimento e reconhecimento do local. No plano das representações, a

¹³ Padre Luiz Sponchiado foi um dos grandes idealizadores da unificação do Quarto Núcleo Colonial, o qual, na segunda metade do século XX, lutou para que o desenvolvimento tomasse seu rumo a partir da municipalização unificada da região. Entretanto, cada localidade estabelecida desde a divisão colonial já havia formado uma representação espacial que mais tarde conformaria os atuais municípios.

¹⁴ O Projeto Identidade foi idealizado pelo então secretário da Cultura de Silveira Martins, José Itaqui, o qual deu continuidade aos seus ideais de desenvolvimento da Quarta Colônia, sendo hoje, o idealizador do PRODESUS e do CONDESUS, onde atua como secretário executivo.

¹⁵ Para tal, o projeto trabalhou com as crianças e jovens, através de um resgate do patrimônio material e imaterial, bem como, uma educação para a preservação do patrimônio natural.

identidade expressa e delimita o território, utilizando-se dos recursos simbólicos culturais e naturais dos locais envolvidos. A formação e o reforço da identidade territorial têm sido ações apresentadas como condição fundamental para o futuro da economia e sociedade e como um potencial mobilizável pelas estratégias de desenvolvimento.

Retomando antigos anseios, a territorialização da Quarta Colônia partiu do antigo ideário de união e, através da aliança dos sete municípios que historicamente conformavam a Quarta Colônia de Imigração Italiana, somado ao contexto de proximidade de dois municípios caracterizados pela imigração alemã e portuguesa, bem como pelas apropriações interligadas entre estes nove municípios, tomou forma o que hoje se apresenta como o território *Quarta Colônia*. Desta forma, Agudo e Restinga Seca, identificados, respectivamente, pela colonização alemã e pela colonização portuguesa, dão forma a um território que se utiliza de quatro diferentes etnias¹⁶ para a representação de uma territorialidade¹⁷.

Com base nessa conformação, a representação simbólica das etnias e de sua reconfiguração frente às trocas internas e externas que ali se estabeleceram é reivindicada para a construção de uma identidade territorial. A operacionalização da noção de identidade territorial, portanto, pode constituir uma referência interessante na formulação de políticas de desenvolvimento local e regional. Se não se tem bastante claro o que se entende por identidade de um lugar ou região, torna-se difícil determinar que aspecto da identidade necessita ser reforçado, conservado, diversificado ou tornado mais competitivo, para que passe a ser um fator de desenvolvimento e competitividade local e regional (ROCA, 2004).

Diante disso, a problemática de pesquisa refere-se ao processo de construção e afirmação de uma identidade territorial, a qual tem como substrato a formação e consolidação de um sistema simbólico reconhecido e reivindicado por meio de narrativas que conferem pertencimento aos sujeitos locais e que vão configurando-se ao longo dos espaços de sociabilidade. Tendo como objeto de pesquisa o território *Quarta Colônia*, a problemática em questão visa responder as seguintes indagações: qual a teia de significado que sustenta a narrativa de

¹⁶ A etnia italiana, a alemã, a africana e a portuguesa compõe o quadro étnico-cultural.

¹⁷ Ao longo de mais de um século de ocupação, muitas migrações internas e trocas culturais estabeleceram-se, dando vida a novas configurações familiares, locais e municipais, o que pode justificar o território hoje.

construção e consolidação da identidade territorial Quarta Colônia? Como se estabelece a narrativa ao longo dos processos de negociação identitária?

Com base nestas indagações e nas especificidades de apropriação histórica e formação recente do território *Quarta Colônia* buscamos compreender como emerge sua construção social identitária, e sob quais sentidos o quadro de referência territorial é estabelecido. Sob a ótica teórico-metodológica da identidade, cabe observarmos quais as negociações identitárias conformam-se nos diferentes contextos de interação interna e externa ao território, além de como a narrativa se apresentam nos processos de negociação entre os atores locais, destacando que estes processos estão imersos em relações de poder.

Diante da importância dos estudos sobre as identidades no mundo contemporâneo para as ciências sociais, bem como a emergência da noção de identidade territorial como catalisadora de estratégias de desenvolvimento ancoradas na construção de territorialidades, destaca-se a relevância acadêmica em analisar os processos de construção social e consolidação de identidades territoriais no Brasil.

CAPÍTULO II – O PERCURSO TEÓRICO DA NOÇÃO DE IDENTIDADE

Tendo em vista a imensa discussão teórica que vem problematizando a compreensão do sujeito ao longo dos estudos filosóficos, psicológicos, sociológicos e antropológicos, não temos a pretensão, neste capítulo, de reproduzir um referencial teórico que esgote a complexidade teórica da noção de identidade. Procura-se, entretanto, formar um diálogo entre as compreensões que dinamizaram os estudos sociais acerca da formação das identidades nacionais, bem como, as transformações identitárias em tempos de globalização. Este diálogo é importante para entender os processos sociais que envolveram a sociedade nos últimos séculos, para então, assimilar as transformações advindas de um novo contexto global e local e como isso repercute nas relações identitárias atuais. Munidos desse referencial, conjuntamente com a pesquisa, buscamos contribuir para as análises de uma nova configuração simbólica e espacial e de uma nova possibilidade de pertencimento. Dissertar sobre a identidade constitui tarefa difícil; assim, delimitamos nosso referencial aos estudos que fundamentam e contribuam para o emergente conceito de identidade territorial e seu papel significativo no processo de desenvolvimento territorial.

A temática da identidade passa pelos diferentes processos sociais historicamente estabelecidos no contexto global, partindo das relações sociais e econômicas as quais são analisadas pelas ciências sociais. Entretanto, a problemática que envolve a questão da identidade toma forma nas análises científicas com a crise das estruturas modernas e o surgimento de um mundo que se convencionou chamar de pós-modernidade (HALL, 2006; HARVEY, 1999), modernidade reflexiva (GIDDENS, 2002), modernidade líquida (BAUMAN, 2005), entre outras denominações que buscam identificar o atual período histórico. Denominações que procuram abarcar o resultado das transformações que os processos de globalização e difusão das tecnologias da informação e comunicação trouxeram para a sociedade moderna. Desta forma, iremos dialogar, em um primeiro momento, com os autores que propuseram uma análise das mudanças no sentido das identidades ao longo das transformações econômicas, sociais e culturais da história humana. Munidos deste referencial, torna-se importante estabelecer um

diálogo entre os autores que têm analisado os padrões e tendências culturais contemporâneas aliados a novas possibilidades de consumo e de pertencimento que podem ser potencializados para o desenvolvimento territorial.

2.1 A identidade em seu contexto

Com o intuito de compreender as condições do sujeito no mundo contemporâneo e as transformações nos sentidos das identidades, torna-se importante abordarmos alguns entendimentos sobre a dinâmica das relações identitárias ao longo dos contextos históricos. Com base neste diálogo e na caracterização da vida social contemporânea, tentamos compreender a dinâmica do pertencimento e buscar elementos que fundamentem novas identidades e sua operacionalização frente aos desafios do mundo atual¹⁸. Para tal, iremos retomar as concepções das ciências sociais quanto à constituição do sujeito e a formação de identidades, a qual ganha importância, segundo Hall (2006)¹⁹, com a superação das fronteiras nacionais, o que instigou a formação de um arcabouço teórico que busca explicar as dinâmicas da sociedade atual, seus valores, suas preferências e suas formas de pertencimento em um mundo cada vez mais global.

Utilizamos, portanto, as tipologias do sujeito historicamente definidos por Hall (2006) como ponto de partida para analisar as transformações na sociedade. Em uma linha histórica, o sujeito, para Hall (2006), toma vida com as idéias Iluministas onde a identidade era focada no indivíduo, centrado e dotado de razão. Posteriormente, tem-se a compreensão do indivíduo formado a partir das relações interpessoais, a qual tem influência dos estudos sociológicos que passaram a perceber o indivíduo enquanto sujeito social. Com o surgimento desta concepção, de sujeito moderno ou sociológico, como denomina Hall (2006), a formação do sujeito passou a ser compreendida a partir das interações sociais ao longo de sua existência. Essa percepção sociológica é advinda do interacionismo simbólico, o qual compreende a identidade como a interação entre o eu e a sociedade, dando

¹⁸ Trataremos a formação das identidades territoriais ao longo do texto.

¹⁹ Hall (2006) mostra-nos que as ciências sociais somente voltaram-se para o sujeito quando as sólidas identificações dadas pelas instituições sociais entraram em crise, pois os problemas sociológicos somente ganham forma com as crises, como no caso da identidade.

voz a um sujeito social dotado de cultura, a qual é transmitida ao longo das interações sociais. A grande inovação da sociologia, portanto, diz respeito ao ligamento do sujeito à estrutura social que lhe dá vida, analisando a identidade sob o olhar da interação eu *versus* sociedade. Consiste em uma noção de identidade que depende de uma estrutura social e que não pode ser constituída independentemente dela²⁰. Para Hall essa postura sociológica “estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (2006, p.12).

Interessa-nos, principalmente, a formação do sujeito moderno, a quem a ciência social voltou-se, ao mesmo tempo em que analisou a formação dos estados nacionais. O sujeito moderno está, portanto, diretamente ligado à construção dos estados nacionais, calcados em uma forma de pertencimento que buscou agregar as culturas locais em uma unidade nacional. Têm-se, neste processo, a construção das identidades nacionais, a formação de símbolos que localizam o indivíduo em fronteiras solidamente determinadas. Constitui o Projeto Moderno que Bauman (2003) salienta como associado às idéias tecno-científicas que buscavam conhecer e dominar a natureza e, desta forma, impunham um objetivo de ordenar o mundo, seus espaços e suas relações.²¹

De acordo com Bauman (2005), a formação dos estados nacionais, seguindo este projeto, ignorou as formas culturais comunitárias para dar vida a uma estrutura racionalmente organizada. Contudo, para legitimar as delimitações territoriais impostas por esta nova configuração social, foi necessária a construção de símbolos que representassem e estabelecessem uma nova forma de pertencimento. As culturas nacionais constituem a principal referência identitária do mundo moderno, as quais são fonte de representação para o indivíduo desde o seu nascimento. Sendo a identidade nacional constituída através da formação de um conjunto de significados que representam a nação a qual o indivíduo pertence, esta última apresenta-se como um “sistema de representação cultural” além de sua conformação política (HALL, 2006, p.49). A nação, observada como principal exemplo da identidade moderna existe enquanto uma comunidade simbólica que,

²⁰ Essa concepção de sujeito sociológico se desenvolve com as teorias de Durkheim ou mesmo Freud, mas tem seu auge nos estudos do interacionismo simbólico protagonizado por Goffman e Garfinkel.

²¹ A justificativa do Projeto Moderno era ordenar a existência social dos povos para a perpetuação de uma vida melhor (BAUMAN, 2003).

por sua vez, pode gerar sentimento de pertencimento, de identidade. Em comparação com as identidades nas sociedades mais tradicionais, Hall destaca que,

A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião ou à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinada, sob aquilo que Gellner chama de “teto político” do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas (HALL, 2006, p.49).

Seguindo esta percepção, observa-se que as identidades nacionais foram sendo construídas a partir de narrativas, como um discurso de representação, onde as histórias, criadas ou recriadas, são constantemente recontadas formando uma estrutura simbólica reconhecida pelos sujeitos²². Assim, seguindo as idéias de Hall (2006, 2007), a identidade constitui uma construção discursiva de sentidos que dão significado aos símbolos elaborados para a representação coletiva. Ou seja, a constante afirmação de narrativas simbólicas gera um sentimento de pertencimento a um grupo, um sentimento de comunidade, seja territorialmente determinado ou não, mas sempre constituindo uma comunidade imaginária. Tomando as identidades nacionais, os rituais “simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação” (HALL, 2006, p.52). Compartilhar as narrativas significa pertencer a uma história, possuir uma herança, uma tradição, o que estabiliza o sujeito em um contexto de pertencimento, bem como, localiza-o no tempo e no espaço permitindo, acima de tudo, sua continuidade. Conhecer suas origens, suas tradições, mesmo que imaginárias, aloca o sujeito historicamente, assim como, exprime sua continuidade e, portanto, sua “intemporalidade” (HALL, 2006, p. 53). O discurso identitário da nação, segundo Hall, também é construído por meio do “mito fundacional” ou “mito de origem”, bem como da invenção da tradição (HALL, 2006).

As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza

²² Essa estruturação era percebida em âmbito econômico acompanhando o crescimento dos bens de consumo. “As culturas nacionais pareciam sistemas razoáveis para preservar, dentro da homogeneidade industrial, certas diferenças e certo enraizamento territorial, que mais ou menos coincidiam com os espaços de produção e circulação dos bens. (...) O valor simbólico de consumir “o nosso” era sustentado por uma racionalidade econômica” (CANCLINI, 2006, p.31).

tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (...). As culturas nacionais, ao produzir sentido sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumenta Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma “comunidade imaginada” (HALL, 2006, p.50/51).

Como prática discursiva, a construção da identidade nacional recorre à repetição do conjunto de símbolos de modo a afirmar o grupo e seu pertencimento, instaurados no que Hobsbawm (1983) chamou de tradição inventada, “um conjunto de práticas (...), de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado” (HOBBSAWM, 1983, p.01). Os elementos discursivos constituem as narrativas que buscam na origem, alocar a nação e seu povo e, dessa forma, as histórias do passado, muitas vezes muito remotas, tornam-se míticas. Assim, o recontar as histórias normalmente transformam os aspectos, convergindo sempre para os triunfos e para a busca pela unidade comunitária. Estas narrativas são utilizadas, muitas vezes, por povos ou nações que reconstróem sua história, buscando revalorizar aspectos antes estigmatizados.

O discurso da cultura nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas, de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”; são tentadas a restaurar as identidades passadas (HALL, 2006, p.56).

Apesar disso, Hall questiona a identificação simbólica da nação destacando alguns aspectos que demonstram a construção forçada de uma identidade nacional, como uma “estrutura de poder cultural” (2006, p.59). Para ele, muitas das nações foram construídas a partir da “supressão forçada da diferença cultural” (HALL, 2006, p.59). Assim, a identidade nacional buscava unificar culturas diferentes e, para tanto, estabelecia uma relação de poder, de certa forma, uma apropriação repressiva dos símbolos estabelecidos²³. Assim, Hall salienta que,

²³ Pode-se destacar as experiências nacionalistas de construção da identidade nacional brasileira que, em diversos momentos históricos buscou repreender as manifestações identitárias dos diversos povos que colonizaram o Brasil. A diversidade étnica brasileira, em virtude dos diversos processos de

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural (HALL, 2006, p. 62).

O maior exemplo de unificação cultural das identidades nacionais, segundo Hall, têm sido representá-la como etnia. “A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ – que são partilhadas por um povo” (HALL, 2006, p.62). Entretanto, isso é analisado por ele como um mito, pois “as nações modernas são, todas, híbridos culturais” (HALL, 2006, p.62). Desta forma, a etnia, bem como a raça, são categorias discursivas na medida em que são construídas pela formação de códigos simbólicos estabelecidos em prol da unificação nacional, a qual tenta ignorar toda e qualquer forma de diferença no interior de cada Estado-nação. Ou seja, apesar da tentativa de unificar uma identidade em torno de um projeto nacional, as formas de pertencimento regionais construídas historicamente nos contextos de interação e troca cultural, permaneceram vivas e são reivindicadas concomitantemente às variadas formas de imposição identitária.²⁴

A consolidação das identidades modernas como representação dos Estados nacionais também é analisada por Canclini (2006), que as caracteriza como territoriais e normalmente monolíngüísticas, ou seja, sistemas de identificação subordinados a regiões ou etnias, especialmente definidos que foram denominados de nação, e que tentaram ocultar a diversidade cultural das regiões ou comunidades anteriormente existentes.²⁵

imigração, formou um território multiétnico. Diante disso, a repressão, em um determinado período foi a forma encontrada pelos governantes para que os imigrantes despissem de suas amarras etno-culturais e adotassem uma nova forma de pertencimento. Zanini (2006) conduziu um estudo que aponta a proibição de demonstrações etno-culturais dos imigrantes italianos e alemães durante a era nacionalista brasileira no Rio Grande do Sul. Este período exemplifica de forma clara a impossibilidade dos descendentes de reivindicarem elementos de sua cultura, como falar a língua italiana ou alemã, guardar objetos que lembrassem o país de origem, dentre outras manifestações culturais como a dança, as músicas, os festejos. Segundo a autora, esse período marcou repressivamente a identidade étnica destes povos em favor de um ideal nacionalista homogeneizante.

²⁴ Isso é destacado nos países considerados mais puramente étnicos ou raciais, como nos países Europeus, onde os Estados tentaram subtrair as distinções étnicas e regionais anteriores à nação em favor de uma unificação.

²⁵ Em contraposição às identidades contemporâneas, chamadas pós-modernas, que são consideradas pelo autor como transterritoriais e multilingüísticas, com características, portanto,

Este breve exame solapa a idéia da nação como uma identidade cultural unificada. As identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do jogo de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade (HALL, 2006, p.65).

Neste ponto, Hall (2006) dá início às discussões sobre o deslocamento das identidades nacionais, as quais são analisadas hoje como parte do processo de mudança que está transformando e deslocando essa idéia de particularismo nacional. A globalização consiste no principal fenômeno contemporâneo que resume os complexos de transformação que vem afetando as configurações modernas, num processo que alguns autores tendem a afirmar a dissolução ou sobreposição das fronteiras nacionais, estabelecendo relações e conformações em nível global (HALL, 2006; IANNI, 2005). Para Canclini (2006), o processo de globalização serve como marco para a passagem das identidades modernas ao que tem se convencido chamar de identidades pós-modernas²⁶. A contraposição às formas nacionais de unificação cultural traz grandes mudanças para a questão da identidade e, por esta razão, passa a ser uma problemática relevante nos estudos sociológicos da atualidade. A crise das identidades nacionais, segundo Hall (2006), ou a crise do sujeito moderno, dá origem ao sujeito contemporâneo, ou sujeito pós-moderno, como consequência da crescente globalização do mundo e das relações que dão forma a uma nova configuração espaço-temporal²⁷.

Todas as transformações contemporâneas, nas relações pessoais e no olhar do e sobre o sujeito são decorrentes de novas dinâmicas nas categorias espaço e tempo. Como principal característica deste processo, que nos convém priorizar, é o

dinâmicas. Essa nova lógica tem se estruturado pelos mercados, ao contrário da estruturação estatal das identidades fixas, tendo como base escalas maiores de interação e referências distintivas ou afirmativas multiterritoriais (CANCLINI, 2006).

²⁶ Cabe destacar que esta lógica do sujeito não é estendida a todos os sujeitos. Essas dinâmicas não abarcam a todos os indivíduos ao mesmo instante. A pobreza, por exemplo, exclui os indivíduos desse sistema globalmente interligado e os deixa a margem de todo o processo de globalização, bem como nos sistemas culturais ainda arraigados aos seus costumes e crenças e fechados de trocas culturais. Se a globalização integra e inclui mais certos países que outros, ou beneficia setores minoritários desses países, para a maioria ela continua a ser uma mera fantasia. Tais grupos apenas sofrem os efeitos da globalização sem protagonismo (CANCLINI, 2006).

²⁷ Hall (2006) destaca que a globalização não constitui um fenômeno recente e, desta forma, as nações nunca foram eminentemente homogêneas ou autônomas. “A modernidade é inerentemente globalizante” colocou Giddens (1990, p. 63). Entretanto, é explícita a aceleração das relações e integrações globais e é isto que mais caracteriza a atualidade.

que Harvey (1999) chamou de Compressão espaço-tempo, ou seja, o encurtamento das distâncias e do tempo que dinamizaram as relações sociais, perpassando fronteiras antes bem delimitadas. Para Giddens (2002), as novas relações espaço-temporais são frutos da modernidade tardia onde as tecnologias e os processos globais possibilitaram encurtar os espaços e o tempo desconectando essas duas categorias tão fixas nas sociedades pré-modernas. Assim, a principal consequência da modernidade tardia, para ele, consiste no processo de deslocamento das relações sociais de contextos locais para contextos que articulem novas dinâmicas de tempo e de espaço. Este processo é compreendido como um *desencaixe* das relações em dimensão local e um *reencaixe* em âmbito local-global²⁸. Com a intensificação destas relações, cada vez mais diversificadas, com o crescente acesso à informação e à comunicação, a vida social tornou-se mais dinâmica e as trocas culturais e sociais mais intensas.

Neste processo, conjuntamente com a crise das fronteiras e dos laços fortemente estabelecidos pela vida moderna, a identificação do indivíduo passou a ser observada, tendo em vista que os laços que solidificavam sua identidade e que estabeleciam uma relação de pertencimento tornaram-se mais flexíveis. Dessa forma, o indivíduo ganhou espaço nas ciências sociais e a identidade passou a ser um problema para a ciência que busca, a partir de então, desvendar as características do sujeito pertencente a este mundo global. As novas relações acopladas à dinâmica da informação e da comunicação deram origem a um novo sujeito social e uma nova compreensão do sujeito para as ciências sociais (HALL, 2006, 2007).

O principal a ser aqui explorado é a relação entre as categorias espaço e tempo com as identidades culturais, impressas, para Hall, como “coordenadas básicas de todos os sistemas de representação” (2006, p. 70). Ou seja, a localização e a representação das identidades são influenciadas pela dinâmica do tempo e do espaço, pois as narrativas que conformam o sistema representativo das identidades culturais são afetadas por um sistema temporal e espacial tanto em suas dimensões temporais da construção simbólica do que está sendo narrado, quanto da

²⁸ O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros ausentes, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face (...) o que estrutura o lugar não é simplesmente o que está presente na cena; a forma visível do local oculta relações distantes que determinam sua natureza (GIDDENS, 1991, p.27).

intensidade de transmissão e troca simbólica decorrentes dos meios de comunicação²⁹. Desta forma, se as dimensões econômicas foram afetadas pelas novas dinâmicas espaço-temporais, a dimensão cultural também ganha novas características.

Buscando entender as transformações do mundo contemporâneo, diversos estudiosos convergiram para apontar o descentramento ou fragmentação das identidades modernas como principal consequência da globalização nas relações identitárias, desenvolvendo suas teorias em torno do colapso das identidades modernas e a fragmentação do sujeito. Estes têm problematizado as transformações das sociedades modernas ao final do século XX atribuídas a um novo tipo de mudança estrutural que

está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de descolamento ou descentração do sujeito (HALL, 2006, p. 09).

Hall (2006) justifica que o descentramento, neste caso, consiste num duplo deslocamento, do indivíduo em relação ao seu mundo social e cultural, bem como, de si mesmo. É este processo que o autor caracteriza como a “crise de identidade para o indivíduo” (HALL, 2006, p.09). A principal característica de uma identidade fixa, unificada e sólida, representada pelas identidades nacionais, aparece nas teorias da contemporaneidade ora como solapadas por novas formas de identificação global, ora acompanhando múltiplas e novas identidades³⁰.

Complementando estas compreensões destacam-se as análises de Castells (2006) para a sociedade contemporânea, o qual elucida que na “era da informação”

²⁹ “Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. Elas têm aquilo que Edward Said chama de suas “geografias imaginárias” (Said, 1990): suas “paisagens” características, seu senso de “lugar”, de “casa/lar”, ou *heimat*, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes” (HALL, 2006, p. 72).

³⁰ “O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2006, p.12).

algumas instituições sociais como o Estado-nação, criadas na “era industrial”, perderam seu significado e sentido, assim como, instituições como a família patriarcal, as instituições religiosas e as instituições políticas características da sociedade industrial (CASTELLS, 2006, p.417). As novas tecnologias de informação e comunicação, aliadas a uma reestruturação capitalista, têm remodelado nossa sociedade, introduzindo o que Castells (2006) chamou de ‘sociedade em rede’. “Nosso mundo, e nossa vida, vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade” (CASTELLS, 2006, p.17). Essa nova sociedade não legitima mais as velhas instituições moldadas na e para a era industrial, as quais davam aos sujeitos formas estáveis de identificação.

Diante das perspectivas de Hall (2006) e do arcabouço teórico que se formou a partir da problemática cultural da globalização, observa-se uma posição que afirma como principal consequência da globalização o enfraquecimento das identidades nacionais e um reforço de novas formas de laços que ultrapassam as fronteiras nacionais em nível global. Ianni (2005), ao problematizar as concepções sobre a dissolução das fronteiras nacionais, observa que, por mais que estas conformações nacionais persistam, o que ocorre é um movimento de uniformização em nível global, o que nos revelaria a emergência de uma sociedade global³¹.

Dessa forma, as identidades nacionais estariam sendo condenadas ao processo de homogeneização cultural³², que Featherstone (1996) aponta como um dos principais problemas das interpretações sobre a globalização, a tendência à lógica totalizante, supondo que o mundo se tornaria mais unificado e homogêneo. Nesta perspectiva, as culturas locais seriam retraídas pelas novas configurações devido à proximidade da relação espaço-tempo pelos processos universalizantes das novas tecnologias de comunicação e informação e pelo fluxo acelerado de mercadorias e finanças. Porém, segundo o autor, a interpretação de que, inevitavelmente, temos uma relação dialógica, como nunca visto na história da humanidade, entre as diversas civilizações, estabelecendo contatos que circulam entre consensos e inevitáveis conflitos e confrontos em um mundo que intensifica

³¹ “Esta, por sua vez, não constitui a mera extensão quantitativa e qualitativa da sociedade nacional, mas forma-se a partir de uma constituição original, ainda desconhecida e desprovida de interpretações mais completas” (IANNI, 1994, p.02).

³² Este fenômeno leva ao que Ianni (2005), seguindo as idéias de Marshall McLuhan, denominou de Aldeia Global

sua complexidade e estabelece diversas e distintas redes de interdependência e relações de poder, deve ser apontado como característica da contemporaneidade.

Muitos paradoxos acompanham esta análise cultural e neste sentido, Hall (2006) aponta movimentos contraditórios no processo de homogeneização cultural global. Para ele, juntamente com essa tendência, observa-se também um deslumbramento da diferença, a valorização das culturas locais. “Assim, ao invés de pensar o global como ‘substituindo’ o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre ‘o global’ e ‘o local’” (HALL, 2006, p.77) ³³. É inegável que o processo de globalização intensifica as relações sociais mundiais e constrói uma dinâmica local-global própria onde comunidades distantes se relacionam ao ponto de eventos locais serem influenciados por acontecimentos muito distantes, ou seja, os acontecimentos locais fazem parte e dão forma à globalização (GIDDENS, 2002).

Concebem-se, assim, perspectivas analíticas que reconhecem as novas dinâmicas espaço-temporais do mundo globalizado como uma relação dialógica entre o local e o global, em uma situação de coexistência entre o chamado globalismo e o localismo. O local e o global, portanto, não devem ser concebidos de forma dicotômica como duas categorias separadas de espaço e tempo (FEATHERSTONE, 1996). O local adquire destaque, portanto, a partir de sua contraposição ao global, os quais são analisados de forma conjunta, em coexistências ou em conflitos, nos mais recentes estudos sobre o mundo contemporâneo. Compreende-se aqui, a partir das acepções de Featherstone (1996), que estas partes estão diretamente interligadas como fenômeno contemporâneo oriundo do processo de globalização, formando um todo complexo. A relação local/global, aparentemente dicotômica, revela-se condizente com a nova lógica estabelecida pela intensificação das relações. A facilidade de acesso à comunicação e à informação, bem como aos meios de transporte diminuíram as distâncias e aumentaram a intensificação dos contatos e das trocas, mas a busca por um local que identifique e assente o sujeito é constante e concomitante ao globalismo. Da mesma forma, o local não pode ser analisado apenas pelo local, pelas interações que ali se constituem, pois as influências do todo global são acessadas e reivindicadas em nível local.

³³ Além disso, Hall (2006) destaca ainda que o processo de globalização é bastante desigual em todo o mundo e, por tal razão, apesar de afetar o mundo inteiro, pode-se relacionar este fenômeno mais especificamente ao Ocidente.

De acordo com Hall,

(...) ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da “alteridade”. Há, juntamente com o impacto do “global”, um novo interesse pelo “local”. A globalização (na forma da especialização flexível e da estratégia de criação de “nichos” de mercado), na verdade, explora a diferenciação local. Assim, ao invés de pensar no global como “substituindo” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local” (HALL, 2006, p.77).

Dessa forma, em contraposição à homogeneização cultural, Hall (2006) destaca a articulação e visibilização de novas identidades como um dos principais fenômenos da contemporaneidade. Assim, há um processo de deslocamento das identidades nacionais, ao mesmo tempo em que há uma produção de diversas e novas posições de identificação “tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas” (HALL, 2006, p.87). O autor salienta, portanto, que as mudanças na identificação decorrem de um processo de pluralização das identidades e não homogeneização. Há diversas e distintas identidades que podem andar lado a lado nos processos de interação, e que identificam um sujeito de acordo com a alteridade ou com a necessidade de diferenciação³⁴.

Em concordância, Castells (2006) admite que um indivíduo ou um sujeito coletivo possa ter múltiplas identidades, entretanto, ele faz um adendo às contradições e tensões que o conceito de identidade tem causado no âmbito dos estudos sociológicos, na medida em que a identidade tem sido confundida com o conceito de papéis sociais. Os papéis ou conjunto de papéis sociais são constituídos pela organização da sociedade enquanto normas sociais, ao contrário das identidades que são construídas e originadas pelos indivíduos ou sujeitos coletivos que as internalizam como fonte de significação³⁵ (CASTELLS, 2006). Portanto, a identidade constitui o “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 2006, p.22).

Ao fazer uma relação com as percepções de Hall (2006) para as relações de poder que eram estabelecidas na construção das identidades nacionais, observa-se

³⁴ Hall (2006) destaca que a produção de novas identidades não constitui um caminho linear de hibridização ou de busca da tradição, ou ainda de criação de identidades políticas ou de grupos.

³⁵ “Em termos mais genéricos, pode-se dizer que identidades organizam significados, enquanto papéis organizam funções” (CASTELLS, 2006, p.23).

que estas relações também permeiam as novas identidades contemporâneas. Neste intuito, Castells busca analisar como e porque as identidades são construídas em meio às relações de poder da organização em sociedade e nas contradições da sociedade em rede.

A construção de identidade vale-se da matéria prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em uma estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço. Avento aqui a hipótese de que, em linhas gerais, quem constrói a identidade coletiva, e para quem essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem (CASTELLS, 2006, p. 23/24)

Observa-se aqui o caráter político das identidades contemporâneas, sendo, para Castells (2006), o principal formador das teias de significado que são elaboradas para a representação de cada forma de pertencimento. Buscando responder a essas questões sobre a construção da identidade, Castells faz um paralelo entre as possibilidades resultantes de cada origem ou cada tipo de processo de construção da identidade³⁶. Assim, conforme os tipos de identidade construídos pelo autor, nossa sociedade caracteriza-se principalmente por um processo de esvaziamento das instituições sociais, fonte da identidade legitimadora que origina a sociedade civil. “A dissolução das identidades compartilhadas, sinônimo da dissolução da sociedade como sistema social relevante, muito provavelmente reflete a atual situação de nosso tempo” (CASTELLS, 2006, p.418). O que o autor observa em nossa sociedade é um mundo constituído de redes, de indivíduos, de um mercado, aparentemente governados por uma nação.

³⁶ As identidades são classificadas por Castells como: “*identidade legitimadora*: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais, tema este que está no cerne da teoria de autoridade e dominação de Sennett, e se aplica a diversas teorias do nacionalismo. *Identidade de resistência*: criada por atores que se encontram em posições /condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade ou mesmo opostos a estes últimos, conforme propõem Calhoun ao explicar o surgimento da política de identidade. *Identidade de projeto*: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de definir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda estrutura social. Esse é o caso, por exemplo, do feminismo que abandona as trincheiras de resistência da identidade e dos direitos da mulher para fazer frente ao patriarcalismo, à família patriarcal e, assim, a toda a estrutura de produção, reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabeleceram (CASTTELS, 2006, p.24).

Diante do cenário de dissolução das identidades pertencentes à era industrial, surgem novas formas de identidade, normalmente em contradição com as formas globalizantes da nossa sociedade, marcadas por um processo de individualização. As identidades de resistência são muito comuns na sociedade em rede, onde grupos organizam-se em torno de uma afinidade estigmatizada formando o que Castells (2006) chama de comunidades. As identidades de resistência fazem parte da sociedade em rede assim como os projetos individualistas “resultantes da dissolução de identidades anteriormente legitimadoras que normalmente constituíam a sociedade civil da era industrial” (CASTELLS, 2006, p.419). As identidades de projetos são a grande questão apontada por Castells pela sua finalidade de mudança na estrutura social.

Enquanto na modernidade, a identidade de projeto fora constituída a partir da sociedade civil (como, por exemplo, no socialismo com base no movimento trabalhista), na sociedade em rede, a identidade de projeto, se é que se pode desenvolver, origina-se a partir da resistência comunal (CASTELLS, 2006, p.28).

Assim, Castells (2006) tem como hipótese que a identidade de projeto na sociedade em rede não terá como fonte as identidades pertencentes ao mundo industrial, mas as novas identidades desenvolvidas a partir da resistência. Seguindo este pressuposto, as transformações na sociedade poderiam advir de novos sujeitos históricos organizados em comunidades e fundamentados por valores tradicionais, mas caracterizados pelos emblemas da etnicidade e da territorialidade. Ou seja, as comunidades construídas a partir da resistência identitária fundamentam-se nos antigos valores da sociedade industrial resignificados na sociedade em rede como fonte para novos sujeitos históricos como, por exemplo, os movimentos sociais³⁷. Isso não quer dizer apenas que as identidades de resistência necessariamente devem realizar uma mudança estrutural em toda a sociedade. A atuação das identidades de resistência, em seu âmbito microsocial, fundamenta sua oposição à lógica dominante da sociedade em rede.

As comunidades de resistência defendem seu espaço e seus lugares diante da lógica estrutural desprovida de lugar no espaço de fluxos que caracteriza a dominação social na Era da Informação (...). Elas

³⁷ Os movimentos sociais são definidos por Castells como: “ações coletivas com um determinado propósito cujo resultado, tanto em caso de sucesso como de fracasso, transforma os valores e instituições da sociedade” (2006, p.20).

reivindicam sua memória histórica e/ou defendem a permanência de seus valores contra a dissolução da história no tempo intemporal e a celebração do efêmero pela cultura da virtualidade real (CASTELLS, 2006, p.422).

Nesse sentido, os ambientalistas, as feministas, os movimentos religiosos, por exemplo, reivindicam seu espaço e defendem, cada qual, seu modo de vida. Dentre as formas de identidade de resistência, o que nos convém enfatizar aqui consiste na problemática levantada por Castells sobre as identidades territoriais. As comunidades locais, frente ao crescente processo de urbanização, foram fadadas pela sociologia ao desaparecimento. Entretanto, têm se observado como tendência no mundo contemporâneo o agrupamento, a organização em comunidades locais. Esse fato é revelado por Castells como parte de uma dinâmica de resistência ao processo de “individualização e atomização tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural, comunal” (2006, p.79). Ao analisar os movimentos urbanos, seu conhecimento revela a organização identitária em torno da comunidade local como forma de lutar contra a exploração econômica, afirmando uma identidade cultural local defensiva frente aos padrões que a sociedade global impõe. “Subitamente indefesas diante de um turbilhão global, as pessoas agarram-se a si mesmas: qualquer coisa que possuíssem, e o que quer que fossem, transformou-se em sua identidade” (CASTELLS, 2006, p.80).

Assim, Castells (2006) nos traz uma importante contribuição ao tentar compreender a identidade territorial. Seu entendimento mapeia uma forma de resistência as normas estabelecidas, as formas homogeneizantes da sociedade em rede, criando uma forma de pertencimento comunal. São formas comunais construídas culturalmente como reações defensivas a desordem global; são fontes de solidariedade em meio ao individualismo contemporâneo. Portanto, as identidades territoriais, comunais, são para Castells (2006) *identidades de resistência*, que instigam seu questionamento sobre a possibilidade de ascensão destas identidades como *identidades de projeto*. Ou seja, o autor busca compreender se estas formas de organização comunal caracterizadas pela resistência a sociedade em rede podem ser agentes de transformação desta sociedade. Sua hipótese e conclusão condizem com as referências comunais de pertencimento como restritas aos laços territoriais, sem força para a transformação social: “O surgimento de identidades de projeto de diferentes tipos não é uma

necessidade histórica. É provável que a resistência cultural permaneça restrita às fronteiras das comunas” (CASTELLS, 2006, p. 86).

Bauman (2003, 2005) também nos traz a idéia de comunidade, caracterizando-a como sinônimo de segurança aos sujeitos imersos na liquidez do mundo moderno. O autor percebe que em meio à vida fluída da modernidade líquida³⁸, o indivíduo encontra uma infinidade de possibilidades a escolher e consumir. Desta forma, as identidades são muitas, as quais fluem em nossa sociedade como possibilidades de identificação a escolha dos indivíduos. Esse novo tempo, portanto, direciona-se para a construção de possibilidades e para a liberdade de escolha dos sujeitos, que não possuem mais bases sólidas de pertencimento como na modernidade.

É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comuns de nossas identidades *em movimento* – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo. Para isso, não precisamos estudar e dominar o código de Goffman. Os celulares são suficientes. Podemos comprá-los, junto com todas as habilidades de que precisamos para esse fim. Numa loja da principal rua do centro da cidade. Com os fones de ouvido devidamente ajustados, exibimos nossa indiferença em relação à rua em que caminhamos, não mais precisando de uma etiqueta rebuscada. Ligados no celular, desligamo-nos da vida. A proximidade física não se choca mais com a distância espiritual (BAUMAN, 2005, p. 32-33).

Para Bauman (2005), o novo mundo, mais dinâmico, não comporta mais as velhas identidades, rígidas e inegociáveis. “As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno vôo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, p.35). Em termos psicológicos do indivíduo, Maffesoli (2004) aponta que a saturação da modernidade é responsável pela fragmentação da vida social hoje, em tribos, sejam religiosas, culturais, sexuais, esportivas, etc. Para ele, isso constitui a formação de microidentidades onde as pessoas convivem e encontram aspectos como a aceitação e o acolhimento, elementos que foram fragmentando-se juntamente com a ‘crise’ das instituições sociais. Em sua análise sociológica, ele observa que as identidades de grupo, tribos ou comunidades que se proliferam na atualidade não se

³⁸ Bauman denomina de modernidade líquida o período posterior à primeira modernidade, a qual se caracterizava pela solidez nas relações sociais. Bauman (2005) observa que com a desterritorialização da economia, as relações de trabalho e de produção tornaram-se cada vez menos localizadas e, portanto, mais flexíveis, ou seja, mais fluídas.

confundem e não são postas em uma escala de importância na vida do sujeito. Dessa forma, o sujeito estaria elaborando outra composição nas relações sociais para compensar a ordem que era instaurada pelas instituições sociais na modernidade. Estes espaços ou comunidades são buscados pelo sujeito como forma de suprir as necessidades de pertencimento a um grupo. (MAFFESOLI, 2004).

Bauman (2003) concorda com esta perspectiva destacando que, em meio à multiplicidade e a independência, o sujeito encontra-se inebriado na insegurança e na ansiedade desse mundo líquido moderno. Viver em comunidade, nesse contexto, aparece como principal possibilidade para a segurança. Segundo Bauman, a comunidade “é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, ao nosso alcance – mas no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir (2003, p.09). Assim, essa forma de vida é compreendida pelo autor como a possibilidade e o sonho do sujeito imerso na liquidez no mundo contemporâneo que busca segurança e proteção.

A busca pelas tradições culturais faz emergir uma problemática corrente nos estudos sobre identidade nesse mundo globalizado, principalmente quando se trata das identidades de migração. Os vínculos com a terra natal nunca são desfeitos, mesmo que o objetivo não seja retornar a origem. Essas identidades são traduzidas, havendo uma negociação entre os velhos elementos culturais e a assimilação de alguns sinais das novas culturas. Ambas as culturas detém um papel e um espaço nessa nova identidade traduzida perdendo seu caráter unificado. São identidades formadas a partir de várias interconexões de culturas consideradas, portanto, como culturas híbridas (CANCLINI, 2006). Dessa forma, as culturas são traduzidas (HALL, 2006 *apud* Rushdie, 1991). O hibridismo cultural é o que melhor define a identidade cultural na modernidade tardia sendo mais condizente com a realidade globalizante e dinâmica em contradição as sólidas identidades do passado.

Constitui, portanto, a perspectiva de Canclini para as transformações da identidade na contemporaneidade. Como perspectiva complementar para as análises das dinâmicas contemporâneas e norteadora de nossas compreensões, Canclini (2006) nos apresenta uma acepção menos radical para as consequências da globalização e a questão da identidade. Diante das perspectivas de fragmentação e das tendências a homogeneização cultural, o autor volta seu olhar para a globalização como um “processo de fracionamento articulado do mundo e de recomposição de suas partes” (CANCLINI, 2006, p. 11). Ao contrário do que teóricos

mais “radicais” apontam sobre a conseqüente homogeneização cultural em âmbito global, temos a perspectiva de um “reordenamento das diferenças e desigualdades, sem suprimi-las” (CANCLINI, 2006, p. 11).

Observa-se, portanto, um cenário aparentemente paradoxal onde se pode mapear identidades territorialmente fragmentadas, descontínuas, sem base territorial definida, concomitante a “lugares” identitários definidos, espaços singulares construído por múltiplas identidades, como espaços multi-identitários que configuram uma multiterritorialidade. Diante disso, cabe destacar primeiramente, partindo de Hall (2006), que a identidade tem como fundamento a localização no tempo e no espaço simbólico. A representação remete a uma localização mesmo que imaginária, com paisagens definidas, certo senso de ‘lugar’, sentimento de ‘lar’, bem como seus elementos são localizados no tempo, seja como tradições inventadas, mitos de origem ou fundacionais que constroem a narrativa da identidade (HALL, 2006). Assim, a identidade constitui-se territorialmente na medida em que o referencial simbólico no processo de construção parte do território, ou perpassa bases territoriais mesmo que imaginadas (HAESBAERT & BÁRBARA, 2001).

Frente a essa compreensão relacional de identidade e espaço, Haesbaert (1994) busca desmitificar o mito da desterritorialização como conseqüência da globalização para nossos dias. Dito de outra forma, Haesbaert busca retrabalhar os mitos já ressaltados sobre a globalização direcionando seu olhar para as contradições que aparecem como fenômenos paradoxais ao processo em curso. A ênfase está no discurso da desterritorialização, quando as identidades são essencialmente localizadas no tempo e no espaço, mesmo que imaginárias. Além disso, como ponto principal das identidades, o autor aponta a multiterritorialidade como resposta para as questões territoriais do mundo contemporâneo. Ou seja, ao invés da dissolução dos territórios, o que podemos ver na atualidade são novas e variadas territorialidades, múltiplas configurações territoriais que emergem a partir de apropriações simbólicas do espaço. Nas palavras do autor, “mais do que a desterritorialização desenraizadora, manifesta-se um processo de reterritorialização espacialmente descontínuo e extremamente complexo” (HAESBAERT, 1994, p.214)

Multiterritorialidade aparece como uma resposta a esse processo identificado por muitos como “desterritorialização”: mais do que a perda ou o desaparecimento dos territórios, propomos discutir a complexidade dos processos de (re) territorialização em que estamos envolvidos, construindo

territórios muito mais múltiplos ou, de forma mais adequada, tornando muito mais complexa nossa multiterritorialidade (HAESBAERT, 2005, p.1)

2.2 Hibridismo cultural: tendências contemporâneas

A principal questão apontada pela noção de pós-modernidade, para os estudos da cultura e identidade em meio aos processos globalizantes, portanto, consiste na dificuldade em lidar com a complexidade cultural. A perspectiva pós-moderna³⁹, portanto, busca incorporar os elementos que os autores, até então referenciados, buscam justificar em relação às transformações contemporâneas, principalmente relacionadas às dimensões culturais. Observa-se a perda de sentido nas narrativas homogêneas e unificadas, a fascinação pelo 'estranho', diferente, pelo espetacular, pelo simulacro. Há um espaço crescente de valorização da pluralidade, do multiculturalismo, da hibridização cultural, dando margem para o reconhecimento de múltiplas identidades pelos sujeitos capazes de formatarem-se as múltiplas possibilidades de pertencimento, aliado a um crescente olhar de apreciação aos particularismos relacionados, por exemplo, ao saber local (FEATHERSTONE, 1996; CANCLINI, 2006). O ambiente cultural contemporâneo, portanto, na perspectiva pós-moderna apresenta características de valorização da diferença, rompendo com as visões de homogeneidade cultural apresentada, aparentemente, como padrão da lógica de consumo capitalista. Desta forma, juntamente com este padrão, observam-se tendências de valorização do novo, do diferente, das especificidades culturais.

A pós-modernidade, ou a lógica cultural contemporânea, caracteriza-se por produzir um apagamento das fronteiras entre a arte erudita (alta cultura) e a cultura de massa ou comercial, e trazer de volta o passado (pois aos modernos só interessava o novo), valorizando-o, mesmo que em forma de simulacro, pastiche ou paródia. A grande marca deste ambiente cultural pós-moderno seria o pluralismo e o ecletismo, propondo-se a convivência de todos os estilos, de todas as épocas, sem hierarquias,

³⁹ “pós-modernidade refere-se, em seu efeito de conjunto, às transformações ocorridas nas ciências, nas artes e nas sociedades desde a década de 1950, as quais possibilitaram a programação tecnológica do cotidiano, o advento da sociedade de consumo e da informação, a arte pop, a flexibilização no mundo do trabalho, a globalização financeira e mercadológica e a decadência das grandes narrativas filosóficas (Deus, razão e verdade)” (FROEHLICH, 2002, p.14).

numa abertura que acredita ser o mercado um cardápio variado, e não havendo mais regras absolutas, cada um estaria livre para escolher o prato que mais lhe apetece (FROEHLICH, 2002, p.15).

Neste sentido, como parte desta lógica cultural, legitimam-se as múltiplas possibilidades de referência para o pertencimento e o agir dos sujeitos sociais. As identidades neste contexto, ao contrário das características fixas das identidades modernas, constituem-se como híbridas, maleáveis e multiculturais, como parte de uma lógica globalizante que articula diversos elementos reordenando as identidades (CANCLINI, 2006). Neste sentido, Froehlich define as formações identitárias de nossa sociedade:

Torna-se característica da contemporaneidade a capacidade de deslocar a moldura, de mover-se entre vários focos e escalas espaço-temporais, de lidar com um leque de material simbólico de onde várias identidades podem ser formadas e reformadas – construídas – em situações diferentes. Os indivíduos, nas sociedades contemporâneas, não pertencem mais a um só código cultural homogêneo e, portanto, não têm mais uma única identidade distintiva e coerente. Há, com isso, o fim das *monoidentidades* e a possibilidade de construção de novas identidades a partir da coexistência – em um mesmo grupo e mesmo até em um único indivíduo – de vários códigos simbólicos (FROEHLICH, 2002, p. 53)

Os sujeitos contemporâneos, portanto, imersos em uma rede de significados os quais são (re) formulados de acordo com os contextos e as necessidades de pertencimento, têm a possibilidade de escolher e transitar por múltiplas identidades. Bem como um mesmo espaço possui uma infinidade de possibilidades culturais e de pertencimento em um processo de reordenamento das estruturas simbólicas, ditado pela busca por afirmação ou por diferenciação em cada contexto de interação. Desta forma, concordamos com a idéia de que este mundo globalizado e desterritorializado na verdade produz diversas formas de identificação. Os indivíduos juntam-se em grupos, sejam territorializados ou nos cyberspaços, de forma a estabelecerem a diferença ou a afirmarem-se. Nesse sentido a homogeneização, na verdade, dá espaço à crescente configuração de novas identidades, de novos grupamentos sociais, como um processo relacional de produção da diferença. Considerando, portanto, o processo de interação simbólica como constitutiva da construção das identidades, os contatos cotidianos constituem-se como momentos de troca.

As identidades sociais de grupos, catalisadas por variáveis territoriais, étnicas ou culturais, podem ser definidas como o resultado de

um duplo processo, de afirmação versus distinção, que se vai forjando na base de relações de interdependência e dos círculos sociais que os indivíduos vão estabelecendo entre si nas situações cotidianas de suas vidas (FROEHLICH, 2002, p. 53).

A troca cotidiana e a formação dos ciclos sociais são formadas pela construção de sistemas de significações que são partilhados e reconhecidos pelos sujeitos, constituindo-se enquanto grupo. Portanto, as identidades são constantemente afirmadas e reconstruídas sob um processo dinâmico de trocas culturais, onde os símbolos são reivindicados e remodelados a cada interação. Como afirma Froehlich, “(...) a dinâmica desses processos de (re) construção das identidades sociais, na atualidade, constituem-se e afirmam-se progressivamente no âmbito de redes de sociabilidade” (FROEHLICH, 2002, p. 53).

A intensificação das trocas, decorrentes da dinamização dos espaços no mundo contemporâneo, intensifica as (re) construções identitárias e aumentam as formações grupais de pertencimento na medida em que os sujeitos partilham diversos sistemas simbólicos. Na fluidez da atualidade, as identidades passam a se multiplicar e as possibilidades de pertencimentos são construídas e dinamizadas no cotidiano dos sujeitos (BAUMAN, 2005). Em meio aos processos de globalização e localização, a dinamização da vida social se dá ao redor de uma diversidade de lugares e paisagens, espaços simbolicamente referenciados pela diversidade cultural, proporcionando diversas possibilidades de articulações.

Pensando sob estes aspectos, em uma ruptura com a lógica moderna e em consonância com a lógica pós-moderna, o consumo, no capitalismo atual caracterizado pela flexibilização produtiva, torna-se boa conta cultural, na medida em que a cultura tornou-se mercadoria e é operacionalizada como tal (JAMESON, 1997).

A afirmação de qualquer identidade dependente de lugar tem de apoiar-se em algum ponto no poder motivacional da tradição. É, porém, difícil manter qualquer sentido de continuidade histórica diante de todo o fluxo e efemeridade da acumulação flexível. A ironia é que agora a tradição é preservada com freqüência ao ser mercadificada e comercializada como tal. A busca de raízes termina, na pior das hipóteses, sendo produzida e vendida como imagem, como um simulacro ou pastiche (...). ...a tradição histórica é reorganizada como uma cultura de museu (...) de história local, de produção local, do modo como as coisas um dia foram feitas, vendidas, consumidas e integradas numa vida cotidiana há muito perdida e com freqüência romantizada (...). Por meio da apresentação de um passado parcialmente ilusório, torna-se possível dar alguma significação à identidade local, talvez com algum lucro. (HARVEY, 1999, p. 272)

O que é valorizado a cada geração nos mostra um conflito e, portanto, novas formas de constituir as identidades e estabelecer as diferenças. Como apresentado anteriormente na identificação do consumo das identidades nacionais, consumir o que é “nosso”, expressa um vínculo grupal seja delimitado territorialmente, como no caso das nações, ou representado por um pertencimento étnico, dentre outras tantas possibilidades de identificação.

Para Latouche (1996), a cultura é a resposta que os grupamentos humanos dão ao problema de sua existência social. Com o advento da sociedade informacional ou pós-moderna, o questionamento das grandes visões de mundo racional-evolucionistas e o peso crescente adquirido pela produção de imagens e representações ou, num sentido mais amplo, pelo mundo da linguagem e dos significados, levou a uma valorização da dimensão simbólica que, para muitos, passou a ser uma questão central, através dos chamados estudos culturais (HAESBAERT & BÀRBARA, 2001, p.02).

Assim como no processo de construção das identidades nacionais, agora como uma possibilidade de identificação dentre tantas identidades construídas, múltiplas identidades são operacionalizadas ao encontro de um crescente consumo cultural. De acordo com Canclini, “a identidade é uma construção que se narra” (2006, p.129). Esta perspectiva tem como base a construção das identidades nacionais por meio da apropriação simbólica dos territórios tendo em vista a narrativa dos conflitos, das façanhas, e de um conjunto retórico de narrativas que unificam um agrupamento social a um espaço determinado e, ao mesmo tempo, diferencia-os. Referência das identidades modernas, a construção narrativa das identidades hoje se apresenta de forma diferenciada como parte de um novo processo histórico⁴⁰. As narrativas são operacionalizadas para as relações de mercado, instauradas nas tendências contemporâneas de valorização da diferença, do natural, do exótico, das referências ao passado ou às formas de convívio

⁴⁰ A antropologia clássica, por muito tempo, desenvolveu seus estudos sobre a identidade a partir da compreensão homogênea dos grupos identitários, ou seja, os sujeitos pertenciam a uma única identidade distintiva e coerente. Esta visão não oferece mais respostas em um mundo de interculturalidades e, portanto, as perspectivas antropológicas que apenas buscam compreender os grupos como pertencentes a um único código simbólico que os diferencia diante do contato com a alteridade tem sua capacidade limitada ao tentar compreender a nova configuração das sociedades e dos sujeitos contemporâneos (CANCLINI, 2006).

baseados nas relações de proximidade (HALL, 2006; BAUMAN, 2003; 2005; CANCLINI, 2006).

Neste sentido, as referências do local remetem à construção das comunidades expressas por Bauman (2003) como um abrigo frente às mudanças da globalização. O que para o autor torna-se ambivalente na medida em que a nostalgia do passado é conjugada às características da modernidade líquida (BAUMAN, 2003). Constitui uma relação cotidiana dos sujeitos entre os padrões que buscam homogeneizar o consumo e as formas de identificação juntamente com o fascínio pelas tendências ao diferente, ao exótico, as formações em 'tribos', comunidades ou territórios. Esta tendência está situada por Castells (2006) como forma de resistência ao que está estabelecido pela sociedade globalizada em rede.

Assim, observa-se a 'fuga' aos padrões de uniformidade e modelação dos hábitos da sociedade contemporânea e a atomização de tendências de valorização e busca por estilos de vida históricos e pitorescos, bem como espaços de pertencimento e rememoração. O indivíduo dito globalizado, com a quebra das fronteiras e as transformações da sociedade, torna-se cada vez mais individualista e, de uma forma contraditória, recorre à necessidade de pertencer a um local, a um território, a códigos simbólicos que referencie sua identificação. Desta forma, a busca pelos chamados 'localismos' está cada vez mais presente na sociedade de consumo que encontra na cultura de um povo ou local o sentido de pertencimento e identificação (FELDMAN-BIANCO & CAPINHA, 2000). Os localismos constituem a caracterização do local pelas acepções sociológicas frente às interações globais representando o desejo por pertencer a uma localidade claramente definida (FEATHERSTONE, 1996).

De acordo com Featherstone (1996), o local, na tradição sociológica, geralmente era associado a um espaço particular, delimitado e caracterizado por relações de proximidade estruturadas a partir de laços de parentesco e relações com a terra ou residência. Segundo esta visão, o local é delimitado simbolicamente por uma identidade estável e homogênea, conferindo aos indivíduos um único sentido de si, posto pelo lugar. Desta forma, a comunidade, ou seja, o grupo que estabelece laços delimitados pelo local é destacado pela sua distintividade, como

uma cultura única que segue padrões e códigos comuns interagindo em um 'lugar' espacial e simbolicamente definido⁴¹.

Segundo Arantes, “a identidade consolida-se sobre um amálgama de sentimentos profundos que são vivenciados como referências pessoais e sociais fundamentais em termos de localização do ser no mundo” (2004, p.100). Estas características da identidade revelam-se como um oportuno objeto de consumo na medida em que a dimensão cultural e social encontra-se intrínseca aos produtos e serviços consumidos.

Podemos, portanto, levantar a hipótese de que o verdadeiro objeto de consumo (tomando aqui o termo objeto em sua dupla acepção de *coisa* e *objetivo*) não são nem os produtos nem os estilos de vida a eles associados, nem mesmo as sensações por eles proporcionados, mas a própria subjetividade que é deste modo produzida. Ao consumir, criamos para nós mesmos uma biografia (ROCHA, 2005, p.116).

Esta acepção nos revela a principal caracterização do consumo e da operacionalização da identidade cultural hoje, como mercadoria, tornando-se importante compreender algumas interpretações sobre o consumo na contemporaneidade. As concepções de Castells (2006) apontam o consumo como um espaço de continuidade dos conflitos entre as classes sociais, de disputa por aquilo que a sociedade produziu. Em contraposição, Canclini (2006) destaca as interpretações de Bourdieu e Appadurai, para a racionalidade distintiva do consumo, ou seja, mais do que a disputa pelos meios de produção, verifica-se o consumo como a disputa pelos meios de distinção simbólica. “A lógica que rege a apropriação dos bens como objetos de distinção não é a da satisfação de necessidades, mas sim a da escassez desses bens e da impossibilidade de que outros os possuam” (CANCLINI, 2006, p.63).

Contudo, ambas as concepções são criticadas por Canclini como tentativa de explicar o consumo apenas como disputa, mas, nas suas palavras, como “parte da racionalidade integrativa e comunicativa de uma sociedade” (CANCLINI, 2006, p.63).

⁴¹ As investigações sociais segundo esta perspectiva foram, por muito tempo, preponderantes nas análises sociológicas e antropológicas, as quais estavam fundamentadas em perspectivas históricas de sociedades mais simples, o que Durkheim denominou de solidariedade mecânica em contraposição à noção de solidariedade orgânica. Além disso, a tradição antropológica, a qual tem como foco o detalhamento das singularidades e especificidades de organização das pequenas comunidades ou povos, por meio do método etnográfico, esteve à frente, por muito tempo, das pesquisas sobre comunidade, influenciando esta perspectiva analítica de caracterização cultural homogênea internamente ao grupo (FEATHERSTONE, 1996).

O que o autor, portanto, nos apresenta, consiste em uma interpretação baseada na lógica do consumo com base em valores simbólicos, ritualísticos, que buscam apresentar uma forma de pertencimento ao ato de consumir. Da mesma forma que a mistura de símbolos estrangeiros conformou produtos e formas de pertencimento da cultura de massa consumida por todos os sujeitos ligados na disseminação deste consumo pelas tecnologias da informação e comunicação, observa-se a adaptação das culturas tradicionais ao consumo contemporâneo, muitas vezes reivindicado por meio de uma ilusória autenticidade (CANCLINI, 2006). Mas, segundo ele, é inegável que em nossa sociedade o consumo é o principal procedimento de identificação.

Tendo como base estas tendências de consumo e de busca por pertencimentos destacam-se as novas configurações territoriais, as quais podem ser encaixadas no que Canclini denominou de “circuitos histórico-territoriais”⁴² (2006, p.47). Novas formas de configuração da sociedade civil convivem concomitantemente ao longo dos processos de globalização e localização. Assim sendo, as novas configurações territoriais, baseadas na construção de uma identidade territorial, constitui uma assimilação das múltiplas possibilidades de identificação na contemporaneidade e das possibilidades do sujeito conviver com uma diversidade de sistemas simbólicos reivindicados nas relações sociais.

De acordo com esta perspectiva, as novas territorialidades criadas a partir de similitudes e afinidades sócio-culturais e/ou naturais de uma região tornaram o território um objeto de estudo das ciências sociais que tem nas particularidades das interações sociais os focos de pesquisa (ABRAMOVAY, 2003; 2007). A territorialidade constitui uma construção social, um processo de negociação entre os diferentes sujeitos, internos e externos, incorporada pelo jogo de poder que resulta na configuração de uma identidade comum, territorial. O aproveitamento dos recursos locais e a mobilização dos atores exigem a valorização do patrimônio material e imaterial e, portanto, a construção de uma identidade local ou regional, bem como a formação de laços de interação e solidariedade. Esse processo de mobilização do capital social⁴³ e de identificação com os recursos culturais e biofísicos define a construção do que se denomina um novo tipo de territorialidade, formada a partir da articulação de forças internas e externas. Portanto, a

⁴² “O conjunto de saberes, costumes e experiências organizado ao longo de várias épocas relacionado com territórios étnicos, regionais e nacionais, e que se manifesta, sobretudo no patrimônio histórico e na cultura popular tradicional” (CANCLINI, 2006, p. 47).

⁴³ Para maiores compreensões sobre capital social ver Abramovay (2003).

identificação dos atores locais com as características definidoras do território é essencial para a constituição de uma territorialidade.

As identidades são construídas nas interações sociais internas e externas, nos laços estabelecidos pelos sujeitos nas situações cotidianas, formando círculos étnicos, territoriais ou de grupos que possuem elementos identificadores com significados comuns, seja num processo de afirmação ou distinção (RODRIGO, 1996). Com base nesse entendimento, ressalta-se que a identidade é construída no contato com a alteridade, num fenômeno de fricção seja interétnica, inter-grupal ou inter-territorial. A identidade deve ser compreendida em sua perspectiva relacional, como um laço de união interna e distintividade externa. O sistema de símbolos e significados representa o grupo que se reconhece e se distingue no contato com a alteridade (OLIVEIRA, 2006).

A construção de um sistema simbólico comum, reconhecido por todos, é decorrente de um processo relacional entre identidade e memória. Assim como a identidade, a memória é uma construção social e é definida por sua temporalidade e descontinuidade. Como afirma Halbwachs (1990), a memória consiste em uma construção coletiva do passado no tempo presente, o que deve ser lembrado ou esquecido é definido e ressignificado pelo grupo que rememora. O reconhecimento e identificação de um sistema simbólico, de manifestações culturais, saberes, práticas ou tradições, bem como de objetos ou edificações, por um grupo define a patrimonialização.

O patrimônio, portanto, mais do que um legado herdado do passado e transmitido às gerações futuras, constitui uma construção social, uma seleção no presente do legado que será transmitido às gerações futuras (SILVA, 2008). Diretamente relacionado à memória, considerada coletiva e seletiva, o patrimônio é a materialização dessa memória, uma idealização construída do que deve ou não ser transmitido às gerações futuras por um determinado grupo em um determinado período. Segundo Silva, “o elemento determinante que define o conceito de patrimônio é a sua capacidade de representar simbolicamente uma identidade” (2008, p. 01). Sendo assim, é por meio da reconstrução e transmissão dos códigos simbólicos que os sujeitos mantêm vínculos com o passado e, conseqüentemente, essa relação passado-presente que permeia a memória coletiva, fornece elementos de identificação e reconhecimento dos indivíduos como iguais e distintos diante da alteridade.

A nossa memória coletiva, modelada pelo passar do tempo não é mais do que uma viagem através da história, revisitada e materializada no presente pelo legado material, símbolos particulares que reforçam o sentimento coletivo de identidade e que alimentam no ser humano a reconfortante sensação de permanência no tempo” (SILVA, 2008, p.02).

Esse passado reconstruído e recriado no presente pela memória coletiva exprime um sentido de identidade, de pertença e de segurança da continuidade temporal aos indivíduos. “Os objetos do passado proporcionam estabilidade, pois se o futuro é aquele destino essencialmente incerto e o presente aquele instante fugaz, a única certeza que o ser humano possui é a verdade irrefutável do passado” (SILVA, p. 02). No contexto contemporâneo, da sociedade de consumo apresentada anteriormente, os espaços de rememoração e reconstrução do passado constituem um refúgio aos sujeitos frente a avassaladora velocidade das mudanças e as constantes incertezas e instabilidades, produtos do processo de globalização. Observam-se em todos os lugares processos de preservação do patrimônio e reafirmação de identidades coletivas, os quais parecem representar reações em âmbito local aos efeitos globais (CASTELLS, 2006). Desta forma, preservar o patrimônio revela-se uma forma de afirmar as singularidades locais.

Segundo Veiga (2003), a preservação do patrimônio tanto material quanto imaterial deixou de ser apenas um ato patriota, educacional ou estético e passou a constituir elemento de pauta nas discussões sobre estratégias de desenvolvimento. Atualmente, o patrimônio passa a ser entendido como uma oportunidade de consumo produtivo e a preservação do patrimônio como uma ação da comunidade e não apenas dos órgãos governamentais. Assim, o envolvimento dos atores locais com o patrimônio material (natureza, edificações históricas, etc.) e imaterial (tradições locais, saberes artesanais e culinários, etc.) dá suporte para atividades que possam promover o desenvolvimento local (VEIGA, 2003).

Portanto, observa-se um movimento de retomada de elementos culturais, com base na memória coletiva, operacionalizados para dar vida a novas e diversas formas de pertencimento, seja com objetivos de resistência aos padrões ou de distintividade nas relações intergrupais. Aliado a isso, destaca-se emergência e afirmação de teias de significado conformadas a partir das relações com o consumo, o qual é caracterizado não apenas como o simples ato de consumir um produto ou serviço, mas pelo ato de consumir narrativas que dão vida a sistemas de

identificação. Atualmente os sujeitos buscam, no consumo, portanto, um sentimento de pertença, de distintividade frente aos padrões massificantes da cultura. A operacionalização das identidades em conformações territoriais tem sido um grande trunfo para o desenvolvimento de regiões interioranas na tentativa de proporcionar aos sujeitos estas tendências de consumo.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA

Os argumentos desta pesquisa foram construídos a partir do arcabouço teórico e da relação de metodologias de produção e análise dos dados que conferem ao trabalho a legitimidade acadêmica. Diante disso, este capítulo busca contextualizar historicamente o que delimitamos como objeto e, ao mesmo tempo, área de estudo: a *Quarta Colônia*. Propõe-se, desta maneira, a compreensão de que a *Quarta Colônia* constitui nosso local de estudo, na medida em que nossa produção de dados abrange os nove municípios que a compõem; bem como, ela constitui-se enquanto objeto de estudo a partir do entendimento de que sua conformação é simbolicamente apropriada por uma construção identitária, a qual delimita nosso problema de pesquisa. Com isso, no tópico seguinte, buscamos estabelecer uma discussão metodológica que fundamenta nossa produção e análise dos dados, definindo as técnicas empregadas que sustentam nossa análise sócio-antropológica.

3.1 Área e objeto de estudo: contexto histórico local

A área de abrangência da pesquisa está circunscrita aos municípios que compõem, atualmente, a *Quarta Colônia* (Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Nova Palma, Pinhal Grande, São João do Polêsine, Silveira Martins, Ivorá, Agudo e Restinga Seca). Um território conformado por uma série de manifestações políticas, econômicas, sociais e culturais que necessitam ser aqui contextualizadas para compreender e justificar nossa área e nosso objeto de estudo. Destacamos neste tópico, portanto, a história de colonização das terras que hoje conformam a *Quarta Colônia* para que possamos analisar e compreender o atual contexto de apropriação simbólica da microrregião.

A conformação atual, que se refere aos municípios citados, indica um processo antigo de configuração das colônias alemãs e italianas criadas pelo governo imperial, no século XIX, com o objetivo de ocupar as terras devolutas e fazê-las produzir. Diversas foram as tentativas de colonização das terras do Rio

Grande do Sul, relacionadas a um contexto de grandes crises na Europa. O contexto geral de colonização apontava para uma necessidade do Império de substituir a mão-de-obra nas lavouras de café, bem como a necessidade de produzir e fazer prosperar a região sul, a qual também passava por períodos de crise⁴⁴.

Desta forma, no sul do país verifica-se a criação de núcleos coloniais e a imigração de alemães para o Brasil que teve início em 1824⁴⁵. A colônia Santo Ângelo constituía o que hoje conforma os municípios de Paraíso do Sul, Agudo, parte de Dona Francisca e Cachoeira do Sul. Observa-se que alguns dos municípios que hoje compõem a *Quarta Colônia* constituíam núcleo de colonização alemã, contemplando um histórico de apropriação cultural do território que mais tarde foi desmembrado, mas que ainda conserva várias das características culturais de sua colonização.

Posteriormente, na segunda metade do século XIX, começaram a chegar imigrantes italianos em solo gaúcho. A imigração para o Brasil foi um acordo entre os dois países como forma de livrar o norte da Itália de uma possível convulsão social. O cenário europeu desta época era marcado por um processo de crise, de passagem do mundo campestre para o urbano, em virtude do que se convencionou chamar de Revolução Industrial. Assim, ocorria um processo constante de urbanização e de transformação da lógica camponesa para a lógica proletária. A emigração para o Brasil foi a forma encontrada para lutar contra a crise que se instaurava, bem como a possibilidade para os camponeses reproduzirem sua lógica de produção em terras próprias. Assim, a promessa de terras atraiu milhares de imigrantes italianos, principalmente para a região sul.

Juntamente com a criação dos núcleos coloniais da Serra Gaúcha, criou-se o Núcleo Colonial Silveira Martins, o qual constituiu o Quarto Núcleo Colonial Imperial. Em 15 de novembro de 1876 chegaram setenta famílias italianas na colônia Silveira

⁴⁴ Para saber mais sobre a colonização brasileira ver Lando *et al* (1996).

⁴⁵ “A introdução do imigrante europeu alemão no RS além de ter o objetivo de ocupar áreas “virgens” com pequenos proprietários produtores de alimentos e fazer certo contrapeso político frente às oligarquias locais (Pesavento, 1994), teve também a intenção de superar a agricultura praticada pelos caboclos, pois segundo o discurso predominante na época, estes últimos não eram capazes de produzir os alimentos necessários para abastecer os núcleos urbanos. Essa foi uma situação que requereu do Estado medidas para a implantação de colônias para produção diversificada de excedentes. Com esse intuito, foram instaladas colônias de imigrantes alemães em regiões “desabitadas” consideradas estratégicas: primeiramente instalaram-se as primeiras colônias na região de São Leopoldo – próximo a Porto Alegre – e, posteriormente, ocorreu a expansão das colônias para a encosta do Planalto Riograndense, onde instalaram-se colônias como a de Santa Cruz e a de Santo Ângelo na região central do RS (ROCHE, 1969, citado por, FROEHLICH *et al*, 2007).

Martins, os quais, segundo Righi *et all*, “ficaram estarecidos ao encontrarem os russos-alemães fugindo do núcleo para onde eles estavam sendo enviados” (2001, p.60). Observa-se, portanto, que no contexto da colônia de imigração italiana Silveira Martins houve uma tentativa de colonização de russos-alemães ainda durante a medição dos lotes coloniais. Instalados em um barracão, na localidade denominada de Val de Buia, enquanto aguardavam a distribuição dos lotes, foram dizimados por doenças infecto-contagiosas. Portanto, a chegada dos italianos no novo núcleo colonial ocorreu após a tentativa de colonização com russos-alemães.

Com a demarcação e distribuição dos lotes coloniais, as condições no Quarto Núcleo Imperial começavam a melhorar, pois o governo passou a dar mais assistência aos imigrantes. Os contatos com os parentes que ficaram na Itália incentivavam a vinda de mais imigrantes, fazendo aumentar a população da Colônia. A população crescia vertiginosamente, o que obrigou o governo a criar novos núcleos coloniais, o Núcleo Norte⁴⁶ e o Núcleo Soturno⁴⁷, como uma extensão da *Quarta Colônia* (RIGHI *et all*, 2001). Posteriormente, foram sendo criados outros núcleos como a Geringonça, hoje localidade de Novo Treviso. Além disso, núcleos coloniais particulares foram criados no que hoje constitui o município de Dona Francisca. Terras particulares também foram divididas em lotes coloniais, e alguns imigrantes que tinham algumas posses, logo que chegaram compraram suas terras. Foi assim que a colônia Dona Francisca foi ocupada, por meio da venda de lotes coloniais, tanto a imigrantes italianos quanto alemães⁴⁸.

Em 1888 a Colônia Silveira Martins⁴⁹, considerada uma comunidade progressista na época, foi extinta e seu território, incluindo os núcleos colônias criados durante esta década, foi dividido entre os municípios de Cachoeira do Sul, Júlio de Castilhos e Santa Maria. Este fato, segundo Zanini (2006), não foi bem aceito pelos descendentes italianos, o que levou um grupo a tentar, junto ao

⁴⁶ Localizado a 35 km ao norte da sede da ex-colônia, dentro do município de São Martinho, o Núcleo Norte foi criado em 1883 em terras que hoje constituem o município de Ivorá (RIGHI *et all*, 2001).

⁴⁷ O Núcleo Soturno localizava-se aos arredores do Rio Soturno, o que hoje constitui parte dos Municípios de Nova Palma e Faxinal do Soturno (RIGHI *et all*, 2001).

⁴⁸ A peculiaridade desta colônia consiste em terras, uma fazenda de portugueses, que foi dividida em lotes os quais foram vendidos à imigrantes de posses que chegavam ao Brasil em busca de terras. Em virtude de sua localização geográfica, entre a Colônia Silveira Martins e a Colônia Santo Ângelo, suas terras foram colonizadas tanto por alemães quanto por italianos.

⁴⁹ Devemos destacar que quando falamos em Colônia Silveira Martins nos referimos ao Quarto Núcleo Imperial de Imigração Italiana, não apenas ao atual município de Silveira Martins, mas ao território hoje compreendido pelos municípios de Silveira Martins, Ivorá, Pinhal Grande, Nova Palma, Faxinal do Soturno, São João do Polêsine, parte de Dona Francisca e Restinga Seca.

governo, a criação de um município que incorporasse os territórios de Silveira Martins, Arroio Grande, Vele Vêneto, Núcleo Norte (Ivorá), Faxinal do Soturno e Dona Francisca. O pedido foi negado pelo governo, bem como o de uma nova tentativa no ano de 1963⁵⁰ (ZANINI, 2006).

A situação sócio-econômica da *Quarta Colônia* ao longo do século XX deve ser destacada tendo em vista sua equiparação com as colônias irmãs. Revela-se na obra de Santin (1986) que, no período de 1878 à década de 1930, a evolução econômica da Colônia Silveira Martins equiparava-se com as colônias Caxias, Bento Gonçalves e Garibaldi. Entretanto, no período posterior, o autor destaca que começou um período de estagnação, a qual justifica pela falta de dirigentes competentes para a emancipação política da colônia⁵¹; a divisão do território da Colônia entre os municípios de Santa Maria, Júlio de Castilhos e Cachoeira do Sul, intensificadas pela rivalidade entre os diferentes grupos de italianos; bem como as rivalidades entre grupos religiosos, a situação geográfica e a produtividade das terras (SANTIN, 1986). O contexto histórico, portanto, nos mostra uma realidade fragmentada ao longo de sua formação, processo muito diferente de suas colônias irmãs, o que, segundo Santin (1986), dificultou o desenvolvimento desta microrregião.

Posterior a estas tentativas de emancipação da *Quarta Colônia*, iniciou-se processos isolados de emancipação que originaram ao longo da segunda metade do século XX as divisões político-administrativas existentes hoje. O primeiro a emancipar-se foi o Ex-Núcleo Faxinal do Soturno, em 12 de fevereiro de 1959; seguido do ex-Núcleo Soturno em julho de 1960, atual município de Nova Palma; do ex-Núcleo Dona Francisca em julho de 1965; da ex-sede da *Quarta Colônia*, Silveira Martins, em 11 de dezembro de 1987; do ex-Núcleo Norte, atual município de Ivorá, no dia 9 de maio de 1988; de São João do Polêsine e Pinhal Grande em 1992.

Entretanto, na década de 90 começou um processo de retomada da idéia de conformação da ex-colônia, a *Quarta Colônia*. O projeto Identidade, criado na Secretaria da Cultura, Desporto e Turismo de Silveira Martins, entre 1991 e 1992, foi

⁵⁰ “Esse é considerado um dos motivos de Silveira Martins ter ‘fracassado’ em comparação com Caxias do Sul, considerada a ‘pérola das colônias’” (ZANINI, 2006, p.111-112).

⁵¹ A colônia Caxias foi a primeira das quatro colônias a emancipar-se em junho de 1890. Em outubro deste mesmo ano, a colônia Dona Isabel emancipou-se com o nome de Bento Gonçalves e, posteriormente, em outubro de 1900 a colônia Conde d’Eu consegue sua emancipação, hoje município de Garibaldi. Enquanto que a *Quarta Colônia* Imperial tinha suas tentativas de emancipação frustradas (SAQUET, 1999).

idealizado com o objetivo de resgatar e valorizar os elementos etno-culturais e históricos da colonização italiana na região. O Quarto Núcleo Colonial de Imigração Italiana, então, seria a região de atuação do projeto que se justificava a partir do histórico de ocupação e colonização em terras loteadas pelo governo no século XIX. Este histórico, anteriormente mencionado, de ocupação, colonização e desmembramento do núcleo colonial em diversos pequenos territórios emancipados na segunda metade do século XX serviu, portanto, como espaço para projeção de um sentimento de pertença ancorado nos elementos etno-culturais.

Posteriormente, aproveitando as oportunidades de financiamentos voltados para as questões de preservação ambiental e desenvolvimento sustentável criou-se o PRODESUS (Projeto de Desenvolvimento Sustentável da *Quarta Colônia*). A experiência do PRODESUS uniu nove municípios em prol do desenvolvimento territorial da *Quarta Colônia*. Dessa forma, Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Ivorá, Nova Palma, Pinhal Grande, Restinga Seca, São João do Polêsine e Silveira Martins reuniram-se em um Consórcio de desenvolvimento, o CONDESUS⁵² – *Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da Quarta Colônia* – buscando dar forma e execução ao PRODESUS⁵³.

As ações do PRODESUS, via CONDESUS, buscaram incorporar os municípios de Agudo e Restinga Seca, pertencentes, historicamente, à Colônia de Imigração alemã, Santo Ângelo. Esta união deu-se em função da sua proximidade geográfica e agroecológica com os municípios que fazem parte da *Quarta Colônia*

⁵² A formação do CONDESUS ocorreu recentemente entre os anos de 1996 e 1998.

⁵³ O PRODESUS abarcou projetos de Educação Ambiental e patrimonial, ações de resgate da memória cultural da colonização italiana na região, técnicas e práticas de diversificação da agricultura com vistas à produção 'ecológica e sustentável', bem como de estímulo ao desenvolvimento do turismo rural, cultural e ecológico na região, ações financiadas pelo programa MAB-UNESCO via Ministério do Meio Ambiente.

"Na década de 1990, organismos internacionais como a UNESCO e o Banco Mundial, preocupados com a problemática ambiental global, lançaram o programa de cooperação científica internacional *Man and Biosphere* – MAB, com o objetivo de coibir a deterioração sistemática de ecossistemas e recursos naturais singulares, reconhecendo tais áreas como 'Reserva da Biosfera'. Compondo uma rede internacional de intercâmbio e cooperação científica e financeira, as ações das 'Reservas da Biosfera' objetivam, além do fomento e difusão do conhecimento científico, a conservação da biodiversidade e a educação ambiental, a promoção do desenvolvimento sustentado e da participação da população local na busca de soluções para os problemas de interação com seu meio ambiente. O programa MAB, através do Banco Mundial, disponibilizava recursos de financiamento a fundo perdido para projetos que preenchessem estes requisitos, desde que no âmbito de áreas reconhecidas como 'Reservas da Biosfera'. Atendendo a solicitação oficial do governo brasileiro, o MAB-UNESCO declarou como 'Reserva da Biosfera', entre 1991-1992, as partes mais significativas dos remanescentes da Mata Atlântica demarcadas no Brasil. O País, assim, habilitou-se a concorrer aos recursos disponibilizados pelo programa, tendo como gestor federal o Ministério do Meio Ambiente, o qual criou para este fim o Programa Nacional da Mata Atlântica (PNMA) e, como parceiros, os órgãos estaduais de Meio Ambiente" (FROEHLICH, 2002, p.55).

de Imigração Italiana, uma estratégia político-econômica de configuração de um território, retomando os intuitos de emancipação da colônia em prol do seu desenvolvimento. O Consórcio configura uma estratégia diferenciada de conformação territorial sobrepujando as delimitações político-administrativas criadas ao longo dos processos emancipatórios.

Partindo deste contexto, nossa área de estudo delimita-se pelo território *Quarta Colônia* conformado a partir do Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da *Quarta Colônia* (CONDESUS), tendo em vista que as ações de desenvolvimento territorial projetadas ao longo das últimas duas décadas guardam esta delimitação. Entretanto, seu contexto histórico torna-se importante para compreender a construção da identidade territorial e a apropriação simbólica do território, bem como as relações de poder que vem se configurando ao longo dos anos. São estas características que tornaram o território nosso objeto de estudo, em torno da problemática de construção da identidade territorial neste contexto, e, portanto, nossa área de estudo.

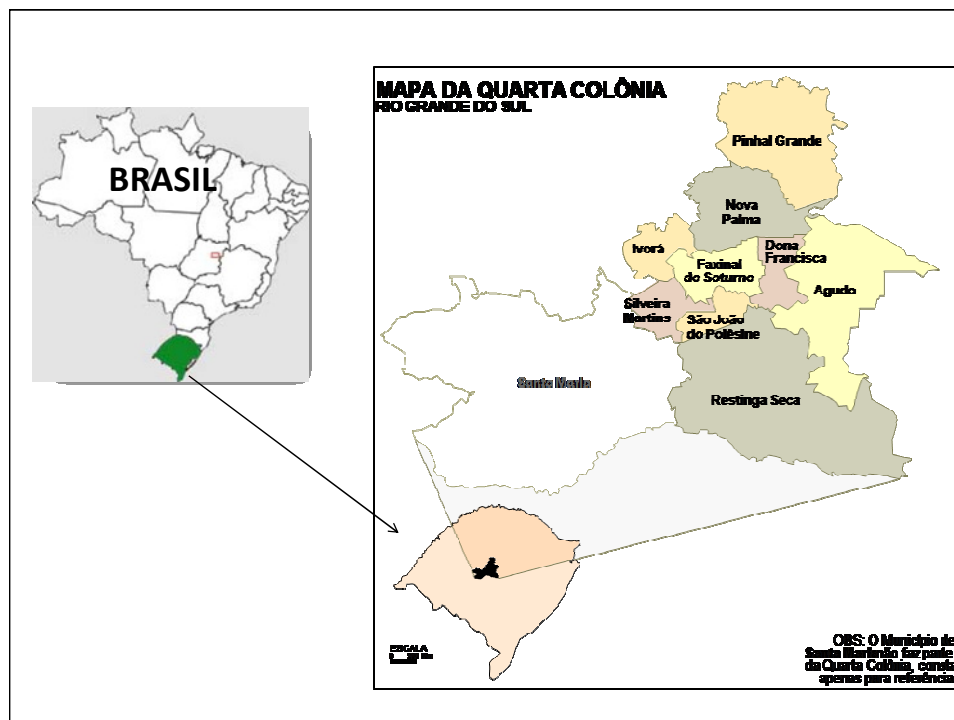


Figura 1: Localização da *Quarta Colônia*, em destaque, no Rio Grande do Sul e Brasil, com a ilustração do município vizinho Santa Maria como referência. Adaptação própria.

3.2 Métodos e Técnicas de pesquisa

Para compreender as estruturas simbólicas que conformam a construção identitária da *Quarta Colônia* tornou-se mais adequado pensar uma metodologia que consiga mapear e compreender as nuances das relações sociais, principalmente das construções simbólicas e as reivindicações identitárias, as quais são encontradas nos diferentes espaços de sociabilidade, bem como nas distintas formas de manifestar as apropriações culturais. Partindo destas concepções, a metodologia qualitativa nos deu suporte para compreender as subjetividades do objeto, permitindo o estabelecimento de um maior diálogo com o objeto, da mesma forma que permitiu abranger nosso olhar para as infinitas formas de interação social e manifestação simbólica. Apesar de nos utilizarmos de técnicas no âmbito da metodologia qualitativa não nos abstermos de usar, quando pertinentes, dados quantitativos advindos de fontes primárias ou secundárias. Esta forma metodológica apresentou-se como a mais adequada, pois ela aponta para a apreensão da complexidade dos fenômenos sociais e da decorrente impossibilidade de controlar e prever todas as variáveis que intervêm no processo de pesquisa (SPINK & MENEGON, 1999).

Com base nos intuitos descritos, compreendemos que a utilização de diferentes métodos, técnicas e fontes de dados de forma combinada permitem um enriquecimento das interpretações ao produzir resultados complementares ou contrastantes que possibilitam uma visão panorâmica da problemática. Assim, utilizamo-nos de técnicas de pesquisa que englobam o método etnográfico (observação participante, trabalho de campo), entrevistas semi-estruturadas, entrevistas estruturadas, análise de conteúdo, fotografias e filmagens. A amplitude nos revela a necessidade de diferentes formas de produção dos dados que nos permitem aprimorar nosso olhar.

O método etnográfico nos possibilitou, acima de tudo, posicionar nosso olhar a partir do olhar dos sujeitos com o intuito de perceber os fatos sociais a partir das suas compreensões e entendimentos. Este método foi proposto por Malinowski, o qual inovou as pesquisas antropológicas com o *trabalho de campo*⁵⁴, e vem passando por inúmeras alterações e questionamentos, adequando-se às sociedades

⁵⁴ Termo utilizado inicialmente para contrapor aos trabalhos que utilizavam o método comparativo dos antropólogos de gabinete (HAGUETTE, 2000).

de cada tempo. A etnografia tem a capacidade de reinterpretar e transmitir diversas formas de comportamento social através da “observação participante”, ou seja, por meio da convivência e da capacidade do pesquisador de entender os acontecimentos. Assim, a etnografia é baseada no convívio com o objeto estudado, pois, pela observação participante, pode-se perceber significados que somente com as entrevistas não seriam percebidos. Tais fatos são chamados por Malinowski de “os imponderáveis da vida real” (1978, p.29). São os “cochichos”, as “cotoveladinhas”, as “piscadelas e as falsas piscadelas”, os símbolos que são interpretados por uma sociedade, constituindo uma “hierarquia estratificada de estruturas significantes” (GEERTZ, 1989, p.17). É apenas por meio do intenso convívio com o grupo e da capacidade do pesquisador de observar os fatos cotidianos que os significados são percebidos.

Dessa forma, a etnografia foi o principal método para a compreensão da subjetividade imersa no objeto pesquisado, pois consiste em uma técnica investigativa em que o ponto de partida é a interação entre o pesquisador e seus objetos de estudo, com ênfase no cotidiano e no subjetivo (FONSECA, 1998). A utilização do método etnográfico na pesquisa social contemporânea tem se constituído em estratégia de compreensão de como um determinado momento histórico universaliza-se na vida dos indivíduos que o vivenciam (DENZIN, 1989). No caso da presente investigação, o momento histórico é a constituição de uma identidade territorial via CONDESUS, sendo a universalização desta identidade composta pelos sentidos que esta assume para os atores sociais envolvidos.

Neste sentido, como procedimento metodológico se utilizará a observação participante por consistir em um processo de interação entre pesquisador e pesquisado (HAGUETTE, 2000), uma sujeição física e intelectual do pesquisador diante do meio social e físico do grupo que se quer estudar (CLIFFORD, 1998). Fala-se de um encontro entre pesquisador e objeto, numa ação exercida entre duas ou mais pessoas, num processo dialógico, permeado por relações de poder. Este processo também pode ser considerado subjetivo, visto que o pesquisador procura entender o comportamento da alteridade. Oliveira (1996) destaca a peculiaridade desse método por meio do qual a sociedade e a cultura são interpretadas pelo pesquisador na sua “verdadeira interioridade”.

Com o objetivo de compreender a subjetividade da construção identitária dos territórios, perpassando as características culturais e seus significados para os

atores locais a partir dos seus entendimentos, a etnografia constitui-se no método mais adequado ao alcance dos objetivos. A maior convivência com o objeto estudado permite a compreensão da participação dos atores e dos jogos de poderes presentes na construção da identidade e, principalmente, como o processo de construção de uma identidade territorial se reflete no cotidiano das pessoas.

A operacionalização deste método indica um processo complexo que vai desde o estabelecimento de relações até a descrição densa. Segundo Geertz (1989), o etnógrafo deve desvendar uma variedade de estruturas de significados complexos que estão amarrados uns aos outros, para então apresentá-las. Isso deve ser realizado em cada passo do trabalho de campo, do mais rotineiro ao mais eventual (GEERTZ, 1989). Visto que o homem constrói e reconstrói os sistemas de símbolos e significados da sociedade que o permeia, dando espaço para várias interpretações, é necessário deixar clara, na escrita etnográfica, a situação do pesquisador na realização da pesquisa⁵⁵.

Partindo disto, cabe destacar a familiaridade do objeto estudado e a complexidade no processo do necessário distanciamento do olhar. Observa-se que por maior que seja o distanciamento do pesquisador diante do objeto, ele é um ser social impregnado de estruturas de significados da sua sociedade. Dito de outra forma, não é possível alcançar a neutralidade na ciência, mas destaca-se a necessidade de despir-se das 'naturalidades' no olhar etnográfico, o que, nas sociedades mais complexas ou em pesquisas que fazem parte da nossa sociedade exige um preparo diferenciado.

No caso estudado, o território revela-se muito próximo e familiar, na medida em que constitui meu local de vivência não apenas enquanto pesquisadora. Meu papel estende-se e, por vezes, confunde-se com os atores locais, tendo em vista que mantenho laços familiares e identitários com o local. Fato que contribuiu significativamente para a escolha do objeto e a elaboração do problema de pesquisa, juntamente com as reflexões estabelecidas ao longo das interações acadêmicas no Mestrado em Extensão Rural. Assim, minha naturalidade e origem étnica colocam-me como parte desta construção identitária, o que se revela, por

⁵⁵ A cultura não é estática, modificando-se no decorrer do tempo, do mesmo modo que a capacidade de entendimento e observação do pesquisador.

vezes, uma relação conflitante para a pesquisa antropológica, na medida em que o distanciamento necessário torna-se complexo e difícil.

Desta forma, as condições da pesquisa apresentam-se sob esta diversidade de olhares que se somam ao compreender e referenciar a estratégia de construção identitária *Quarta Colônia*. A principal dificuldade encontrada em campo foi o estranhamento necessário diante da familiaridade. Entretanto, por vezes, a familiaridade permitiu algumas compreensões peculiares a partir do olhar antropológico combinado às vivências como sujeito local. A própria pesquisa torna-se, neste ponto, uma negociação identitária, visto que as relações entre sujeito e pesquisador delineiam-se de acordo com as interlocuções. As visões e opiniões, muitas vezes, modificavam-se a partir de minha apresentação enquanto pertencente ao local ou não. Para estabelecer um olhar sócio-antropológico foi essencial percorrer os diversos campos de interação e observar a diversidade de lugares de manifestação cultura e identitária. Para tal, a combinação de métodos e técnicas de coleta e compilação dos dados mostrou-se fundamental para relativizar o olhar sócio-antropológico.

Assim, para compreender os sentidos da identidade territorial, destacamos que os eventos foram os principais espaços de sociabilidade que demandaram um olhar etnográfico. A etnografia de eventos foi um dos principais momentos da pesquisa empírica, onde acompanhamos diversos e distintos eventos participando efetivamente como visitantes, bem como estabelecendo uma relação com os sujeitos locais em um duplo comportamento: seja como visitante ou como sujeito local. Assim, a observação participante passa por um constante processo de relação com os sujeitos, que nos eventos conformam diferentes grupos. Por tal razão, estabelecemos diálogos informais com intuito de compreender as opiniões dos sujeitos, observando e participando dos seus momentos de sociabilidade. Além disso, foram realizadas inúmeras visitas a estabelecimentos comerciais, a diversos espaços de sociabilidade nos municípios que compõem a *Quarta Colônia*.

A partir disso, percebemos a necessidade de realizar entrevistas semi-estruturadas com alguns sujeitos chaves da pesquisa. Os depoimentos detalhados de diversos atores locais, bem como de personagens da identidade *Quarta Colônia*, nos permitiram compreender os sentidos por eles atribuídos para as suas práticas cotidianas, nos diferentes espaços de sociabilidade e as manifestações grupais de reivindicação simbólica.

As entrevistas semi-estruturadas desenvolveram-se a partir de um esquema de questionamentos previamente delimitados, perguntas abertas que permitiam ao informante responder livremente.⁵⁶ Os esquemas foram programados adequando-se a cada grupo de intenções. Assim, foram criados, previamente, grupos de acordo com sua atividade ou relevância para a pesquisa. Desta forma, configuraram-se os seguintes grupos:

Grupo A – é composto por autoridades locais, prefeitos dos municípios que compõem a *Quarta Colônia*, selecionados aleatoriamente⁵⁷.

Grupo B – delimitado por empreendedores da região no que tange a empreendimentos gastronômicos e artesanais. Ou seja, são proprietários de agroindústrias e artesãos locais, distribuídos de forma desigual entre os municípios.

58

Grupo C – este grupo é constituído pelos detentores da memória coletiva da região, os idosos de descendência alemã e italiana, os quais foram entrevistados com o intuito de conhecer a memória coletiva do local e mapear substratos para a identificação étnica e territorial.⁵⁹

Grupo D – formado a partir dos demais atores locais que não se enquadram nas delimitações anteriores, mas são informantes-chaves a serem analisados para a pesquisa.

Algumas das entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com o auxílio do gravador, as quais foram posteriormente descritas para a análise. Este instrumento nos permite analisar detalhadamente os depoimentos dos informantes, o que justifica a necessidade e relevância para compreender os sentidos que conformam a identidade territorial. Contudo, outras entrevistas foram realizadas sem este instrumento, de acordo com contextos e intenções específicas. Muitas vezes os sujeitos não se sentiam familiarizados com o instrumento de pesquisa.

Delimitado pelos grupos descritos, foram realizadas cinco entrevistas do grupo A, dez do grupo B, cinco do grupo C e duas entrevistas do D. Este espectro amostral foi conduzido com o objetivo de abarcar uma ampla diversidade de informantes em cada grupo, com o intuito de coletar as opiniões e informações dos

⁵⁶ Salienta-se que as falas dos entrevistados foram transcritas em uma linguagem coloquial, sem saliências de sotaques e palavras como 'né'.

⁵⁷ Roteiro de entrevista para o grupo A, em apêndice 01.

⁵⁸ Roteiro de entrevista para o grupo B, em apêndice 02.

⁵⁹ Os roteiros norteadores das entrevistas com o grupo C e D delinearam-se de acordo com cada caso.

mais diversos atores locais. A coleta de dados, no entanto, não se pautou no delineamento de amostras representativas, seguindo as preocupações estatísticas, pois reconhecemos a variabilidade de experiências, sendo a escolha deliberada dos entrevistados mais adequada para alcançar os objetivos propostos.

Além disso, utilizamo-nos das enquetes formais por meio da aplicação de dois tipos de questionários. Ambos foram aplicados, conjuntamente, em três eventos festivos na *Quarta Colônia*: O XXIII Festival Internacional de Inverno da UFSM e XXIII Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto; a III Mostra Gastronômica da *Quarta Colônia* realizada em Silveira Martins; e a XVI *Ein Volksfest* em Agudo. A escolha dos eventos ocorreu a partir da intenção de abarcar espaços de sociabilidade em que se encontrou maior número de visitantes, bem como eventos que buscavam projetar a identidade *Quarta Colônia*. Os questionários foram aplicados ao maior número de informantes escolhidos aleatoriamente nos eventos de acordo com cada propósito. O primeiro constituiu-se de um formulário de perguntas abertas e fechadas⁶⁰ que buscava responder aos objetivos de verificar as opiniões dos visitantes a respeito da *Quarta Colônia*. Desta forma, foram entrevistados 66 visitantes, oriundos de diversas cidades que circundam o território, bem como de lugares mais longínquos. Sem pretensões estatísticas, o questionário foi aplicado com o intuito de mapear os sentidos atribuídos pelos visitantes ao território, bem como suas opiniões a respeito das infra-estruturas e opções, principalmente gastronômicas da região.

Já o segundo questionário⁶¹ foi aplicado aos moradores locais, não apenas do município onde estava ocorrendo o evento, mas de todos os municípios que compõem a *Quarta Colônia*. Foram entrevistadas 55 pessoas dos diferentes municípios, escolhidas aleatoriamente, as quais responderam questões que buscavam compreender os sentidos atribuídos ao território e suas opiniões a respeito dos atributos gastronômicos da região. A escolha dos entrevistados, em ambos, apenas tomou o cuidado de selecionar as diferentes faixas etárias⁶² e de gênero.

Por último, destacamos, com mesmo grau de importância, a técnica de análise de discurso e análise de conteúdo, as quais foram utilizadas na

⁶⁰ Ver apêndice 03.

⁶¹ Ver apêndice 04.

⁶² As faixas etárias foram discriminadas da seguinte forma: a- até 25 anos, b- de 26 a 50 anos e c- mais de 50 anos.

sistematização e interpretação dos depoimentos a partir das entrevistas semi-estruturadas e as enquetes. Além disso, utilizamo-nos estas técnicas como forma de analisarmos os diversos materiais de divulgação, documentos, reportagens, artigos de circulação pública seja na mídia local ou de circulação regional/global. A análise de discurso permite a interpretação dos sentidos atribuídos ao *corpus* do material analisado. A técnica, portanto, busca interpretar a linguagem discursiva impressa no material analisado, a qual é repleta de sentidos atribuída aos sujeitos e inscrita na história (ORLANDI, 2005). Permite, portanto, analisar os sentidos da identidade territorial impressa nos materiais de divulgação e nos discursos dos sujeitos entrevistados.

Neste espectro de materiais de pesquisa, a técnica contribuiu de forma significativa para a análise da imensa gama de materiais coletados. Dentre estes, destacam-se os materiais jornalísticos, os quais foram organizados da seguinte forma: os elementos jornalísticos que fazem menção à identidade *Quarta Colônia*, principalmente eventos e acontecimentos referentes ao território, coletados no jornal *Integração de Restinga Seca*, jornal *Cidades do Vale de Faxinal do Soturno*, ambos de circulação local, interna à *Quarta Colônia*; e o *Caderno Quarta Colônia*, publicado semanalmente no jornal *Diário de Santa Maria*, de circulação na região central do estado, o qual busca projetar a identidade territorial *Quarta Colônia*, divulgando os acontecimentos e enfatizando as belezas do local⁶³. Ainda destacamos a análise de *folders* de divulgação, seja do território ou dos diversos eventos que são realizados. Estes materiais, juntamente com obras biográficas dos imigrantes ou descendentes de imigrantes constituem-se como dados na conformação da identidade territorial. Entendemos, portanto, sua importância na medida em que a mídia tem um papel fundamental na construção de imaginários no mundo contemporâneo, produzindo uma visibilidade sem precedentes dos acontecimentos (novas informações, inovações, comportamentos), destacando-a como uma força fundamental para a produção de sentido e a construção identitária.

Apesar da imensa gama de dados que podem ser conhecidos por meio da utilização de múltiplas técnicas de coleta, encerramos nossa pesquisa empírica na medida em que percebemos que as informações indicavam uma saturação do 'campo', tendo em vista a repetição de argumentos, verificação de práticas comuns

⁶³ Ao total foram analisados 151 fascículos, desde seu início em 04 de agosto de 2006 a 26 de junho de 2009.

e reprodução de discursos mesmo nas diferentes técnicas aplicadas. Assim, a análise remete aos dados coletados por múltiplas técnicas de pesquisa o que percebemos como fundamental para uma pesquisa nas sociedades mais complexas.

CAPÍTULO IV – A IDENTIDADE TERRITORIAL DA QUARTA COLÔNIA: MAPEANDO NARRATIVA

As identidades, no mundo contemporâneo, conformam-se juntamente com as relações sociais que vão se estabelecendo nos espaços de sociabilidade. Estas são acionadas em um processo de afirmação ou distintividade, conformando formas de pertencimento catalisadas por variáveis culturais, territoriais, étnicas, entre outros fatores. A identidade, desta forma, é construída em torno de sistemas de significação reconhecidos e partilhados pelos sujeitos pertencentes ao grupo, bem como são reivindicados ao longo dos momentos de interação. Considerando os processos de globalização/localização e suas transformações que apontam para as facilidades de comunicação e informação, destaca-se o caráter interativo e dinâmico das relações sociais. Com isso, observa-se a diversidade de lugares, culturas e territórios que caracterizam uma realidade multifacetada, com diversas possibilidades de articulações sociais e, portanto, diversas possibilidades de pertencimento a um sistema simbólico.

No intuito de compreender a formação da identidade territorial da *Quarta Colônia* buscamos mapear e analisar a teia de significados que sustenta a narrativa identitária, a qual conforma o pertencimento ao território. Isso porque, como afirma Hall (2007, p.109), as identidades são construídas nos processos de “narrativação do eu”, o qual acontece no interior de formações e práticas discursivas com cunho específico. As identidades, portanto, são elaboradas através de narrativas que emergem no interior das construções coletivas, por meio de sinais distintivos que podem representar o grupo. Procura-se reiterar as acepções que norteiam este estudo contradizendo as concepções de identidade como fixas e estáveis e compreendendo-a como um processo de identificação nos termos de Hall (2007), ou seja, constantemente formadas a partir de práticas e discursos, bem como de posições que os sujeitos assumem ao longo de suas escolhas identitárias.

A narrativa identitária da *Quarta Colônia* é construída a partir de elementos simbólicos que compõem a teia de significados. Esta é acionada em diferentes espaços, utilizando-se de aspectos materiais e imateriais, e de construções discursivas. Têm-se, portanto, múltiplas interlocuções entre diferentes sujeitos

interlocutores, que vão tecendo sinais diacríticos, os quais são acionados pelos grupos sociais que se reconhecem enquanto pertencentes a estas identificações. É, portanto, a teia de significados que dá vida à identidade na medida em que o grupo social aciona e representa-se por meio dos símbolos. Isto revela a necessidade de mapear e interpretar os elementos que compõem a narrativa, para compreender como a identidade territorial estrutura-se.

4.1 O sentido de rede no Território *Quarta Colônia*

A experiência dos nove municípios que conformam o território *Quarta Colônia* revela-se como uma tentativa de união político-administrativa em busca do desenvolvimento desta microrregião. Por meio do Projeto de desenvolvimento Sustentável da *Quarta Colônia* (PRODESUS) diversos atores buscaram unir as forças das municipalidades em prol do desenvolvimento local. Assim, o CONDESUS (Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da *Quarta Colônia*) impulsionou a formação de uma rede de cooperação entre as esferas político-administrativas e sociedade em geral. O intuito de unir a Colônia Silveira Martins, que historicamente havia se desmembrado em núcleos coloniais e posteriormente em municípios distintos, nasceu da comparação com as colônias irmãs que estariam em um patamar de maior desenvolvimento e união⁶⁴. Como afirma Santin (1986), a Colônia Silveira Martins, em comparação com as colônias irmãs, constitui a prima pobre, a qual foi esquecida no contexto pós-colonização. Nas palavras do padre Luiz Sponchiado, a *Quarta Colônia* tornou-se a prima desconhecida entre as colônias italianas do Rio Grande do Sul (SANTIN, 1986, p.25). Para ambos os autores, a divisão da Colônia Silveira Martins em núcleos coloniais e, posteriormente, os processos emancipatórios, foram os principais motivos, dentre outros, do seu esquecimento em relação às colônias irmãs.

Desta forma, em comparação com os municípios de Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Garibaldi, seu desenvolvimento e seus atrativos provenientes do histórico

⁶⁴ As três colônias irmãs, Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Garibaldi, tiveram sua emancipação na primeira metade do século XX e se destacaram por um processo de desenvolvimento que envolveu a indústria, o comércio, bem como o turismo local. O desenvolvimento das colônias irmãs revela um processo distinto da *Quarta Colônia* Imperial, principalmente por unificarem-se através da municipalização, sem que a colônia fosse desmembrada em núcleos ou municípios. Esta constitui uma das causas apontadas por Santin (1986) para o 'esquecimento' da colônia Silveira Martins.

de imigração italiana são inevitáveis, constituindo, também, a força motriz para revitalizar a *Quarta Colônia*. Como afirma Santin (1986), foi com a comemoração do Centenário da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, em 1975, que a Ex-Colônia Silveira Martins se mostrou e passou a ser lembrada no cenário histórico do Rio Grande do Sul. O badalar dos sinos silenciados da imigração italiana na região central do Rio Grande do Sul, para Santin (1986), marcam o reviver da imigração italiana.

Ao confrontar-se com o desenvolvimento e a identidade das ex-colônias de imigração Italiana da Serra Gaúcha, iniciou-se uma tentativa de união e cooperação com a finalidade de desenvolver a microrregião que ficou conhecida como *Quarta Colônia*⁶⁵.

Quando tu vai buscar uma grande entidade, uma grande operadora do turismo, por exemplo, que pretende a ela integrante, que o Estado seja mais abrangido, não dá. Porque o programa já existe em Bento e Caxias e Garibaldi, no caso da cultura italiana. Não tem por que. Lá tem infraestrutura, tem um fluxo monstruoso. Tem uma rede fantástica em Canela e Gramado na parte alta da serra e que tem um poder econômico de divulgação. Então as operadoras trabalham nesse ramo. Aquele povo que vem pra Canela e Gramado vão para Caxias e vice-versa. Tem uma dinâmica muito... Tem uma rede hoteleira muito grande e de todos os níveis. Muito difícil de competir (J.I, Secretário Executivo do CONDESUS).

É, portanto, na reativação dos símbolos, no badalar dos sinos (SANTIN, 1986), que a *Quarta Colônia* une-se em busca do desenvolvimento da microrregião. Partindo dos novos ideais de desenvolvimento, o território confronta-se com as outras colônias italianas como um medidor das potencialidades de desenvolvimento. Como exposto na fala anterior, competir com as colônias irmãs, principalmente quanto às potencialidades culturais torna-se difícil ao se notar o fluxo turístico e a infra-estrutura 'madura' da serra gaúcha. Contudo, este confronto de realidade impulsionou a tentativa de união e construção de uma territorialidade, buscando ativar suas potencialidades.

Uma pena que a *Quarta Colônia* ficou muito atrasada na questão do desenvolvimento. Ela ficou abandonada. Mas não sei se ela ficou abandonada ou se fomos nós próprios que nos abandonamos. Ela ficou

⁶⁵ Denominação esta derivada do resgate histórico da *Quarta Colônia* Imperial de Imigração Italiana do RS.

muito tempo sem integração. Agora, de uns 20 anos para cá, é que começou a integração e, quando começou essa integração, começou, basicamente, o desenvolvimento (E.P, prefeito).

A organização em rede apresenta-se como principal ação para a visualização da *Quarta Colônia*, o que passou a conferir sentido à territorialidade. Ao analisar regiões desenvolvidas da Europa, Mior (2005) salienta que são regiões que conseguem incorporar elementos naturais e sociais como novas estratégias de desenvolvimento econômico. Para ele as novas oportunidades econômicas estão ancoradas na associação em rede, não apenas arranjos institucionais, mas relações de cooperação imersas na noção de territorialidade. A organização social, segundo Abramovay (2003), constitui uma das principais fontes do desenvolvimento na atualidade, onde o fortalecimento dos vínculos localizados constitui potencialidades para o desenvolvimento econômico. Esse fortalecimento, para o autor, vai desde a integração institucional em rede à identidade social dos atores, elementos decisivos para a constituição e consolidação de um território, o qual “consiste exatamente numa trama de relações, de significados, de conteúdos vividos pelos indivíduos que permite a construção de modelos mentais partilhados subjacentes ao sentimento de pertencer a um lugar comum” (ABRAMOVAY, 2003, p.14). Essa constituição organizacional é acionada pelos atores locais na caracterização do que significa a *Quarta Colônia*.

Então, prá mim, o principal resultado do que podemos agora identificar nesse processo é a **articulação regional** e chamar atenção para uma quantidade de elementos culturais, naturais, que são necessários aliar no processo de desenvolvimento da nossa micro-região (J.I, secretário executivo do CONDESUS).

Os depoimentos dos atores políticos envolvidos no processo de territorialização e desenvolvimento revelam, na sua maioria, a organização em rede como sua principal característica. “(...) estar organizada, ela possibilita em conjunto desenvolver ações em todas as áreas, porque individualmente nós nunca vamos conseguir” (F.M. prefeito). A formação de uma rede proporciona, na visão dos prefeitos, alcançarem objetivos que individualmente não seriam possíveis. Além

disso, muitos acionam essa conformação organizacional, em forma de consórcio, como um dos diferenciais da região.

Hoje, a *Quarta Colônia* assumiu uma posição de destaque exatamente pelo poder de **aglutinação das forças**. Então, hoje, a *Quarta Colônia* é referência na questão da organização e de se pensar junto. Essa forma de organização que pra nós veio através do CONDESUS. Então esse **poder de aglutinação através do consórcio** é citado como referência para outras regiões. Conseguir se unir para juntos conseguirmos todos os avanços na questão do turismo, e outros (C.M., prefeito).

Observa-se que as ações e projetos têm sido pensados e realizados em conjunto pelos atores políticos, o que é reconhecido por estes como a principal possibilidade para o desenvolvimento da microrregião. Diversos projetos vêm sendo realizados ao longo da constituição do CONDESUS, mobilizados por um espírito de cooperação e de sentimento de territorialidade. Projetos de sinalização turística, de educação ambiental e patrimonial, de capacitação e incentivo à agroindustrialização, bem como de formação de cooperativas de comercialização como a “Rede da Casa”. Os projetos passaram a ser pensados em nível territorial adquirindo maior força e reconhecimento em nível estadual e federal. “Eu acho que é muito mais fácil e mais barato trabalhar em rede, trabalhar no coletivo hoje” (E.P, prefeito).

A nossa atitude foi a de elevar o nome da *Quarta Colônia*. Nós fizemos a pesquisa sobre a **memória** e trabalhamos a importância que foi a imigração da *Quarta Colônia* para esta questão regional. Fomos trabalhando devagar, isso não foi fácil. Até porque muitos escondiam a italianidade, principalmente. Nós não queríamos ser chamados de colonos ou de Colônia. **E nós começamos a trazer o orgulho novamente para estas pessoas.** Com o trabalho da educação patrimonial que foi desenvolvido com a estada do Secretário de Cultura, José Itaquí, em Silveira Martins. A nossa reunião de prefeitos, mesmo sem ser oficial, nós nos reunimos para nos fortalecer. Nós fizemos um trabalho conjunto. Todas as secretarias da Educação trabalharam a educação patrimonial. **Foi quando se mexeu com o ego dos avós e dos pais através do trabalho dos netos nas escolas.** (...) Nós começamos a trabalhar também a questão turística. A questão da sustentabilidade da área ambiental dentro de um programa da Mata Atlântica. Eu acho que **foi quando se começou mostrar quem era a *Quarta Colônia*.** Aí as ações começaram a chamar a atenção dos órgãos públicos. (...) em 1996 quando batemos o martelo para a oficialização através do Consórcio. **Com o consórcio oficializado nós ficamos mais fortes.** (V.B, prefeito).

A rememoração do efeito positivo que o princípio de pensamento coletivo e regional proporcionou é afirmado por um dos atores locais que participou da idealização e das primeiras ações que culminaram com a formação do CONDESUS. A afirmação de uma identidade territorial é acionada na narrativa que reconhece o resgate e valorização cultural como uma das principais ações para a conformação da territorialidade. Partindo disso, diversas ações foram realizadas conferindo reconhecimento à rede que se conformou ao longo dos anos, oficializada pelo Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da *Quarta Colônia* (CONDESUS).

Dentre as ações, o incentivo à agroindustrialização tem um sentido afirmativo na medida em que constitui uma alternativa de renda para as famílias e potencializa o desenvolvimento local. A materialização do sentido de rede é observada na formação de uma cooperativa organizada com o objetivo de promover as ações de comercialização em conjunto. O projeto 'Rede da Casa' vem sendo trabalhado afirmando uma rede de comercialização da produção da *Quarta Colônia*. O projeto visa transformar a 'Casa da *Quarta Colônia*', construída às margens da RSC 287, em uma vitrine dos produtos do território, constituindo, assim, um espaço de divulgação e de comercialização.

Estas ações têm sido muito boas, porque nosso problema principal aqui é a comercialização. Todos sabem produzir muito bem. Mas o problema é a comercialização. Na Rede da Casa são mais de 100 estabelecimentos conveniados, 33 sócios fundadores. Acho que, quando abirmos, vai ser um ótimo local para vender os produtos (G.B, proprietário de padaria).

Além da Rede da Casa, a Mostra Gastronômica constitui um evento realizado pelos empreendedores da *Quarta Colônia*, organizados a partir da Rota Gastronômica *Quarta Colônia*, como iniciativa do CONDESUS. Revela-se um espaço para apresentar os produtos e serviços que podem ser consumidos pelos visitantes. Um espaço de projeção da *Quarta Colônia*, uma marca que vem sendo construída e fortalecida por meio das ações conjugadas. "Juntos somos mais fortes" (J.I, CADERNO *QUARTA COLÔNIA*, nº38, 20-04-2009, p.02). A frase enaltece a rede como primordial na concretização da territorialidade, desvelada pelo sentido de pertencer e de acionar o coletivo. Instância em que ações são conjugadas a partir do

entendimento de que a articulação apresenta benefícios ao fortalecer uma marca territorial.

Esse fazer junto não nasce da noite para o dia, ele faz parte de um processo de articulação e de diálogo entre os mais diversos segmentos que estruturam a economia da *Quarta Colônia*. É um olhar alargado, onde os atores começam a perceber que os seus negócios fazem parte de um todo articulado nos diferentes segmentos da economia local/regional. Esse é um novo olhar, melhor, um passo qualificador que reconhece a incidência concreta do outro na formatação e no desenvolvimento de um negócio (J.I, CADERNO QUARTA COLÔNIA, nº38, 20-04-2009, p.02).



Figura 2: Logomarca da *Quarta Colônia*.

A projeção do território, por meio de suas potencialidades acionadas, vem definindo e consolidando uma marca, a qual, constantemente é acionada como identificadora dos produtos, serviços ou demais potencialidades. Acionada nos folders de divulgação e nos produtos agroindustrializados, o visual da arquitetura colonial italiana representa o sentido do território, o qual se consolida sob suas potencialidades histórico-culturais e pelo seu sentido coletivo.

Contudo, uma questão por vezes instiga o sentimento de rede e de territorialidade, sendo acionado como limitador da consolidação desta identidade territorial. A formação territorial acionada pelo CONDESUS vai além das delimitações da antiga Colônia Silveira Martins, perpassando parte do território originário da antiga Colônia Santo Ângelo. Agudo, Restinga Sêca e parte dos municípios de Dona Francisca e Nova Palma são locais colonizados por imigrantes alemães, que ocuparam o loteamento a eles destinado na primeira metade do

século XIX. A constituição do território *Quarta Colônia* que contempla os municípios de Faxinal do Soturno, São João do Polêsine, Pinhal Grande, Nova Palma, Silveira Martins, Ivorá, Agudo, Dona Francisca e Restinga Sêca apresentam uma demarcação territorial de origem colonial italiana e alemã, espaços loteados no século XIX pelo governo imperial para a ocupação de imigrantes advindos da Alemanha e da Itália.

A própria marca, exposta anteriormente, ilustra a representação de uma construção típica italiana, o que, no passado, era acompanhada pela denominação *Quarta Colônia de Imigração Italiana do RS*. Com a constituição do CONDESUS, que abarcou a delimitação territorial impressa nos sete municípios de origem italiana e os dois municípios de origem alemã, reconhecendo a diversidade étnica existente, a marca passou a ser acionada apenas como *Quarta Colônia*. Porém, a o sentido da italianidade continuou como a única representação impressa na marca, a qual vem se consolidando.

No entanto, os municípios etnicamente distintos da origem italiana não são observados pelos atores políticos como impasses para o desenvolvimento da rede *Quarta Colônia*. Nos depoimentos e discursos, as diferentes origens étnicas são relacionadas como uma estratégia importante de reivindicação de uma territorialidade multiétnica, bem como, os municípios historicamente pertencentes à colônia alemã são acionados pela sua importância e proximidade geográfica e econômica para o desenvolvimento. Na opinião de todos os atores políticos entrevistados, a organização da *Quarta Colônia* referenciada pelos nove municípios apresenta maiores possibilidades e maior força para o desenvolvimento regional.

Quando a gente vende ela, sempre a marca é a *Quarta Colônia*, aquilo que no passado era um vergonha, hoje nós temos como referência para a nossa região e está se afirmando por isso, mas que tem uma unidade entre os prefeitos. Então quando nós falamos para fora do Rio Grande do Sul, em imigração italiana vai estar sempre em mente das pessoas a Serra, e nós temos que ver, que quando estiver em mente que nós vamos para uma região que tem uma imigração italiana, que tem uma imigração alemã, que tem uma microrregião, que tem uma diversidade muito grande, também tem que contar esse diferencial (F.M., prefeito).

A opinião acima revela a caracterização multiétnica do território como um diferencial em relação às colônias irmãs. Assim, a diversidade de características oriundas de uma multiplicidade étnica constitui a narrativa reivindicada hoje como

caracterização do que constitui a identidade territorial da *Quarta Colônia*. Na opinião de quem participou deste processo político-administrativo desde o princípio, a união dos sete municípios de colonização italiana com Restinga Sêca e Agudo não foi pensada desta forma, sob limites para o desenvolvimento. Houve, segundo entrevistados, um pensamento coletivo entre os prefeitos da época no sentido de uma estratégica proximidade geográfica e de consensos. Para os agentes políticos, portanto, não há resistências, nem limites para a demarcação territorial conformada pelos nove municípios.

4.2 Elementos simbólicos da Identidade Territorial

Como parte do processo de construção do sistema simbólico, a memória constitui a referência para a narrativa, como uma releitura de elementos considerados importantes para a formação de pertencimento grupal no presente. A narrativa revela uma construção imaginária de sentido, as formas pela qual as comunidades de pertencimento são ordenadas para a identificação e a distinção entre o *nós versus o eles*. Constitui, assim, um sistema de representação coletiva que expressa uma releitura de elementos históricos e culturais da memória, a qual apresenta características particulares como: a temporalidade, a seletividade, a criatividade, a negação, etc. Partindo disso, a narrativa deve ser compreendida em sua dimensão temporal, além de uma relação entre a experiência individual e a coletiva. Em suma, a memória conforma uma relação direta com a narrativa justificando a necessidade de analisar e compreender suas características e influências para a construção identitária.

Configurando o território *Quarta Colônia*, apresenta-se um processo de construção de um sistema simbólico atribuído com o intuito político-administrativo de promover a microrregião, tendo em vista as oportunidades promovidas pelo processo de globalização e as tendências da lógica cultural contemporânea. Diversas ações são realizadas na busca por potencializar os recursos culturais, sociais e naturais. Bem como por estabelecê-los como sinais distintivos para a constituição da identidade territorial e conformação de um pertencimento que alcance bases de cooperação e sinergias. As ações promovidas pelo CONDESUS desencadearam um processo de afirmação de elementos ativos como forma de

promover uma região caracterizada e delimitada pelos seus aspectos culturais, sociais e naturais e justificados pelas necessidades de desenvolvimento econômico para a região. Este processo deu forma à constituição de uma territorialidade demarcada pelas características culturais, principalmente étnicas, acionadas como estratégias de distintividade da microrregião.

Diante disso, os meios de divulgação em nível local ou regional produzidos pelo CONDESUS, são propícios para mapear a teia de sentidos que sustenta a narrativa identitária, pois buscam projetar o território. Meios que buscam distinguir o *nós* do *eles* e, assim, apresentam a narrativa de afirmação territorial e de distintividade com os que o visitam ou consomem⁶⁶. Dentre eles, destacam-se os folders de divulgação e o *Caderno Quarta Colônia*. Nossa ênfase nos folders de divulgação e no fascículo publicado semanalmente no jornal Diário de Santa Maria se dá pela sua projeção em nível externo. São produzidos com o objetivo de projetar a identidade territorial potencializada para atrair um público consumidor e, portanto, aciona símbolos e sentidos que constroem a imagem do território. Os sinais diacríticos acionados neste espaço constituem a forma como o território tem se apropriado dos seus elementos. Analisando sob a constituição de uma identidade territorial e, desta forma, coletiva, os meios de comunicação e especialmente o *Caderno Quarta Colônia*, são formadores e propagadores do imaginário territorial e, como tal, torna-se importante analisarmos que elementos estão sendo projetados como constitutivos da territorialidade.

O *Caderno Quarta Colônia* é publicado semanalmente, às sextas-feiras, no jornal Diário de Santa Maria, desde o dia 04 de agosto de 2006. Analisamos, portanto, três anos de publicação e de divulgação do território *Quarta Colônia* o que contabilizou cerca de 150 fascículos. Os acontecimentos, as potencialidades culturais, naturais, gastronômicas, religiosas; os sujeitos locais e suas atuações são positivamente acionados como referenciais do território. Dentre estes, destaca-se que a territorialidade é apresentada sob a caracterização cultural e étnica, onde os saberes e fazeres constitutivos da multiplicidade étnica são reivindicados como peculiaridades do território. Desta forma, o imaginário construído pelos meios de divulgação expõe a multiplicidade cultural e étnica ancorado em um discurso de união e cooperação entre os municípios que o compõem.

⁶⁶ Pensando na lógica de consumo contemporâneo, expressa-se nesta frase também o próprio consumo das identidades.

A própria discursividade do encarte apresenta-se como uma forma de projetar a microrregião, o qual é ancorado em temas como: Turismo, Gastronomia, Eventos, História, Religião, Desenvolvimento, Comunidade, Ciência, Cultura e Sociedade.



Figura 3: Caderno *Quarta Colônia*, nº 57, 31 de agosto de 2007.

Assim, o *Caderno Quarta Colônia* atua como um instrumento de construção da identidade territorial na medida em que projeta elementos da narrativa acionados de forma coletiva. Através deste meio a identidade territorial é narrada e apresentada pelas suas reivindicações que expressam uma organização coletiva em busca de um objetivo, sempre presente, o desenvolvimento regional. Assim sendo, juntamente com outros locais de reivindicação identitária, a publicação semanal cria um imaginário territorial em todos os receptores. Nas palavras do Secretário Executivo do CONDESUS, as edições do *Caderno Quarta Colônia*

(...) nos permitiram, mais que divulgar produtos, estabelecer um diálogo sobre coisas comuns e que fazem o cotidiano dos homens e das mulheres da *Quarta Colônia*. Neste espaço, na materialidade do documento escrito, temos buscado refletir sobre os padrões construídos e a necessidade de flexibilizá-los com novos olhares, rompendo com as leituras lineares e excludentes, não só com o objetivo de criar novos paradigmas, mas de conceituar o regional na complexidade das suas potencialidades de

desenvolvimento. (...) A riqueza deste processo está no reconhecimento dos campos de força que dinamizam e dão vida à sociedade, o jogo está sem reconhecer as necessidades individuais, na concertação das diferenças e na busca pela sustentação pelo interesse comum. Com esta linha editorial, este caderno tem sido construído (CADERNO *QUARTA COLÔNIA*, nº 53, 03 de agosto de 2007, p.01).

A narrativa de valorização e de positividade semanalmente apresentadas no *Caderno Quarta Colônia* integram uma diversidade cultural e étnica como uma expressão da cooperação e união territorial. Como indicado no discurso acima, a propagação dos elementos como sinais diacríticos de uma identidade territorial visam à integração das forças locais, as quais vão se formando em um processo relacional entre a busca por afirmação e por distintividade. Ou seja, a integração local expõe um sentimento de pertencimento e de cooperação onde os atores afirmam-se entorno de uma identidade coletiva com um objetivo específico, que ao acionar, distinguem-se externamente; ao mesmo tempo em que a positividade desta integração e dos elementos potencializados instiga a valorização interna e a ressignificação do sentimento identitário. Contudo, isso constitui um processo onde as amarras territoriais encontram-se em constante construção e afirmação em uma relações de negociação identitária⁶⁷.

4.2.1 Cultura, ecoturismo, religiosidade e gastronomia: potencialidades ressaltadas

As dimensões culturais e naturais são as potencialidades acionadas para a divulgação do território. Essa projeção aparece nas divulgações promovidas pelo Consórcio de Desenvolvimento Sustentável da *Quarta Colônia* (CONDESUS), a organização político-administrativa que delimita o território com vistas a potencializar o desenvolvimento territorial. Por conseguinte, ao analisar folders e materiais jornalísticos produzidos por esta rede verifica-se a dimensão natural e cultural como fonte de significação para a identidade. Primeiramente, o patrimônio natural correspondente ao território refere-se a uma dimensão considerável da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, a qual recebeu reconhecimento e financiamento de

⁶⁷ As negociações e manipulações identitárias serão abordados no capítulo VI.

órgãos como a UNESCO⁶⁸. Desta forma, o território ganhou reconhecimento global como área de preservação e de recursos naturais singulares. O patrimônio cultural relaciona-se às manifestações imateriais e materiais que compõem o cenário colonial. Percorrem o universo do patrimônio cultural, os saberes e fazeres artesanais, gastronômicos, arquitetônicos, bem como as representações da religiosidade.

Diante da magnitude do patrimônio natural e ancorado no conceito de desenvolvimento sustentável, realizaram-se atividades que buscaram impulsionar um sentimento de responsabilidade compartilhada e envolvimento comunitário na preservação destas áreas. No contexto contemporâneo, a valorização da natureza e da diversidade cultural, as ações de ecoturismo, de conservação de comunidades tradicionais e de agricultura sustentável passaram a ser atributos relevantes para o desenvolvimento. Características ressaltadas no contexto da *Quarta Colônia* a partir da década de 1990, momento em que ações de educação ambiental e patrimonial, e atividades de ecoturismo e gastronomia, passaram a ser incentivadas permitindo, ao longo dos anos, transformações significativas no contexto local. A narrativa identitária aciona suas riquezas naturais no folder de divulgação turística:

A *Quarta Colônia*, área prioritária da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, está situada entre os campos e várzeas da Depressão Central, vales dos contrafortes da Serra Geral e os campos do Planalto. Com ambientes de rara beleza esta região preserva fragmentos de uma das florestas mais ameaçadas do Rio Grande do Sul. Na *Quarta Colônia*, a Floresta Estacional Decidual possui uma grande diversidade de espécies vegetais e animais. São nestas matas que cobrem as serras emoldurando campos, plantações e cidades, que está o grande patrimônio da *Quarta Colônia*. Percorrer os vales, trilhas, arroios e rios, banhar-se nas cascatas são **vivências únicas** onde a natureza é muito mais que um cenário, é vida (FOLDER DE DIVULGAÇÃO DO ECOTURISMO, CONDESUS).

As projeções referentes ao patrimônio natural do território, assim, são acionadas em consonância com as preocupações ambientais em pauta no mundo inteiro e que representam atrativos aos visitantes. São significações em construção, desencadeadas pelas inquietações ambientais que assolam a sociedade atual. São também apropriações a partir da relação entre significações semânticas da natureza,

⁶⁸ Como já referenciado no capítulo III, a problemática ambiental global proporcionou que órgãos preocupados com a questão ambiental, acionassem fundos para prevenir a deterioração de ecossistemas e recursos naturais, possibilitando o reconhecimento e o financiamento de áreas de preservação como “Reservas da Biosfera”. Na década de 90, a região da *Quarta Colônia* foi reconhecida e recebeu financiamento de órgãos como a UNESCO e o Banco Mundial para a preservação da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.

do rural, da tranquilidade, da aventura e do saudável⁶⁹. Estas representações estão presentes no imaginário social sobre o 'rural' e a natureza e são acionadas pelas localidades com o intuito de potencializar o seu patrimônio natural como um dos elementos essenciais para o desenvolvimento territorial.

A tentativa de promoção do turismo por meio do aproveitamento do potencial natural da microrregião é expressa na insistente busca de projeção destas potencialidades. O folder criado para divulgação do ecoturismo na microrregião apresenta as possibilidades de trilhas e esportes de aventura.

Aventure-se na *Quarta Colônia*! Por terra, água ou ar, tudo depende do seu estado de espírito e do seu fôlego para esta aventura. Por terra, percorra as trilhas em contato com um verde deslumbrante, árvores nativas e belas cachoeiras. Você pode entrar em contato com os costumes e hábitos da região visitando propriedades rurais e integrando-se ao dia a dia, descendo morros de "esquibunda" ou andando de carroção. Por água, pode se encantar com um passeio de barco entre canyons que revelam recantos da região, ou pelos rios, embarcando na emoção do ducking, com um pouco mais de aventura. Se quiser momentos de relax, pode banhar-se nos balneários e área de lazer. Agora se tiver ainda mais fôlego, vá pelo ar, a *Quarta Colônia* tem lugares lindos para salto de paraplanagem ou asa delta. A opção é sua. É só escolher! (FOLDER DE DIVULGAÇÃO DO ECOTURISMO, CONDESUS).

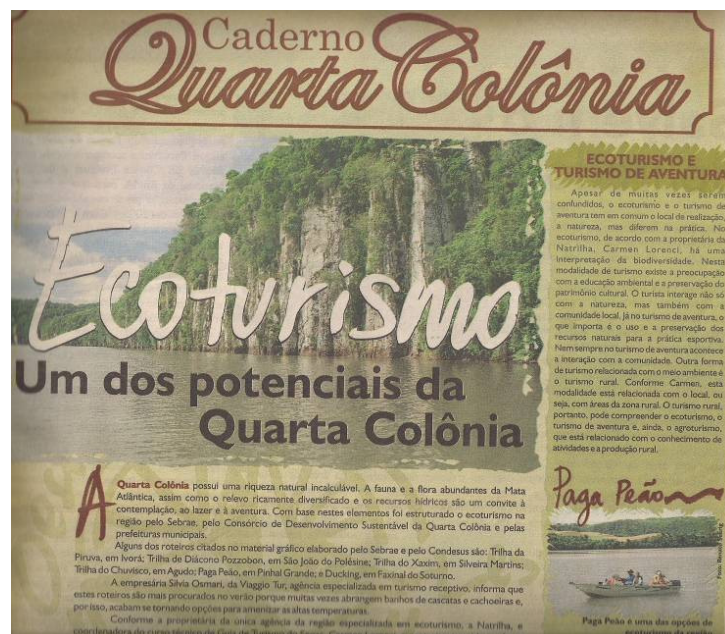


Figura 4: Reportagem do Caderno *Quarta Colônia* sobre as potencialidades do Ecoturismo na *Quarta Colônia*. Caderno *Quarta Colônia* nº 05, 01-09-2006, p.01.

⁶⁹ Para maiores compreensões sobre os sentidos do rural e da natureza na contemporaneidade, ver Froehlich (2002).

A descrição em tela ressalta os benefícios de estilos de vida caracterizados pela calma do contato com a natureza, do consumo de paisagens naturais, da saudável prática de esportes, de aventuras e do lazer a partir de distintivos naturais. Dentre as opções de usufruto da natureza são divulgadas as seguintes alternativas: Trilha da Piruva, em Ivorá; trilha do Diácono e as trilhas de Vale Vêneto em São João do Polêsine; a trilha do Xaxim em Silveira Martins; a trilha do Chuvisco em Agudo; O Paga Peão, passeio de barco em Pinhal Grande; e o Ducking pelo Rio Soturno (FOLDER TURÍSTICO “ECOTURISMO”; CONDESUS). A potencialização dos recursos naturais para o turismo envolve, portanto, a apreciação, atividades físicas como caminhadas, esportes radicais, passeios de barco, banhos de cachoeira ou em balneários, etc. Além disso, a divulgação das possibilidades de turismo na região são apresentadas no Folder Turístico de “Roteiros Integrados” que expõe alternativas de visitas que integram os aspectos naturais e culturais (gastronomia, religiosidade, produtos artesanais da agricultura familiar, etc.).

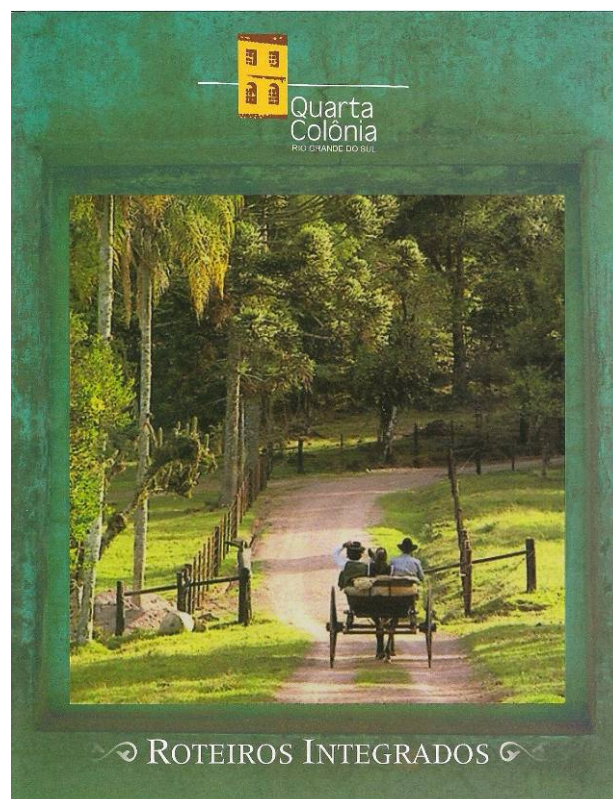


Figura 5: Folder de divulgação turística sobre Roteiros Integrados, CONDESUS.

Os roteiros turísticos expressam a busca por integrar a região dentro da perspectiva de atrair maior número de visitantes. Os roteiros são organizados em um dia para cada município com a possibilidade de escolher as atividades de acordo com cada local, bem como com opções para mais de um dia. A diversidade de opções tem como objetivo maior possibilitar a permanência dos visitantes por um tempo maior na região, por esta razão, a integração do território é fundamental visando o aumento das opções.

Quadro 1: Roteiros integrados para o turismo na *Quarta Colônia*

<p>Roteiro 01: Agudo</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saída aos sábados, domingos e feriados, com reserva antecipada; - Recepção ao grupo e passeio pela cidade percorrendo os principais pontos de atração: Praça Emancipação, Instituto Cultural Brasileiro Alemão, Casa da Cultura/Associação de Artesãos. - Almoço típico alemão. - Visita a Usina Hidrelétrica de Dona Francisca. - Visita ao balneário Drews, com degustação de produtos coloniais e mostra de artesanato. Neste local é realizado o Concurso da Garota Verão de Agudo. - Retorno a cidade e jantar no restaurante Schüller com cardápio típico alemão e bandinha alemã.
<p>Roteiro 02: Dona Francisca</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saída aos sábados, domingos e feriados, com reserva antecipada. - Recepção ao grupo e café da manhã. - Passeio percorrendo os principais pontos de atração da cidade: Teleférico, Parque Municipal, Igreja Matriz e Casa da Cultura. - Almoço Típico Italiano. - Visita a uma agroindústria de derivados de cana-de-açúcar. - Café da Colônia.
<p>Roteiro 03: Faxinal do Soturno</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saída aos sábados, domingos e feriados, com reserva antecipada. - Chegada em Faxinal do Soturno, recepção e saída para realização de um passeio pela cidade: Igreja São Roque e Praça Vicente Palotti. - Visita ao Museu Fotográfico Ir. Ademar e o Santuário da Mãe Três Vezes Admirável. - Almoço. - Saída para Novo Treviso, visita a Igreja de São Marcos e Casa Paroquial. - Subida ao Cerro Comprido para visitação a Ermida de São Pio e contemplação das paisagens de morros, vales, várzeas e planícies da <i>Quarta Colônia</i>. - Retorno à cidade com parada para degustação e compra de produtos coloniais.
<p>Roteiro 04: Ivorá</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saídas nos sábados, domingos e feriados, com reserva. - Recepção ao grupo e subida ao Monte Grapa. - Almoço. - Visita a Casa Museu Alberto Pasqualini, ao conjunto arquitetônico da Igreja Matriz, à Cruz Luminosa e a Artivorá. - Visita a Capela São Miguel na Comunidade do Barreiro. - Encerramento no Balneário Recanto do Moinho com Café da Colônia.
<p>Roteiro 05: Nova Palma</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saída aos sábados, domingos e feriados, com reserva antecipada. - Recepção ao grupo na Praça Padre João Zanella. - Visita a Igreja Matriz Santíssima Trindade e ao Centro de Pesquisas Genealógicas (CPG) que guarda a memória da colonização da <i>Quarta Colônia</i>. - Almoço. - Visita à Cascata do Bellé, paisagem privilegiada a 3 km, a Gruta Nossa Senhora de Lourdes, Padroeira de Nova Palma, e ao Balneário Municipal.

- Encerramento com Café da Colônia na Pizzaria Pança Piena.
<p>Roteiro 06: Pinhal Grande</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saída aos sábados, domingos e feriados, com reserva antecipada. - Recepção e saída para o Sítio Somavilla, onde será percorrida a trilha do Pororó, caminhada ao meio da mata nativa. Neste local são encontrados vestígio de culturas pré-históricas. - Almoço típico. - Saída para o “Paga Peão”: Roteiro de passeios de barco no alague da barragem de Itaúba/Rio Jacuí. Os passeios são feitos entre os canyons e recantos de grande beleza natural. - Retorno à cidade com parada no Centro de Cultura e Museu Municipal, degustação de vinhos, sucos de uva, queijos e embutidos.
<p>Roteiro 07: Restinga Seca</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saída aos sábados, domingos e feriados, mediante reserva antecipada. - Recepção do grupo na Praça Central e logo após um passeio, onde serão visitados os seguintes pontos da cidade: Igreja Matriz, Quiosque da Praça, Estação Férrea (local de nascimento de Iberê e onde trabalhavam seus pais) e ao Monumento em homenagem a Iberê Camargo. - Saída para o Buraco Fundo (formação geológica oriunda de processos erosivos), e, no verão, visita ao Balneário das Tunas. Retorno à cidade e visita a uma Cantina Colonial com degustação e venda de produtos coloniais. - Almoço. - Visita a antiga Oficina Homrich e logo após prosseguimento da viagem pela <i>Quarta Colônia</i>.
<p>Roteiro 08: São João do Polêsine</p> <ul style="list-style-type: none"> - Chegada em São João do Polêsine, onde será realizado um passeio pela cidade Igreja São João Batista, Máquina a Vapor e Museu Municipal. - Visita à Agroindústria Giacomini e degustação de produtos coloniais. - Visita ao Complexo João Luiz Pozzobom. - Almoço Típico Italiano. - Visita a Vale Vêneto, Distrito Turístico e passeio pela cidade: Praça e Monumento à Polenta; Museu do Imigrante Pe. Iop e Igreja de Corpus Christi. - Visita à propriedade rural de Leo Londero, um sobrado centenário com estilo típico colonial da região. - Visita ao Moinho colonial da Família Brondani. Degustação e compra de cachaça, licores e graspa fabricados no local. - Parada na Loja Angelita Artegiato, local de compras de artesanato da região. - Retorno à sede do município, passando pelo Sítio da Vovó, com degustação de produtos típicos coloniais e compras. - Café da Colônia com deliciosos produtos típicos da região.
<p>Roteiro 09: Silveira Martins</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saída aos sábados, domingos e feriados, com reserva antecipada. - Recepção do grupo e passeio pelo Centro Histórico: Igreja Santo Antônio de Pádua, Praça Garibaldi, Centro Cultural Bom Conselho e Museu do Imigrante. Visita a dois pontos de venda de produtos coloniais e souvenir. - Visita ao Conjunto Histórico da Pompéia. - Saída para a Chácara Santa Eulália, degustação e compras de aquavit e vinhos fabricados no local. - Segue-se para a Quinta Dom Inácio, local de almoço (opção de comida típica italiano ou cardápio campeiro). Pode-se optar por fazer uma trilha com cascata ou passeio de charrete ou a cavalo. - Retorno à cidade para Café no Fundo de Quintal (somente aos domingos) ou no Restaurante La Sorella. - Saída passando pelo Monumento do Imigrante: obra em homenagem aos imigrantes e seus descendentes. O local oferece um mirante com vista para Val de Buia e as montanhas com matas preservadas.

Fonte: Folder Turístico “Roteiros Integrados” (CONDESUS, 2005).

O apelo turístico microrregional indica a organização em rede e a integração de uma diversidade de aspectos ressaltados com o objetivo de atrair os visitantes. Além das belezas naturais e dos roteiros organizados, a religiosidade, a gastronomia

e a cultura de maneira geral são os elementos acionados para a atratividade do território. “Inspire sua fé na *Quarta Colônia*” (FOLDER TURÍSTICO, CONDESUS, 2005) é a chamada impressa na estratégia de divulgação do território que é acompanhada por um discurso de exaltação da fé e dos rituais existentes na microrregião e que podem ser ‘consumidos’ pelos visitantes.

Nas culturas das comunidades da *Quarta Colônia*, independente da origem étnica de seus habitantes, a fé tem um papel fundamental e ela se manifesta das mais diferentes formas. Das mais singelas, uma cruz marcando um evento no caminho, nos capitéis, nas capelas ou na monumentalidade das igrejas. Nestes templos do sagrado a vida se revela e se transforma também em festa. E são nas festas dos santos e santas de todas as horas que as comunidades, independentes de sua confissão religiosa, têm um dia marcado para em procissão consagrar os ritos da vida e da morte (FOLDER TURÍSTICO RELIGIOSIDADE, CONDESUS).

A religiosidade é expressa como fonte de significação para o território, ressignificando a materialidade das edificações históricas e a imaterialidade dos mitos e ritos operacionalizados para o ‘consumo’ do público. Assim, as construções que historicamente fazem parte do cenário da *Quarta Colônia*, como um dos principais símbolos da união comunitária, visto que as localidades eram formadas entorno das igrejas construídas pelos próprios imigrantes, são potencializadas como atrativos turísticos e como parte da paisagem do território. Além disso, as igrejas são reconhecidas e identificadas por padroeiros, os quais são celebrados anualmente em um ritual festivo que representa a união comunitária. A descrição de exaltação da religiosidade não revela apenas a materialidade das construções religiosas, mas os aspectos sociais e culturais que se manifestam nos rituais⁷⁰.

A arquitetura, que se convencionou chamar de colonial, é constantemente acionada na narrativa identitária que revigora uma exuberância distintiva e que ressalta a significação cultural e histórica presente nas combinações de tijolos e madeiras dispostos nas construções. São nestas e em diversas manifestações materiais e imateriais que está expresso o sentido da identidade cultural e, neste caso, territorial, dos habitantes da *Quarta Colônia*. Analisando os elementos impressos nas estratégias de divulgação observou-se que a cultura aparece de forma geral contemplando a reivindicação de uma identidade territorial que se apóia, principalmente, nos elementos culturais fruto de negociações interétnicas.

⁷⁰ Os rituais serão analisados no próximo item.

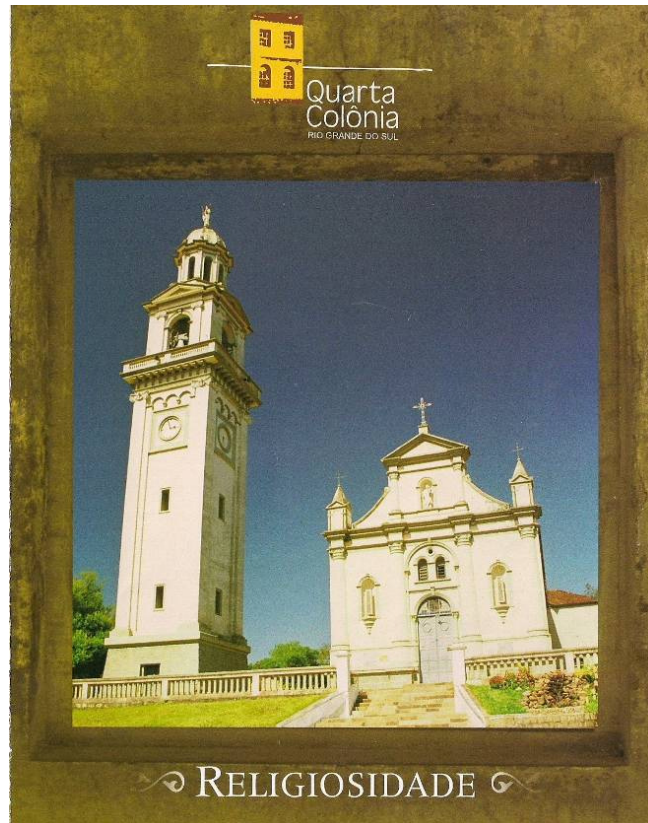


Figura 6: Folder de divulgação turística da religiosidade e dos eventos religiosos. CONDESUS.

O patrimônio material edificado pelos colonizadores constitui referência potencializada na *Quarta Colônia*. A arquitetura representa uma história que permanece viva nas construções, principalmente de cunho religiosos. As igrejas católicas são reverenciadas como patrimônio, apreciadas pelos detalhes arquitetônicos e decorativos, construídas pelos pioneiros e colonizadores. Como tradição religiosa, os primeiros colonizadores demarcavam seus espaços comunitariamente construindo belas e imponentes igrejas, símbolo da fé e da cooperação dos colonos.



Figura 7: Centro Histórico da Pompéia, localizado na comunidade Pompéia em Silveira Martins. Foto da autora.

Dentre as construções mais antigas destaca-se a Igreja da Pompéia, hoje identificada como um centro histórico edificado sob técnicas de construção peculiares para a época. Foi construída com dinheiro doado por um colono como cumprimento de uma promessa. Além disso, como a maioria das igrejas locais, foi erguida pelos próprios colonos, que se uniam em *mutiron* para a edificação dos templos religiosos. Cada qual com sua história peculiar, as construções remetem ao passado colonial rememorado através de rituais que são reproduzidos no presente pelos descendentes. Além das igrejas, casas e prédios construídos pelos antigos também são preservados com o intuito de resguardar um cenário colonial. Muitas das casas ou prédios vêm sendo restaurados, por meio de políticas de preservação e restauração, compondo uma paisagem bucólica e nostálgica. Esta, por sua vez, ao mesmo tempo em que atrai o público externo, eleva a auto-estima dos habitantes locais, catalisando sinergias e identificações.



Figura 8: Arquitetura antiga preservada na *Quarta Colônia*. Respectivamente, prédio residencial em Silveira Martins, Centro Administrativo de Ivorá e Colégio Bom Conselho em Silveira Martins. Fotos da autora.

A arquitetura como representação da cultura e da identidade étnica colonial, destaca-se, principalmente pela sua fonte de significação da memória coletiva. Visualizada, anteriormente, sob a representação do antigo, do 'velho', em um sentido pejorativo que significava a 'casa', transpõe hoje um sentido valorativo do belo, da cultura preservada sob as pedras da cidade. Por meio de ações educativas de valorização do patrimônio cultural e natural, o 'velho', estigmatizado, adquire um sentido suntuoso ao representar a materialidade da cultura local, a cultura dos antigos. Legado histórico reproduzido em um espaço específico para a composição histórica do local. O cenário do Parque Histórico Municipal de Dona Francisca,

aciona o ‘antigo’, os objetos e construções dos antigos colonos alemães e italianos que, segundo a narrativa de origem, demarcaram o território.



Figura 9: Réplicas de uma casa alemã e italiana, respectivamente. Parque Histórico Municipal Obaldino Tessele, Dona Francisca. Fotos da autora.

Replicadas a partir de casas localizadas na comunidade de Trombudo, localidade de Dona Francisca, as edificações remetem à união entre as duas colônias vizinhas, Santo Ângelo (alemã) e Silveira Martins (italiana). Reproduzidas como partes de um cenário museificado, são acompanhadas por peças e utensílios do cotidiano dos antigos colonos, ferramentas e máquinas para a produção agrícola e artefatos corriqueiros nos arredores das antigas casas coloniais, como o forno de barro e a roda d’água. Recriações de uma realidade que compõe o ‘tempo dos antigos’⁷¹, materializada sob um cenário que instiga à lembrança e reativa uma temporalidade constantemente revisitada para a afirmação identitária. As edificações são elementos acionados como parte da cultura local, reivindicada pelos materiais de divulgação.

O Patrimônio consiste em um legado histórico herdado por sujeitos que seletivamente resgatam e resguardam elementos que devem ser disponibilizados às

⁷¹ “O tempo dos antigos não é um tempo cronologicamente datado, é antes uma construção simbólica sobre o passado. Para alguns descendentes, o tempo dos antigos era o tempo dos pioneiros, para outros era o tempo dos pais e avós e para aqueles descendentes que haviam efetuado a trajetória do campo para a cidade, o tempo dos antigos poderia ser encontrado no mundo de seus pais, presos a uma ordem de mundo camponesa ainda. O tempo dos antigos, portanto, é uma construção simbólica que quer expressar uma mudança de ordem de mundo, de rupturas entre a tradição e a contemporaneidade” (ZANINI, 2004, p.13).

gerações futuras. Há desta forma, uma apropriação simbólica dos objetos ou de um conjunto de objetos que conferem sentido à identificação (BALLART, 1997). Um conjunto de elementos elevados à categoria patrimonial que imprimem marcas, as quais delimitam 'quem sou eu' ou 'quem somos nós'. Valorações que são resgatadas, preservadas como elemento identitário, e também potencializadas com objetivos turísticos.

A composição patrimonial edificada e preservada faz parte de um cenário elaborado por objetivos turísticos, os quais, em consonância com o mercado consumidor, apelam para a qualidade estética. As paisagens, compostas por um arranjo patrimonial, são definidas por uma composição estética carregada de significados e que possibilitam até mesmo a espetacularização da vida cotidiana. Uma simulação de um tempo pretérito que se materializa nas pedras resgatadas e nas manifestações reproduzidas com um objetivo específico. São composições da narrativa essenciais para a promoção do turismo e que acabam difundindo um contexto de sinergias e identificações.

O legado histórico-cultural da *Quarta Colônia* é reconhecido sob diversos aspectos da vida cotidiana dos seus habitantes, conferindo sentido à sua conformação territorial.

A cultura está nas ruas, nos prédios, nas praças, nas formas de ser e fazer das pessoas. Ela está em cada produto material e imaterial fruto da nossa ação. Como programa a cultura é um processo aberto, dinâmico e a sua expressão assume tantos rostos, formas, ritmos e movimentos quantos forem os seus atores. Na *Quarta Colônia* ela é palavra, dialetos alemães e italianos, artesanato, prédios, lavouras, o badalar dos sinos, a gastronomia, as danças, os cantos populares e religiosos. A cultura é uma herança renovada a cada dia e nos cabe o papel de entendê-la, protegê-la e qualificá-la como um patrimônio individual e coletivo (FOLDER TURÍSTICO CULTURA, CONDESUS).

Os aspectos da vida cotidiana são elementos constantemente revisitados para a reivindicação identitária, o que pode ser percebido na divulgação da cultura local. Logo, distintas manifestações e produções dos sujeitos são ativadas como expressão cultural que confere sentido ao território. Contemplam um conjunto de elementos culturais, desde as apropriações lingüísticas de um modo característico de falar, as paisagens fruto das ocupações humanas, aos saberes e fazeres criados pelas práticas de reprodução de uma cultura étnica, a partir da necessidade por sobreviver em meio às dificuldades em um novo mundo. Contudo, manifesta-se no

discurso a compreensão de que a cultura não é estática e que, ao longo dos anos e das interações entre os grupos sociais, desenvolveram-se características próprias de um território marcado pela interação étnica.

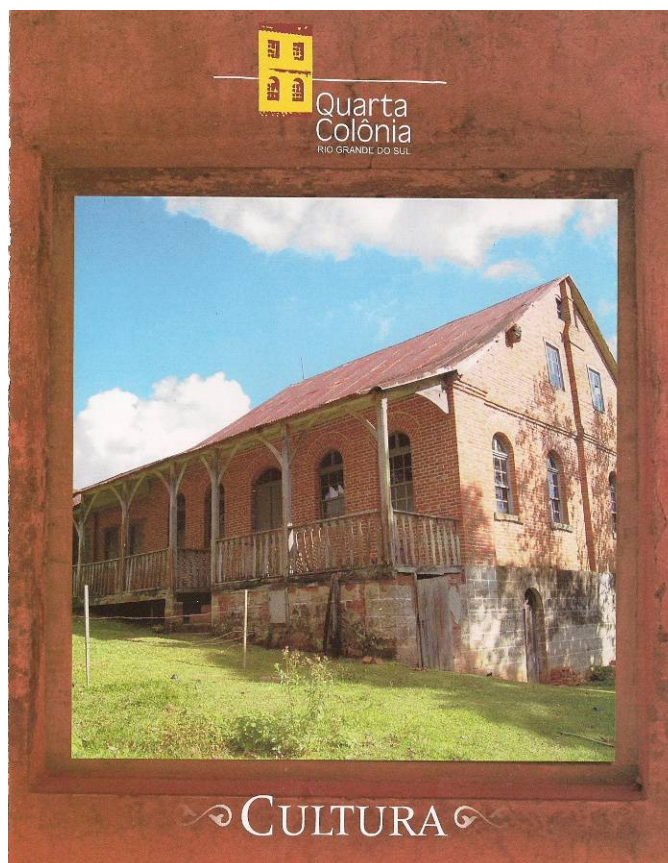


Figura 10: Folder de divulgação turística sobre a Cultura da *Quarta Colônia*. CONDESUS.

Dentre os saberes e fazeres reivindicados para a distintividade territorial, a gastronomia recebe destaque como elemento constitutivo da narrativa identitária. Constitui um dos principais elementos potencializados como sinal distintivo e como atrativo turístico.

Há muitas formas de conhecer um povo e sua cultura. Entre as mais prazerosas e marcantes, encontra-se a **gastronomia**. A *Quarta Colônia* é rica em sua culinária com **pratos típicos** que assumem forma **de relíquias herdadas de gerações**. Na culinária alemã, temos o famoso Mehrbeltheich (torta doce); na italiana, a sopa de agnolini, salame, fortaia, grostoli, polenta brustulada, radici e o cren (tempero de raiz forte); na culinária afro, teremos o gostoso pão de milho; na culinária portuguesa, os sonhos e quindins; na culinária campeira, o churrasco, feijão tropeiro, a rabada. Uma inebriante sensação de felicidade. Use os sentidos visão, tato, olfato e paladar, para aproveitar cada pedaço da gastronomia das diversas etnias da região! (FOLDER TURÍSTICO GASTRONOMIA, CONDESUS).

A potencialização da gastronomia tem no apelo ao consumo de sensações sua principal característica. A discursividade impressa no Folder de divulgação produzido pelo CONDESUS busca valorizar os sinais distintivos de saberes e fazeres pertencentes a um determinado grupo social que se identifica a partir de uma origem comum. A gastronomia, na divulgação do território, é acionada a partir dos seus saberes vinculados aos grupos étnicos presentes na *Quarta Colônia*. Assim sendo, ao ressaltar os atributos culturais e, principalmente, étnicos, confere sentido ao consumo que busca não apenas alimentar-se, mas saborear um saber fazer com identidade. Ressalta-se, portanto, que a potencialização da gastronomia como sinal identitário e atrativo de consumo procura acionar atributos valorizados pelas tendências do mercado consumidor, que encontra no consumo uma forma de identificação ou de consumir uma identificação⁷².

Como uma arte, a gastronomia é seguida pelas produções artesanais acionadas como fonte de significação, ao mesmo tempo em que são uma fonte de renda para os atores locais. As produções artesanais são referências da *Quarta Colônia* enquanto um legado dos antepassados. Técnicas de artesanato que, para os antigos, referia-se ao modo de sobrevivência colonial, onde roupas, objetos decorativos, acessórios e utilidades para a casa eram todos produzidos artesanalmente nas suas próprias residências. O artesanal, desta forma, relaciona-se à produção caseira, em pequena escala e com técnicas manuais, em contraposição às produções modernas comercializadas em larga escala como parte da sociedade de consumo.

Ao meio dos campos e florestas virgens os colonizadores vão reconstruir o seu mundo desde o mais elementar. Processo que exigiu muita troca de saberes, rompendo com toda a cultura rígida e estratificada da Europa do século XVIII e XIX. Tudo foi um desafio cultural e cada necessidade, para ser satisfeita, exigia muito trabalho. O artesanato da *Quarta Colônia* são produtos desta reconstrução e adaptação às condições desta nova realidade, deste novo mundo (Folder de divulgação turística “Cultura”, CONDESUS).

O folder aciona a contextualização histórica dos saberes e fazeres artesanais que remontam ao ‘tempo dos antigos’. Um saber herdado das gerações passadas e resguardado por um membro da família, na sua maioria mulheres, que assumiam o cuidado com os detalhes da vida cotidiana. Para sobreviver em meio às poucas

⁷² Os aspectos identitários gastronômicos serão melhores analisados nas referências do capítulo VI.

condições, o artesanato foi essencial tanto para os colonos alemães quanto italianos que chegaram à nova pátria, despidos de materiais e utensílios. Assim, a natureza local ofertava matéria-prima, a qual transformada pela criatividade dos colonos derivava produtos e utensílios para o cotidiano. Além disso, o artesanato no ‘tempo dos antigos’, atribuídos às mulheres, compunha um ritual de troca. O *filó* era um momento onde as famílias uniam-se à noite para conversar, comer e tomar vinho.

Nas horas vagas dançavam, cantavam, jogavam, em reuniões conhecidas como “Filó”. Havia comida, salame, presunto, queijos, pão e, é claro, um bom vinho. As mulheres faziam trabalhos manuais em tricô e palhas, com a qual confeccionavam cestas, chapéus e outros utensílios. Também, é claro, comentavam sobre a difícil vida na colônia. Os homens tomavam vinho e jogavam. Dentre os jogos mais comuns o Três Sete e a Mora (Encenação sobre a etnia italiana em Dona Francisca, julho de 2006).

A encenação de alguns aspectos culturais da etnia italiana acionou o *Filó* como um ritual entre famílias vizinhas para distrair-se da complicada vida na colônia. Como descrito, o artesanato fazia parte dos afazeres das mulheres nos momentos de descanso e divertimento. Dentre eles, principalmente o tricô e os trabalhos em palha, dentre muitas outras técnicas de transformação, como a produção da lã, o crochê, etc. Entre os trabalhos em palha destaca-se a produção de chapéus, indispensáveis para *il lavoro*. Esta produção ainda é conservada por algumas descendentes, uma ressignificação do legado cultural.



Figura 11: Reportagem sobre o artesanato em Pinhal Grande. Caderno *Quarta Colônia* nº09, 29-09-2006, p.01.

São técnicas que sobrevivem hoje pela manipulação das mãos das descendentes, como ressignificação do patrimônio cultural, bem como alternativa de renda. Em primeiro lugar, observa-se que a produção artesanal mostra-se como uma resistência aos padrões industriais de produção massificada. Uma tentativa de resguardar uma tradição dos antigos, proteção de uma temporalidade que, por vezes, deseja-se vivenciar. Uma produção peculiar que atrai a atenção de consumidores pelo seu diferencial produtivo. Assim, o artesanato se coloca como fonte de renda para diversos habitantes da *Quarta Colônia*. A potencialização deste patrimônio ocorre por meio de formas associativas, cada município possui uma associação de artesãs e um local para a comercialização destes.

Desta forma, os aspectos culturais, a arquitetura, os artesanatos, a gastronomia, a religiosidade e os aspectos naturais são os elementos que conformam a teia de significados que sustentam a narrativa identitária da *Quarta Colônia*, potencializados como atrativos para o público consumidor. Elementos que são ressignificados a partir da apropriação histórica do 'tempo dos antigos'. Salienta-se que a identidade é projetada com base em um histórico de apropriação do território a partir de uma diversidade étnica, que delineou paisagens e cenários que são acionados nesta construção identitária.

4.3 Narrativa mítica: o Mito de Origem e o Mito Civilizador

As referências motivadoras do processo de construção e consolidação da identidade territorial em questão afirmam-se sob o resgate da memória coletiva, de referenciais históricos e culturais de uma origem comum, de reconstruções de um passado constantemente revisitado e reelaborado para a sustentação da identidade territorial. É, portanto, na descendência que se afirma a produção da identidade, acionada já por sua própria denominação, a qual carrega uma historicidade de origem, de apropriação territorial por determinados grupos e de reprodução de suas características culturais, sociais e econômicas. A origem italiana e o histórico de colonização apresentam-se como elementos primordiais na identificação territorial que busca na história de formação da *Quarta Colônia Imperial de Imigração Italiana* uma afirmação para a constituição territorial. Assim, a *Quarta Colônia* justifica-se, em um primeiro momento, nas especificações de apropriação do espaço destinado aos

imigrantes italianos que ao final do século XIX foram delimitando as conformações territoriais.

Sendo assim, a etnicidade⁷³ constitui o principal sinal de representação identitária da região, resgatando na origem comum e na história do local os sinais que primeiro significam o território. Assimilado sob o contexto da colonização, esta se manifesta como foco e princípio da idealização territorial em consonância com as idéias de Hall para os fenômenos do mundo pós-colonial.

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões **“quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”** (HALL, 2007, p.109).

As teias de significado que dão sentido ao pertencimento territorial da *Quarta Colônia* são referenciadas a partir da recorrência a um tempo passado. A territorialidade afirma-se por meio de suas características forjadas a partir de interpretações do que tenha sido o passado. A colonização e seus atributos étnicos têm sido acionados no presente pelos agentes por meio da exaltação da etnicidade como um histórico privilegiado e gerador de mitos. Ao acionar o passado, muitos dos elementos reivindicados pela origem étnica são releituras e recriações de um tempo com objetivos e olhares do e no presente, e que se enquadram no que Hobsbawn e Ranger⁷⁴ (1997) chamaram de tradições inventadas.

As constantes referências ao passado de imigração e colonização são acionadas para a manutenção da coesão grupal, identificando no passado colonial o principal elemento que remete à construção da territorialidade *Quarta Colônia*. O principal distintivo acionado no cotidiano da *Quarta Colônia* constitui sua descendência. Constantemente se referencia a distinção entre italianos, alemães e brasileiros. Ao conversar com um morador local é comum perguntar o sobrenome e

⁷³ Salienta-se que compreendemos a etnicidade a partir de Barth (2000), o qual destaca como o sentimento de pertença a uma origem comum, que tem como característica a relação de poder imersas nos espaços de fricção interétnica.

⁷⁴ um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição e que implicariam, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (1997, p.09).

rapidamente faz-se uma breve árvore genealógica dos antecedentes, ou se observa falas como: “De que família tu é?”, “é parente daqueles ali de Nova Palma?”. Era comum em meu trabalho de campo, ao circular pelos municípios da *Quarta Colônia* em dias não festivos, ou ao tentar conversar com algum morador local, primeiramente, indagarem-me sobre residência ou origem, e o tratamento era diferenciado, caso a resposta referenciasse a cidade vizinha Santa Maria, ou a *Quarta Colônia*. Logo, perguntavam-me o sobrenome e buscavam identificar na sua memória os vínculos familiares. Além disso, é comum entre os descendentes identificarem-se como italianos ou alemães, sem identificar, anteriormente, a palavra descendente, distinguindo-se dos brasileiros, o que diferencia os que não apresentam ascendência italiana ou alemã.

Estas manifestações cotidianas são reivindicações do mito de origem, sinal distintivo que produz a representação do que significa pertencer à *Quarta Colônia* ou o que os distingue dos demais, interna ou externamente. Um mito, de acordo com Lévi-Strauss,

Diz respeito, sempre, a acontecimentos passados: “atos da criação do mundo”, ou “durante os primeiros tempos”, em todo caso, “faz muito tempo”. Mas o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam também uma estrutura permanente. Esta se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro. Uma comparação ajudará a precisar esta ambigüidade fundamental. Nada se assemelha mais ao pensamento mítico que a ideologia política (LÉVI-STRAUSS, 1996, p.241).

Assim, percebemos a reivindicação das origens étnicas como uma construção mítica, uma construção narrativa do passado que é reconhecida pelo grupo e que é edificada e acionada no presente com um objetivo específico, neste caso, de distinguir-se. Principalmente, a reivindicação do mito de origem entre os descendentes alemães e italianos faz parte de um processo de valorização de identidades ressentidas em um contexto em que a origem vem sendo ressignificada sob um processo de posituação. A ressignificação positiva da origem, portanto, deu vida à construção territorial da *Quarta Colônia* por meio de ações que buscaram

positivar a origem étnica ressentida pelas repressões do Estado Novo⁷⁵ e pelas estigmatizações da cultura urbano-industrial.



Figura 12: Caderno *Quarta Colônia* número 41, de 11 de maio de 2007, p.01.

Neste contexto, a italianidade constitui o principal distintivo acionado em todos os contextos interativos como representação identitária da microrregião, resgatando na origem comum e na história do local os sinais que primeiro significam o território. Assimilado sob o contexto da colonização, esta é manifesta como foco e princípio da idealização territorial em consonância com as idéias de Hall (2007) para quem a busca pela origem está ligada a busca pela representação do grupo social. O que antes gerava um sentimento de vergonha construído no imaginário tanto das pessoas que ali residiam quanto pelos habitantes do mundo “urbano-industrial”, hoje passaram a ser acionados como elementos de afirmação identitária étnica e territorial, os quais são consumidos por esta sociedade urbano-industrial. Ou seja, o projeto que propunha alavancar a colônia esquecida nasceu do princípio de dar um

⁷⁵ Como analisado por Zanini (2006), o período conhecido como Estado Novo marcou de forma significativa a identidade italiana onde o ressentimento provocado pelas perseguições deste período, onde falar e cantar em dialeto ou acionar símbolos do pertencimento a cultura italiana eram proibidos.

significado positivo as características estigmatizadas do colono italiano, como, por exemplo, seu linguajar, seu modo de vida, seus costumes, suas crenças, seus saberes e fazeres que o caracterizam como colono.

Eu me lembro quando eu acompanhei o Itaqui pelo interior da *Quarta Colônia*, de Silveira Martins, por volta de 1990, nós observamos como nossos jovens, principalmente, tinham vergonha de dizer que eram da *Quarta Colônia*, tinha vergonha mesmo de falar, de mostrar onde moravam, de dizer de onde eram, se eram do interior, de que comunidade. Foi ali que comecei a ver como nós tínhamos vergonha de dizer quem somos (P.S., morador local).

Colono constitui o termo reivindicado pelos descendentes que, principalmente, residem no que se denomina, nas delimitações político-administrativas, de meio rural. São, na sua maioria, descendentes que cultivam os costumes e o modo de ser dos antigos colonizadores e que acionam o termo colono ao distinguir-se dos demais. Este termo não está relacionado a todo homem que reside no meio rural, mas aquele que, como afirma Zanini (2006), possui uma origem⁷⁶. Assim, o colono, anteriormente tido como sinônimo de ‘grosso’, ‘atrasado’, passa a ser significado como portador de uma origem, de uma cultura européia, que passa a ser valorizado pela sua ‘autenticidade’.

O mito de origem que confere sentido a construção identitária territorial diz respeito, principalmente, a italianidade constantemente acionada. Contudo, em conformidade com a reivindicação da multiplicidade étnica acionada pelos atores políticos, o mito de origem germânico, por vezes, aparece como símbolo constitutivo da narrativa identitária territorial.

⁷⁶ No caso das reivindicações do território *Quarta Colônia* o termo colono se estende à origem italiana ou alemã.



Figura 13: Matéria sobre a comemoração dos 150 anos da Colônia Santo Ângelo. Caderno Quarta Colônia nº65, 26-10-2007, p.01.

Como observamos na matéria publicada no *Caderno Quarta Colônia*, a germanidade é acionada no meio de divulgação territorial. Revela as comemorações da colonização alemã na Colônia Santo Ângelo, destacando o sentimento de germanidade reivindicado pelos sujeitos locais. Assim como as significações da italianidade, a germanidade destaca-se pelas constantes reivindicações desta origem compartilhada etnicamente. Enfatiza os processos de resgate e ressignificação da origem e cultura germânica que vêm acompanhando as temáticas comemorativas de colonização. Contudo, as referências ao mito de origem alemão são pouco acionadas como símbolo da narrativa identitária territorial, destacando-se a italianidade como força motriz para a significação territorial.

Assim como o mito de origem, o mito civilizador também é reivindicado como um dos sinais distintivos do grupo e revela-se como um marco de desenvolvimento da *Quarta Colônia*. O mito civilizador é construído a partir da significação da chegada dos imigrantes italianos e alemães como desbravadores e povoadores das terras produtivas do Rio Grande do Sul, as quais não eram aproveitadas pelos então habitantes locais. “O emigrado italiano, agora colono, desbravador, derrubava a selva e abria clareiras para as plantações e travava a luta do homem com a natureza: era o civilizador” (ZANINI, 2006, p.110). Esta reivindicação distingue os

colonos europeus, não ibéricos, dos outros grupos que eram proprietários de terras, representados pelo termo gaúcho ou brasileiro. Assim, os imigrantes vieram ao Brasil para ocupar os espaços vazios.

A noção de espaço vazio, a ser humanizado, cultivado e civilizado, é propícia aos colonizadores que consideram a terra e o homem nativos carentes de produtividade, racionalidade e de noções caras aos europeus do período, como acumulação, progresso e a produção de riquezas (ZANINI, 2006, p.110).

O mito civilizador, portanto, é construído e reivindicado nos espaços de sociabilidade em que é acionada a bravura e ressignificado o estigma do colono italiano, bem como o alemão. São acepções que permearam o imaginário da época e que são revividos e reinventados para a valorização e potencialização do território *Quarta Colônia*. Como interpretado por Zanini (2006), as narrativas, por vezes, constroem a figura do herói e mártir ao invocar virtudes de sofrimento ao imigrante que deixou sua pátria em busca de um novo mundo, e de um colono que desbravou os espaços vazios e trouxe a produtividade, a riqueza e a cultura.

A música, símbolo da imigração italiana para o Rio Grande do Sul, apresenta todo este imaginário dos mitos de origem e civilizador. Cantada em muitos dos espaços de reivindicação identitária italiana ou territorial da *Quarta Colônia*, o “canto degli immigranti” revela o imaginário da imigração para o Rio Grande do Sul, repleto de sofrimento e de valentia, significados acionados constantemente na valoração das colônias.

CANTO DEGLI IMIGRANTI

Noi siam partiti daí nostri paesi,
Noi siam partiti col nostro onore,
Trentasei giorni di machina a vapore,
In nell’America noi siamo arrivá.

Merica, Merica, Merica
Cosa Sarala Sta Merica
Merica, Merica, Merica
Um bel Mazzolino di fior

In Nell’America noi siamo arrivati,
Non abbian trovato ne paglia e ne fieno,
Abbian dormito sul campo sereno,
Come le bestie noi abbiamo riposá.

Cui non conosce sto bello Brasile
Circondato di monti e di piani

E com la industria dei nostri italiani
 Abbian formato paesi e città.
 (MARCUIZZO, 1989, p.31)⁷⁷

A música expressa os sentidos da imigração e colonização italiana para o Rio Grande do Sul, os quais propagam sentimentos nostálgicos e de coragem. Ao mesmo tempo, expõem o sofrimento de deixar a pátria e a vontade de conhecer a América, onde se tornariam proprietários de terras. Bem como, a narrativa do canto, a qual expõe a situação em que chegaram a terras brasileiras e como foram aqui tratados, busca significar a coragem, o trabalho e a união dos imigrantes que aqui chegaram. Munidos apenas de algumas ferramentas e da sua força e bravura, desbravaram as matas e fizeram as terras produzirem, desenvolvendo o país e construindo cidades.

Em 2007, diversas comemorações fizeram parte do calendário regional exaltando a coragem, a bravura e as conquistas dos colonos italianos e alemães, que adentraram e desbravaram as matas fechadas, transformando-as em terras produtivas. As comemorações dos 150 anos da Colônia Santo Ângelo e dos 130 anos da Colônia Silveira Martins, acionaram diversos elementos de retomada histórica e cultural. Dentre elas, destacam-se as histórias da sofrida chegada e adaptação em terras das colônias, como a história da chegada dos imigrantes alemães em terras da Colônia Santo Ângelo.

⁷⁷ Tradução:

CANTO DOS IMIGRANTES

Nós partimos do nosso país,
 Nós partimos com nossa honra,
 Trinta e seis dias de navio a vapor,
 Na América nós chegamos.

América, América, América
 O que será esta América
 América, América, América
 Um belo ramalhete de flor

Na América nós chegamos,
 Não tínhamos encontrado nem palha e nem feno,
 Dormimos no campo sereno,
 Como os animais nós dormimos.

Aquele que não conhece este belo Brasil
 Circundado por montes e montanhas
 E com a indústria dos nossos italianos
 Formaram lugares e cidades.
 (Tradução própria)

Ao se aproximar do Serro Chato, assim nos conta Aurélio Porto, “passo sobre o Jacuí, onde deveriam desembarcar, os colonos relutaram, tentaram revoltar-se. Então a tripulação do vapor, fê-los sair à força. Um espetáculo emocionante desenrolou-se ali. Quase loucos de terror, vendo-se naquele deserto, esmagados pela brutalidade impiedosa da mata virgem, ouvindo ainda o uivo das feras, os colonos queriam voltar novamente para o vapor. A tripulação teve, então de empenhar-se em luta contra eles, enquanto o vapor largava, deixando-os sós. (...) foi isso no dia 16 de novembro de 1857”. (J.I. Caderno *Quarta Colônia* nº35, 30-03-2007, p.02).

Os elementos acionados no meio de divulgação Caderno *Quarta Colônia* busca expressar o ‘sofrimento’ e a luta dos primeiros imigrantes alemães que chegaram às terras da Colônia Santo Ângelo. Realidade muito diferente das promessas do governo imperial, repletas de sonhos e de alegrias. Na narração, com riqueza de detalhes, a chegada significa um momento de decepção e desilusão, caindo por terra o sonho prometido. Contudo, com coragem, os colonos fizeram produzir as terras desbravadas, construindo riqueza. Sentidos míticos que também são acionadas para a colonização italiana, as quais demonstram o martírio dos primeiros colonizadores em contraste ao que eles construíram. As comemorações invocam a “região de encontros”.

Região que une os berços da imigração alemã (Agudo) e italiana (Silveira Martins) tem buscado abrir novas janelas e através delas ver-se a partir de outros ângulos, ampliando o olhar, dando novos significados aos elementos que constituem as suas paisagens primeiras (J.I., Caderno *Quarta Colônia* nº40, 04-05-2007, p.02).

São, portanto, os mitos fundados a partir da colonização, principalmente italiana que conferem sentido à territorialidade demarcada. Os elementos são reivindicados para a afirmação dos colonos que, por muitas vezes, foram estigmatizados e proibidos de expressar sua cultura, costumes e crenças da pátria mãe. Uma identidade ressentida, nos termos de Zanini (2006), que passa a ser acionada e valorizada nos contextos de autenticidade e diferença. Um processo de mudança e resignificação, que denota conflitos nas dimensões culturais de quem passou por todos estes períodos. Em uma relação entre tradição e mudança onde, “de vergonhoso, o sotaque dos velhos denota prestígio. De humilhado, o ascendente se torna sujeito histórico” (ZANINI, 2006, p.190).

Os desfiles, atração de grande parte das festas realizadas em comemoração à emancipação dos municípios, retratam a saga dos imigrantes italianos e, por vezes

alemães, e as dificuldades enfrentadas com bravura e coragem. Os motivos de partir, a longa travessia, a chegada em solo brasileiro, os primeiros dias, as ferramentas de trabalho, as primeiras instalações e os modos de fazer interligados à necessidade de sobreviver são momentos temporais da memória coletiva mitificados na posituação da identidade étnica.

Os colonos traziam seus pertences e suas ferramentas. Como deve ter sido difícil sem a máquina, sem a comunicação, sem estradas! Vieram desbravando os matos para buscar uma nova vida, conquistar o seu pedaço de terra, o sustento para seus filhos. Imaginem vocês como foi a vida desses imigrantes, o medo que passaram no meio das matas, onde havia animais ferozes, a falta de uma moradia adequada, de assistência médica, de uma boa alimentação, viviam de caça e de polenta (Narrativa do Desfile da XXIII Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto).



Figura 14: Encenações das dificuldades no 'tempo dos antigos'. Desfile da XXIII Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto.

A dificuldade e a bravura do herói-mártir (ZANINI, 2006), o trabalho e a união dos colonos, o desbravar e o civilizar acionados pelo mito civilizador são sinais distintivos constantemente revivificados no contexto da construção identitária territorial. Observa-se que a rememoração do passado remete sempre, nas narrativas, ao 'tempo dos antigos', o qual é acionado, constantemente, nos costumes, nas crenças, nos saberes, nos modos de agir e de fazer atribuindo sentido a narrativa identitária territorial. Assim, ao falar dos pratos servidos nos

restaurantes da região, ou dos produtos comercializados pelas agroindústrias, as receitas, em sua maioria, são aprendidas com os antigos. “Isso minha *nonna* fazia antigamente” (F.G, descendente italiana). Ou ainda, remete-se a um tempo de dificuldades em comparação com os tempos ‘modernos’, como em narrações que buscam mensurar a dificuldade dos homens e mulheres em desbravar as matas. “imagina como foi para esses imigrantes, sem estradas, sem lugar para dormir, tendo que fazer tudo. No tempo deles deve ter sido muito difícil, hoje nós temos tudo, tá bem mais fácil” (V.R, descendente de italianos).

A linguagem contida na narrativa identitária *Quarta Colônia* é uma espécie de atualização da origem étnica e, portanto, possui uma vinculação entre o futuro utópico e o passado, presente nas práticas sociais cotidianas e nas marcas culturais deste grupo. Isto denota uma transformação e uma representação simbólica muito forte, resultando em tradições históricas e culturais que nada mais são do que traduções do passado (BHABHA, 1998). Os sinais diacríticos, enquanto símbolos identitários, são acionados pelos usuários em situações específicas nos quais constroem uma representação simbólica de sua identidade. A narrativa identitária, deste modo, é construída em um contexto sociolingüístico e pragmático-social de seu cotidiano. O usuário, ao narrar a sua história, empenha-se em transformar um ato social, em um ato de narração, um ato de afirmar ou mesmo de se engajar no processo identitário atual, por um ato de enunciação em que também há relação de poder implícita.

Assim, percebemos que a narrativa identitária da *Quarta Colônia*, utiliza-se dos sentidos atribuídos pelo resgate do passado colonial. Isso porque, se pensarmos a partir de Ricouer (1994) percebemos que a dimensão temporal está implícita no ato de narrar, estabelecendo uma relação entre narrativa e temporalidade. As narrativas, portanto, são interpretações de símbolos, ou seja, ações ou características que ao serem lembradas, são portadoras de significado (RICOUER, 1994). Partindo da interpretação de Halbwachs (1990) para quem a memória é seletiva, assim como, constitui uma construção do passado no presente, revela-se que os elementos acionados na narrativa constituem símbolos na medida em que selecionados pela memória coletiva são dotados de significado construído e reconhecido pelo grupo que aciona.

CAPÍTULO V - A COLÔNIA EM FESTA: TEMÁTICA E CENÁRIO COLONIAL

A identidade, enquanto uma estrutura simbólica representativa de um grupo é acionada sob diversos elementos em distintos espaços de sociabilidade. Tal noção contempla a compreensão de que a festa constitui-se enquanto um lugar apropriado para mapear a teia de sentidos que sustenta a narrativa identitária territorial, principalmente, por constituir um espaço de troca, de construção e reivindicação dos elementos identitários. Ao mesmo tempo, as festividades na *Quarta Colônia*, são interpretadas como elemento simbólico de afirmação da identidade territorial. Este momento é construído sob as concepções da festa como parte da narrativa que dá sentido à identidade territorial *Quarta Colônia*, ao mesmo tempo em que se delimita como um espaço de negociações identitárias. Buscamos demonstrar que as apropriações identitárias em relação às festas revelam o sentido colonial à narrativa territorial, dialogando com os elementos étnicos e rurais.

As festividades fazem parte anualmente do calendário das comunidades e municípios da *Quarta Colônia*. Por motivos diversos as comunidades realizam eventos festivos, onde são acionados e reelaborados elementos que representam a identidade territorial. Constituem espaços de sociabilidade onde os sinais distintivos são construídos, na medida em que são espaços de interação, para a reivindicação identitária territorial, étnica ou municipal; além de que as festividades aparecem como sinal distintivo. Como elementos potencializados para a construção identitária *Quarta Colônia*, também aparecem como um elemento de consumo.

Diversos são os motivos para festejar, sejam festas comunitárias de cunho religioso, festas em comemoração ao aniversário de emancipação político-administrativo dos nove municípios que compõem a *Quarta Colônia*, ou ainda, festas que são referenciadas por produtos agrícolas ou pratos elaborados a partir de saberes coloniais étnicos. Os eventos festivos acontecem, principalmente, nos meses que compreendem o outono, inverno e primavera, onde os visitantes movimentam a *Quarta Colônia* em busca das festas e da gastronomia, apresentada nos eventos ou em restaurantes da região. Isso revela a propensão da *Quarta Colônia* para o que podemos denominar de turismo de eventos. Entretanto, nos

meses que compreendem o verão, observamos um fluxo de turistas em busca das belezas naturais e o que elas podem lhes proporcionar como, por exemplo, as cascatas, os balneários, as trilhas e esportes radicais. São potencialidades da *Quarta Colônia* que inspiram possibilidades do que se convencionou chamar de turismo de aventura⁷⁸. Assim, a festa na *Quarta Colônia*, adquire seu significado enquanto elemento acionado como distintivo territorial.

A diversidade de festas na *Quarta Colônia* salienta a diversidade local, seja de cunho religioso, gastronômico, ou pelos simples ato de festejar. Na concepção de Amaral (1998), as festas constituem um universo favorável ao “diálogo entre os muito diferentes”, propiciando a “mediação entre as etnias, os mitos, e os tempos históricos diversos” (AMARAL, 1998, p.47)⁷⁹. A festa constitui um momento de troca cultural, uma interação dos grupos por meio da arte, da música, da dança, da comida, da religião, o que expressa uma linguagem ritual. Os momentos festivos constituem, portanto, espaços privilegiados para a construção e consolidação de símbolos identitários, na medida em que constitui um universo privilegiado para a invenção das tradições e a reivindicação territorial pelo seu momento de interação entre o nós *versus* o eles.

O cenário de festa, portanto, apresenta-se como um atrativo na medida em que a comunidade local organiza-se para aquele momento, um momento para receber os visitantes e servi-los, um ritual de ‘vestir o local’, fazer o cenário onde será realizada a ‘encenação’ festiva. Cada festa é ornamentada de acordo com sua temática, as decorações ficam a cargo da manipulação da imagem para o sentimento de aconchego e a afirmação dos símbolos. Isto pode ser referenciado em uma festa recentemente criada em Ivorá, onde a temática, “Festa da Abóbora”, busca afirmar o produto como característico da localidade e da origem étnica italiana local, tornando-se um atrativo a mais para o município e uma oportunidade dos produtores rurais da localidade de Linha Sete divulgar e comercializar o seu produto. Como afirmação desta imagem, o cenário rural adquire um toque significativo que representa a temática da festa. Assim, além da localização geográfica entre

⁷⁸ As potencialidades naturais fazem parte das narrativas identitárias de projeção do território *Quarta Colônia* e serão problematizadas na seqüência.

⁷⁹ “A festa é ainda mediadora entre os anseios individuais e os coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros, por isso mesmo revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana pela dicotomia natureza e cultura, mediando ainda os encontros culturais e absorvendo, digerindo e transformando em pontes os opostos tidos como inconciliáveis” (AMARAL, 1998, p.52).

montanhas, da proximidade com a natureza, o bucólico cenário rural ganha um sujeito representativo da festa, um produto tradicionalmente cultivado na comunidade.



Figura 15: Decoração da 4ª Feira Regional da Abóbora em Ivorá, março de 2009.

O cenário montado para receber os visitantes tem, portanto, o intuito de promover o produto local em uma estratégia onde a festa torna-se o meio para a promoção de um produto cultivado tradicionalmente pelos moradores locais. A reativação desta tradição aparece como estratégia de diversificação da produção da agricultura familiar, característica da região.

A festa da Abóbora aqui na comunidade foi uma maneira de incentivar a comunidade a plantar e comercializar, pois se fizéssemos a festa na cidade, qual seria a motivação da comunidade para cultivar e comercializar o produto? Então, essa festa serve de motivação para a comunidade, pois aqui eles podem mostrar e vender seus produtos (F.M, prefeito).

O que tradicionalmente era cultivado para o consumo das famílias, bem como para a alimentação de alguns animais, passa a ser potencializado como um produto da diversificação da agricultura familiar com um cunho de apropriação simbólica da cultura italiana⁸⁰. De acordo com o idealizador do evento, a idéia partiu da necessidade de trazer alternativas de renda para a agricultura familiar, apostando na abóbora como um produto em potencial em virtude da comunidade em questão já ter uma tradição de plantio. “Aqui sempre se colheu muita abóbora, mas a gente nunca vendia, era sempre pro consumo próprio” (V.S, moradora local). Além disso, a

⁸⁰ Entre os descendentes italianos é comum a produção de abóboras, *suco*, para o consumo das famílias, produção do tradicional doce de abóbora, e para a alimentação dos porcos.

realização da festa e a produção do cenário onde ela ocorre constituem um motivador da construção de uma identidade comunitária, a qual se dá entorno do produto agrícola. A personificação das abóboras como utilitário decorativo constitui uma atividade pedagógica onde as crianças aproximam-se da atividade como constituintes deste processo. “A atividade com as crianças faz parte de uma idéia de fazer com que as pessoas da comunidade se apropriem da abóbora” (F.M, prefeito). A apropriação simbólica, circundada pelo produto agrícola, faz parte da tentativa de construção de identidades referenciadas por estratégias de diferenciação de cunho cultural.

As estratégias de promoção festiva de produtos oriundos da agricultura familiar ou de pratos característicos da produção colonial são constantes na *Quarta Colônia*⁸¹. Dentre estes, observa-se os seguintes eventos com temáticas agrícolas e culinárias.

Quadro 2: Referências motivadoras das festas na *Quarta Colônia*.

FESTAS COM TEMÁTICAS DE PRODUTOS AGRÍCOLAS	FESTAS COM TEMÁTICA DE PRATOS ELABORADOS
Festa do Arroz (São João do Polêsine)	Festa da Cuca e do Risoto (Nova Palma)
Festa do Milho (Nova Palma)	Mostra Gastronômica da <i>Quarta Colônia</i> (itinerante)
Festa da Soja (Pinhal Grande)	Festival do queijo e do vinho (Faxinal do Soturno)
Festa da Uva Branca (Silveira Martins)	Festa da Cuca (Agudo)
Festa da Uva Tinta (Silveira Martins)	CHOCULIN (Festa do Chopp, da Cuca e da lingüiça (Agudo)
Festa do Amendoim (Ivorá)	
Feira Regional da Abóbora (Ivorá)	
Festa da Batata (Silveira Martins)	
Festa do Moranguinho (Agudo)	

Fonte: Autora

⁸¹ A projeção de um produto agrícola como tema de uma festa é corriqueiro entre as atividades festivas da *Quarta Colônia*. É comum entre os descendentes alemães, reunidos comunitariamente entorno da religião luterana, realizarem a festa da colheita, por exemplo. As organizações comunitárias na *Quarta Colônia* apresentam-se entorno da descendência e da religião. Assim, cada comunidade realiza seus festejos, sendo que nas comunidades organizadas a partir da religião católica os descendentes italianos comemoram, anualmente, os santos padroeiros; enquanto que na religião luterana realizam-se festas em honra à colheita, como um ritual de agradecimento onde o cenário é envolto por produtos cultivados na comunidade.

Cada município ou localidade busca nos produtos uma forma de identificação, como uma estratégia de promoção do local ancorados no tradicional cultivo de um produto agrícola ou no preparo de um prato típico da culinária local. Teixeira (1988) afirma que as festas são instrumentalizadas com o objetivo de promover as cidades, da mesma forma que podemos pensar os produtos agrícolas como uma estratégia de promoção dos locais. Contudo, salienta-se que a promoção dos eventos pode criar um clima de disputa entre os municípios, mas que no caso da *Quarta Colônia*, observa-se um princípio de cooperação e sentimento de territorialidade, onde as festas são promovidas por um local, mas são prestigiadas e divulgadas de forma coletiva. Isso porque têm-se compreendido que as festas locais constituem um dos principais atrativos da microrregião que, cada vez mais, aposta nas festividades.

Destaca-se aqui a interpretação da festa como parte da narrativa na medida em que ela constitui um elemento da identidade territorial, ao mesmo tempo em que ela constitui um espaço para a construção e o acionamento de elementos da narrativa. Dito de outra forma, os rituais festivos podem ser entendidos como sinais diacríticos da identidade territorial ou podem adquirir significados sociais e culturais na construção desta identidade. As festas são divulgadas como elementos identitários da microrregião que aciona os eventos como parte da identidade territorial *Quarta Colônia*, principalmente, pela alegria, a diversão e a fartura serem características dos descendentes alemães e italianos. Além disso, o sentido de festejar revela-se como momento de demonstrações, de encenações, de reproduções do cotidiano ou de elaborações próprias dos momentos de comemoração, um espaço apropriado para a reivindicação e a apresentação da identidade territorial. Na opinião de Teixeira (1988, p.42), as festas “são montadas para contarem, conscientemente, estórias locais ao público, sobretudo, externo”.

É, portanto, a compreensão de que a festa constitui um importante espaço de interação social e, como proposto acima, são momentos de apresentação da identidade local, que os eventos festivos constituem um importante espaço para a análise dos elementos que estão sendo acionados na construção da identidade territorial *Quarta Colônia*. Para Amaral (1998, p.274), “as festas não apenas atualizam mitos, como revivem e colocam em cena a história do povo, contada sob seu ponto de vista”⁸². Assim, os elementos são reivindicações de um espaço de

⁸² “Não parece ser à toa, portanto, que se diz que ‘no Brasil tudo acaba em festa’. Isto é compreensível, já que ela pode ser não apenas o momento do divertimento, do alegre gozo da vida,

sociabilidade, tanto na afirmação dos laços comunitários, quando nas interações com os 'de fora'. É neste espaço que as riquezas das negociações identitárias são manifestas e compreendidas, onde a narrativação do 'Eu' ou do 'Nós', é acionada no contraste com os 'Outros'. No caso da *Quarta Colônia*, os eventos são o principal momento dos atores mostrarem sua identidade, sua história e seus atributos, que devem ser consumidos pela valorização dos aspectos pitorescos, culturais e étnicos.

5.1 Fartura, alegria e saudosismo: a espetacularização e a autenticidade do 'tempo dos antigos'

As festas buscam retratar e apresentar suas características e a cultura do seu povo. Dentre a diversidade de temas que dão sentido às festas na *Quarta Colônia*, ressalta-se a alegria e a fartura da colônia, evocando-se um espírito saudosista de um tempo que não volta, mas que é materializado no consumo da identidade territorial. Elementos que estão ligados ao 'tempo dos antigos', as referências identitárias étnicas. A etnicidade é encontrada em todos os eventos festivos, sejam na nostalgia das encenações, na alegria que representa as festividades e, principalmente, na fartura da culinária alemã ou italiana, onde a mesa apresenta-se repleta de pratos típicos.

Freqüentemente os momentos para consumir a culinária local são acionados pela sua tipicidade. As festas no território, comumente, apelam para um sentido de abundância, projetado sobre a representação da diversidade da produção familiar aliada aos saberes coloniais na preparação de pratos típicos. O sentido de fartura é representado, nas festas, pela diversidade de pratos servidos em um ritual característico do que seria o consumo alimentar do local. As imensas mesas, na quais os indivíduos sentam-se em um grande grupo lado a lado e são servidos pelos 'festeiros'⁸³, em um cardápio pré-organizado, são elementos de um ritual característico que remonta às grandes famílias italianas ou alemãs e que expõe um tratamento peculiar aos visitantes. Este ritual à mesa é contraposto ao *Buffet*,

como também o espaço de protestos, da afirmação cultural, da organização de grupos de relação mais afetivas, de resistência à opressão cultural e social, ou mesmo de catarse" (AMARAL, 1998, p.89-90).

⁸³ Festeiro constitui a denominação dos promotores e auxiliares das festas, os quais participam do preparo, da organização ou do ato de servir os participantes.

característico do estilo da alimentação urbano-industrial. “Eu não gosto de vir comer e ter que me servir no *Buffet*, tem que ser como era antigamente nas festas, tem que sentar na mesa e comer” (V.V, morador local). Esta fala desenvolve um convencionalismo do ritual de comer característica das festas da *Quarta Colônia*, bem como um repúdio ao modo de se alimentar nos restaurantes do dia-a-dia das cidades, que remetem a uma cultura urbano-industrial.



Figura 16: almoço na Feira Regional da Abóbora em Ivorá, março de 2009.

Neste ritual característico da *Quarta Colônia*, deste modo, o significado de fartura é representado por meio da diversidade de pratos apresentados à mesa. Além disso, estas significações, aliado aos sabores da gastronomia do território são pontos de referência para a significação territorial. Em sondagens realizadas com os visitantes, público das festas, observou-se que ao falar em *Quarta Colônia* a primeira coisa que lhes vêm à cabeça, em sua maioria, era a gastronomia ou alguns pratos específicos. Além disso, o sentido de ‘comer muito’ na *Quarta Colônia* está relacionado no imaginário dos visitantes.

A representação de fartura, de abundância, é acionada, por exemplo, na narrativa de divulgação da 3^o Mostra Gastronômica da *Quarta Colônia*, realizada no município de Silveira Martins, em abril de 2009.

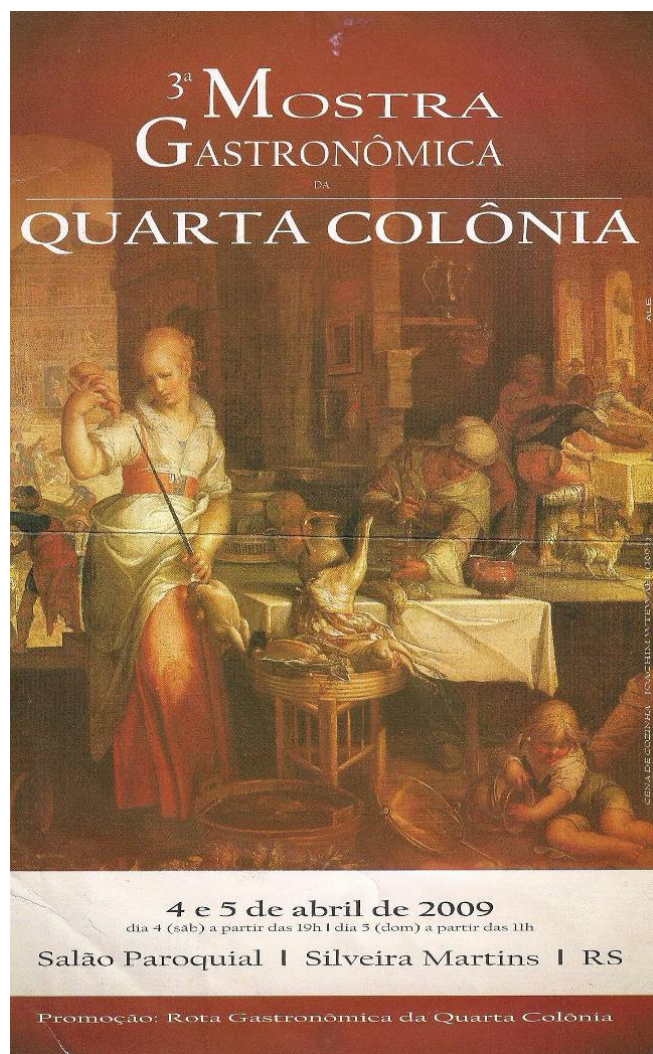


Figura 17: Folder de divulgação da 3ª Mostra Gastronômica da Quarta Colônia. Silveira Martins, abril de 2009.

A imagem da cozinha medieval, uma cena que revigora um ambiente clássico, antigo, aciona elementos que buscam representar a abundância, a diversidade de comidas que enchem a mesa dos grandes senhores. Ao acionar uma representação da antiga cozinha européia, dois elementos importantes são percebidos: a reivindicação da ascendência européia e a abundância das mesas medievais. Entretanto, o sentido do folder de divulgação contrastou com o vivenciado no evento, o qual ofertava pratos para que os visitantes pudessem consumir individualmente, tendo que optar por um ou alguns dos pratos oferecidos por algum dos estabelecimentos comerciais gastronômicos que expunham seus produtos. Observou-se que a fartura, as variadas opções de consumo e o ritual de sentar-se à mesa e ser servido com uma variedade de pratos distribuídos ao longo da refeição, ritual que referencia os almoços e jantares da *Quarta Colônia*, não

condiziam com o estilo da Mostra Gastronômica⁸⁴. A distribuição ofertava uma proposta com um estilo “moderno”, com influências, portanto, de restaurantes urbanos, estilo *Buffet*, e também do estilo a la *carte*.



Figura 18: pratos típicos italianos comercializados na 3ª Mostra Gastronômica da Quarta Colônia. O prato à esquerda apresenta galetto e polenta, o da direita é a sopa de agnolini.

A apresentação dos pratos contradiz, portanto, a característica comum dos rituais gastronômicos da *Quarta Colônia*, baseada em um estilo interativo, onde as pessoas sentam-se à mesa e podem interagir, além de serem servidas pela proposta da refeição do evento. Constitui um estilo “mesa farta”, onde todos os pratos ficam à mostra dos olhos ávidos dos consumidores que degustam as tipicidades. Uma lógica de fartura característica da culinária dos colonizadores, já que estes apreciam e valorizam a abundância à mesa mesmo que haja sobras, que nem tudo seja consumido, mas que manifeste a sensação de que nada falta. Uma lógica justificada pelos momentos de fome e miserabilidade dos italianos e alemães que colonizaram a *Quarta Colônia*. Coerência expressa nos eventos que reproduz a lógica consumidora da gastronomia caseira, onde as mesas são abastecidas de todos os produtos da época, sempre com variedades e quantidades, já que as famílias eram grandes.

Compreende-se, portanto, uma ambivalência entre a narração que busca representar a identidade territorial por meio de significações da fartura, em comparação ao que foi proporcionado aos visitantes. Uma representação

⁸⁴ A mostra, em sua terceira edição foi elaborada para que os produtos da *Quarta Colônia* fossem apresentados aos visitantes. Constitui uma vitrine onde são mostrados e consumidos produtos de agroindústrias, restaurantes e artesanatos.

ressignificada do colono ou do espaço rural como um local de abundância. A mesa farta representa, para os descendentes italianos e alemães, a riqueza, a abundância adquirida com o esforço e a bravura, ultrapassando um tempo de fome e miséria da chegada dos imigrantes. Significa, portanto, a ruptura com o passado sofrido dos seus antecessores e a continuidade de um ideal colonial, “Far la América”.

Neste contexto, salienta-se que a vida cotidiana dos colonos italianos ou alemães vem sendo tematizada nas festas como atributos de valorização e atrativos ao público que valoriza e busca consumir um tempo ou um modo de vida distinto dos padrões do cotidiano urbano-industrial⁸⁵. Pensando de acordo com Teixeira (1988) a festa constitui o momento onde o local se mostra para os visitantes, uma relação dialógica entre o *ethos* urbano e o *ethos* rural. O *ethos* rural, na narrativa identitária em questão, tem como base a cultura colonial, principalmente, italiana. Constitui uma relação de articulação entre a representação do moderno, ligado à imagem do urbano, e a representação do tradicional, vinculada à imagem do rural, camponês (CARNEIRO, 1998).

As propostas são voltadas, portanto, para atrair um público que busca não apenas diversão, mas a representação da tranqüilidade, da alegria, do modo de vida pitoresco, não como vivências do cotidiano, mas como um objeto de consumo eventual. A valorização do modo de vida antigo e o saudosismo não significam a autêntica vida da Colônia na atualidade, mas a representação do cotidiano de um modo de vida pitoresco que provoca um sentimento de temporalidade vivenciada. São estas manipulações que buscam atrair o público consumidor e que projeta a identidade territorial *Quarta Colônia* como uma estratégia de desenvolvimento. Neste sentido, a sensação do autêntico transpõe os caracteres fidedignos, como um cenário teatral onde os atores buscam acionar um tempo pretérito e elementos pitorescos como forma de exaltar percepções apreciadas pelo público consumidor.

Champagne (1977) problematizou as festas na aldeia como uma evolução das festas comunitárias em que os sujeitos locais interpretam, em forma de espetáculo, os trabalhos agrícolas dos antigos. Para o autor, estes momentos festivos constituem uma encenação teatral, onde o cotidiano museificado é apresentado segundo a valorização dos visitantes. As concepções de Champagne (1977) são aqui ressaltadas como forma de problematizar a autenticidade valorizada

⁸⁵ As questões referentes à gastronomia serão problematizadas no capítulo VI.

pela sociedade de consumo atual. A busca pelo rústico, pelo peculiar, pelo pitoresco, principalmente associado ao modo de vida rural e colonial, relaciona-se com o caráter autêntico do que constitui estes modos de vida. Entretanto, compreende-se que as culturas e modos de vida são dinâmicos, construções que vão delineando-se ao longo das interações sociais. As características do modo de vida colonial, apenas encenadas nas festas, desviam sua autenticidade, tendo em vista que as tecnologias e a lógica moderna trouxeram inúmeras transformações no modo de vida camponês.

Para isso, as festas transformam-se em palcos, onde a vida cotidiana é sintetizada em reproduções de cenários e encenações dos costumes e modo de vida de um rural caracterizado pela colonização alemã e italiana. Isso não significa que a vida dos colonos, na atualidade, fossilizou o estilo de vida e de trabalho dos seus antepassados, como se os camponeses fossem imunes às transformações da sociedade mais ampla. Os objetos ressaltados que instigam o sentimento de retorno ao rural colonial são representações de um espaço simulado, uma peça de museu de um tempo superado, mas que retoma a sua forma quando ressignificado pela valorização da sociedade de consumo⁸⁶.



Figura 19: Cenários montados na 2ª e na 3ª Mostra Gastronômica da *Quarta Colônia*, respectivamente.

⁸⁶ Pode-se interpretar estes objetos e encenações como simulacros, nos termos de Baudrillard (1991), característica do mundo pós-moderno.

As imagens mostram alguns cenários projetados na Mostra Gastronômica dos anos de 2008 e de 2009, respectivamente. Em alusão à temática da festa, os cenários apresentam a cozinha colonial, contemplando os utensílios domésticos e os produtos coloniais sempre presentes na mesa dos colonos. No caso podemos observar a cuca 'alta', o salame e o pão da culinária italiana; a cuca 'baixinha'⁸⁷ e o pão de amendoim, reivindicados pela culinária alemã⁸⁸. Entretanto, o que mais se ressalta aos olhos do público são as alusões ao passado, ao modo de vida antigo, que remonta à perspectiva de projeção da culinária local aliada ao estilo antigo. Adotando as interpretações de Froehlich (2002, p.101), o cenário da cozinha, o que antes eram utensílios de trabalho do cotidiano dos colonos, “transfiguram-se em signo materializado de reverência histórica, numa narrativa que (re)constrói a história e a tradição criando o seu próprio (e novo) original”. A recriação da cozinha apresenta-se não como um espaço para a elaboração de pratos, mas como uma representação do modo de vida dos antigos, evidenciando sentimentos de aconchego e de nostalgia. O espaço da cozinha é significado, principalmente, como o espaço da *nonna*.

Destacam-se, também, cenários com objetos demonstrados como relíquias do trabalho artesanal dos homens e mulheres da colônia. As máquinas utilizadas na lavoura, na produção de alimentos são demonstradas em uma evolução, desde as manuais, as primeiras fabricadas, inclusive na *Quarta Colônia*⁸⁹. Três modos de produção artesanal de alimentos são tipicamente revitalizados à moda antiga. A fabricação da cachaça, do melado ou açúcar-de-cana e a produção de pães e cucas italianas.

⁸⁷ Palavras distintas referidas pelos habitantes locais.

⁸⁸ As tipicidades serão problematizadas no capítulo VI.

⁸⁹ Em 1930, Ângelo Bozzetto, natural de Novo Treviso, comunidade local, criou em Faxinal do Soturno a Indústria de Trilhadeiras Tigre, fato que evidenciou a *Quarta Colônia* na época pela sua história que hoje é ressaltada nos eventos, utilizam-na como cenário que referencia o trabalho dos antigos, bem como a industrialização e o progresso da *Quarta Colônia*. Sua história é evidenciada no Caderno *Quarta Colônia* nº 44, onde José Itaquí conta a história deste ex-agricultor que ao criar uma máquina de trilhar milho e trigo, tornou-se um industrial reconhecido nacionalmente, bem como, para o funcionamento de sua indústria, construiu uma hidrelétrica que, até hoje, abastece as cidades da *Quarta Colônia*.



Figura 20: Fabricação da cuca italiana no forno de barro; produção de cachaça em alambique; produção de açúcar mascavo, melado e rapadura; e a fabricação dos chapéus e palha. Exposições da 5ª EXPOCOLÔNIA realizada em Faxinal do Soturno.

O modo de fazer dos antigos é demonstrado em uma composição estética que reproduz o estilo colonial. Demonstrem-se utensílios montados no parque como peças de museu, reconstituídos com o objetivo de apresentar a cultura italiana. Entretanto, o passado aqui não é apenas mumificado na exposição dos objetos antigos, mas reproduz e encena os afazeres da vida cotidiana. Neste palco, os sujeitos locais apresentam-se como atores, em um cenário montado para a representação do que significa o passado da *Quarta Colônia*. A figura da *nonna* demonstrando seu trabalho confere legitimidade a um saber que aos poucos vem se perdendo na passagem das gerações. Além disso, a performance vivencia um ritual e oportuniza a interação com o ‘tempo dos antigos’, como uma memória viva interagindo com o novo.

A temporalidade combina-se e justapõe-se formando uma noção temporal híbrida, na medida em que os elementos da memória delineiam-se sobre 'o que era', 'o que é' e 'o que queremos ser'. A descontinuidade temporal compõe o enredo que assegura o espetáculo, pois a exibição do cotidiano colonial constitui uma rememoração de um tempo presumivelmente pretérito, mas com objetivos e significações do presente. O tempo, neste caso, constitui a peça de museu, constantemente acionado através de elementos que o fazem ressurgir.

Contudo, como característica da memória coletiva, os elementos acionados para representar o passado são selecionados com propósitos do presente e, neste processo de reinvenção da tradição, alguns são realçados em detrimento de outros. Os rituais de trabalho e produção apresentados são os principais encenados, juntamente com outras reproduções que são evidenciadas na comparação com o novo, com a vida moderna, a qual é julgada como mais fácil.



Figura 21: Respectivamente, foto de um limpador de sementes antigo e de um antigo engenho de moer cana. Expocolônia, Faxinal do Soturno, 2009

As imagens dos antigos instrumentos de trabalhos colocados no cenário da Expocolônia apresentam o confronto entre as máquinas antigas e novas. Uma continuidade histórica de evolução tecnológica, a qual abarcou também os descendentes de colonos italianos na região, que hoje permite a melhor produtividade da lavoura. São estes elementos que observamos no cenário da festa em questão, os quais remetem aos instrumentos de trabalho como forma de exaltar as dificuldades dos antigos colonos, lado a lado com o avanço da modernidade. As discursividades que acompanham os cenários apontam para o avanço da

produtividade da lavoura na *Quarta Colônia*, relacionado ao avanço tecnológico, mas sem descartar a aptidão para o trabalho, herdada dos colonos desbravadores.

5.1.1 Encenação da vida cotidiana

Os desfiles de carros alegóricos, um momento preparado para contar a história do local, da colonização e as transformações ao longo dos anos, são espetáculos apresentados na maioria das festas que tematizam a colonização alemã ou italiana, bem como nas comemorações de aniversário dos municípios da *Quarta Colônia*. Os 'desfiles típicos' mostram a imigração, os primeiros tempos, os costumes, o cotidiano das famílias que buscavam sobreviver na nova terra. Estes signos são acionados em um tom saudosista, de um tempo de dificuldades, mas de bravura, em contraste com os 'tempos modernos'. Principalmente no que tange ao trabalho agrícola, as narrações do desfile demonstram a passagem das técnicas tradicionais às modernas.

Bem no princípio, a trilha do arroz era feita através do manguá. Com a evolução, surgiu a trilhadeira fazendo o trabalho mais rápido e, hoje, a tecnologia facilitou muito o trabalho dos agricultores. A colheita do arroz era feita com foicinha e a secagem era feita no sol, onde a semente ficava dois ou três dias em cima da soca, palha com resteva (Narrativa do Desfile de carros alegóricos da 21ª Semana do Município de Dona Francisca).

Uma composição simbólica, aparentemente linear, mas que apresenta temporalidades distintas, como parte do ato de rememorar. Apesar disso, as características antigas não são apresentadas pejorativamente em contraposição às facilidades da modernidade, mas são acionadas como símbolo de bravura, com o encantamento de um mundo mais rústico, mais aprazível aos olhos de quem assiste. Quanto aos atores da peça, com o processo de valorização da cultura local, elabora-se um contra-estigma aos valores culturais dos colonos italianos e alemães, posto que, participar da encenação dos costumes e tradições, constitui um ato de apresentar aos visitantes 'de onde nós viemos' e 'quem nós somos hoje'. Todas as comunidades organizam-se e todos participam do desfile, cada qual mostrando parte dos elementos de reivindicação identitária do passado, ou seja, como nossos antepassados viviam, e a evolução dos tempos, como nós vivemos hoje.

Entretanto, ao analisar o desfile típico do Festival de Inverno de Vale Vêneto, Froehlich (2002), atenta para falas que demonstram certa ambivalência⁹⁰ na participação dos sujeitos locais em encenações do desfile. Nas palavras de Froehlich,

O constrangimento e o medo de se 'expor ao ridículo' indicam um claro sentimento de *ambivalência* vivenciado por parte destes moradores, ao encarnarem personagens inspirados nos seus antepassados: os figurinos puídos e remendados, os instrumentos de trabalho arcaicos, a extrema simplicidade e os poucos recursos da vida cotidiana dos imigrantes apontam para um passado de dificuldades e de muito trabalho. Entretanto, durante muito tempo, não só lutaram para superar estas condições de vida, como eram vistos como 'atrasados', 'grossos', 'pessoas da roça', 'sem cultura' por um discurso modernizador de enfoque urbano-industrial amplamente pervasivo. Quando, enfim, conseguem em boa conta adotar outro estilo de vida, bem mais próximo do que recomendava a modernidade, eis que seu povoado se enche agora de pessoas a valorizar e a buscar aquilo justamente que era considerado 'velharia', 'cacareco', emblema de atraso e pobreza. Mas, na lógica cultural contemporânea que dispõe sobre o espetáculo, a tradição e o rural – pólo predisposto do passado histórico – passam a ser vistos como substrato para a produção estética e, neste processo, a condição rural não é mais encarada como arcaísmo a desaparecer, mas pode ser reconhecida como alteridade, como especificidade, como diferença valorizada. Defrontam-se, os moradores, portanto, com uma espécie de nostalgia que magnifica um modo de vida que a maioria deles (rurais e agricultores) lutou para abandonar ou já abandonou quase totalmente. E, assim, neste tipo de espetáculo, a museificação do cotidiano e do figurino dos intérpretes locais, e as alegorias teatrais que fazem dos seus próprios antepassados, acabam por ensejar situações paradoxais e identidades ambíguas para estes mesmos moradores (FROEHLICH, 2002, p.119).

A compreensão do autor para as questões identitárias ambíguas vividas pelos sujeitos imersos em momentos de grandes transformações são visíveis nas manifestações incompreensíveis de pessoas que, ao passar por momentos históricos de proibições de cultivar os costumes e de estigma por tais costumes e crenças, sentem-se retraídos frente às novas tendências de valorização cultural. Como problematizado por Zanini (2006), muitos descendentes de italianos que suportaram as repressões do Estado Novo não assimilam a busca dos seus netos por aprender a língua italiana ou por reviver os costumes dos antigos. São ambivalências que surgem com as contradições dos tempos, em um processo de mudança acelerada nas relações sociais e identitárias, que não são assimiladas por muitos habitantes.

⁹⁰ Ambivalência é entendida aqui como atitude que oscila entre valores distintos, às vezes, antagônicos.

Contudo, no tocante aos desfiles e demais encenações que buscam espetacularizar o modo de vida dos antigos como atrativo para os consumidores externos, apontam-se características diversas no modo de compreender tais tendências. Observa-se que, ao longo dos últimos vinte anos, foram realizados projetos e atividades que atenderam a demanda por revalorização dos seus próprios costumes. Um trabalho bastante subjetivo que teve início com o Projeto Identidade⁹¹ em Silveira Martins, o qual, problematizando os sentimentos de vergonha dos descendentes italianos manifestos nas interações locais, buscou realizar atividades que retomassem a auto-estima dos colonos por meio de ações voltadas para a valorização dos costumes, das tradições, dos modos de vida. Assim, os projetos idealizados pelos atores políticos vêm transformando as características estigmatizantes em peculiaridades positivadas, conformando a narrativa identitária da *Quarta Colônia*.

Com isso, observa-se que ao longo destas duas décadas, iniciou-se um processo de ressignificação das características locais na mentes dos próprios moradores locais. Hoje, verifica-se nas manifestações artísticas, culinárias, encenações, um gosto por demonstrar os costumes, agora como atributos do local. As demonstrações da cultura dos antigos são significadas como uma oportunidade de demonstrar ‘de onde viemos’, sempre demonstrando nos desfiles que o modo de vida foi, em boa parte alterado; que os descendentes, desde o trabalho árduo dos desbravadores evoluíram e construíram suas ‘riquezas’; mas que ainda guardam crenças e tradições dos seus antepassados, as quais os identificam como italianos ou alemães.

Além disso, o desfile exalta a bravura e a dificuldade de sobreviver no tempo dos antigos. As tradições como a religiosidade e a união de forças são também sempre ressaltadas. Bem como, são alinhadas em um contexto histórico de sobrevivência e desenvolvimento de atividades auto-sustentáveis, onde a grande maioria dos utensílios utilizados, vestimentas, produtos alimentícios eram feitos e cultivados pelos próprios colonos. “Antigamente se fazia tudo em casa, não se comprava quase nada” (L.M. Participante do desfile típico).

⁹¹ O Projeto Identidade foi idealizado na década de 1990 pelo então secretário da Cultura de Silveira Martins, José Itaqui, o qual desenvolveu atividades de educação ambiental e patrimonial em todos os municípios da *Quarta Colônia*.



Figura 22: Fotos do Desfile Típico de Vale Vêneto, julho de 2008. Respectivamente, representação da diversidade produzida pelos colonos, auto-subsistência; a produção artesanal das roupas e demais artefatos para casa, produção em tricô e crochê; Brincadeiras das crianças na colônia, folhas de coqueiro usadas como suporte para resvalar nos desfiladeiros, brincadeiras com bonecas artesanais, bolas, etc.

As imagens são algumas das características demonstradas nas representações dos desfiles, as quais evocam um pertencimento a uma identidade valorizada. Além destes momentos, olimpíadas rurais e a conhecida corrida de *tchá tchá tchá* compõem os cenários festivos. São demonstrações que reivindicam especificamente o trabalho dos colonos, percorrendo as categorias rurais, agrícolas e coloniais. Apresentações de um estilo de vida e de trabalho rústico e repleto de dificuldades partem de um cotidiano pouco presente na realidade atual. Realidade esta que se encontra com técnicas de cultivo modernas e apropriações tecnológicas para o trabalho na lavoura.



Figura 23: Olimpíadas Rurais em Dona Francisca, julho de 2006. Respectivamente, prova de Serrar madeira com serra manual; e prova de ‘debulhar’ milho.

As olimpíadas rurais buscam retratar e envolver os participantes em atividades realizadas no cotidiano dos antigos. O rural constitui uma categoria acionada como alteridade para os trabalhos urbanos. Os discursos que rememoram e dão sentido às provas relatam situações cotidianas acionadas sob a significação do passado e relacionadas à vida dos colonos italianos. Assim, a categoria trabalho é acionada como distintivo identitário, relativo às atividades agrícolas e cotidianas do modo de vida rural colonial. Reivindica, portanto, um *ethos* camponês, como símbolo da identidade territorial, sempre reivindicado sob perspectivas cênicas. Representações também acionadas nas corridas de *Tchá Tchá Tchá*, as quais vêm substituindo os desfiles típicos em muitas das festividades locais.



Figura 24: Fotos da corrida de Tchá Tchá Tchá na EXPOCOLÔNIA em Faxinal do Soturno, 2008. Aos fundos observa-se o carro, um misto de trator e caminhão, usado para a corrida.

A principal atração na corrida constitui o *Tchá Tchá Tchá*, o carro construído especificamente para as provas. Um misto de trator e caminhão, utilizado nos trabalhos da lavoura, este carro constitui o meio para a competição na corrida. Em cada ponto, o competidor pára o *Tchá Tchá Tchá* e realiza a prova proposta, dentre elas, preparar o laço e laçar o boi, além de brincadeiras infantis. Salienta-se que o principal símbolo desta competição refere-se à contemplação do rural. A interação com o público visitante, que prestigia com encantamento as caracterizações, eleva a estima dos atores, amadores em sua performance artística, e autênticos atores na espontaneidade da atuação. Não há dificuldade em reviver um passado que, mesmo longe do seu tempo, faz parte do seu passado histórico. Relação observada em todas as espetacularizações. Como, por exemplo, a atuação de crianças e jovens na composição musical do grupo *Tambores do Vale*.



Figura 25: Grupo Tambores do Vale em apresentação da música Canto dos Imigrantes. Mostra Gastronômica da Quarta Colônia. Silveira Martins, abril de 2009.

Um instigante momento, que encantou o público presente na Mostra Gastronômica de 2009, foi uma encenação musical. Dotes artísticos atrelados a uma reelaboração instrumental. *Tambores do Vale*, grupo musical de percussão, criado e idealizado por um artista santa-mariense, utiliza-se de instrumentos de trabalho dos antigos em uma releitura das utilidades dos objetos. Rolo de macarrão, 'panaro'⁹², máquinas de plantar milho, raladores de queijo, frigideiras antigas e colheres de pau

⁹² Tábua ou tabuleiro onde era servida a polenta.

transformam-se em instrumentos musicais. Apropriações de utensílios para a produção musical.

Adesso, os Tambores do Vale vão apresentar uma peça para vocês, de quei mistieri que se ofere em colonia, o sia, tuto quei que se faceva uma volta, se fá ancora in giorni e el ano seqüente, no zé vera. Solo que medo poquetin da romai. Ma non stá morire lá tradizione. Allora, ascolte valtri, ei Tambori dei Vali que struca su tutti quei strumenti⁹³ (Apresentação do grupo de percussão, Sucon della Nona, Mostra Gastronômica, Silveira Martins, 2009).

Os sons das máquinas manuais de plantar milho, que entoavam o trabalho dos colonos, transformam-se em melodia que acompanha o hino da imigração italiana. O bater da máquina no chão, manuseada por uma descendente, constitui um dos instrumentos que dá melodia ao Canto dos Imigrantes. A reinvenção da tradição materializa-se ao acionar a ressignificação dos instrumentos de trabalho dos antigos, em uma expressão que os transforma em objetos lúdicos. O autêntico aqui constitui a própria reinvenção da tradição, ao invés de reproduzir os trabalhos dos seus antepassados, o espetáculo revela uma tradução autoral, uma interpretação própria, com visões atuais, do que pode ser atrativo tanto para os visitantes, quanto para as crianças e adolescentes, atores desta peça. Este momento, dentre outros, revela-nos exemplificador da ressignificação e da auto-estima criada pelos descendentes ao longo dos últimos anos. As manifestações não são mais motivo de vergonha, falar o dialeto, cantar as músicas, vestir-se como antigamente, vêm tornando-se um atrativo para os próprios atores, na medida em que estes conhecem e se identificam com sua história⁹⁴. Os estigmas passam a ser ressignificado compondo a teia de sentidos que sustenta a narrativa identitária da *Quarta Colônia*.

A espetacularização também é apresentada pela criação de personagens que representam a identidade territorial. Estes personagens acionam os costumes, as crenças, os modos de vestir, de agir e de pensar, os saberes e fazeres dos seus antecedentes colonos italianos. Exemplo disso, destacamos o personagem *Sucon de la Nonna*, o qual consiste em um papel teatral acionado por um morador local que

⁹³ Agora, os tambores do vale vão apresentar uma peça para vocês, daqueles trabalhos que eram feitos na colônia, ou seja, todos aqueles que se fazia uma vez, se faz ainda nos dias de hoje e nos anos seguintes. Não é verdade? Só que um pouco menos hoje. Mas não deixam morrer a tradição. Agora, escutem vocês os Tambores do Vale que batem com todos os instrumentos (tradução da autora).

⁹⁴ Observa-se um grande número de jovens que participam também de grupos de danças italianas, alemãs, afros e gaúchas, os quais apresentam-se na *Quarta Colônia* ou fora dela.

tem buscado resgatar e reproduzir as características dos antigos colonos italianos. Descendente de família italiana, o ator local executa sua performance em busca da autêntica forma de agir dos colonos italianos. Uma encenação que chega à casa dos habitantes deste território todos os sábados pela manhã, por meio da Rádio São Roque (Faxinal do Soturno), contando anedotas, tocando músicas italianas e alemãs, bem como conversando com a comunidade local. Ou ainda, estando presente em diversas espaços de sociabilidade como animador das festividades.



Figura 26: O personagem *Sucon de la nonna*, respectivamente, apresentando as atividades artísticas da Mostra Gastronômica em Silveira Martins e narrando a corrida de Tchá Tchá Tchá na EXPOCOLÔNIA, em Faxinal do Soturno

Sua vestimenta remonta ao estilo dos colonos, com o chapéu de palha e um terno ao estilo antigo. A aparência do personagem não se justifica por meio de roupas rasgadas ou sujas como, por vezes, apresentava-se o colono italiano ou alemão. Não há a alusão de um estigma ao colono sujo e ‘maltrapilho’, mas o resgate de um modo de vestir-se e de falar próprio da época. Uma resignificação do valor atribuído ao estilo dos colonos italianos que remonta a um pertencimento ao que, agora, é valorizado e apreciado. Justamente, a criação do personagem partiu de um anseio por resgatar um estilo ameaçado pelo esquecimento.

Nem sei como tudo isso tomou esta proporção. Mas o personagem partiu de uma vontade minha por mostrar algo diferente, mostrar como viviam nossos antepassados. O *Sucon de la Nonna* nasceu quando eu comecei a perceber que os jovens, principalmente, tinham vergonha da sua origem. Meu grande incentivador para isso foi o José Itaquí, com quem eu

comecei a entender um pouco do que acontecia na nossa querida *Quarta Colônia*. (...) Aí, o nome, veio, primeiro, de uma história de quando eu era jovem e eu ia de Silveira Martins à Vale Vêneto, com um carro meio velho e ofereci carona para um senhor que ia a pé. Ele me disse: “con ti non, sucon de la nonna que ti sei”, isso, principalmente por causa da minha aparência, grande, forte, o que também representa as abóboras de pescoço, que tem uma cabeça grande e que os italianos chamavam de *suco*. O personagem nasceu de tudo isso, mas principalmente, para resgatar e mostrar aos outros um pouco da nossa cultura (P.S, personagem *Sucon de la Nonna*).

A criação remonta à própria memória do descendente de italianos, onde a encenação do autêntico modo de vida antigo torna-se familiar na medida em que constitui parte de sua história. A percepção da necessidade de resguardar e acionar estes elementos como potencialidades para o território é reconhecido pelo descendente, ao mensurar o sentido que o personagem adquiriu hoje no cenário territorial. Seu desempenho contagia o público que o aprecia, seja local ou visitante, ao contemplar as falas dialetais, os contos e anedotas e o estilo rápido *di parlare* (de falar). Os moradores que o acompanham pelo rádio, expõem uma sensação de nostalgia e de aconchego de quem entra em sua casa e conversa como se fosse antigamente. Para os mais jovens, constitui um momento para conhecer a cultura dos seus antepassados, já que muitas das características, principalmente em relação ao dialeto, foram perdidas. A preocupação com os jovens é manifesta pelo personagem que busca, em suas apresentações, envolvê-los na atmosfera de resgate e valorização cultural italiana. Contudo, cabe destacar, que em conformidade com a proposta territorial da *Quarta Colônia*, o personagem, apesar de fazer uso das tradições italianas para sua performance, aciona a identidade territorial multiétnica.

Me surpreendi quando comecei a ver que não eram só os italianos que me escutavam, mas os alemães, os brasileiros e de qualquer religião. Então comecei a colocar músicas alemãs, músicas para os jovens, falar das outras religiões, tentando contemplar todos os que me escutam. Temos que pensar assim, porque tu vê que tem muito alemão que casou com gringo e gringo que casou com alemão, brasileiro. Então hoje nós somos todos daqui da *Quarta Colônia*. Uma mistura (P.S, personagem *Sucon de la Nonna*).

A contemplação da multiplicidade étnica revela um discurso de apropriação dos objetivos territoriais de desenvolvimento. Assim, verifica-se que os elementos da identidade étnica italiana são destacados e acionados com maior frequência, como sinais inerentes a construção histórica de sentido territorial. A italianidade está expressa na construção histórica de apropriação do território e, desta forma,

constitui a principal referência de sentido a territorialidade. Contudo, a identidade territorial em construção é significada pelo discurso de contemplação das múltiplas etnicidades que se apresentam. Significações acionadas a partir do CONDESUS e que vem sendo apropriada pelos atores locais. Porém, demonstra-se nos momentos de fricção que a italianidade é a primeira a ser acionada, ficando as demais etnias reverenciadas como secundárias. Estas são apenas contempladas como forma de integrar os não-italianos ao pertencimento territorial.

O modo de vida dos colonos italianos também é espetacularizada pelo grupo teatral *Frotole Del Barracon*, por meio de suas peças montadas e encenadas para o público local e externo demonstrando, principalmente, as situações do cotidiano e o confronto com os costumes da modernidade.



Figura 27: Matéria sobre o grupo de teatro *Frotole Del Barracon*. Caderno *Quarta Colônia* nº 38, 20-04-2007, p.01.

O grupo é composto por moradores de Nova Palma, dentre eles agricultores, donas-de-casa, professora, motorista, dentre outras profissões. Têm o teatro como um *hobbie*, o qual adquiriu grande repercussão no território e fora dele. A reportagem do *Caderno Quarta Colônia* mostra a preparação dos atores para uma turnê na Itália em 2007. O divertimento de alguns amigos com piadas e brincadeiras

que remetiam a um estilo colonial tomou uma proporção maior, destacando-se no cenário internacional.

Muitos deles vieram do meio rural e conviveram com seus avós. O grupo preserva o dialeto vênето, os costumes e os valores conservados da colônia, incluindo as vestimentas, os hábitos e o modo de trabalhar. Tudo isso faz do Frotle Del Barracon um grupo genuíno, uma referência para a *Quarta Colônia* – comenta a secretária do município e professora de língua e de cultura italiana (CADERNO *QUARTA COLÔNIA* nº38, 20-04-2007, p.01).

A reunião destes atores, mais uma vez manifesta a tentativa de manter viva a memória local. Acionando elementos que remontam à valorização da cultura colonial, aqui italiana, os atores manifestam o ‘autêntico’ estilo dos antigos em forma de encenações criadas como atrativo para o público. Uma interpretação que revive um contexto pretérito, ao mesmo tempo em que se apropria de elementos vivenciados pelos próprios atores, ou uma reprodução das histórias e costumes rememorados pelos seus avós.

As peças encenadas têm como principal característica o contraste entre o tradicional e o moderno. *La morosa del tonetti*, apresentada em um jantar típico italiano em Nova Palma, retrata um conflito entre os costumes tradicionais com a vida moderna, relativa aos relacionamentos amorosos. Uma situação onde o único filho, ao estudar na “cidade grande”, defronta-se com um novo modo de vida, novos costumes que contradizem as tradições da família italiana, principalmente dos objetivos matrimoniais que a mãe tem para o filho. O conflito com o modo de vida ‘urbano e moderno’ é apropriado como referência para o mundo dos antigos, que ao mesmo tempo é reverenciado pelos seus aspectos tradicionais, de valores familiares e culturais bem delimitados. O cotidiano de uma família de um passado recente em que os filhos saem da vida rural e tradicional para estudar, confrontando-se com novos costumes, os quais são por eles apropriados.

A interpretação deste cenário demonstra a resistência das famílias tradicionais e o conflito com os costumes modernos, por vezes encontrados no cotidiano das famílias da *Quarta Colônia*. Problematiza uma ação reflexiva de compreensão identitária, perpassada pelo contexto de conflito com o moderno, gerando resistências e tentativas de compreensão. Principalmente no que tange às tradições e costumes relativos às relações amorosas e familiares, ao papel da

mulher e ao papel do homem no trabalho e na família, por vezes reproduzindo ainda um mundo machista, revela uma moral carregada de preconceito. Zanini (2006) observa, dentre as famílias de descendência italiana, estas contradições com relação às separações. “Se, no passado, casais separados eram uma raridade entre descendentes, hoje o cenário mudou. As separações, apesar de não serem bem-vindas, existem” (ZANINI, 2006, p.213). Há uma relação direta entre os valores expostos pela mídia, principalmente, as novelas acompanhadas pelos descendentes, que veiculam valores conflituosos com as relações e valores familiares ainda presentes no imaginário cultural dos descendentes, os quais foram herdados dos antigos.

Contudo, Zanini (2006) aponta que apesar de algumas resistências a apropriação de valores e normas do mundo moderno, os descendentes negociam e selecionam os valores que podem fazer parte do cotidiano familiar. Isso, porque, na opinião da autora, há uma tolerância com os valores modernos, desde que não atinja a moral dos costumes passados de gerações, mas que também permitam que os sujeitos negociem as categorias e consigam manter-se neste mundo moderno. Há, portanto, o que Zanini (2006, p.206), apropriando-se da compreensão de Mendras (1978, p.10), compreendeu como a “domesticação das novidades”.

Destaca-se, desta forma, que a espetacularização constitui o momento em que os elementos que compõe a teia de sentidos da narrativa identitária são acionados. O ‘tempo dos antigos’, principalmente relacionado à italianidade, constitui o principal signo da identidade territorial, assim como veremos nas representações dos elementos gastronômicos.

CAPÍTULO VI – GASTRONOMIA COM IDENTIDADE: POTENCIALIDADES NEGOCIADAS

A abordagem da gastronomia como elemento distintivo da identidade territorial da *Quarta Colônia* torna-se pertinente na medida em que constitui um dos principais sinais diacríticos acionados pelos atores locais e reconhecido pelo público consumidor. Além disso, compartilhamos da opinião de Mintz (2001, p. 31), para quem a comida está diretamente vinculada “ao sentimento de nós mesmos e à nossa identidade social”. Com base nesta observação, abordaremos, neste capítulo, a potencialização da gastronomia local como elemento distintivo do território com o intuito de analisar como a gastronomia é reivindicada. Dessa forma, buscamos mapear e analisar os sentidos da reivindicação gastronômica como símbolo identitário da narrativa territorial, na medida em que esta é manifesta em diversos espaços de sociabilidade. O espaço da escrita se propõe a registrar as significações construídas sobre a comida na dinâmica de transformação do produto consumido no sustento diário para o produto elaborado com fins de comercialização. Por fim, realizaremos uma análise geral de como a narrativa territorial é estabelecida ao longo das negociações identitárias.

Este momento está estruturado de modo que contemple as discussões acerca das tendências de consumo contemporâneas, as quais manifestam a valorização pela diversidade cultural, pelos signos envolvidos nos produtos e serviços consumidos. Tendências que instigam possibilidades de desenvolvimento ancoradas na ressignificação do rústico, do contato com a natureza e a proximidade das relações. Os modos de vida antes considerados arcaicos frente à sociedade que se modernizava, passam a ser valorizados, justamente, como distintos dos padrões desta sociedade urbano-industrial. Como um dos elementos da vida social, o ato de comer integra este pensamento, na medida em que os pratos e cardápios elaborados a partir de um saber fazer diferenciado, como parte de uma tradição cultural, são apreciados por sujeitos que buscam alternativas aos padrões do cotidiano urbano-industrial.

6.1 A Gastronomia como distintivo territorial

A cultura é compreendida pela sua dinamicidade e, desta forma, seus elementos são constantemente reelaborados e reinventados. Assim, os costumes, crenças, modos de ser e de agir vão se delineando e transformando ao logo do contato com a alteridade e das transformações sociais, em nível global. A gastronomia, neste sentido, constitui um dos elementos da cultura que representa os saberes e costumes de um determinado grupo social. Os saberes de manipulação dos alimentos e os costumes alimentares têm sido historicamente, um componente essencial para a construção das identidades dos grupos humanos.

A comida insere-se em um saber ritualizado, a apropriação do alimento e sua transformação ocorrem de acordo com valores coletivos que determinam a seletividade e a preparação da comida. É neste sentido que a comida torna-se um elemento carregado de representação e simbolismo. Nos termos de DaMatta (1986, p.55), “a comida é tudo que se come com prazer, de acordo com as regras mais sagradas de comunhão e comensalidade”. Assim, ao mesmo tempo em que a comida agrega fatores biológicos, ela localiza-se em uma rede de representações, que a originam enquanto boa ou ruim, elaborada por um determinado grupo, bem como preparada e consumida em uma ação ritualística. Pode-se dizer que a racionalidade de escolha do consumo dos alimentos está alicerçada em um conjunto de representações, sentimentos e sensações orientadas pelas dinâmicas culturais e sociais.

Além disso, segundo Silva (2003), a comida constitui o item da cultura que permanece por mais tempo nos hábitos e na memória dos imigrantes. Constitui um elemento do imaginário que pode ser ressignificado de acordo com as transformações nas relações culturais e sociais. Assim, o que é reivindicado ou apresentado hoje como pratos típicos de uma determinada cultura pode ser uma ressignificação dos pratos e sabores antes desvalorizados. O que é bom ou o que é valorizado faz parte de um processo relacional que vai forjando-se ao longo do contato com a sociedade de consumo. Neste contexto relacional, os elementos acionados como distintivos para a promoção do território *Quarta Colônia*, são ancorados nos anseios do público consumidor, que busca valorizar o diferente, o autêntico, o que foge aos padrões de consumo do cotidiano.

Neste contexto de busca pelo novo ou pelo diferente, a gastronomia, dentre outros sinais distintivos já mencionados, permeia o imaginário do público consumidor, ao mesmo tempo em que é acionada como principal símbolo de representação territorial. Para a maioria dos visitantes questionados sobre o que representa a *Quarta Colônia*, a gastronomia aparece como sinal distintivo e ao mesmo tempo como atrativo para conhecer o território. Observa-se que o estilo colonial encontra-se instaurado no imaginário da *Quarta Colônia*, onde a gastronomia revela-se como principal artefato. Além disso, a gastronomia local, mesmo que como atrativo secundário, sempre é consumida por quem busca o contato com a natureza, a tranquilidade, a religiosidade, entre outros atrativos.

A necessidade diária de comer faz com que a gastronomia ou a culinária faça parte de outros rituais ou esteja aliada a outros atrativos. Assim, quem procura conhecer a *Quarta Colônia*, percorrer um roteiro turístico, participar de uma festa religiosa, ou realizar esportes radicais, normalmente depara-se, em algum momento, com os pratos e sabores 'típicos' da região. Mesmo assim, muitos dos visitantes entrevistados vão ao território em busca da gastronomia ofertada. Percebe-se, principalmente aos finais de semana, a migração de muitos moradores de Santa Maria, ou região, para almoçar, jantar ou experimentar o café colonial na *Quarta Colônia*. A fuga do cotidiano semanal ancora-se na procura de um local distinto da cidade, localidades pequenas, pacatas e acolhedoras que possam proporcionar o sabor de pratos diferenciados em um ritual que contempla diversos elementos da identidade local.

A circulação de visitantes nas festas ou para o consumo nos restaurantes constitui uma realidade em ascensão. Assim, a *Quarta Colônia* tem apostado na gastronomia como estratégia de promoção do desenvolvimento. Ela é acionada como sinal distintivo da identidade territorial e é reconhecida pelos seus atributos de um saber fazer alicerçado na multiplicidade étnica local. Observa-se nas reivindicações da gastronomia expressas nos folders de divulgação produzidos pelo CONDESUS, a apropriação de um discurso que aciona a multiplicidade de saberes étnicos. A chamada imprensa como estratégia para divulgar o território, expressa a valorização das diversas etnias e seus saberes culinários que compõem a *Quarta Colônia*. Como todos os materiais de divulgação dos últimos anos, criados por um agente específico, o CONDESUS, as quatro etnias que fazem parte da história do território são acionadas como diferencial. Na gastronomia, da mesma forma, o

material é produzido anunciando os locais onde podem ser encontradas estas delícias, as quais revelam emoções e sensações que vão além do simples ato de comer.

Neste sentido, as reivindicações relativas à gastronomia vão ao encontro das tendências consumidoras que apreciam a gastronomia pelos seus sabores, imersas em sensações proporcionadas pelo contexto do ritual do comer e pelas características culturais a ele vinculadas. A narrativa em questão recorre às tradições gastronômicas étnicas. Portanto, quando os consumidores degustam os pratos da culinária local, há a tentativa de passar a eles a idéia de que estão consumindo uma tradição, um saber fazer passado de geração para geração. Um produto oriundo de transformações selecionadas por um contexto cultural e social específico.

Contudo, observa-se uma relação paradoxal entre o discurso descrito no folder, que exalta o saber fazer multiétnico, em contraposição às expressões das imagens que nos apresentam a culinária típica italiana acionada na imagem central do material. A copa, o salame, o queijo, a polenta, o que se convencionou chamar de tábua de frios, acompanhado de um vinho, constituem o ponto de partida para, quem observa o folder. A impressão que fica para quem busca conhecer a microrregião é que esta possui apenas a gastronomia italiana, para só posteriormente compreender que o território delinea-se sob as características de uma multiplicidade étnica. Somente na imagem interna, é que se pode visualizar uma foto da 'cuca baixinha' ou 'cuca de alemão', prato considerado típico da etnia alemã.

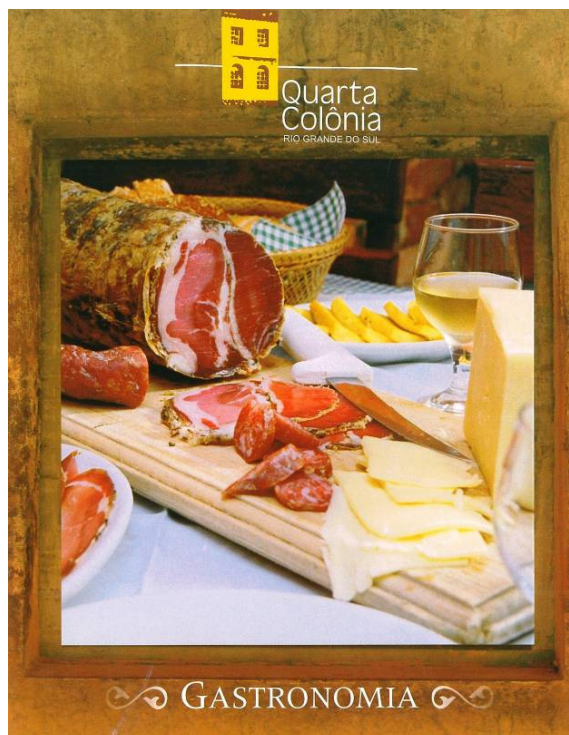


Figura 28: Folder de Divulgação Turística sobre a Gastronomia na *Quarta Colônia*, CONDESUS.

A diversidade gastronômica também é acionada na principal festa que exalta a gastronomia local em um discurso que diferencia o território a partir da reivindicação multiétnica. É neste espaço, onde o personagem principal, a gastronomia típica, é elevada à categoria de principal elemento da identidade territorial. A Mostra Gastronômica da *Quarta Colônia* foi criada com o intuito de promover a gastronomia do território, a qual é organizada pela Rota Gastronômica da *Quarta Colônia*⁹⁵. Uma organização de estabelecimentos comerciais, idealizada a partir do CONDESUS, que promovem a comercialização de pratos ou produtos típicos do território. São restaurantes, agroindústrias, padarias e confeitarias que utilizam os saberes locais para a promoção de um diferencial atrativo ao público interno e externo. Um evento itinerante que acontece anualmente em um dos municípios da microrregião e abrange todos os estabelecimentos que queiram demonstrar-se na festa.

Em clima festivo, a atração principal são os produtos típicos que são apresentados como vitrines das características territoriais expressas pela dimensão das sensações atribuídas ao ato de consumir um produto gastronômico de origem

⁹⁵ A Terceira Mostra Gastronômica, realizada no ano de 2009 em Silveira Martins, uniu a Rota Gastronômica da *Quarta Colônia* e a Rota Gastronômica Santa Maria-Silveira Martins.

étnica. Para complementar as sensações do diferente, as emoções de saborear um produto cultural, o cenário e as manifestações no local, expressam dimensões longínquas ao cotidiano de quem visita. São demonstrações de música e de danças que reforçam a reivindicação étnica da gastronomia. Neste momento, pode-se perceber que a multiplicidade étnica ganha contornos novamente, onde grupos de danças juvenis e infantis apresentam e encenam músicas e danças italianas, alemãs, africanas e gaúchas.

Além disso, os visitantes podiam saborear os produtos com o som de uma bandinha alemã, a qual circulava pelo local. Também observou-se a espontaneidade dos moradores locais, *nonnos* e *nonnas*, que reunidos em roda cantaram músicas tradicionais dos colonizadores. Músicas que revelavam saudosismo, como “O Canto dos imigrantes”, “Oh monte grappa” e “La Bella Polenta”⁹⁶, ou que expunham modos de ser, costumes, estigmas e romance a moda italiana. A espontaneidade revelava um ambiente caseiro, um filó, onde as pessoas juntavam-se para cantar, conversar, comer, jogar baralho ou mora, expressando um sentimento de lar, de casa, de família e de grupo, para enfrentar as dificuldades.

Além das festas, a gastronomia também é potencializada e pode ser consumida em locais específicos, como restaurantes, agroindústria e confeitarias da microrregião. Os diferentes atores, institucionalizados pela apresentação de pratos e produtos típicos da culinária local acionam os saberes étnicos como reivindicação identitária da gastronomia apresentada. Há diferentes estabelecimentos comerciais, distribuídos nos nove municípios da *Quarta Colônia*, mas, mais concentrados em alguns municípios que vem se destacando na promoção de restaurantes e da produção agroindustrial.

Ao mapear os pratos e reivindicações identitárias gastronômicas apresentadas como referência para o território, observou-se a sobreposição dos pratos típicos coloniais italianos. A Mostra Gastronômica, ao organizar os estabelecimentos do território, demonstra a variada oferta de produtos e pratos elaborados e reivindicados a partir do saber fazer colonial italiano. Fato expresso ao mapear a diversidade de restaurantes e agroindústrias que reivindicam a tipicidade colonial italiana, frente aos produtos e pratos reivindicados a partir das demais etnias. Isto também é demonstrado na diversidade de festas que acionam a

⁹⁶ Pode-se encontrar as letras no livro *Cento Canti Taliani* do Padre Clementino Marcuzzo.

tipicidade italiana nos seus almoços ou jantares. A retórica da multiplicidade étnica expressa nas divulgações revela-se, portanto, contraditória às vivências festivas e ofertas de estabelecimentos na *Quarta Colônia*, as quais se apropriam do saber fazer italiano. Estas reivindicações de busca pela diferenciação gastronômica como potencial elemento para a evocação étnica serão problematizados a partir do sentido de cada prato ou produto apresentado 'à mesa'.

6.2 Pratos e produtos de reivindicação identitária territorial: a tipicidade realçada

Toda a gastronomia é acionada a partir de um discurso, o qual busca atrair o consumidor para a escolha do seu produto. Este intuito é o que permeia as apresentações gastronômicas na *Quarta Colônia*. Os produtos são acionados por narrações que buscam provocar os anseios gustativos do consumidor. Isso porque, de acordo com Fischler (1995), os indivíduos nutrem-se também de significados e representações construídos no imaginário coletivo. Assim, o ato de alimentar-se implica também em um *valor simbólico* atribuído tanto ao produto a ser consumido, quanto ao ritual de fazê-lo. Neste caso, o produto escolhido pelos consumidores e o modo de consumir revelam uma escolha muito além do simples ato de matar a fome, expõem um apreço pelo valor simbólico, pelos significados e sensações que estes provocam. Como afirma Maciel (2001, p.04), "a comida envolve emoção, trabalha com a memória e com os sentimentos" e, portanto, são estes sentimentos e emoções gerados pela representação cultural da materialização gastronômica que envolvem a procura do público consumidor, assim como a relação do que será acionado pelos atores locais como constitutivos da identidade territorial.

Maciel destaca ainda, que a comida também pode constituir-se enquanto marcador de uma identidade territorial.

A comida pode marcar um território, um lugar, servindo como marcador de identidade ligado a uma rede de significados. Podemos assim falar em "cozinhas" de um ponto de vista "territorial", associadas a uma nação, território ou região, tal como a "cozinha chinesa", a "cozinha baiana", ou a "cozinha mediterrânea", indicando locais de ocorrência de sistemas alimentares delimitados (MACIEL, 2001, p.151).

Concordando com esta compreensão é que a gastronomia consumida e acionada na *Quarta Colônia* é aqui problematizada. Como um distintivo territorial, ela pode e é potencializada representando a união e sinergia em dimensão territorial, como elemento identificador entre os atores, bem como, demarcador da distintividade do território. Os elementos que conferem significado aos pratos e produtos elaborados no e pelo território são referenciados pela memória de imigração e colonização da microrregião. A tipicidade, desta forma, aciona um conjunto de práticas e costumes de um grupo, mensuradas pela tradição do fazer aliada à origem comum.

Por meio desta constituição narrativa, o grupo organiza-se e reivindica os demarcadores, que dão sentido ao pertencimento territorial. Os sujeitos afirmam-se a partir de uma resignificação da cozinha 'típica' italiana ou alemã, uma reelaboração das tradições criadas e vivenciadas pelos colonizadores. Criados, pois os costumes e modos de fazer dos imigrantes, estes sofreram adaptações e recriações a partir da apropriação dos produtos e alimentos disponíveis na nova pátria. Assim, muitos costumes à mesa são oriundos de um processo de adaptação dos colonos italianos e alemães em terras da região Central do Rio Grande do Sul. Portanto, é com base neste contexto histórico que os pratos e produtos da gastronomia local são acionados. A tipicidade, neste contexto, significa a apropriação dos elementos da natureza local, transformados a partir dos saberes e modos de fazer dos colonos.

A tipicidade colonial constitui um dos principais demarcadores da gastronomia do território. Representa um modo de fazer característico de regiões de colonização europeia⁹⁷ no Rio Grande do Sul, uma resignificação da culinária alemã ou italiana em terras e com elementos próprios do local. Contudo, principalmente, a tipicidade colonial é acionada em contraposição à cultura de consumo e modo de vida urbano-industrial. Além da tipicidade colonial, também, pode-se observar reivindicações da tipicidade italiana ou alemã. Em muitas agroindústrias, pode-se consumir produtos típicos italianos ou típicos alemães. Produtos que apresentam a reivindicação nos rótulos de apresentação. Além destes, observamos alguns locais que reivindicam o produto como tipo italiano, os quais buscam diferenciá-los dos produzidos na Itália.

⁹⁷ Quando tratamos de colonização europeia neste trabalho, referimo-nos à colonização alemã e italiana.



Figura 29: Respectivamente: cuca italiana “Giacomini produtos coloniais”, e cuca colonial “Tipo Italiana”, narrativa de diferenciação da agroindústria “Cervo Produtos Coloniais”.

Também verifica-se a reivindicação da produção artesanal, a qual representa um modo de fazer diferenciado, com especificações que representam a fabricação em pequena escala, com atenção para os detalhes do processo. A reivindicação, neste caso, busca diferenciar-se da fabricação em larga escala das indústrias.



Figura 30: Respectivamente: goiabada artesanal de Silveira Martins, e vinhos coloniais de Ivorá. Foto da autora

Na exemplificação destes produtos, observa-se a produção artesanal aliada à produção colonial, diferentes estratégias de diferenciação dos produtos locais coligadas em confronto com a fabricação industrial. O colonial e o artesanal também

representam a produção oriunda da agricultura familiar, uma produção caseira carregada de tradição.



Figura 31: Pão caseiro “Giacomini - produtos coloniais”. Reivindicação do “caseiro” como categoria distintiva.

As reivindicações do “típico italiano” ou “típico alemão” não dizem respeito, por exemplo, à culinária da Alemanha ou da Itália, mas a ressignificação dos colonos italianos e alemães que colonizaram o Rio Grande do Sul no século XIX. Ao acionar uma produção artesanal, colonial ou étnica, ativam significações que representam ao consumidor uma referência identitária. Ao referenciar a memória de um modo de fazer, as expressões presentes na denominação dos produtos envolvem emoção, sentimentos de quem a consome. De acordo com Maciel,

as expressões "comida da mãe", ou "comida caseira" ilustram bem este caso, evocando infância, aconchego, segurança, ausência de sofisticação ou de exotismo. Ambas remetem ao "familiar", ao próximo, ao frugal. Porém, se o "toque caseiro" é o toque mais íntimo em oposição ao "toque profissional", em série, não-pessoal. O toque "da mãe" é uma assinatura, que implica tanto no que é feito, como na forma pela qual é feito, que marca a comida com lembranças pessoais (MACIEL, 2001, p.151).

Com esta compreensão, remete-se à comida colonial um sentimento de nostalgia, de pitoresco, referenciado por uma memória da vida dos colonizadores europeus. Estes sentimentos revelam uma proximidade com a ‘tradição’, com as características resguardadas pela memória e reproduzidas pelos descendentes. Laços que reverenciam o ‘autêntico’ modo de vida colonial, de plantio e produção

artesanal dos produtos para o consumo da família. Neste caso, os sentimentos familiares em relação à comida remetem à figura da *nonna*, a qual representa a boa comida, a mesa farta. Representa o ‘toque da *nonna*’, um toque da colônia manifesto pelos sabores diferenciados e pelos modos de fazer que exigem todas as etapas do preparo, desde o cultivo ou a criação dos animais, a elaboração final do prato. Por fim, o “colonial” ou o “típico italiano” e “o típico alemão”, transporta sensações de consumo de produtos com história ou com identidade.

Essas sensações são manifestas, também, quando aliam o produto gastronômico ao espaço festivo. Assim, a tipicidade também se apresenta enquanto parte da narrativa identitária nos jantares e almoços típicos, bem como, nos cafés coloniais. As tradições gastronômicas apresentadas em rituais festivos atraem ao acionar a simbolização italiana ou alemã. Observa-se, desta forma, uma gama de festividades que referenciam o personagem principal do evento, a culinária típica italiana ou alemã. Alguns municípios, anualmente, realizam um jantar ou almoço típico italiano ou alemão como atrativo principal. Nos convites de festividades em comemoração ao aniversário de emancipação dos municípios, bem como nas demais festividades promovidas pelos municípios, encontram-se eventos gastronômicos com reivindicação da tipicidade.

Quadro 3: Festas e eventos da gastronomia típica da *Quarta Colônia*

FESTA	GASTRONOMIA TÍPICA
26º Semana do Município de Dona Francisca	- Jantar Típico Alemão - Jantar Típico Italiano - Café Colonial
46 Anos de Emancipação Político-Administrativa de Nova Palma	- XVI Notte Italo Brasileira (Jantar Típico Italiano)
XXIII Semana Cultural Italiana de Vale Vêneto e XXIII Festival de Inverno da UFSM	- Jantar Italiano - Almoço Italiano
Festa dos 50 anos de aniversário de Restinga Sêca	- Jantar/baile Típico da Associação Alemã
53º Festa Regional do Arroz em São João do Polêsine	- Jantar Típico Italiano - Almoço à italiana

Fonte: a autora

Além destes eventos que acionam a tipicidade italiana ou alemã, observa-se a promoção de eventos organizados durante o ano pelas Associações Italianas e Alemãs da microrregião, como a Associação Italiana de Dona Francisca e de São João do Polêsine. Os atores locais que realizam os eventos típicos, na sua maioria, são comunidades organizadas a partir da ordem religiosa. Assim, as organizações comunitárias católicas ou evangélicas luteranas dispõem de salões paroquiais onde, normalmente, são promovidos estes eventos típicos. São pessoas da comunidade que tradicionalmente promovem eventos festivos, passados de geração a geração, como representação do compromisso com a comunidade. Uma tradição antiga que identifica as comunidades locais e que, ao mesmo tempo, constituem elementos potencializados para a identificação territorial.

6.2.1 O Risoto e a Polenta: representações e significações da gastronomia italiana

Os eventos acionados pela sua tipicidade são espaços e momentos de reivindicação identitária privilegiados para a compreensão dos demarcadores gastronômicos da identidade territorial, na medida em que apresentam ao público suas peculiaridades gastronômicas do que consideram como típico. Ao acompanhar estes eventos, salienta-se uma grande diversidade do que vem sendo acionado como produto típico, da mesma forma que se observam alguns pratos e produtos em comum, além de ressignificações da gastronomia típica local. Assim, ressalta-se que há uma diversidade de pratos e produtos acionados nos distintos locais do território, os quais são comumente ligados a uma tradição étnica ou a uma tradição da comunidade local. Nesta diversidade, constata-se que há conflitos de opiniões interno do que seria mais atrativo acionar como gastronomia representativa do território. Em contrapartida, alguns elementos da gastronomia territorial são alavancados em distintas opções de eventos.

Diante disso, tem se verificado uma tendência à reprodução e continuidade de uma tradição vinculada aos eventos festivos, os quais são atrelados à comunidade religiosa. Estes eventos resguardam memórias do que tem se considerado durante décadas como a comida de festa. Na reivindicação da tipicidade italiana, os eventos religiosos católicos, ao redor dos santos, ainda permanecem apresentando a gastronomia de festa. A sopa de agnolini, o risoto, o galeto assado, o pão e a cuca,

bem como a maionese e a salada de radicci, constituem símbolos da culinária italiana local, apresentados aos visitantes nas mesas das festas. Uma reprodução do ambiente da casa em âmbito comunitário. O salão paroquial torna-se, nestes momentos, uma ampliação da casa dos descendentes, recepcionando os visitantes com a mesma gastronomia apresentada à mesa quando recepcionam um visitante ou aos domingos.

“Sempre foi assim, nós sempre fizemos essas comidas nas festas, fazíamos também o bife à milanesa e a galinha Lessa, mas hoje só em alguns lugares ainda fazem isso” (M.V, descendente de italianos).

“O risoto, a sopa, o galeto, a maionese nós sempre comia no domingo, a mesa era cheia. Durante a semana nós comia minestra ou arroz e feijão, polenta e fortaia, mas no domingo sempre era diferente” (L.G, descendente de italianos).

Deste modo, a festa representa uma reprodução da vida dos descendentes. O que era consumido aos domingos na casa dos colonos, reproduziu-se em escala maior aos visitantes que freqüentam os almoços de domingo das comemorações festivas. Entretanto, a partir de um processo de ressignificação da cultura colonial italiana, o qual teve início com os festejos dos 75 anos da imigração italiana, observou-se a retomada de alguns pratos da culinária cotidiana dos colonos. A ressignificação do que se convencionou chamar de ‘comida de pobre’, impulsionou a potencialização destes pratos como atrativos.

Desta forma, pode-se observar um processo de ressignificação da comida cotidiana em comida de festa. Em alguns jantares a comida do cotidiano vem sendo potencializada como atrativo para os visitantes. A comida forte consumida diariamente pelos colonos apresenta-se como a reprodução do cotidiano dos colonos, na busca por referenciar a autenticidade e a rusticidade da vida colonial, bem como reverenciando o trabalho e a força dos colonizadores. Assim, em alguns locais de apresentação da culinária típica italiana nos deparamos com a polenta, a fortaia, o salame, o queijo e a copa, acompanhados de carne de galinha ao molho e galeto assado. Pratos considerados, por muito tempo, ‘comida de pobre’, ou a ‘comida forte’ que os colonos italianos consumiam no dia-a-dia para agüentar a pesada jornada de trabalho. Estas reivindicações, portanto, constituem uma ressignificação da vida cotidiana que agora é valorizada pela sua característica pitoresca e autêntica.

Menasche (2009) problematiza os usos e significados da polenta ao atentar para o que confere sentido às percepções do rural. Neste ponto, alguns produtos

costumeiramente utilizados na cozinha e modos de preparo específicos, sejam de descendentes italianos ou alemães, “poderiam ser relacionados como emblemáticos de uma identidade rural, *colona*” (MENASCHE, 2009, p.08). Tomando a polenta como um dos elementos emblemáticos que dão sentido à identidade rural, colonial, a autora contrapõe duas situações específicas que conferem diferentes significados ao prato. Entre os jovens a polenta, enquanto significação da cultura rural é, por vezes, estigmatizante. “Não é difícil intuir que a polenta, seja, entre estes jovens, um alimento pouco apreciado: a comida compartilha o estigma associado à condição de agricultor” (MENASCHE, 2009, p. 09). Contudo, a autora observa um processo de ressignificação da polenta, na medida em que esta compõe o cenário das festas. Assim, demonstra movimentos contraditórios entre o estigma e a valoração que ressignificam o mesmo prato, por meio de diferentes sujeitos.

Este caso representa, historicamente, uma ressignificação da cozinha tradicional das colônias italianas. O que é considerado a comida típica, atualmente, não era acionada anteriormente ao processo de valorização da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Consiste em uma ressignificação e valorização da ‘comida de pobre’ consumida no cotidiano das famílias na colônia. A designação do que é típico representa uma composição de produtos ou de saberes e modos de fazer que são reconhecidos pelo grupo e acionados para a sua distintividade. Tal interpretação é referenciada por Maciel, para a qual,

a constituição de uma cozinha típica vai assim mais longe que uma lista de pratos que remetem ao “pitoresco”, mas implica no sentido destas práticas associadas ao pertencimento. Nem sempre o prato considerado “típico”, aquele que é selecionado e escolhido para ser o emblema alimentar da região é aquele de uso mais cotidiano. Ele pode, sim, representar o modo pelo qual as pessoas querem ser vistas e reconhecidas (MACIEL, 2001, p.152).

A acepção de Maciel pode ser incorporada ao contexto de ressignificação da cultura colonial italiana, na medida em que, a ‘comida de pobre’ passa a ser referenciada como elemento da identidade étnica. Deste modo, o que representa o típico hoje, na culinária colonial italiana, constitui uma releitura do modo de vida cotidiano, familiar e pitoresco das colônias. Contudo, acima disso, o típico demonstra os costumes e tradições culinárias que são reivindicadas como fonte de afirmação do grupo que as reconhece enquanto sinais diacríticos. Desta forma, mesmo que alguns pratos não façam mais parte da mesa dos descendentes, eles foram

escolhidos pelo grupo para que fossem potencializados enquanto demarcadores étnicos e, neste caso, territoriais.

Poderíamos sugerir que temos, assim, situações em que, ao ressignificar positivamente, entre aqueles que vivem no campo, práticas e identidades até há pouco estigmatizadas, ou seja, ao demandar um rural idealizado, consumidores urbanos estariam contribuindo para uma *reinvenção* dessas práticas, identidades e *tradições* (MENASCHE, 2009, p.10).

Este processo é delimitado historicamente na memória local, na medida em que as características da colonização transpuseram os estigmas da 'comida de pobre' dos colonos. Assim, a valorização de alguns produtos e a reivindicação deles, como a polenta, faz parte de um processo onde alguns produtos foram eleitos como predados a serem demonstrados. Isso não significa que estes produtos ainda sejam consumidos e valorizados pelo público que o apresenta no seu consumo diário, ou seja, são produtos que, muitas vezes, não compõem a lista de preferências gastronômicas dos descendentes, mas que são potencializados de acordo com as preferências do mercado consumidor. Conseqüentemente, o que é acionado como demarcador étnico ou territorial diz respeito à produção de uma narrativa baseada nas tendências de valorização da sociedade de consumo. Por esta razão, alguns pratos são resgatados e ressignificados com base em intuítos de promoção do desenvolvimento territorial.

6.2.3 Cuca alemã e cuca italiana: Reivindicações étnicas distintas por meio de um saber fazer culinário

Os saberes e fazeres que dão sentido à gastronomia da *Quarta Colônia* representam conhecimentos e rituais próprios de grupos étnicos. A memória gastronômica que é acionada como distintividade territorial adquire sentido pelas atribuições da colonização. São representações das cozinhas dos antigos colonos afirmados enquanto unidade grupal pela sua origem comum, a etnicidade. Desta forma, a gastronomia, enquanto sinal diacrítico dos grupos étnicos aparece reivindicado para a afirmação territorial pela sua multiplicidade de saberes e fazeres das tradições étnicas. Há, no território, demarcadores étnicos que delimitam os pratos e produtos reconhecidos como típicos de cada etnia. Observa-se,

principalmente a reivindicação de demarcadores gastronômicos entre a etnia italiana e alemã. São compreensões que podem ser observadas nas tentativas de diferenciação acionadas no Caderno *Quarta Colônia*. As menções a pratos típicos estão sempre referenciadas de forma comparativa entre a tipicidade alemã e a tipicidade italiana. São manifestações de elementos distintos, mas representam a mesma teia de significados que confere sentido à identidade territorial, ao serem acionados como meios para a afirmação identitária em construção.

O Caderno *Quarta Colônia* de agosto de 2006 apresenta as diversas distinções que existem entre o que se considera pelos atores locais como típico da culinária italiana e da culinária alemã, bem como, encontra um dos pratos que tem a mesma denominação, mas que apresentam distinções étnicas.

Frango ou porco. Polenta ou batata. Radicci ou repolho. Vinho ou Chopp. As diferenças entre as cozinhas típicas italiana e alemã são inúmeras. Mas há um prato em comum às duas gastronomias, a cuca. Para o leigo, a diferença entre a cuca de origem italiana ou alemã não é tão perceptível. Mas para os descendentes destas duas culturas, a comparação é uma verdadeira heresia (CADERNO QUARTA COLÔNIA, nº01, p.03).

O material problematiza as diferenças gastronômicas das etnias alemã e italiana que compõem o imaginário das tradições culinárias de ambos os grupos. Nos espaços de sociabilidade representados pelo ato de comer as demonstrações do que é tradição italiana e o que é tradição alemã é delimitado e reconhecido pelos grupos. Cada grupo apresenta e reivindica um prato ou produto que o represente. Isso não significa que o consumo e o saber fazer não sejam comuns a todos, mas são sinais distintivos que conferem sentido ao pertencimento étnico.

Exemplo disso são os pratos e alimentos mencionados na citação acima. Algumas composições gastronômicas compõem o imaginário do que pertença a cada grupo, dentre elas um prato é considerado comum, ao mesmo tempo em que apresenta características distintivas. A cuca, em um primeiro momento, considerada como prato em comum, constitui um símbolo freqüentemente acionado nas identificações gastronômicas. Tanto que suas denominações referem-se à etnia representada. Cuca alemã e cuca italiana são os termos usados para sua diferenciação.

Cuca alemã é tradição no Município de Agudo

A **cuca alemã** é mais baixa e farta em recheio de frutas. A *Kuchen* (do alemão, cuca) tem o seu segredo no creme de frutas. Conforme a empresária agudense Fabiana Roos Temp, cuja tataravó veio da Alemanha, a receita foi criada para que os imigrantes encontrassem novos usos para as frutas de cada safra. Naquela época, as principais cucas eram as de laranja e pêssego. Hoje, há uma infinidade de sabores. Além dos de frutas há cucas de requeijão e amendoim.

Segredo da cuca alemã está no recheio

Massa: ovos, açúcar, farinha de trigo, leite, fermento fresco e temperos.
Recheio: creme feito com pedaços de frutas, açúcar e água.
Farofa (Strösel): Açúcar, farinha e gordura.

Nova Palma mostra o segredo da receita italiana

A **cuca italiana** tem como diferencial o fermento. De origem italiana, Claudete Barbieri, de Nova Palma, tem ampla experiência em produção de cucas, bolachas e pães. A comerciante explica que o fermento da 'cuca de gringo' é feito a partir de uma 'semente' de outro fermento. Ou seja, é preciso ter parte de outro fermento. A fermentação é feita pela introdução de uma batata na mistura. Após um dia o fermento está pronto. É a partir dele que se obtém o volume da cuca italiana. A cuca original italiana tem apenas uma farofa em cima, mas existem variações com frutas cristalizadas e passas.

Cuca italiana é mais alta e leva um fermento caseiro

Massa: ovos, açúcar, farinha de trigo, fermento caseiro e temperos.
Cobertura: farofa feita com açúcar, farinha e gordura.

Figura 32: Matéria do fascículo Caderno *Quarta Colônia*, nº 01, 04 de agosto de 2006.

O conteúdo discursivo que reivindica as diferenças étnicas por meio da simbologia gastronômica expõe um referencial construído ao longo das relações interétnicas presentes no território *Quarta Colônia*. Estas delimitações simbólicas da gastronomia local fazem parte de um imaginário local, elaborado sob perspectivas de manutenção da distintividade étnica, as quais são, agora, acionadas como distintividade territorial. A matéria apropria-se das distintividades étnicas como meio de distinção e afirmação dos grupos internamente ao território. Contudo, na medida em que estas são reivindicadas em um fascículo elaborado como meio para a divulgação da marca *Quarta Colônia*, as distintividades étnicas somam-se de forma a constituir a multiplicidade, característica da teia de significados que confere sentido à identidade territorial.

A principal peculiaridade da cuca alemã refere-se ao creme de frutas, que serve como cobertura e que confere maior sabor ao produto. A receita refere-se, novamente, ao 'tempo dos antigos', uma reivindicação colonial étnica que legitima a identidade gastronômica. A cuca alemã, portanto, adquire identidade na medida em

que é reivindicada como uma receita dos antigos colonizadores alemães, passada de geração para geração. O consumo deste produto remete a uma contextualização histórica, pouco presente na narrativa potencializadora. Contudo, a matéria publicada no fascículo, busca, justamente, acionar um produto pela sua identidade e história. Como revelado, o produto era feito pelos antigos, os quais buscavam alternativas para a conservação de produtos perecíveis, como as frutas.



Figura 33: Cuca alemã com recheio de framboesa. Diversos recheios. Mostra Gastronômica em Silveira Martins 2009.

Além das frutas, o recheio de *käschmier*, característico da culinária alemã, é muito utilizado no preparo dasucas que são apresentadas ao público. O preparo desta iguaria é semelhante ao preparo do que comumente apresenta-se como requeijão, entretanto, sua produção artesanal e peculiar de um modo de fazer tradicional, resulta em um produto diferenciado.

A käschmier nós fizemos. Deixa o leite enxugá, aquele talhado, e aí esmaga com um poco de sal e nata, e aí mistura bem. Isso é pra mela o pão. Isso é a käschmier. Mas também usamos para fazer a cuca. A cuca de requeijão nós fazemos bastante, mas antigamente minha mãe fazia mais de farofa (N.L., descendente de alemães).

A fala da senhora, descendente de alemães, busca explicar o ritual de produção e preparo do *käschmier*, retomando o conhecimento, o saber fazer dos seus antepassados, os quais são reproduzidos para o preparo dasucas. O *käschmier* é apenas oferecido aos visitantes como recheio da cuca alemã e acionado, em muitos momentos, a partir do seu codinome requeijão, o que torna

mais fácil a compreensão aos não alemães. Entretanto, as reivindicações que assim o relacionam perdem o seu significado histórico e identitário. A busca por facilitar a compreensão do público consumidor, muitas vezes, descaracteriza o produto com identidade alemã.

Por outro lado, a caracterização da cuca italiana parte de sua estética, a tradição de fartura da mesa italiana revela-se na produção da cuca e do pão caseiro. Entre as descendentes, quanto maior a cuca, mais bonita e mais valorizada ela se torna. Contudo, o diferencial acionado por quem a produz, remete a um ritual dos antigos colonos italianos de confecção e manutenção da 'semente de fermento'. Ainda hoje, verifica-se o ritual de troca da semente entre os descendentes no meio rural⁹⁸. A troca representa a renovação da semente, um ritual de escambo entre vizinhos para a manutenção do segredo gastronômico. Este é o princípio da produção, a qual envolve significativo tempo de preparo, desde a produção do fermento, à confecção da cuca. Segredo que é reivindicado pela padaria local, que busca manter os costumes dos antigos.

O pão e a cuca, feitos com fermento de batata, não vai nenhum produto químico. Ele dura uns 20 dias. O sabor é diferente. Nós temos uma tradição. Eu não quero perder a tradição da minha bisnonna, da minha nonna e da minha mãe. Eu ainda gostaria que meus filhos continuassem. Esse é um diferencial do produto. Tem uma questão de cor. A tonalidade da massa fica diferente. Eu não misturo fermento. Apesar da dificuldade de fazer, principalmente no inverno, eu não misturo (...). No verão, por exemplo, que é mais rápido, tu tem que começar o fermento de noite, amassar de manha e vai ficar pronto a tarde. Tem que deixar crescer o fermento, depois deixar crescer a massa, depois sovar e ainda deixar crescer o pão para depois assar. É um processo demorado que no inverno fica pior ainda (G.B., descendente de italianos e proprietário de padaria).

A produção da cuca com fermento de batata é acionada nesta fala, bem como na reportagem acima, como um diferencial. Um diferencial no saber fazer resgatado dos antigos, bem como, no modo de fazer. Entretanto, nos rótulos não há menção a um produto diferenciado, com esta característica destacada. Os rótulos apresentam somente a reivindicação do típico colonial, como referido anteriormente.

⁹⁸ Referimo-nos aqui à divisão político-administrativa dos municípios entre zona rural e zona urbana.

Contudo, este diferencial, adotado por alguns estabelecimentos comerciais, gerou um conflito com a legislação, o que provocou o desaparecimento desta peculiaridade.

Tu tem o fermento, tu tem o forno, tu tem técnicas pra se fazer o produto. Mas acho que a nossa briga com a vigilância sanitária é grande. Faz tempo que eu estou tentando argumentar que faze pão dentro de um forno de tijolo varrido com a vassourinha, não é um produto sujo. Eu acho que cabe a nós hoje, dentro de uma região que a gente está tentando regatar a cultura italiana, o que os nossos nonnos e bisnonnos faziam. É trazer este produto na mídia de novo (G.B., descendentes de italianos e proprietário de uma padaria).

Diante destas discussões e exigências da vigilância sanitária, algumas modificações e adaptações foram sendo feitas na busca por alcançar o mesmo sabor. Entretanto, estas novas práticas vêm descaracterizando o modo de fazer dos antigos, um diferencial da gastronomia colonial italiana, do modo de fazer que confere ao produto um sabor peculiar e um distintivo identitário. São alguns dos impasses verificados nas negociações entre o tradicional e as questões sanitárias da legislação atual. Assim, o tradicional, o peculiar, constantemente depara-se com os empecilhos da modernidade. A gastronomia com identidade, com sabor peculiar e singularidades do modo de fazer, tendências do mercado consumidor contemporâneo, através do resgate dos costumes antigos, que possibilitaram a produção de potencialidades territoriais, encontra obstáculos nas exigências da produção industrial. As peculiaridades tradicionais, desta forma, em constante vigilância, acabam tornando-se produtos industrializados, com as mesmas características e modos de fazer dos padrões industriais.

As reivindicações expostas no fascículo também acionam alguns pratos ou alimentos distintos que representam as identidades étnicas. O maior consumo de frango pelos descendentes italianos em contrapartida ao consumo de porco pelos descendentes alemães são significações construídas e compartilhadas pelo imaginário coletivo. Entretanto, salienta-se que a criação de porco e de galinha era típica dos colonos que se assentaram nas colônias do Rio Grande do Sul. Assim sendo, eram as carnes mais consumidas pelos colonos e, ainda hoje, são consumidas pelos seus descendentes. Contudo, só alguns pratos foram sendo apropriados por um grupo e ressignificados como tradição étnica. Tal apropriação tornou o frango assado um prato comum nos jantares e almoços típicos italianos. Percebe-se que os modos de preparo estavam vinculados a necessidade de

conservação dos alimentos dos antigos colonos, o que principalmente marca as tradições antes e depois da energia elétrica.

Depois as outras coisas que usassem com as carne, que hoje não é mais usado por causa dos freezer, os assados de porco. Faziam todos aqueles assados assim. E aí era temperado e deixado um dia assim em molho e depois fritava e botava debaixo da banha. Um quarto assim de um porco muito grande dava três pedaços (N.L., descendente de alemães e feirante).

Os antigo também faziam a carne na banha, porque não tinha onde guarda. Mas isso, os alemão ainda fazem (L.G., descendentes de italianos)

Estas falas buscam retratar um modo de fazer dos antigos colonos, os quais buscavam formas de conservação dos alimentos, principalmente da carne de porco. Assim, a carne frita e conservada na banha constitui um prato da gastronomia colonial apropriada pela significação do modo de fazer típico alemão. Todavia, reconhecem que são técnicas e modos de fazer da sobrevivência colonial. Mesmo assim, destacam distintividades no saber fazer.

Antigamente eles (os italianos) faziam também, porque a carne estragava. Se não comia tudo de uma vez ia fazê o que. Mas, os italiano costumavam bota mais tempero. Nós colocamo só sal e pimenta e alho. E o alho botava uns pedacinhos meio grandes e depois quando a gente fazia tirava os pedaços. Só enquanto que ele tava em molho. E isso sabê de quem era mais essas origens. Porque depois sabe que um vai aprendendo do outro e vão fazendo. Mas sabê de quem são as origem mesmo no começo (P.T, descendentes de alemães).

As significações das tradições pela origem étnica manifestam-se ao longo das interações entre os grupos, as quais vão sendo forjadas ao longo dos espaços de sociabilidade, permeando as construções do imaginário étnico colonial italiano e alemão. As representações da comida temperada da culinária italiana, por exemplo, permeiam o imaginário e servem como distintivos étnicos.

Pondera-se que, apesar de constituir um item importante na memória acionada pelas *motas*, como são chamadas as avós alemãs, a carne frita na banha não é acionada como prato da culinária típica alemã nos eventos e demonstrações gastronômicas. Neste ponto peculiar, entram as questões da resignificação da comida saudável que construíram para o esquecimento de algumas práticas, ou para a irrelevância deste produto na escolha do que seria apresentado ao público. Com exceção, presenciou-se a reivindicação de um prato semelhante a este, acionado pelas senhoras, seguindo uma tradição colonial de sobrevivência. Na 3ª

Mostra Gastronômica houve a apresentação de um prato composto por carne de porco frita e mandioca, reivindicados como produto da culinária local, sem acionar tipicidades étnicas. No entanto, a reprodução do prato remetia à memória de um tempo de sobrevivência, de técnicas de conservação anterior à eletricidade, o que não era acionado no momento. Principalmente, ao ser indagado sobre a origem do prato, se seria derivado de conservação em banha de porco, demonstrou-me uma sensação de desprezo ao modo de fazer exposto, afirmando que era carne frita na hora. Uma relação dialógica imposta no imaginário local pelas atribuições do que é considerado saudável e do que é permitido pela legislação sanitária. Inquietações que instigam a transformar o saber fazer tradicional e os costumes à mesa, em prol de sentidos relevantes ao modo de vida considerado saudável.

Retomando as significações estabelecidas na interação étnica, o salame e a lingüiça defumada são distintivos étnicos e demonstrações de modos de fazer diferenciados para um produto similar. Ambos são oriundos das necessidades de armazenamento da carne, da mesma forma que o exposto acima. São derivações de produtos oriundos da carne de porco, e criados para a conservação dos alimentos. Contudo, nas manifestações identitárias étnicas, são símbolos gastronômicos da tipicidade italiana e alemã. O salame é apresentado à mesa dos jantares típicos italianos e restaurantes, como componente da tábua de frios, juntamente com a copa, o queijo, a polenta e a fortaia.



Figura 36: Respectivamente: prato comercializado no Festival do Vinho e do Queijo em Faxinal do Soturno; e tábua de frios servida como entrada em um restaurante de comida italiana em Silveira Martins.

Além disso, são expostos como cenário representativo das tradições italianas na medida em que incorporam variadas dimensões da simbologia italiana na região. Congrega o universo simbólico da italianidade, bem como da identidade territorial da *Quarta Colônia*. Além disso, constitui uma tradição ainda presente nas mesas dos descendentes italianos, os quais reivindicam o saber fazer tradicional dos antigos.



Figura 37: Respectivamente: demonstração dos produtos de uma agroindústria local, no Festival do Vinho e do Queijo em Faxinal do Soturno; cenário decorativo de um restaurante típico italiano em Silveira Martins.

As simbologias apresentadas referentes à manipulação e transformação da carne de porco em uma iguaria muito apreciada na tradição gastronômica do território também são destaques no imaginário territorial da *Quarta Colônia*. O salame apresenta-se como símbolo da representação gastronômica do território na medida em que ele aparece com recorrência nas pesquisas realizadas com os visitantes das festas locais. Nas apreciações gastronômicas internas, a referenciação do típico alemão, similar ao salame italiano, consiste na lingüiça defumada. Uma representação do que os colonos alemães faziam no ‘tempo dos antigos’ e ainda reproduzem na vida cotidiana. O que antes era uma das formas encontradas para a conservação das carnes, hoje é ressignificado como iguaria da culinária colonial alemã.



Figura 38: Respectivamente, foto de uma lingüiça defumada e cozida na água, oferecida no jantar típico alemão em Dona Francisca; e foto de um prato típico alemão, um conjunto de produtos da gastronomia típica alemã, onde a lingüiça está presente. Fotos da autora.

Os pratos demonstram a especialidade da cozinha alemã. O “Wurst”, como é conhecido entre os alemães; lingüiça alemã, ou ainda, lingüiça defumada, como é denominada fora do grupo. A lingüiça é servida tanto em jantares típicos, quanto em cafés coloniais como uma especiaria produzida pelos descendentes de alemães. O que o distingue do salame italiano é, principalmente, a forma de consumo e o preparo. A lingüiça é consumida cozida na água, logo após ser processada e seu preparo envolve a defumação, ou seja, um ritual de defumar o produto usado pelos antigos colonos para a sua conservação. Contudo, este ritual de preparo confere um sabor diferenciado ao consumidor, o qual depende do que é usado para produzir a fumaça.

Nós temos uma caixa de lata. Daí eles botam todas as taquaras em cima, bota uma forma velha, uma panela velha em baixo, uns sabugos e fica fazendo fumaça, e aí tapa com um plástico. Deixa uma, duas horas e tá pronto. Tem que ser com sabugo limpo, porque madeira a gente nunca sabe se pode ser tóxica (P.T., descendente de alemães).

Nós usamos a fumaciã com lenha de laranjeira. Fica um gosto bom porque a gente sempre tem lenha de laranjeira. Mas o meu vizinho fez uma vez com eucalipto e também ficou um gosto tão bom, tão engraçado (...). Mas os antigos não faziam pra dá gosto. Eu sei dos meus avós que eles faziam fumaça para não estragar. Não era por causa do gosto. Se fizesse fumaça não estragava. Hoje a gente pensa que era pra dar gosto, mas eu sei do meu avô que era pra não estragar (N.L., descendentes de alemães)

As distintividades expressas pelas avós alemãs expõem um ritual de preparo que confere o sabor à lingüiça. São modos de fazer antigos que contemplavam todos os colonos, sejam italianos ou alemães. Entretanto, mesmo admitindo que são

rituais que os italianos também faziam, as reivindicações estipulam que os italianos não defumavam muito, não era do gosto defumar. “Os italianos não fazem, ou às vezes fumaceiam o mínimo possível. Eu sei por que lá na minha vizinha eles não gostam muito (N.L, descendente de alemães). São distinções do modo de fazer e do gosto das etnias, o que justifica a permanência e manutenção das tradições pelos alemães, em detrimento da não reprodução por parte dos descendentes italianos. Isto permitiu que o ritual hoje reproduzido tenha se tornado símbolo da gastronomia colonial alemã.

Congregam-se, portanto, diversos produtos e modos de fazer oriundo de costumes do país de origem, agregados às necessidades de sobrevivência em solo gaúcho, como símbolos da cozinha colonial. Ademais, as representações do que se concebem como tipicidade étnica conformam-se em espaços de sociabilidade convival entre distintos grupos. A *Quarta Colônia* contempla este cenário e, por sua vez, expõe características múltiplas para a reivindicação identitária. São reivindicações internas de elementos gastronômicos que são apresentados como distintivos territoriais, na medida em que o saber fazer multiétnico constitui um dos principais sinais diacríticos da identidade territorial.

6.3 Gastronomia com identidade: estratégias de diferenciação

As tendências do mercado consumidor apontam possibilidades de promoção do desenvolvimento que busquem potencializar singularidades territoriais. Principalmente, no que tange às estratégias de diferenciação por meio das singularidades gastronômicas, verificam-se diversas tentativas em nível global, de reivindicação de uma gastronomia com identidade. Estratégias verificadas e implementadas em muitos territórios europeus e que vêm sendo apropriadas pelos territórios brasileiros, que buscam potencializar seus recursos culturais e naturais como forma de promover o desenvolvimento.

No território *Quarta Colônia*, verificam-se estratégias diversas de promoção dos recursos culturais e naturais. Estas, por sua vez, recorrem a distintividade colonial em confrontação com o padrão de vida urbano-industrial. Uma tipicidade

difusa⁹⁹, a qual remonta a características coloniais, isenta de pretensões distintivas territoriais. Estratégias que poderia ancorar-se em reivindicações históricas e culturais próprias da identidade territorial e singulares em comparação a outras microrregiões de colonização italiana.

Contudo, verifica-se na *Quarta Colônia* algumas tentativas de construção e reivindicação de uma gastronomia com identidade. Estabelecimentos comerciais que, ancorados em elementos de diferenciação, buscam acionar distintividades para os pratos e produtos apresentados à mesa do público consumidor. A peculiaridade destas estratégias, em detrimento de outros estabelecimentos da microrregião, consiste em acionar e afirmar elementos de retomada histórica e de sinais diacríticos que os diferenciam das demais estratégias que reivindicam a tipicidade colonial. Com este intuito, destaca-se o Bistrô L'Alcova de Gelsomina em Silveira Martins, e o Cardápio Iberê Camargo, criado em restinga Sêca.

6.3.1 L'Alcova di Gelsomina: A identidade gastronômica territorial resgatada em uma releitura autoral e contemporânea

Na pequena cidade de Silveira Martins, entre o pacato e singular modo de vida dos sujeitos locais e a movimentação dos visitantes e consumidores destas características, destaca-se um pequeno e aconchegante espaço gastronômico, aberto recentemente e nomeado pelo resgate histórico do país de origem. A Itália 'de antigamente' serve como referência ao estabelecimento que reproduz e reinterpreta a arte gastronômica dos colonos italianos que se instalaram no local.

O cenário pitoresco que contempla as paisagens caracterizadas pelo relevo acidentado, pelas construções antigas e pelo modo de vida baseado em costumes e crenças, bem como em laços de proximidade, servem como referência para uma releitura dos modos de vida, dos saberes e fazeres, do povo local. Constitui um local que, no seu cotidiano, representa o 'tempo dos antigos', por ainda cultivar muitos dos costumes, das crenças e, principalmente, dos saberes e fazeres da culinária local. Contudo, esses costumes pouco são explorados e operacionalizados para o

⁹⁹ A tipicidade difusa será problematizada a seguir.

consumo dos visitantes, sobretudo, por meio de reivindicações que apresentem uma gastronomia com identidade.

O Bistrô L'Alcova de Gelsomina, entretanto, revela algumas estratégias diferenciadores da gastronomia local, buscando acionar o passado e o cotidiano dos colonos italianos, contemplando a simplicidade e a riqueza dos detalhes, em consonância com a segmentação diferencial do mercado. Por sua própria denominação, o restaurante propõe-se a resgatar a história da Itália e a arte do cinema italiano, como referência motivadora para sua reivindicação distinta.

Quando criou *La Strada* (A estrada da vida, 1954) o diretor Federico Fellini estava "possuído" por alguma entidade, como dizia sempre estar quando fazia um filme.

Neste filme, criou a personagem Gelsomina, interpretada por sua esposa e atriz que estrela em alguns de seus filmes, Giulietta Masina. Em *La Strada*, onde inventa a vida e o mundo de Gelsomina, Fellini representa a Itália que viu, da ditadura de Mussolini, dos resquícios e da pobreza da Segunda Guerra Mundial. A dramática realidade da Itália do "cinema moderno", um cinema novo que nasce potencializado com o neo-realismo italiano, em pleno final de guerra.

Inspirado nesta realidade, em figuras oníricas e em sua imaginação burlesca, Fellini cria esse mundo do artista mambembe que atravessa um país em reconstrução.

Na vida da estrada, Gelsomina, assistente de Zampanò, artista de circo, interpretado por Anthony Quinn, tinha que passar por alguns lugares para "comemorar" o espetáculo do dia com uma refeição e um trago de vinho. Pois esse lugar não deixava de ser a Alcova do povo italiano que lutava para reconstruir seus lares, povo este representado pelos artistas mambembes e por quem cruza seus caminhos.

Sem ter um espaço concreto onde dormir, a não ser na "motoneta" ambulante onde levam tudo o que têm na vida, a mambembe Gelsomina vê naqueles bares de beira de estrada a sua possível alcova.

L'Alcova di Gelsomina é um espaço de arte baseado naqueles lugares, naqueles refúgios da Itália do pós guerra. Era o lugar onde Gelsomina poderia estar quieta consigo mesma e onde Zampanò encontraria diversão (bistrotalcovagelsomina.blogspot.com)



Figura 39: Foto do filme que referencia o restaurante. Fonte: bistrotalcovagelsomina.blogspot.com

A narrativa que assume papel de referência para a criação do nome e de sua história, remete ao tempo da pátria mãe, a Itália. As influências dos tempos difíceis e da força dos italianos que buscam encontrar-se em meio às intempéries serve de cenário para a construção da arte gastronômica. Um cenário fictício que remete ao contexto da guerra e das fugas do triste cotidiano de reconstrução de uma Itália da época, mas que expõe uma paródia com a realidade do mundo contemporâneo. A reprodução de uma alcova, local de refúgio, serve como receptor de sujeitos que buscam variar o cotidiano e os padrões de vida da sociedade urbano-industrial. Em meio ao verde, aos morros, a pacata cidade de Silveira Martins, os indivíduos podem encontrar um local de refúgio dos padrões de uniformização e modelações dos hábitos da sociedade contemporânea.

Isso porque a alcova como lugar de estar só, alcova individual, surge no Século XIX quando também é privilegiado o leito individual e quando aparece o espelho vertical.

Do árabe *alkubba*, quarto lateral, aposento, cubículo, dormitório, templo da vida privada, espaço cheio de símbolos, a alcova se confunde com a personalidade de seu ocupante, um lugar de encontro onde monólogos interiores se fazem presentes em diários, cartas e álbuns. Mais um **refúgio para os indivíduos** ávidos de autoconhecimento e que buscam na arte uma forma de diversão e inspiração para sua vida cotidiana (bistrotalcovagelsomina.blogspot.com).

São referências de um espaço que busca operacionalizar uma identidade que pode ser consumida pelos visitantes. Sujeitos do líquido mundo moderno, nas palavras de Bauman (2003), perdidos na fluidez e no individualismo, característicos

deste novo tempo. A estratégia busca acionar questões próprias do individualismo e transforma o espaço em um local de ‘fuga’ dos padrões impostos pela sociedade. Reivindica a comodidade, a simplicidade e a autenticidade de um local que se torna o aconchego para indivíduos, “ávidos de autoconhecimento” (bistrotalcovagelsomina.blogspot.com). Por sua vez, estes indivíduos recorrem e encontram no consumo desta identidade, um pertencimento a um local, a um código simbólico que referencie uma identificação. Neste ponto, a estratégia recorre a uma teia de significados que emaranha a arte do cinema, da música, as artes plásticas, a história local e, principalmente, a arte gastronômica.

O bistrô *L'Alcova di Gelsomina* é um lugar que privilegia a **reconstrução da gastronomia como arte**, como **resgate de uma história** e como uma cerimônia de prazeres que levam ao encontro consigo mesmo.

Uma idéia que busca também levar a cabo um **resgate e uma respeitosa releitura de uma história e de costumes gastronômicos** e a uma restauração de espaços arquitetônicos genuínos.

Restauração também da relação do homem com o alimento orgânico, tendo a certeza de que as verduras e legumes orgânicos **produzidos na região** atestam uma matéria prima de excelência e a **valorização da cultura agrícola local**.

Unindo pensamento contemporâneo e a vocação local, *L'Alcova di Gelsomina* é proposto como um lugar que prima **pela valorização das identidades regionais**. Com essa ideologia, **as matérias primas locais e os pratos tradicionais são interpretados de forma autoral** e com técnicas de alta gastronomia.

A **simplicidade e o singular do regional lido como criações culturais** que devem ser preservadas e interpretadas no terreno gastronomia, de forma pessoal e autoral.

Um mundo é resgatado e um novo olhar sobre a gastronomia local é colocado em cena (bistrotalcovagelsomina.blogspot.com).

Em consonância com as tendências consumidoras, o restaurante propõe mais do que servir pratos que representam a gastronomia colonial. O consumo de um prato no local remete ao consumo de uma identidade, de um contexto, de uma peculiaridade, onde o modo de fazer vinculado à história e ao cenário pitoresco e aconchegante transforma e confere vida ao produto ofertado. São referências a um estilo de vida distinto da uniformidade da sociedade que o consome, bem como, busca estratégias que o diferencie de outros locais, em virtude de adaptar a história local de forma distinta das reivindicações meramente coloniais. Além disso, aciona o prazer do ato de comer, uma perspectiva distinta das necessidades biológicas, pois remete às sensações que o comer proporciona. Também, observa-se o discurso de valorização do saudável, da produção orgânica e do cultivo artesanal da agricultura familiar. Um local que procura privilegiar a matéria prima dos colonos da região.

Assim, esta constitui uma estratégia que busca produzir uma gastronomia com identidade, mobilizando dispositivos satisfazem os anseios de indivíduos que procuram fugir da correria e dos padrões da sociedade contemporânea. Conjugando diversas estratégias, as reivindicações enfatizam principalmente a valorização da história local. Uma releitura do colonial, bem como uma tentativa de resgatar e reproduzir os saberes, fazeres e rituais dos antigos. Como principais ações e principais pratos que buscam contemplar este movimento, o Bistrô oferece alguns cardápios baseado na gastronomia simples dos antigos colonos, assim como realiza alguns eventos que reproduzem ritualizações do fazer e do comer. Estratégias sempre recheadas de discursos que acionam as peculiaridades e os detalhes do 'tempo dos antigos', legitimado pela memória das *nonnas* que conferem autenticidade ao prato e sua história.

Dentre algumas ações ressaltam-se dois momentos importantes de construção narrativa de uma gastronomia com identidade: a oficina de culinária Vêneta realizada ao final do ano de 2007, como parte do I Festival Internacional da Primavera: Artes Visuais e Artes Cênicas, Identidades e transversões culturais¹⁰⁰; e o evento "Caça ao Radite", promovido no ano de 2008, uma parceria entre o restaurante e a Secretaria de Turismo de Silveira Martins. São eventos destacados aqui pela tentativa de promover a retomada de costumes e tradições antigas, uma reprodução do modo de vida, do cotidiano das antigas famílias italianas que puderam ser vividos pelo público visitante. A reinvenção da tradição, por meio da aliança entre a ritualização do cotidiano e a gastronomia

Em ordem cronológica, a oficina de culinária vêneta trouxe à tona a valorização dos saberes culinário das *nonnas*, demonstrando a produção de pratos ao mesmo tempo em que a história dos antigos era rememorada. Um encontro de rememoração entre o passado gastronômico e de dificuldades, como um espaço de troca entre o novo e o velho. Duas *nonnas*, descendentes de italianos, que construíram sua história no município de Silveira Martins, expuseram seus saberes ao fazerem dois dos principais símbolos, por eles considerados, da gastronomia local. Uma narrativa que ritualizou a memória dos descendentes em confronto com o novo, com as diferenças temporais, que demarcam uma cronologia não linear. As simbologias do risoto e da polenta à passarinho remeteram a histórias e costumes

¹⁰⁰ Uma promoção da prefeitura municipal de Silveira Martins.

que tornam estes pratos representativos da identidade local. As receitas apresentadas na oficina revelaram modos de fazer característicos das *nonnas* presentes, apontando sinais diacríticos da cultura vêneta (de onde seus antepassados migraram e considerado o local de maior migração para a *Quarta Colônia*).

O risoto foi apresentado como um dos principais símbolos da gastronomia local. Presente nas festas da região, principalmente religiosas, o prato tem um modo de fazer específico que é reivindicado por elas como uma tradição passada de geração para geração¹⁰¹. A receita é uma tradição aprendida com suas mães e que ainda faz parte do cardápio das suas casas e das festas locais. O segredo é especificado pela *nonnas*, que, além disso, destacam que os modos de fazer do risoto são diferentes em outras localidades da *Quarta Colônia*. O outro modo de fazer é com os pedaços de galinha, os quais são fritos juntamente com os temperos e o arroz.¹⁰²



Figura 40: Panela de risoto. Fonte: autora

¹⁰¹ A receita autêntica das *nonnas* de Silveira Martins contempla os seguintes ingredientes: “Ingredientes: 3 litros de caldo de galinha (cebola, alho, salsa, manjerona) (fazer a infusão das ervas colocando somente a água); 1 kg de arroz. Modo de Fazer: Coloca-se o caldo aos poucos, mexendo sempre e por fim, coloca-se o queijo seco e ralado (A.B, descendentes de italianos). O segredo do risoto é fazer um bom caldo para o arroz (I.B., descendente de italianos).

¹⁰² Os diferentes modos de fazer, segundo o chef que conduzia a oficina, são referentes aos saberes herdados das diferentes regiões da Itália. Principalmente relacionadas às diferenças entre os vênets e trentinos, respectivamente.

Contudo, a comida que representa a força do trabalho dos colonos italianos, neste espaço é resgatada por meio de elementos importante da história local. A polenta com passarinho constitui o símbolo da sobrevivência dos primeiros tempos dos colonos italianos em solo gaúcho.

Pelo relato de quem conviveu com os que chegaram durante muito tempo eles viveram da caça e subsistência. Eles não conseguiram ter uma roça comercial pra fazer trocas, escambos (...) em Santa Maria por muito tempo. E a produção de milho, isso é fato, pela alta produtividade, pela maneira como ele é plantado sazonalmente e como pode ser armazenado, foi a principal sustentação de carboidrato durante muito tempo. Foi a força mesmo da alimentação do colono, provavelmente de 1876 até 1920, 21, 22, 23, quando tu já vê o colono freqüentando o meio urbano santa-mariense. Então, durante esse processo quando eles conseguiram estabelecer o seu comércio, a polenta era o pão. Então, por aí, pode pensar o que significa o passarinho e a polenta, é o prato de quem chegou aqui naquele exato momento, daquela história e vive no imaginário das pessoas e está no imaginário do colono e de todos, cidade pequena mesmo dos colonos. Se tu conversar com qualquer um deles, eles te relatam isso aí facilmente. Muito mais, às vezes, que o próprio risoto, muito mais que uma massa, isso tá mais presente dentro do imaginário deles. Por isso, sim que pode-se dizer que é o prato que melhor representa a gastronomia daqui. (M.F, proprietário de restaurante).

Resgata um tempo de sobrevivência em que os colonos apenas tinham a natureza e alguns produtos que começaram a cultivar. As falas expostas ainda pelos atores deste evento afirmam a polenta com passarinho como uma tradição da Itália. O consumo de pássaros seria uma tradição vinda do país de origem, bem como o consumo da polenta. Entretanto, tendo em vista que o milho constitui um produto americano, destacou-se que a polenta consumida na Itália de onde saíram os colonos era elaborada com outros cereais, como a cevada. Conhecimento que o Chef alia à memória das *nonnas* por ele resgatado. Estas, por sua vez, rememoram um ritual para a elaboração do prato, o qual começava pela caça aos pássaros¹⁰³. Segundo as histórias contadas, todos os sábados santos faziam-se excursões para a caçada dos pássaros. Os homens e algumas crianças saíam em busca dos pássaros que compunha o molho para a polenta, enquanto as mulheres preparavam o prato principal. Um ritual que demonstrava a união entre os colonos, momentos de partilha, onde as dificuldades eram enfrentadas com alegria, principalmente gastronômica.

¹⁰³ Cabe ressaltar que a produção da polenta com passarinho hoje é feita com aves criadas como a perdiz ou codornas.

A farinha de milho sempre foi muito consumida na *Quarta Colônia*, havia muita abundância de milho e, além disso, muitos moinhos de processamento do milho foram construídos logo após a chegada dos colonos. Em cada comunidade havia um moinho onde os colonos levavam o milho para ser transformado em farinha, a qual daria o sustento e a força para o trabalho. “A polenta era o pão da *Quarta Colônia*”, lembra I.B, lembrando as histórias contadas por sua mãe e os tempos que também vivenciou. Reivindicações que vieram a tona em um espaço que motivou tal troca e contemplou a revalorização de um prato por muitos já esquecido. Apesar da polenta ainda ser acionada como símbolo da gastronomia territorial, estes buscam o diferencial por meio do resgate histórico, referenciando um prato com identidade.

A polenta à passarinho mostrada pelas *nonnas* constitui parte do cardápio do restaurante. Entretanto, constitui uma reinterpretação da tradição, pelo próprio nome, a qual se denomina de “Osei com polenta”.

Quando eu abri o primeiro cardápio, o carro-chefe do restaurante e que permanece até hoje é o Osei com polenta, porque osei é uma terminologia do passarinho pra língua vêneta, pro dialeto e a polenta é a polenta. As receitas que deram certo são repetidas, adquirindo o hábito de fazê-las (M.F, proprietário de restaurante).

Para o chef e proprietário, muitas receitas foram criadas ou readaptadas com as condições e os produtos que aqui eram encontrados. Essas receitas deram certo e permanecem vivas na memória dos descendentes. Por este motivo, estas receitas e pratos devem ser resgatados e preservados como parte da identidade local. Com base neste intuito, a “caça ao radite” foi outro costume culinário que também foi resgatado em um evento que buscou preservar as tradições dos antigos colonizadores. A espetacularização do modo de fazer apresentou-se como estratégia significativa na medida em que o público não apenas consumiu o produto, mas vivenciou os costumes dos antigos colonos, perpassando todas as etapas do preparo.

Quando os imigrantes italianos chegaram à *Quarta Colônia*, mais precisamente em Silveira Martins, as coisas não eram nada fáceis. Trabalho duro e dificuldades para conseguir juntar dinheiro faziam parte do cotidiano. Por isso, para não passar fome, eles aproveitavam todo o tipo de alimento que existia na natureza. Um deles era o radite capoeira, que era catado nos campos. Para resgatar este hábito e relembrar um pouco dos momentos vividos no passado, pelos primeiros colonizadores da região, a secretaria de Cultura de Silveira Martins, a Associação Italiana e o Bistrot L'Alcova di

Gelsomina promoveram a 1ª Caçada de Radite, na sexta-feira, às 7h30min (JORNAL DIÁRIO DE SANTA MARIA, 24 de maio de 2008).

A apresentação publicada no Jornal de circulação regional rubrica o mito desbravador ao acionar as dificuldades e a força dos colonos italianos que chegaram à região. A sobrevivência nos primeiros tempos na nova pátria remete aos saberes trazidos da Itália, juntamente com o patrimônio natural das terras da região. Aliando os saberes ao que a natureza poderia proporcionar, estes alimentos fizeram parte por alguns anos do cardápio cotidiano dos colonos, muitas vezes como a única fonte alimentar. São estas as idéias que permeiam as reivindicações que retomam este costume, a relação com a natureza e com as necessidades de sobrevivência, a partir da força e do trabalho, legado dos antepassados.



Figura 41: Gino e Ilda Bovolini participam da caçada. Foto do Jornal Diário de Santa Maria (Claudio Vaz). 24 de maio de 2008.

A retomada da prática e dos hábitos de consumo dos antigos é apontado pelo idealizador como um diferencial para quem promove estes pratos. O Radite do mato como é mais conhecido, segundo consta pelos moradores, fez parte por muitos anos da dieta alimentar dos colonos. Contudo, atualmente, este alimento pode ser encontrado, na *Quarta Colônia*, apenas nesta proposta.

Isso é outra coisa que faz parte do imaginário do povo silveirense e da *Quarta Colônia*, que era radite capoeira ou radite de mato. Porque acontecia num momento que realmente a caça tava escassa, ou que não tinha mesmo o que produzir, se comia muita polenta com radite. De fácil acesso... hoje em dia até hoje é. E que fez e que faz parte do imaginário até hoje. Os restaurantes mesmo da Rota servem radite como salada. Não esse

radite que é radite capoeira. Mas pra se ter uma idéia de quanto tá marcado, que é típico, é muito, se brinca aqui, se diz que se escuta as senhoras ao meio-dia gritarem, chamando as crianças, vem comer radite com polenta. E dentro desse aspecto, dessa perspectiva, eu comecei a perguntar como era isso. Daí começaram a me relatar do que era a diversão de sair pra pegar radite. As crianças. Saíam numa caçada. Como se fazia na Itália com os cogumelos, em toda a Europa, na França, essa coisa das pessoas entenderem de onde vem a comida (M.F, proprietário de restaurante)

A reivindicação do idealizador do evento remete a significação do radite capoeira para a população local. A perspectiva lendária apresentada nesta narrativa expõe o sentido deste ritual do comer o radite capoeira, que compõe o imaginário dos descendentes. As comparações com os rituais ainda praticados na Itália, comumente perpassam a busca pelo original, pela autenticidade legitimada pelo mito de origem, pelos costumes que fazem parte do legado italiano. Essa retomada é confrontada com os hábitos urbano-industriais que, nas acepções da narrativa em questão, distanciam a relação alimentar da natureza. A perspectiva do pronto, do fácil, da comida rápida comprada no mercado, é aqui problematizada como forma de proporcionar a vivência de um ritual antigo como forma de restabelecer, principalmente nos jovens, a relação com a natureza, com a origem e com os saberes da tradição.

Das pessoas entenderem que tu não compra um saquinho no mercado. E isso é importante. Não só pra ti respeitar a comida, que é o que é a essência da gastronomia italiana, que é o respeito pela matéria-prima, e se saber como ela é mesmo. O radite não nasce num saquinho plástico no mercado. Então, a caçada do radite é isso. E também justificar novamente o conceito de restauração, de buscar algumas coisas que tá se perdendo (M.F, proprietário de restaurante).

Alguns elementos novos são destacados nestes elementos que conferem sentido à identidade territorial. A reivindicação da gastronomia italiana remete ao respeito pela matéria-prima, uma relação harmoniosa com a natureza, a qual provinha o sustento das famílias que aqui chegavam. Vai ao encontro das perspectivas do restaurante que prima pelos produtos locais, advindos da produção da agricultura familiar. Um conceito manifesto pelo idealizador do evento que destaca o valor dos alimentos e do ritual de produção que remete ao respeito pela

origem e pelos conhecimentos antigos, comumente esquecidos pela seletividade da memória coletiva¹⁰⁴.

A planta era, e ainda é encontrada em abundância na natureza. Nativa do ecossistema da região é encontrada o ano inteiro, com maior abundância no início da primavera. Por tal razão, foi abundantemente consumida pelos colonos, como acompanhamento para a polenta, principalmente quando os pássaros eram escassos.

O radite capoeira é uma espécie diferente do radite comum. Ele não é cultivado, mas brota da terra sem plantio prévio. Para encontrá-lo é preciso procurar, por isso foi feita a caçada. Na sexta-feira, os cinco aventureiros que se arriscaram na busca pelo vegetal tiveram a oportunidade de se divertir e **reviver um hábito do passado**. Entre eles, um casal de Silveira Martins. A dona-de-casa Ilda Terezinha Bovolini e o agricultor Gino Bovolini já estavam de faca em punho e chapéu na cabeça cedo da manhã (JORNAL DIÁRIO DE SANTA MARIA, 24 de maio de 2008).

O evento reproduziu os hábitos das crianças e foi legitimado por um casal que, na sua história, vivenciou a caçada. As histórias rememoradas pelo casal faziam parte do ritual, ambos contavam suas histórias de vida e os costumes dos seus antepassados. Assim, a vivência não só retomou um hábito antigo, como se transformou em um espaço de sociabilidade, onde as memórias são ativadas e a procura por uma planta compõe um resgate de histórias sobre a comunidade local. Estas vivências corroboram as afirmações de que a alimentação ou o ato de comer são impregnados de significações do modo de vida e da história dos grupos. Por meio deste evento, portanto, envolto no preparo de um prato, as histórias brotam de um imaginário que, por vezes, sem acionamento, vão se perdendo.¹⁰⁵ O atrativo principal foi a ritualização ou a espetacularização de uma vivência dos antigos, a representação de como era legitimada pelos atores locais que acompanhavam o evento.

¹⁰⁴ Como parte de um ritual, portanto, remete-se às pessoas envolvidas com os afazeres domésticos, o que era considerado tarefa das crianças na medida em que os adultos ocupavam-se dos outros afazeres. Portanto, segundo as histórias contadas, a prática de caçar o radite era das crianças e, por vezes dos idosos, pois as mulheres ocupavam-se do preparo da polenta. Assim, de acordo com a memória, as crianças eram chamadas para procurar o radite enquanto que as mulheres faziam o almoço.

¹⁰⁵ A busca pela autenticidade do prato retoma a constante procura por desvendar a origem do prato ou do costume de comer tal alimento. O “Radite do mato”, neste sentido, apresenta uma lacuna sobre sua origem e dos saberes relacionados ao seu consumo alimentar. Principalmente por este ser considerado uma planta nativa da região, tendo em vista que o radite capoeira é encontrado em abundância na natureza, sem a necessidade de cultivá-lo.

Ao fim, o personagem principal é preparado e saboreado pelos ‘caçadores’. O modo de fazer das *nonnas* é acionado, características próprias da transformação de uma planta não muito saborosa em um prato apreciado. O preparo é muito diferente do radici que podemos consumir cotidianamente nos restaurantes como salada.

A capoeira é comida coti, que é cozida. Algumas senhoras cozinham bem ela em água abundante e depois fazem frita com a gordura do porco. Essa era a maneira mais tradicional. Picada e depois é cozida. Tipo couve. Porque ela tem uma folha mais rígida. E depois com o passar do tempo se cozinhou e se fritou muito com tocinho. Mas em via de regra, segundo as senhoras, se cozinhava com aquilo que tinha. Com banha de porco. Ou com vinagre. Com vinagre também ajudava. Banha de porco e vinagre era muito usual. Eu comi, e vi as senhoras prepararem. É interessante que elas arrancam o bulbo dela até a raiz. O final do bulbo tem uma coloração meio roxa. O tubérculo ele tem massa assim. Tem uma textura. É muito amargo e é ruim. Então é só a folha mesmo. Não, tudo é de difícil. É um gosto adquirido. Mais do que qualquer outra coisa. Mas é interessante e significativo. É bom. Não é algo horrível. Mas, comercialmente, pra um restaurante, é algo difícil de trabalhar. Mas é importante como referência.

O principal ponto destacado compreende o valor adquirido pelo prato na medida em que ele é valorizado exclusivamente pela sua herança tradicional. Ou seja, para quem o consumiu o sabor não é demasiadamente apreciado, tanto que este consumo não faz mais parte das tradições culinárias hoje difundidas. O Radite capoeira foi substituído, na alimentação cotidiana e dos estabelecimentos comerciais, pelo radici cultivado nas hortas locais. Uma espécie mais macia e saborosa, que pode ser consumida in natura. Contudo, as reivindicações das vivências e espetacularizações do evento buscam valorar um alimento por meio da tradição, da história e dos costumes que acompanham um prato e um modo de fazer característico. Desta forma, a reprodução deste ritual e, não somente do prato, constitui um diferencial para o local, pois remete ao resgate e à espetacularização por meio da vivência de quem a consome.

Neste sentido, a *buzeca* constitui outro prato das tradições italianas locais que foi resgatado e apresentado ao público por meio da narrativa do prato. Uma tradição também descoberta com as *nonnas*, o prato faz parte da história local e também faz parte de um contexto ritualístico de preparo e de consumo. O prato foi apresentado pelo restaurante em um dos momentos festivos da cidade de Silveira Martins, onde algumas pessoas paravam e questionavam o que seria a *buzeca*. Constitui uma sopa do que conhecemos como ‘mondongo’ ou ‘dobradinha’, a qual era servida com uma fatia de pão. Um costume que perdurou por muito tempo e

representa um ritual muito característico das comunidades religiosas católicas na *Quarta Colônia*. Em Silveira Martins, era comum todos os domingos, após a missa da manhã, os descendentes irem até o restaurante do hotel local e saborearem uma *buzeca*. Da mesma forma, verificou-se este ritual em outras comunidades religiosas, onde o prato era feito e consumido nos salões paroquiais. Esta tradição é mencionada no Caderno *Quarta Colônia* por José Itaquí¹⁰⁶.

O ato de ir à missa, até os anos 50/60, nas localidades rurais da *Quarta Colônia*, ainda preservava todo um ritual e que os moradores levavam à risca. Entre os deveres era o de ir à missa em jejum. (...) Depois do ato religioso cumprido a risca, essas pessoas famintas podiam tomar, antes de fazer o caminho de volta, uma “sopa de tripé” (mondongo) com uma fatia de pão e acompanhada com um “*biceri de vin*”. Só então era possível voltar a casa, duplamente energizado: o coração com as palavras de conforto do senhor e “*la pancia piena de um magnar saoroso*” (Caderno *Quarta Colônia*, nº 02, 11 de agosto de 2006, p.02).

Contudo, este ritual foi esquecido pelas amarras do tempo, que para os descendentes representa um tempo de pobreza e dificuldades. Na verdade, a *buzeca* constitui o que pode se chamar de uma comida de pobre, um *brodo* (sopa) feito com os resíduos dos animais.¹⁰⁷ Um tentativa de reprodução dos costumes trazidos do local de origem e reinventados com as condições que possuíam na nova pátria. A reprodução da *buzeca*, portanto, buscou reinterpretar o costume dos antigos e acionar o contexto e o ritual em que ela era produzida e consumida, um resgate dos costumes como elemento distintivo.

Verifica-se, desta forma, que o importante não é o resgate de um prato em si, mas a narrativa que o valora e o transforma em um legado histórico, em um sinal diacrítico territorial. Observa-se, neste caso, uma reinterpretação dos costumes antigos, buscando a autenticidade, a narrativação do prato, ou seja, a identidade de cada prato, em busca de reinventar o antigo, em consonância com as tendências do mundo contemporâneo.

¹⁰⁶ A referência à *buzeca* é mencionada nesta narrativa como “sopa de tripé”.

¹⁰⁷ Na tradição do norte da Itália, verifica-se este costume muito característico de comer o *brodo de carne*. “O que é muito vêneto, é fritar uma fatia de pão de campo e manteiga grudante e colocar isso sobre um prato fundo e sobre ele servir um brodo de carne com bastante manteiga” (M.F., proprietário de restaurante)¹⁰⁷.

6.3.2 Cardápio Iberê Camargo: a narrativa gastronômica de uma celebridade local

No contexto de construção de uma identidade territorial, além das estratégias demonstradas de reivindicação gastronômica ancoradas na etnicidade, observou-se também uma estratégia de produção de gastronomia com identidade baseada na magnitude de um personagem célebre. Um restaurante no município de Restinga Sêca propôs um cardápio ancorado em um diferencial da gastronomia do local. Contudo, distinto da proposta de resgate da cultura italiana, o restaurante buscou fundar seu diferencial gastronômico sobre um personagem célebre que nasceu no município: o pintor Iberê Camargo.



**Figura 42: Monumento a Iberê Camargo, localizado na entrada da cidade de Restinga Sêca.
Foto: site oficial de Restinga Sêca**



Figura 43: Chamada do site oficial de Restinga Sêca.

O cardápio criado por uma moradora e proprietária de um restaurante em Restinga Sêca buscou uma peculiaridade para identificar a gastronomia do seu estabelecimento, aliando os sabores culinários às preferências de um artista que faz parte da história do local. O município constantemente aciona o personagem como elemento distintivo referenciando-se como “Terra de Iberê Camargo” (Folder e site de divulgação do município). Partindo disto, a busca por acionar elementos identitários ao cardápio gastronômico de Restinga Sêca, revelou-se propício às reproduções dos pratos preferidos do artista. Assim, dona Vânia criou o Cardápio Iberê Camargo como carro chefe do seu restaurante.

No restante da *Quarta Colônia*, a cozinha italiana é uma marca. A exceção é Agudo, que se destaca pela gastronomia germânica. Pratos típicos dessas duas etnias também são feitos em Restinga Sêca, mas os moradores preferem a comida campeira, que possui fartas porções de carne. Isso se deve à forte presença do movimento tradicionalista (*Caderno Quarta Colônia*, nº28, 09 de fevereiro de 2007, p.03).

A divulgação do *Caderno Quarta Colônia* ressalta as intenções da idealizadora do cardápio que justifica sua obra ao ligar as preferências da culinária do povo restinguense às preferências de um artista nascido no município. Como parte da *Quarta Colônia*, Restinga Sêca caracteriza-se por uma história de ocupação por meio de distintas etnias. A diversidade étnica permeia as características locais, sendo representada pela etnia alemã, pela italiana, bem como, é acionada, por vezes, como berço da etnia africana na *Quarta Colônia*¹⁰⁸. Da mesma forma, na gastronomia, a reivindicação étnica transparece através dos valores e reivindicações dos atores locais, o que é manifesto na opinião da idealizadora do cardápio.

O cardápio Iberê Camargo foi uma tentativa de caracterizar a culinária de Restinga Sêca em comparação com os outros municípios. Com o auxílio do Instituto Iberê Camargo, de Porto Alegre, levantamos os pratos que o artista mais gostava. Um Cardápio que tem como principal a carne, o que o povo daqui gosta muito. Então o objetivo era criar um cardápio que atraísse dos turistas e que também fosse apreciado pelos moradores (V.V., proprietária do restaurante).

A tentativa é analisada como um diferencial na medida em que propõe a construção de um cardápio com identidade. Constitui uma estratégia distinta que aciona dispositivos que conferem identificação à gastronomia local. Como referenciado pela idealizadora, o cardápio tem na sua essência as carnes, as quais

¹⁰⁸ Esta diversidade e suas negociações serão problematizadas a seguir.

eram apreciadas pelo artista, bem como também são preferências dos moradores de Restinga Sêca, a qual se caracteriza pela apreciação dos costumes tradicionalistas gaúchos.

O cardápio é composto pelos seguintes pratos: língua ao molho vermelho, maminha (preparada como rosbife) e bifes com batatas fritas; como acompanhamento tem-se a polenta frita, o talharim na manteiga, o mix de folhas verdes, e o pudim de brócolis; para a sobremesa acompanha o pudim de leite condensado e a maçã assada recheada.



Figura 44: Foto de alguns pratos do Menu Iberê Camargo. Caderno *Quarta Colônia* nº 28, 09-02-2007, p.03.

Todos os pratos do cardápio foram propostos a partir dos conhecimentos sobre os gostos do artista, aportados pela parceria do restaurante com a Fundação Iberê Camargo, que se destaca pela manutenção das obras e da história do pintor.

O cardápio faz parte da vida e dos locais por onde Iberê passou, mas se destaca pela caracterização da gastronomia gaúcha por meio dos pratos à base de carne. Além disso, verificam-se massas e a polenta característica da etnia italiana. Uma mistura de saberes tradicionais étnicos, mas que não são acionados na narrativa. O que se destaca nesta estratégia não é a origem dos pratos, mas a origem do cardápio, ou seja, a preferência gastronômica de um artista local célebre que marcou sua história no contexto brasileiro e mundial.

Em maio de 2008, Restinga Sêca oficializou o Cardápio de Iberê Camargo, institucionalizando as referências identitárias da gastronomia do município. A iniciativa formou-se a partir do apoio de atores locais em prol da construção de uma referência identitária para a gastronomia do município, bem como, incentivar e reforçar as atrações turísticas locais. O lançamento oficial do Cardápio foi promovido não apenas com os sabores apreciados pelo artista como, também, a exposição de suas obras artísticas, e a reprodução como atividade para as crianças para as quais havia um espaço onde estas podiam tentar reproduzir as obras do artista. Além disso, as tradições afro-brasileiras e gaúchas também foram acionadas em forma de dança, compondo uma caracterização identitária multiétnica.

Assim, a busca pela distintividade de Restinga Sêca trouxe a retomada dos costumes de um célebre personagem da história do município. Iberê Camargo, artista, constitui um importante personagem da história local, pelos seus laços estabelecidos com o município. Laços que, aliado à necessidade de diferenciar o município, resultou em um resgate artístico e gastronômico dos pratos e costumes do artista. Uma estratégia distinta de busca por produzir gastronomia com identidade, a qual reivindica a valorização da diferença.

6.4 O Típico Colonial: Tipicidade Difusa e Tipicidade Singular

No contexto contemporâneo, caracterizado pelas facilidades de comunicação e informação, pela rapidez das trocas sociais, a sociedade, conseqüentemente está submetida a amplos e dinâmicos processos de mudanças, principalmente nos seus padrões de consumo. Na acelerada vida urbana, os *fast foods* adquirem espaço atentando a necessidade da sociedade, de refeições rápidas e fáceis, o que, cada vez mais, consolida um padrão alimentar ocidental baseado no ato de 'comer fora'

ou 'alimentos pré-prontos'. Os reflexos da globalização, do consumo de *fast-foods*, são vistos como resultado de uma crise identitária cristalizada na esfera alimentar. Em contraponto à artificialidade do mundo industrial, há uma tendência de retorno aos valores de proximidade com a 'natureza', produzindo-se, assim, o que Poulain (2004, p.33) chamou de uma "inversão das hierarquias gastronômicas", em favor da rusticidade e do apelo 'natural' dos produtos. Tendências de busca por alimentos ou pratos que simbolizam o pertencimento a um lugar, a uma sociedade, a uma cultura alimentar.

As características da sociedade de consumo, afirmadas por Canclini (2006), indicam a busca por um pertencimento aliada ao ato de consumir. Para ele, é através do consumo de produtos ou serviços que os sujeitos retomam sua sensação de pertencer, de identificação com um grupo. Na sociedade contemporânea, portanto, o consumo assume o papel de meio de identificação, de mediador entre os sujeitos e os elementos que os afirma ou os diferencia. Nesta dimensão, o consumo de produtos ou serviços permite que os sujeitos, imersos neste mundo globalizado, escolham e transitem pelas identidades, consumindo-as.

Aproveitando essas inclinações da sociedade, o processamento e comercialização dos *Produtos Agroalimentares Típicos* vêm se constituindo, principalmente em países da União Européia e também nos Estados Unidos, numa das alternativas mais promissoras para a promoção do desenvolvimento rural de uma maneira sustentável. A busca pelos chamados produtos típicos, processados artesanalmente por produtores familiares, exprime a nova disposição para a valorização da simplicidade, da rusticidade e da qualidade 'natural'. Poulain (2004) analisa o interesse da sociedade contemporânea pelas cozinhas regionais como um resultado de um sentimento nostálgico de um 'espaço social'. Para ele o sujeito contemporâneo vive permeado pela procura angustiada de um espaço, de um lugar resguardado por uma "cultura culinária claramente identificada e identificante" (POULAIN, 2004, p. 34). Ao referenciar a cultura culinária como um 'espaço social' capaz de situar o sujeito e significar sua existência social, o autor faz alusão à relação entre a alimentação e a identidade. Assim, a procura por alimentos diferenciados, cozinhas regionais, modos de fazer e gostos resultantes de simplicidade, história e cultura, revela a busca por uma identidade, por um pertencimento a um 'espaço social'.

O modo de processar os alimentos, o saber-fazer de um povo aliado às qualidades intrínsecas dos produtos disponíveis no meio ambiente local, influencia e, por vezes, determina a alimentação de cada povo ou de cada lugar. A combinação do saber-fazer e a matéria-prima local, com características específicas de solo, clima, técnica de produção, constituem fator de diferenciação para as diversas culturas, etnias ou território. Assim sendo, os costumes gastronômicos e os produtos agroalimentares criam e sustentam a identidade, como importantes elementos identificadores e, portanto, diferenciadores de cada povo ou lugar, num processo relacional.

A denominação 'típico' agregada a um produto revela uma reivindicação de um povo, etnia ou lugar frente a sua caracterização histórico-cultural. Para Albert e Muñoz (1996), a consideração típica a um produto caracteriza sua ligação espacial a um território, aliado a um sistema cultural, a costumes e modos de vida considerados como heranças, bem como apresentam qualidades particulares que os diferenciem dos outros produtos. A tipicidade, portanto, está diretamente ligada à tradição, aos saberes passados de geração e herdados pelo grupo que os reivindica e os cultiva, materializando-os na gastronomia e nos produtos agroalimentares. Com frequência, a culinária ou as cozinhas locais utilizam, nos discursos dos consumidores e até mesmo dos vendedores, a reivindicação do universo tradicional como representação da imutabilidade, da autenticidade e do caráter natural¹⁰⁹. Portanto, a indicação de tradição está muito presente na caracterização dos produtos, na medida em que a produção persiste no tempo e em um determinado lugar, de uma determinada maneira, conservando, assim, as principais características que os definem (BERNART, 1996).

A tipicidade busca valorizar, portanto, a tradição cultural, a matéria-prima local e a transformação em pequena escala, resultado de um saber fazer local e artesanal. Atribui-se, deste modo, uma conotação fortemente territorial, de raízes locais e conteúdo cultural e social conferindo ao produto características que atingem aspectos além da questão estritamente alimentar. A diferenciação dos produtos encontra-se muito no âmbito discursivo, onde a tipicidade está relacionada à

¹⁰⁹ Segundo Poulain, "emerge, da demanda do consumidor, uma visão paradisíaca da ruralidade e a alteridade, elevada à classe de universo antropológico da harmonia dos homens entre si e com a natureza, uma utopia da ruralidade feliz" (2004, p.36).

valorização do local frente ao global, do rural frente ao urbano, do endógeno frente ao exógeno etc. (ALBERT E MUÑOZ, 1996).

Afirma-se, ainda, que a valorização das cozinhas regionais ou étnicas, dos modos de fazer dos produtos, dos pratos elevados à categoria de típicos, constitui um movimento de busca pela proteção e conservação destes elementos culturais que, para Poulain (2004), nascem a partir dos sentimentos de receio de um desaparecimento próximo. Desta forma, justifica-se o fenômeno de patrimonialização da alimentação, onde os elementos do espaço social alimentar são resignificados com o intuito de preservar os sinais distintivos e identificadores de uma etnia ou grupo social em geral. Segundo Poulain (2004, p.37), num mundo em mutação, convém ressignificar e preservar esses elementos culturais como testemunhos de uma identidade cultural.

A patrimonialização do alimentar e do gastronômico emerge num contexto de transformação das práticas alimentares vividas no modo de degradação e mais amplamente no do risco de perda da identidade. A história da alimentação mostrou que cada vez que identidades locais são postas em perigo, a cozinha e as maneiras à mesa são os lugares privilegiados de resistência (POULAIN, 2004, p. 38).

A produção gastronômica diferenciada, a qual busca aspectos culturais, além dos biofísicos, como justificativa para seu consumo diante de uma diversidade de produtos ofertados cotidianamente, passa por um processo de valorização da cultura que os produz. Por conseguinte, a valorização cultural está diretamente ligada à construção de uma identidade, a conformação emblemática de elementos representativos do cotidiano, dos costumes, das crenças e dos saberes de um grupo, por vezes estigmatizados.

Caso exemplar desta afirmação refere-se aos *produtos típicos coloniais*, por muito tempo, considerados signos do atraso frente aos padrões da sociedade urbano-industrial, calcadas na produção massificada e padronizada de mercadorias indiferenciadas. No entanto, este 'atraso' acabou por constituir importante fator para a permanência e a manutenção de saberes e sabores coloniais, ou seja, oriundos de uma produção familiar localizada em regiões ocupadas historicamente pelo processo de colonização européia não-ibérica¹¹⁰. Paradoxalmente, nos dias de hoje, alguns

¹¹⁰ No Brasil, *colono* refere-se aos imigrantes de origem européia não-ibéricos que ocuparam significativas áreas rurais do sul do país, tendo por base o trabalho familiar em pequenas propriedades (uma colônia equivalia, geralmente, cerca de 25 Ha de terra).

destes 'sinais de atraso' apresentam-se como potencialidades constituintes de vários projetos de desenvolvimento, por vezes contribuindo até para os ideais de sustentabilidade (RIBEIRO E MARTINS, 1996).

O atual movimento de valorização de produtos coloniais, bem como dos costumes e saberes que envolvem a produção familiar de regiões interioranas, podem ser lidos como uma forma de resistência e ao mesmo tempo como uma oportunidade de sobrevivência, frente às exigências conformadas pelos padrões agroindustriais de produção e consumo nos mercados globalizados. Ao mesmo tempo, com a utilização dos elementos culturais busca-se redefinir a posição social de atores antes estigmatizados. Abre-se a possibilidade de constituição de comunidades territoriais como resultados de um processo de construção do que Castells (2006) denomina de "identidade de resistência" ¹¹¹. A questão é saber em que medida tais identidades de resistência terão força para alcançar e constituir uma "identidade de projeto" ¹¹².

Funcionando como uma espécie de materialização da cultura, a gastronomia apresenta-se como um sinal diacrítico, seja de uma etnia, de um município, de um território ou mesmo de um país. Ligado a uma rede de significados, a culinária ou os pratos específicos assinalam e tornam reconhecidos territórios em todo o mundo, pois apontam para as peculiaridades do local, identificando-o. Com maior história nos territórios europeus, as identificações gastronômicas permitem que cada país, região ou grupo assinale sua distinção. Os produtos típicos representam o território e, ao mesmo tempo, são valorizados por esta construção territorial. Inclusive, a tipicidade pode ser reivindicada mediante reconhecimento e registro com o intuito de proteger ou divulgar os produtos de um determinado território. Atualmente, a obtenção de dispositivos de reconhecimento constitui a principal estratégia que articula os potenciais da noção de identidade territorial para promover ações de desenvolvimento, âmbito no qual as chamadas Indicações Geográficas (IG) são as

¹¹¹ A identidade de resistência é definida por Castells (2006, p.24) como aquela "criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade".

¹¹² A identidade de projeto configura-se "quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social" (CASTELLS, 2006, p.24).

mais reconhecidas, inclusive formal e oficialmente, nos órgãos institucionais nacionais e mesmo internacionais¹¹³.

Como afirma Maciel (2001), a delimitação de uma cozinha típica não é tão fácil de abordar na medida em que a significação vai além das dimensões territoriais. Ocorre, no entanto, que se deve reconhecer o típico colonial como um diferenciador da gastronomia local em contraposição ao cardápio e modo de fazer do cotidiano urbano-industrial. Entretanto, esta tipicidade não constitui uma singularidade territorial, na medida em que os produtos típicos coloniais aqui acionados também são reivindicados em outras regiões de colonização alemã ou italiana. Há, portanto, a reivindicação do que chamamos de uma tipicidade difusa.

Fundado em uma perspectiva histórico-cultural, a produção e comercialização dos produtos típicos coloniais da *Quarta Colônia* representam um impulso ao desenvolvimento local na medida em que trouxe ganhos sociais, econômicos e culturais. A potencialização dos produtos, na sua maioria oriundos de um saber-fazer ancestral, dinamizou, ao longo dos últimos vinte anos, a economia local. Além disso, a promoção das características coloniais, vinculadas a um modo de vida e um modo de fazer específicos, possibilitou a melhoria da auto-estima dos sujeitos que passaram a valorizar e serem valorizados pela sua cultura antes estigmatizada.

Partindo de alguns símbolos da gastronomia territorial da *Quarta Colônia* aqui analisados, observa-se a potencialização dos produtos típicos coloniais alemães ou italianos para a promoção do território. A tipicidade colonial ou étnica revela uma estratégia de promoção e divulgação dos produtos locais que vem derivando resultados positivos no desenvolvimento do território. Entretanto, tendo como exemplo algumas experiências brasileiras e, principalmente, européias de desenvolvimento dos territórios, a partir da reivindicação de singularidades gastronômicas conferidas pelo modo de fazer ou pelas peculiaridades das condições biofísicas, estas são estratégias ainda não acionadas pelos atores da *Quarta Colônia*. Os pratos e produtos locais, apesar de repletos de história e cultura, com modos de fazer específicos que podem ser considerados como peculiaridades do território, são reivindicados apenas sob uma tipicidade difusa, característica de uma colônia alemã ou italiana que lhe confere o emblema 'típico colonial'.

¹¹³ As Indicações Geográficas são responsáveis pelo desenvolvimento de grande parte dos territórios europeus que investiram nos produtos e serviços com base nas características histórico-culturais e naturais contempladas pela organização e a identificação dos atores com o território (LAGARES, LAGES, BRAGA, 2006).

Observam-se algumas estratégias de divulgação das singularidades expressa no discurso, o que mostra a intenção de investir em elementos diferenciadores da gastronomia local. Vislumbram-se potencialidades na produção dos descendentes italianos da cuca e do pão com fermento de batata, bem como na produção da lingüiça defumada pelos descendentes alemães, na distintividade da polenta com passarinho, etc. Talvez futuramente estes produtos da gastronomia local sejam passíveis de reivindicar suas singularidades mediante dispositivos de reconhecimento, como expresso nas Indicações Geográficas, o que lhes conferiria proteção e divulgação com identidade territorial. Contudo, o que pode ser percebido nas estratégias atuais são indícios de uma tipicidade colonial, de caráter difuso, posto que tais tipicidades também podem ser encontradas e mesmo são reivindicadas em outras regiões de colonização italiana ou alemã no Rio Grande do Sul.

Há, na *Quarta Colônia*, uma diversidade de pratos e produtos gastronômicos que acionam distintivos sejam territoriais, municipais ou étnicos, mas que divergem e competem de forma a apresentar múltiplas e variáveis reivindicações. Poucos remetem a uma singularidade vinculada ao território. Por mais que tenham suporte para isso, acionam estratégias pouco consistentes para a consolidação de uma gastronomia com identidade territorial. É neste ponto que falamos de uma tipicidade difusa em detrimento de uma tipicidade singular. Verifica-se a falta de uma estratégia que atribua sentido e singularidade à dimensão territorial da *Quarta Colônia*. As estratégias que acionam dispositivos difusos parecem navegar em águas rasas ou estabelecer vôos rasos, na medida em que constituem estratégias frágeis ou localmente estabelecidas. Mesmo que a tipicidade colonial apresenta-se como um aparato significativo para ações de desenvolvimento territorial, a competitividade e as exigências do mercado consumidor apontam a necessidade de expor singularidades. Neste sentido, observa-se que estratégias amparadas em singularidades sobrepõem-se sobre as difusas, as quais dificultam a afirmação e consolidação de uma identidade territorial.

6.5 Narrativa em Negociação

A identidade territorial *Quarta Colônia* configura-se a partir de um emaranhado de sentidos que vão sendo tecidos ao longo dos espaços de interação social. Os contextos de fricção¹¹⁴ são propícios para as trocas identitárias, onde os sinais e sentidos são traçados em um constante processo de negociação dos elementos que afirmam o sentimento de similaridade, mas, principalmente de diferença. As mobilizações sociais, o desenvolvimento do capital social, de redes de cooperação são conjugados como processos para a afirmação do código simbólico estabelecido como referencial, buscando diferenciar-se do outro. Deste modo, a busca por uma identidade revela, como afirma Rodrigo (1996), um duplo processo, de afirmação *versus* distinção que vão se estabelecendo nos espaços de sociabilidade. A narrativa identitária territorial emerge nos momentos de interação onde o território apresenta-se para o 'outro', distinguindo-o, ao mesmo tempo em que esta distinção, é operacionalizada para o consumo do 'outro'. Destaca-se, portanto, a partir das concepções de Hall (2007), que os elementos acionados para a reivindicação identitária de um grupo são recriados ou até mesmo, inventados de forma intencional para a construção de um pertencimento.

Na *Quarta Colônia*, há uma diversidade de espaços de sociabilidade e de interação onde, freqüentemente a identidade territorial é acionada. Os folders e materiais de divulgação revelam um espaço importante de reivindicação dos sinais distintivos do território. É neste espaço que o território projeta-se para os demais, 'os outros', demonstrando suas belezas naturais, sua história, seu povo, os costumes, as tradições e as crenças, elevadas a dimensão de potencialidades, de elementos positivados e valorizados em conformidade com o mercado consumidor. Bem como as festividades, estabelecimentos e todos os espaços e momentos onde há uma troca entre os diferentes. Destaca-se, portanto, a intencionalidade da construção identitária, uma afirmação territorial com o intuito de desenvolver a microrregião. Assim, os sinais distintivos são negociados em consonância com as tendências de consumo, visto que o consumo e o desenvolvimento do território constituem a intencionalidade da construção identitária da *Quarta Colônia*.

¹¹⁴ Termo relacionado às compreensões de Barth (2000), para quem as identidades étnicas são reivindicadas nos momentos de fricção interétnica.

As ações e cenários de resgate da memória coletiva têm um papel fundamental na construção da identidade territorial, as quais são operacionalizadas como fonte de consumo para o público visitante. A intencionalidade da organização territorial, em todo seu percurso histórico, demarca-se sob a dimensão do desenvolvimento. Desde o seu princípio organizacional, o território foi pensado sob seus aspectos culturais e naturais, conformando-se a partir de um sentimento de rede projetado com um propósito de realizar ações em conjunto para o desenvolvimento da microrregião. Partindo disso, a teia de sentido construída buscou contemplar todos os elementos relevantes para a promoção do território em conformidade com a lógica de consumo contemporânea. Essa operacionalização abarcou uma complexidade de aspectos culturais e identitários, os quais passaram a ser manipulados pelos sujeitos locais em um processo constante de negociação identitária segundo os propósitos em rede.

O imaginário referente ao mundo rural, ao colonial e a etnicidade, constitui um substrato privilegiado para a construção de uma identidade coletiva com referências a um território delimitado. Um entrelaçamento entre elementos naturais, materiais, econômicos, sociais e culturais que definem a constituição da identidade territorial, a qual se apóia nos aspectos históricos e tradicionais como principal sinal diacrítico e norteador da narrativa. No entanto, a motivação da história e da tradição são resgatadas e acionadas como uma 'reinvenção' segundo a intencionalidade do contexto presente. O 'tempo dos antigos', ressignificado como tradição, é revisitado constantemente como elemento integrador dos sujeitos entorno de uma identificação, bem como agregador de valor para a consolidação da identidade territorial. Apela-se, constantemente a estetização e a espetacularização como dinamizadoras para a atração do público consumidor. Operacionalização que instiga uma sensação de autenticidade por um lado, assim como projeta um sentimento de afirmação identitária dos sujeitos locais, na medida em que valorizam e promovem a auto-estima dos sujeitos. Contudo, o autêntico, nestes casos, revela-se ilusório ou manifesto como uma simulação do que poderia ser acionado como autenticidade.

O autêntico, a tradição, desta forma, compõe as narrativas como meio de atender os anseios dos sujeitos consumidores, tendo em vista que os atores locais também estão imersos na intensificação das relações sociais contemporâneas envoltos por um fluxo constante de informações e elementos do global. Em meio à complexidade gerada pela intensificação destas trocas, novas configurações

identitárias vão sendo formadas a partir da recomposição das partes, onde o contato entre o velho e o novo, o antigo e o moderno, nas palavras de Froehlich, “compõem-se, justapõem-se ou mesmo se fundem peculiarmente” (2002, p.168). Há, portanto, uma combinação narrativa do que se rememora¹¹⁵ do ‘tempo dos antigos’, com a intencionalidade e as referências diversas do fluxo contemporâneo, a qual se pretende, ilusoriamente, corroborar o autêntico. Entretanto, este movimento, referenciado pela lógica contemporânea e pelas negociações dos sujeitos ao longo dos espaços e contextos, suscita identidades híbridas, formadas a partir da combinação de elementos que constroem teias de sentido forjadas ao longo dos espaços de fricção.

O queijo colonial italiano. O queijo colonial de determinadas comunidades italianas. O que diferencia o queijo colonial italiano do que faz o alemão que tá ali no Agudo? Mesmo processo. Ou do queijo colonial, já não é colonial, do queijo feito... Independente de italianos ou alemães. Na verdade quando te falo em território. Nessas complicações de território. Qual é a nossa matriz de território? Da onde nós tiramos os fundamentos que definem o território? Num país atravessado que nem a América onde os casos são culturas diversas que se cruzam num determinado espaço e acabam criando um híbrido novo. (...) Aqui nós temos aonde tá à interferência do português na nossa gastronomia é fortíssima, a interferência do alemão também na nossa gastronomia. Agora, deste universo cultural todo, eu acho que tem alguns, vamo chama ícones, assim, que poderia se retratar e essa variedade dar encaminhamento para outras coisas mais pra frente (J.I., secretário executivo do Condesus)

Há a compreensão de que as identidades fundem-se e justapõem-se de forma a produzirem novos sentidos. A identidade territorial *Quarta Colônia*, de acordo com a fala anterior, compõem-se a partir de uma miscelânea de significados, caracterizando-se como uma identidade híbrida. Isso porque, as identidades contemporâneas não se referenciam mais sob um código cultural homogêneo, mas sob as referências negociadas e motivadoras da constituição identitária, que, por vezes, apresentam-se ambivalentes e contraditórias. Contudo, fazem parte do processo de negociação dos indivíduos, os quais manipulam os códigos simbólicos em favor da afirmação que constitui relevante para o propósito contextualizado. Desta forma, as aparentes ambivalências e relações paradoxais fazem parte do jogo de negociação dos símbolos e de manipulação do pertencimento, já que os sujeitos, na contemporaneidade, conseguem circular por diversas identidades.

¹¹⁵ Deve-se levar em consideração que a memória coletiva sempre constitui uma leitura do passado segundo as situações do presente.

Realidade contemplada na elaboração da identidade territorial *Quarta Colônia*, na medida em que, as diversas reivindicações de pertencimento entrelaçam-se, decompõem-se e justapõem-se formando distintos códigos simbólicos que conferem sentido às identidades reivindicadas. Os atores destas negociações assumem diferentes identidades em contraste com a alteridade que se apresenta. Dentre elas, destaca-se a manipulação constante, por meio da discursividade acionada, entre as identidades étnicas, municipais, por vezes comunitárias ou rurais, além da identidade territorial. Esta, por sua vez, define-se sob um emaranhado de símbolos e significados tecidos em um processo constante de manipulação dos elementos acionados pelos sujeitos em situações específicas.

Caracterizações da identidade que Hall (2007) analisou como um processo constante de identificação que não cessa de ser negociada segundo sua peculiaridade condicional. Sua compreensão salienta que a identificação é uma construção constante, nunca completado que, mesmo sustentada sob códigos simbólicos e sistemas de significações, ela se delimita sob condições ou situações específicas. Assim, a identidade é entendida pelo autor em consonância com o contexto de hibridização e multiplicidade de pertencimentos da contemporaneidade que assumem novos entendimentos para este conceito que se apresenta como estratégico e posicional.

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentada e fraturada; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 200, p.108).

Compreensão que assegura a continuidade dos processos e a liberdade das escolhas identitárias a que os sujeitos utilizam-se como fonte de significação. Estes, por sua vez, manipulam os campos da discursividade e dos sentidos segundo posições por eles escolhidas, em meio às relações de poder e à busca por diferenciação. Este ponto torna-se crucial para a compreensão da identidade territorial *Quarta Colônia*, na medida em que as posições e marcações da diferença em relação a outros territórios estão imersa em relações de poder. Uma relação entre os sujeitos locais, por vezes, permeada por conflitos, e que se definem sob constantes jogos de poder, forjados ao longo dos processos de interação. A

identidade da *Quarta Colônia* constrói-se sob a articulação entre atores específicos, relacionados à política local, onde as principais ações passaram a ser pensadas, bem como, as discursividade vêm sendo manipuladas. Um contexto específico, em que alguns atores, organizados a partir da instituição CONDESUS, define os elementos e sentidos que representam a territorialidade. Um espaço de articulação entre os poderes municipais que passaram a projetar um pertencimento a partir do trabalho articulado em rede com a intenção específica de promover o desenvolvimento da microrregião.

Ao mapear a narrativa identitária da *Quarta Colônia* verificou-se uma pluralidade de elementos e estratégias acionadas com o objetivo de promover a microrregião. Contemplam, assim, reivindicações da multiplicidade étnica como distintividade do território. Referência identitária observada, principalmente, nos folders de divulgação onde, a gastronomia, por exemplo, é ressaltada por meio das distinções étnicas, portuguesa, afro-brasileira, italiana e alemã. Nos materiais jornalísticos, como o *Caderno Quarta Colônia*, também verificamos uma diversidade de elementos culturais e históricos que reivindicam um território multiétnico. Além disso, nas entrevistas com autoridades locais, a organização territorial delimitada por municípios que se destacam pela origem colonial italiana e alemã, bem como a forte presença de descendentes afro-brasileiros, não constitui um obstáculo para o desenvolvimento da microrregião, mas um diferencial.

Contudo, as vivências em campo demonstraram-nos ênfases distintas da multiplicidade étnica, realçando reivindicações de origem italiana. A herança do passado colonial destaca-se como principal sentido à narrativa. Os mitos de origem e civilizador, os produtos típicos coloniais, a gastronomia são evidenciados sob os costumes, as tradições, os saberes e fazeres de origem étnica italiana e, por vezes alemã. As festas exaltam a etnicidade italiana ou alemã, mesmo que estas sejam festividades em homenagem a emancipação político-administrativa. A etnia afro-brasileira pouco aparece em suas reivindicações identitárias e a portuguesa, por vezes, é lembrada apenas pela origem das terras, antigas fazendas portuguesas.

As enquetes realizadas com os visitantes revelaram um imaginário que congrega a gastronomia, o contato com a natureza (fuga da cidade) e a religiosidade como principais atrativos e, ao mesmo tempo, elementos que demarcar a *Quarta Colônia*. A principal referência mencionada, justificadora destes sinais constitui o estilo colonial da imigração, principalmente italiana e todos os referenciais a ela

relacionados (arquitetura, dialeto, modo de vida, história, gastronomia, religiosidade). Da mesma forma, ao questionar os residentes do território, a referência colonial, principalmente italiana, representa significativamente o imaginário local. Portanto, destaca-se a colonização italiana como referência motivadora da identidade territorial, em complemento, por vezes das reivindicações étnicas alemãs, sob reivindicações semelhantes do modo de vida colonial e dos mitos a ele agregados, relativas às origens alemãs.

Mesmo que, por vezes, os sinais diacríticos da etnicidade alemã são reivindicados como elementos da identidade *Quarta Colônia*, observa-se um imaginário permeado pela caracterização colonial italiana, principalmente evidenciado nas enquetes com os visitantes. A própria apropriação da denominação *Quarta Colônia* revive um passado significado pela colonização italiana na região, sentido que permeia o imaginário territorial. A marca territorial construída resguarda a italianidade apresentando a arquitetura italiana e a denominação da antiga *Quarta Colônia de imigração italiana*. Denominação que, em um primeiro momento, compunha a marca territorial e que, buscando agregar os demais habitantes ao pertencimento territorial, foi modificada. Ou seja, a marca foi construída a partir da denominação *Quarta Colônia de Imigração Italiana*, potencializando o histórico e os aspectos culturais da antiga colônia italiana. Contudo, a organização dos nove municípios revelou a necessidade dos atores políticos redefinirem a marca territorial, contemplando os sujeitos que não se sentiam pertencentes à italianidade. Houve, portanto, a manipulação da marca *Quarta Colônia* por parte dos atores políticos com o intuito de congrega o pertencimento territorial.

Assim, estas reivindicações de um território multiétnico encontram-se somente na retórica dos discursos que partem do CONDESUS, pouco acionadas nas vivências das festas e dos elementos que são potencializados para o sentido territorial. Principalmente no que tange à gastronomia, destaca-se a diversidade de restaurantes e estabelecimentos comerciais que reivindicam a produção do típico italiano. As espetacularizações festivas pouco contemplam a origem alemã, evidenciam principalmente, em maior número, a travessia, a chegada, os costumes, as tradições dos antigos colonos italianos.

Os elementos mapeados no capítulo anterior ressaltam as reivindicações de origem italiana em contraposição às demais etnias que congregam a multiplicidade étnica acionada como distintivo territorial apenas em alguns discursos dos atores

políticos. Este cenário demonstra uma construção identitária imersa em relações de poder onde a etnicidade italiana sobrepõem-se, transformando as demais em identidade periféricas no sentido territorial da *Quarta Colônia*. Desta forma, em meio à complexidade cultural e as relações de poder, os sujeitos negociam suas identidades e percorrem as diferentes formas de pertencimento de acordo com os interesses e as situações de interação que se apresentam.

A narrativa identitária territorial da *Quarta Colônia*, portanto, é estabelecida sob um processo em construção, referenciada sobre uma diversidade de elementos acionados em meio às negociações identitárias étnicas que se estabelecem. Neste processo, verifica-se a fragilidade da estratégia na medida em que a multiplicidade de elementos que conferem sentido à narrativa territorial, permeada por negociações que sobrepõem um grupo étnico à multiplicidade étnica, por vezes, acionada, coloca-se como limitador de processos de sinergias. Surgem, com isso, indagações a respeito da continuidade desta construção identitária territorial. Haveria um elemento integrador (se é que precisa existir apenas um) da identificação territorial?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a experiência de nove municípios da região central do Rio Grande do Sul de formarem um consórcio inter-municipal, estratégia que resultou na construção social de um novo território: a *Quarta Colônia*. Abordou-se, assim, o processo de construção da territorialidade a partir das dinâmicas sociais acionadas pela noção de identidade territorial como mobilizadora para a promoção do desenvolvimento. A noção de identidade vem adquirindo crescente importância no contexto das amplas transformações nas sociedades contemporâneas, adquirindo múltiplas adjetivações, incluindo-se aí a noção de identidade territorial. Nesta perspectiva, as dimensões espacial e social fundem-se configurando processos de interação social e reconhecimento coletivo de um espaço ao mesmo tempo físico e simbólico.

Buscou-se, neste estudo, mapear a teia de significados que confere sentido à narrativa da identidade territorial da *Quarta Colônia*, analisando-se também como esta narrativa se estabelece ao longo dos processos de negociação identitária. Para tanto, contemplou-se uma variedade de eventos e momentos de reivindicação identitária, bem como, observou-se por meio de um olhar ancorado em diferentes técnicas de pesquisa, as quais permitiram elencar os diferentes elementos que compõem a teia de significados da identidade territorial *Quarta Colônia*. Deste modo, o trabalho foi elaborado buscando captar as distintas manifestações e negociações identitárias que permeiam uma identidade territorial. Diante disto, constatou-se que a narrativa territorial sustenta-se sob um emaranhado de elementos referenciados pelas reivindicações étnicas negociadas em meio às relações de poder.

A narrativa territorial em tela afirma-se principalmente sob o histórico da colonização italiana e, em menor grau, da colonização alemã na região central do Rio Grande do Sul no século XIX. O resgate e releitura da memória coletiva sustenta a narrativa que aciona diversos elementos significados pela memória da colonização. Isto revela o território como um espaço de rememoração na medida em que os elementos são acionados pela significação étnica, a qual confere sentido à narrativa territorial. A denominação *Quarta Colônia* já expressa este resgate ao buscar na memória de ocupação italiana a denominação e o sentido principal para a conformação territorial. Abarcando áreas de colonização com imigrantes alemães, o

território reivindica o encontro das colônias italiana e alemã como justificativa para a delimitação negociada pelo Consórcio intermunicipal, o CONDESUS. Assim, a colonização passa a ser referência motivadora da identificação, acionada pela multiplicidade de etnias que compõem o território.

No caso estudado, a identidade territorial sustenta-se sob uma heterogeneidade de elementos que compõe a teia de significados. A associação em rede manifesta por arranjos institucionais, principalmente de cunho político, afirmou estruturas de cooperação entre os sujeitos locais, fortalecendo os vínculos localizados. Estes arranjos buscaram potencializar a diversidade de elementos que se apresentavam como ativos para a afirmação identitária e o desenvolvimento. Assim, a natureza, a cultura e suas manifestações adquiriram novos sentidos em um processo de ressignificação das estruturas de pertencimento já existentes. Desta forma, os sinais diacríticos, principalmente étnicos foram empregados e derivados em novos sentidos em favor de uma afirmação territorial.

Detendo-se nestes elementos e seus significados, observa-se, primeiramente, os sentidos atribuídos à natureza na imagem territorial *Quarta Colônia*. O patrimônio natural, exaltado pela diversidade e pelas paisagens, é valorizado e projetado por meio de um sentido ancorado nos valores da sociedade de consumo. Assim, a tranqüilidade, a saudável prática de esportes e a aventura em meio à natureza são significações encontradas nos discursos que dispõem o patrimônio natural ao consumo. Ao projetar a imagem territorial, a paisagem natural é conjugada com as paisagens arquitetônicas legadas pela ocupação colonial. A arquitetura preservada representa a cultura e a história materializada em monumentos e construções que tomam sentido e mantêm vivos os significados da memória coletiva. Assim, os sentidos atribuídos à paisagem natural e arquitetônica marcadas pela colonização compõem a imagem da *Quarta Colônia* e revelam a apropriação simbólica do território.

Das relações alicerçadas sob o histórico de construção social da territorialidade, os elementos selecionados para a representação identitária estabelecem-se em consonância com as tendências da sociedade de consumo. Assim, o patrimônio natural e material conecta-se a uma diversidade de costumes, crenças, tradições, saberes e fazeres resgatados seletivamente pela memória coletiva de acordo com os objetivos do presente. Desta forma, os saberes de transformação artesanal a partir da matéria-prima da natureza local, os saberes e

fazeres gastronômicos, as tradições e costumes relacionados à religiosidade e às festividades, constituem os principais elementos acionados para a afirmação identitária. Estes, por sua vez, encontram na partilha da memória coletiva os sentidos para a sua atribuição simbólica, na medida em que as reivindicações étnicas sustentam esta narrativa de pertencimento.

Os sentidos motivadores da construção simbólica referenciam, portanto, um tempo pretérito. O ‘tempo dos antigos’ é acionado e revisitado para a afirmação dos vínculos comunitários, tanto nos espaços de sociabilidade quanto nos materiais de divulgação. O mito de origem e o mito civilizador constituem a forma como o passado é acionado, reverenciando e ao mesmo tempo vinculando um sentido étnico ao território. Desta forma, o mito de origem, a italianidade ou a germanidade, é acionado como um distintivo ao confrontar-se com outras origens étnicas. A etnicidade, assim, é construída e acionada sob condições de fricção interétnica e demarcada pela ancestralidade e pela partilha de uma estrutura de símbolos reverenciados historicamente. As referências à origem étnica apresentam-se em todos os momentos de reivindicação identitária. Seja na apresentação “sou italiano”, “sou alemão”, ou na afirmação da territorialidade por meio da reivindicação dos elementos (costumes, crenças, saberes e fazeres) reverenciados pela sua descendência italiana ou alemã. O mito civilizador, por sua vez, representa uma ressignificação valorativa dos colonos. Ao visitar o contexto da travessia, da chegada, dos primeiros tempos na Colônia e das transformações das novas terras, o mito enaltece a coragem, a bravura e a força dos antigos desbravadores que civilizaram estas terras, dando vida ao herói colonizador. A ressignificação destes elementos é revisitada constantemente na discursividade afirmativa da identidade, nos rituais festivos e desfiles que contam a saga dos colonos, nas reivindicações dos produtos referenciados nos saberes e fazeres dos antigos.

Estes mitos promovem um processo de valorização da etnicidade e dos significados de seu pertencimento. Os rituais festivos são momentos propícios para a reafirmação e difusão espetacularizada destes mitos e elementos reivindicados. Ao mesmo tempo em que são compreendidas como elementos identitários, constituem espaços privilegiados para a construção de sinais diacríticos e a consolidação da identidade territorial. As diversas festas promovidas anualmente na *Quarta Colônia*, ao atraírem considerável público externo, funcionam como divulgadores dos elementos que identificam o território. Também constituem um

espaço de interação, entre os sujeitos e a alteridade, onde os sinais diacríticos são negociados e estabelecidos como distintivos.

A fartura, a alegria e o saudosismo dão sentido às festividades como espaços de rememoração do 'tempo dos antigos'. A fartura é representada pela diversidade servida à mesa, significação do progresso dos colonos desbravadores que 'construíram riqueza' no novo mundo. A alegria, da mesma forma, é acionada e representada enaltecendo a maneira como os colonos superaram as inúmeras dificuldades que surgiam. Elementos de um tempo superado pela modernidade, mas que é evidenciado como sinal distintivo dos descendentes. Desta forma, o saudosismo é expresso nas festas ao reproduzirem a história, os saberes e fazeres, o modo de vida dos antigos colonos italianos e alemães, por meio da espetacularização narrativa.

Reproduções nostálgicas de rememoração de histórias e peculiaridades do modo de vida dos antigos que representariam o autêntico modo colonial italiano ou alemão. O autêntico, neste processo, é representado pelo modo de vida colonial, seja alemão ou italiano, mas remete a um contexto histórico específico e que é transmitido por gerações. Contudo, a autenticidade é uma construção social utilizada como distintivo territorial, tendo em vista que o ato de rememorar consiste em uma visita seletiva ao passado segundo interesses do presente. A rememoração do tempo pretérito é feita expondo-se elementos positivados sob o contexto de valorização cultura da atualidade, em contraste com os estigmas vivenciados ao longo de décadas passadas.

O sentido colonial informa toda a narrativa de afirmação identitária que referencia o território, principalmente, quanto à gastronomia, enfatizada neste trabalho dissertativo. Os saberes e modos de fazer culinários constituem os principais elementos da identidade territorial, atrativos territoriais mencionados tanto pelos atores locais, quanto pelos visitantes. A gastronomia é reivindicada sob estratégias de diferenciação ancoradas numa suposta tipicidade colonial, por vezes, adjetivada como italiana ou alemã. Reivindicações que buscam distinguir os produtos e pratos do consumo alimentar urbano-industrial, apresentando-se como diferencial diante das práticas alimentares do consumo massificado.

Contudo, percebemos esta estratégia como limitada, na medida em que os elementos distintivos da gastronomia local são acionados buscando apenas diferenciá-la da produção urbano-industrial. Ocorre a reivindicação de uma tipicidade

que denominamos de difusa, acionada apenas sob designações genéricas de colonial, italiana ou mesmo alemã, não havendo pretensões a reivindicações de singularidades. Não obstante a isso, mapeamos algumas estratégias que se destacaram recentemente por buscar uma gastronomia com identidade, reivindicando histórias e especificidades territoriais. Seja por explorar o passado e o cotidiano dos colonos italianos, contemplando a simplicidade e a riqueza dos detalhes, seja por reivindicar uma gastronomia ancorada no gosto de celebridade de um personagem histórico nativo do território. Estratégias que buscam produzir a diferença oferecendo uma gastronomia com identidade, almejando ainda que embrionariamente a reivindicação de uma tipicidade singular. No entanto, estas estratégias diferenciadoras ainda são frágeis diante da narrativa identitária territorial, ou seja, apresentam-se em número pouco significativo e não dão a tônica a estratégia de desenvolvimento territorial.

Ao mapear os elementos identitários territoriais concluímos que a teia de significados que dá sentido a narrativa territorial sustenta-se sob um emaranhado de elementos heterogêneos. A estrutura significativa é construída sob a afirmação de uma pluralidade de elementos referenciados a partir dos sinais diacríticos que reverenciam uma multiplicidade étnica territorial. Narrativa que emerge de uma construção intencional protagonizada via jogo político que busca se justificar na promoção de ações em prol do desenvolvimento da microrregião. Observa-se, desta forma, que a narrativa identitária territorial insere-se em relações de poder, onde os sinais diacríticos são construídos em um processo constante de negociação identitária. Verificou-se, portanto, que a narrativa recorre a uma retórica da multiplicidade étnica, embora sejam amplamente predominantes os elementos e significados vinculados à italianidade no cotidiano e no imaginário da territorialidade.

A narrativa territorial se estabelece em meio a um processo de negociação que ocorre em múltiplos palcos, onde os elementos são manipulados pelos sujeitos como um jogo. A identidade territorial *Quarta Colônia* é uma hibridização, acionada sob a retórica da multiplicidade étnica, processando-se, contudo, em espaços de fricção interétnica, estando imersa em relações de poder que dirigem a narrativa de forma hegemônica. As negociações acabam por forjar elementos que permitem um sentimento de pertencimento coletivo, contemplando as variadas pertenças, mas, no entanto, os elementos identitários que se sobressaem, tanto nas reivindicações quanto no imaginário territorial, são vinculados a italianidade.

Nossas considerações aqui expostas são fruto de algumas interpretações, de fato, situacionais, oriundas de um contexto e de dados específicos. Assim, salientamos nossa despretensão a conclusões irrecorríveis e questionamentos plenamente respondidos. Emergiram, ao longo da elaboração deste estudo, demasiados questionamentos que, por vezes, foram parcialmente respondidos, ao mesmo tempo em que suscitaram novas indagações. Como um processo de identificação, a *Quarta Colônia* inspira realmente um contexto atrativo para a análise sócio-anropológica, visto que as identidades contemporâneas estão constantemente sendo (re)afirmadas.

Ao findar este trabalho, tomamos consciência de que a sua elaboração apresentou-se como um processo de crescimento tanto acadêmico quanto pessoal, dimensões que, por vezes, quase confundiram-se. Ao voltarmos o olhar sócio-anropológico para um universo bastante próximo e “familliar”, reconhecemos as dificuldades do distanciamento necessário, mas também temos noção do quanto esta imersão nos trouxe uma impar e rica experiência acadêmica e pessoal. Isto porque, enquanto pessoa, salientamos a satisfação de perceber as transformações e os processos de valorização cultural que esmaecem os estigmas criados pela sociedade. Enquanto pesquisadora, manifestamos uma imensa satisfação, não só pelo trabalho concluído, mas pelo estudo de um processo em curso, em plena construção e, portanto, inacabado. Assim, a contento, o fim de uma etapa torna-se o recomeço de outra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. **O futuro das Regiões Rurais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

_____. Para uma teoria dos estudos territoriais. In: ORTEGA, A.C.; Almeida Filho, N.(Orgs.). **Desenvolvimento territorial, segurança alimentar e economia solidária**. Campinas: Ed. Alínea, 2007.

AGIER, M. Distúrbios identitários em tempos de globalização. **Mana**. Nº7. V. 02. Rio de Janeiro: 2001. PP 07-33.

ALBAGLI, S. Território e territorialidade. In: LAGES, V., BRAGA, C., MORELLI, G (Orgs). **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Brasília: SEBRAE, 2004.

ALBERT, P. C. ; MUÑOZ, A. C. G.. Productos típicos, território y competitividad. **Agricultura y Sociedad**, nº 80-81 (Julio-Diciembre, 1986) (pp. 57- 82).

ALBINO, C. org. **Desenvolver Desenvolvendo** - Práticas e Pistas para o Desenvolvimento Local no Alentejo. Messejana: ESDIME C.R.L, 1997.

AMARAL, R. C. Sentidos da festa à brasileira. In: **Revista Travessia**. Nº 31. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, maio/agosto 1998.

ARANTES, A. A. Cultura e territorialidade em políticas sociais. In: LAGES, V., BRAGA, C., MORELLI, G (Orgs). **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Brasília: SEBRAE, 2004.

AUGÉ, M. **Não- lugares**. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BALLART, J. **El Patrimonio Histórico y Arqueológico: Valor y Uso**. Barcelona: Ariel Patrimonio Histórico, 1997.

BARTH, Frederik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio d'água, 1991.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BERNART, E. E. Los “nuevos consumidores” o las nuevas relaciones entre campo y ciudad a través de los “productos de la tierra”. **Agricultura y Sociedad**, nº80-81 Julio-Diciembre 1996, pp. 83-116.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CANCLINI, N.G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 6 ed. Rio de Janeiro: editora da UFRJ, 2006.

_____. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 3.ed. São Paulo: Edusp, 2000.

CARNEIRO, M.J. Ruralidade: novas identidades em construção. In: **Estudos, sociedade e agricultura**. Rio de Janeiro: CPDA-UFRRJ, 1998, n.11, out. PP. 53-75.

CASTELLS, M. **O poder da identidade** (A era da informação: economia, sociedade e cultura). V.02. 5º Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CHAMPAGNE, P. La Fête au Village. In: **Actes de la Recherche**. Paris: EHESS, n 17-18, 72-83, Nov. 1977.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

DA MATTA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986. 126p.

DENZIN, N.K. **Interpretive Interacionism**. Newbury Park, CA: Sage, 1989.

FEATHERSTONE, M. Localismo, globalismo e identidade cultural. In: **Sociedade e Estado**. Brasília: UnB/Relume Dumará, vXI, n. 1, jan-jun, 1996.

FELDMAN-BIANCO, B.; CAPINHA, G. (Org.). **Identidades: estudos de cultura e poder**. São Paulo: Hucitec, 2000. 175 p.

FISCHLER, C. **El (h)omnívoro: el gusto, la cocina y el cuerpo**. Barcelona: Anagrama, 1995.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso. **XXI Reunião Anual da ANPED**. Caxambu: setembro de 1998.

FROEHLICH, J. M. **Rural e Natureza – a construção social do rural contemporâneo na região central do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ (tese de doutorado), 2002.

_____. *et alli*. Colonização alemã na região Central do Rio Grande do Sul: Capital Social e Desenvolvimento Regional. **VII Reunião de Antropologia do Mercosul**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1991.

- _____. **Modernidade e identidade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002.
- HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização e as “regiões-rede”. **Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia**. Curitiba: AGB, 1994, pp. 206-214.
- _____ & BÁRBARA, M.J.S. Identidade e migração em áreas transfonteiriças. In: **Geographia**. Ano III, nº 5. Rio de Janeiro: UFF, 2001.
- HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____ Quem precisa de identidade? In: SILVA, T.T. **Identidade e diferença: a perspectiva de estudos culturais**. 7ª Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HARVEY, D. **Condição Pós-moderna**. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- HOBSBAWN, E.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- IANNI, O. Globalização: Novo paradigma das ciências sociais. **Estudos avançados**. vol.8 no.21 São Paulo May/Aug. 1994.
- _____ **A era do globalismo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- JAMESON, F. **Pós-Modernismo: A lógica cultural do capitalismo tardio**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1997.
- LAGES, V., BRAGA, C., MORELLI, G (Orgs). **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Brasília: SEBRAE, 2004.
- LANDO, A.M. *et alli*. **RS: imigração & colonização**. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. 5ªed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. (Coleção Biblioteca Tempo Universitário; v.07).
- MACIEL, M.E. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? **Horizontes antropológicos**, vol.7, nº16. Porto Alegre: Dez 2001, p.145-156.
- MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a Pós-Modernidade: o lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2004.

MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia. 2ªed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCUZZO, P. C. **Cento Canti Taliani: “cantar e beber ze el meio viver”**. As mais belas canções italianas da 4ª colonização, no centro do Estado do Rio Grande do Sul. Santa Maria: Ed. Pallotti, 1989.

MCLUHAN, M. & FIORI, Q. **Guerra e paz na aldeia global**. São Paulo: Record, 1999.

MENASCHE, R. Percepções do rural à mesa: campo e cidade, comida e imaginário. **53º Congresso Internacional de Americanistas**: Ciudad de México, 2009.

MENDRAS, H. **Sociedades camponesas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MINTZ, S. Comida e antropologia. Uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v.16, n.47. 2001.

MIOR, L.C. **Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural**. Chapecó: Argos, 2005.

OLIVEIRA, R.C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, 1996, v39, nº01.

_____ **Caminhos da identidade**: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.

ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 6ªed. Campinas, SP: Pontes, 2005

PLUMMER, Ken. Identidade. In: _____ **Dicionário do Pensamento Social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996, p. 369 a 371.

POULAIN, J. **Sociologias da alimentação**: os comedores e o espaço social alimentar. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

RIBEIRO, M. ; MARTINS, C. La certificación como estratégia de valorización de productos agroalimentarios tradicionales: la alheira, un embutido tradicional de Trás-os-Montes. **Agricultura y Sociedad**, nº80-81 (Julio-Diciembre 1996, pp. 313-334.

RICOUER, P. **Tempo e narrativa**. São Paulo: Papirus, 1994.

RIGHI, J. V. *et alli*. **Povoadores da Quarta Colônia**. Porto Alegre: EST edições, 2001.

ROBERTSON, R. **Globalização**: Teoria Social e Cultura Global. Petrópolis: Vozes, 2002.

ROCA, Z. ‘Affirmation of Regional Identity between Rhetoric and Reality: Evidence from Portugal’. In: Boneschansker, E. et al. (eds). **Cultural Uniqueness and Regional Economy**. Leeuwarden: Fryske Akademy. pp.29-52, 2004.

ROCA, Z.; & MOURÃO, J. C. (2003). Identidade e desenvolvimento territorial entre a retórica e prática. **Revista de Humanidades e Tecnologias**, nº 9, 102-110.

ROCHA, S.P.V. O homem sem qualidades: modernidade, consumo e identidade cultural. **Comunicação, Mídia e consumo**. São Paulo. Vol.2, L. 2, N. 3, P. 111 – 122: Mar, 2005.

RODRIGO, I. **Identidades sociais e agriculturas familiares**. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais, 1996.

SAQUET, M.A. Alguns aspectos da formação econômica da ex-colônia Silveira Martins (1878 – 1925). In: MARIN, J.R. (org). **Quarta Colônia: Novos olhares**. Porto Alegre: EST, 1999.

SANTIN, S. **A imigração esquecida**. Porto Alegre: Editora EST, 1986.

SILVA, E.P. Patrimônio e identidade. Os desafios do turismo cultural. In: **Textos de antropologia urbana – Os urbanistas** (Revista digital). WWW.aguaforte.com/antropologia. São Paulo, 2008.

SILVA, M. C.G. A alimentação e a culinária de imigração europeia no Vale do Itajaí. **II Seminário Educação Intercultural, gênero e movimento sociais: Identidade, diferença, mediações**. Florianópolis, 2003.

SPINK, M.J. & MENEGON, V.M. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, M.J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano – aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.

SPONCHIADO, B. **Imigração e Quarta Colônia**. Santa Maria: Ed Palloti, 1996.

TEIXEIRA, S.A. **Os recados das festas: representações e poder no Brasil**. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1988.

VEIGA, E. J. **Cidades Imaginárias: O Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Autores Associados, 2003.

ZANINI, M. C. C. A Família como Patrimônio: A Construção de Memórias entre Descendentes de Imigrantes Italianos. **Campos** v. 5. n. 1. p. 53-67, 2004.

_____ **Italianidade no Brasil Meridional: A construção da identidade étnica na região central de Santa Maria – RS**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

APÊNDICE 01

Roteiro de entrevista para autoridades da Quarta Colônia

1. Você verifica mudanças importantes na região nos últimos anos? Quais?
2. O que caracteriza a Quarta Colônia para você? O que a diferencia de outras regiões?
3. O que você considera como potencialidades para o desenvolvimento da Quarta Colônia e quais as ações devem ser feitas para realizá-las?
4. Quais as principais dificuldades/obstáculos para se alcançar este desenvolvimento?
5. Quais as principais ações que já foram feitas para tornar a Quarta Colônia reconhecida?
6. Qual a importância do CONDESUS para a região?
7. O que você acha da participação de municípios como Agudo e Restinga Seca na Quarta Colônia? (perguntar principalmente para os prefeitos destes municípios)
8. Você já ouviu falar em Produtos com Identidade? Indicação Geográfica? Indicação de Procedência? Denominação de Origem? O que sabe sobre isso?
9. (Para os que sabem) acha que é uma alternativa para a Quarta Colônia?

APÊNDICE 02

Roteiro de entrevista com empreendedores da Quarta Colônia

1. Quais os produtos comercializados?
2. Qual o tipo de público que procura o estabelecimento?
3. Quais os produtos mais procurados pelos visitantes?
4. Por que você optou pela criação desse empreendimento?
5. O que você considera como diferencial nos seus produtos? Os pontos fortes do seu produto?
6. Quais as principais dificuldades que você está enfrentando?
7. Como você aprendeu a fazer esses produtos? (cada produto identificado pelo entrevistado)
8. Você identifica o seu produto (no rótulo) como sendo da Quarta Colônia ou só coloca o nome do município? Por que?
9. Qual a importância ou influência do CONDESUS para o seu produto/empreendimento?
10. Você já ouviu falar em produtos com identidade? Em Indicação Geográfica? Em Indicação de Procedência? Em Denominação de Origem? (O que sabe sobre isso?)

APÊNDICE 03

Questionário para Visitantes da Quarta Colônia

1 – Sexo:

Masculino Feminino

2 - Idade:

até 25 anos de 26 a 50 anos mais de 50 anos

3 - Seu grau de instrução (escolaridade):

Primeiro grau Segundo grau Terceiro grau

4 – Onde você mora (cidade/ rural ou urbano):

_____ / _____

5 - Quando você pensa na Quarta Colônia, o que lhe vem à cabeça? (escolha 3 palavras para descrever).

_____ _____ _____

6 – Com que frequência você visita a Quarta Colônia?

Eventualmente Frequentemente (1 vez por mês) primeira vez

7-O que principalmente lhe motiva a vir à Quarta Colônia?

8 – Para você, o que diferencia a Quarta Colônia de outras regiões? (O que caracteriza a Quarta Colônia)

9 - Qual o produto gastronômico da Quarta Colônia que você mais aprecia?

10 – O que você identifica como diferencial?(gastronomia - neste produto ou demais)

11 – Você pode citar os municípios que fazem parte da Quarta Colônia? (anotar a ordem numérica da citação)

Agudo Dona Francisca Faxinal do Soturno Ivorá Nova Palma

Pinhal Grande Restinga seca São João do Polêsine (Vale Vêneto)

Silveira Martins

12- Você conhece (visitou) todos os municípios? Quais não? (Se não citou todos os municípios na questão anterior apresentar os municípios não citados a ela)

Agudo Dona Francisca Faxinal do Soturno Ivorá Nova Palma

Pinhal Grande Restinga seca São João do Polêsine (Vale Vêneto)

Silveira Martins

13 – O que você acha interessante que tivesse na Quarta Colônia? (o que você acha que falta na Quarta Colônia?)

APÊNDICE 04

Questionário para Residentes da Quarta Colônia

1 – Sexo:

Masculino Feminino

2 - Idade:

até 25 anos de 26 a 50 anos mais de 50 anos

3 - Seu grau de instrução (escolaridade):

Primeiro grau Segundo grau Terceiro grau

4 – Onde você mora (cidade/ rural ou urbano):

_____ / _____

5 – Qual sua descendência? (Sobrenome)

6- Para você, o que é a Quarta Colônia?

7- Para você, o que diferencia a Quarta Colônia de outras regiões? (O que caracteriza a Quarta Colônia)

8- Qual o produto gastronômico da Quarta Colônia que você mais aprecia?

9 – O que você identifica como diferencial?(gastronomia - neste produto ou demais)

10 – Você pode citar os municípios que fazem parte da Quarta Colônia? (anotar a ordem numérica da citação)

Agudo Dona Francisca Faxinal do Soturno Ivorá Nova Palma

Pinhal Grande Restinga seca São João do Polêsine (Vale Vêneto)

Silveira Martins

11- Você conhece (visitou) todos os municípios? Quais não? (Se não citou todos os municípios na questão anterior apresentar os municípios não citados a ela)

Agudo Dona Francisca Faxinal do Soturno Ivorá Nova Palma

Pinhal Grande Restinga seca São João do Polêsine (Vale Vêneto)

Silveira Martins

12 – O que você acha interessante que tivesse na Quarta Colônia? (o que você acha que falta na Quarta Colônia?)